Vitor Lucas de Faria Pessoa

A HISTÓRIA DO ESPORTE NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO DE 1905 A 1930

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2022

Vitor Lucas de Faria Pessoa

A HISTÓRIA DO ESPORTE NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO DE 1905 A 1930

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer. Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Linha de Pesquisa: História, Memória e Lazer

Orientador: Prof. Dr. Cléber Augusto Gonçalves Dias

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2022

P475h 2022

Pessoa, Vitor Lucas de Faria
A história do esporte no ensino superior brasileiro de 1905 a 1930. [manuscrito] / Vitor Lucas de Faria Pessoa – 2022.
195 f.: il.

Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 173-187

1. Esportes universitários – Teses. 2. Brasil – História – 1905-1930 – Teses. 3. Esporte – Brasil – História – 1905-1930. I. Dias, Cleber Augusto Gonçalves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: n° 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 84ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

VITOR LUCAS DE FARIA PESSOA

Às 14h00min do dia 22 de julho de 2022 reuniu-se de forma híbrida no Auditório Maria Lúcia Paixão e online (via Google Meet) a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho *"A História do Esporte no Ensino Superior Brasileiro de 1905 a 1930"*, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Cleber Augusto Gonçalves Dias (Orientador)	X	
Prof. Dr. Jean Carlo Ribeiro (UFT)	X	
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (UFMG)	X	
Prof. Dr. Roberto Camargos Malcher Kanitz (UEMG)	X	
Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 22 de julho de 2022.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Documento assinado eletronicamente por **Silvio Ricardo da Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 23/07/2022, às 18:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Roberto Camargos Malcher Kanitz**, **Usuário Externo**, em 25/07/2022, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Jean Carlo Ribeiro**, **Usuário Externo**, em 26/07/2022, às 09:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Luciano Pereira da Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 29/07/2022, às 10:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Cleber Augusto Goncalves Dias**, **Chefe de departamento**, em 01/08/2022, às 08:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1612266** e o código CRC **FB1D625C**.

Dedico esta Tese a todos os professores e professoras do ensino público, que possibilitaram com que eu chegasse até aqui. Em especial, da Escola Municipal Eloy Heraldo Lima, da Escola Estadual Professor Cláudio Brandão, da Universidade do Estado de Minas Gerais e da Universidade Federal de Minas Gerais.

AGRADECIMENTOS

Esta Tese é uma homenagem a minha filha Luana. Obrigado por cada sorriso que fez com que eu continuasse em frente, mesmo em momentos difíceis. Você me faz acreditar todos os dias que o amor é capaz de transformar o mundo.

“Ensinamentos e sementes têm a mesma qualidade; eles produzem muito, e ainda assim são pequenas coisas”

Sêneca

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é elaborar uma análise histórica de como ocorreu o desenvolvimento do fenômeno esportivo no interior das instituições de ensino superior no Brasil de 1905 até 1930. Busca-se, a partir disso, relacionar a esfera esportiva com as transformações mais amplas que ocorriam no país ao longo do período que condiz com a vigência da Primeira República. Para tanto, foram utilizados documentos e periódicos datados entre 1905 e 1930. As fontes foram coletadas no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro através da Hemeroteca Digital Brasileira. Ao todo foram analisadas 2.094 ocorrências sobre o esporte no interior das instituições de ensino superior no país no recorte temporal proposto pela pesquisa. Os documentos e fontes são provenientes de vários estados brasileiros, dentre eles Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Pernambuco, Pará, Rio Grande do Sul e Paraná. Como perspectiva teórica partimos das discussões sobre a História Cultural e a Teoria do Associativismo. Com relação aos resultados da pesquisa, concluímos que o associativismo foi o principal fator que contribuiu para a sistematização do fenômeno esportivo nas escolas de ensino superior, nas três primeiras décadas do século XX. Além disso, os processos desencadeados pela modernidade (urbanização, industrialização, comercialização) impactaram o desenvolvimento do esporte acadêmico no país, mas cumpriram um papel secundário se comparado ao "capital associativo". O esporte acadêmico cumpriu um papel importante na difusão de práticas corporais como o futebol, o voleibol, o atletismo, o xadrez, o polo aquático, a esgrima e o basquetebol no Brasil. Por fim, diferente do que ocorreu com o esporte universitário a partir da década de 1930, o esporte acadêmico observado nas três primeiras décadas do século XX, não sofreu uma interferência direta do Estado, seja do poder executivo ou das instâncias legislativas, o que reafirma a importância do associativismo civil para analisarmos a emergência histórica deste fenômeno cultural.

Palavras-chave: História do Esporte. Esporte Acadêmico. Esporte Universitário. Associativismo. Primeira República.

ABSTRACT

The aim of this research is to elaborate a historical analysis of how the development of the sporting phenomenon occurred within the institutions of higher education in Brazil from 1905 to 1930. Based on this, we seek to relate the sports sphere with the broader transformations that occurred in the country during the period that corresponds to the validity of the Primeira República. For that, documents and periodicals dated between 1905 and 1930 were used. The sources were collected in the collection of the Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro through the Hemeroteca Digital Brasileira. In all, 2,094 occurrences about sport were analyzed within higher education institutions in the country in the time frame proposed by the research. The documents and sources come from several Brazilian states, including Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Pernambuco, Pará, Rio Grande do Sul and Paraná. As a theoretical perspective, we start from discussions about Cultural History and Theory of Associativism. Regarding the research results, we conclude that associativism was the main factor that contributed to the systematization of the sports phenomenon in higher education schools in the first three decades of the twentieth century. In addition, the processes triggered by modernity (urbanization, industrialization, commercialization) impacted the development of academic sport in the country, but played a secondary role when compared to "associative capital". Academic sport played an important role in the dissemination of bodily practices such as football, volleyball, athletics, chess, water polo, fencing and basketball in Brazil. Finally, unlike what happened with university sports from the 1930s onwards, academic sports observed in the first three decades of the 20th century did not suffer direct interference from the State, either from the executive or legislative bodies, which reaffirms the importance of civil associations to analyze the historical emergence of this cultural phenomenon.

Keywords: Sports History. College Sport. University Sport. Associativism. Primeira República Brasileira.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – FOOT-BALL – Campeonato Acadêmico de 1918 ..... p. 80

FIGURA 2 – A Constituição das Equipes Vencedoras do Torneio ..... p. 84

FIGURA 3 – Equipes Campeãs ..... p. 85

FIGURA 4 – O Team da Faculdade de Medicina ..... p. 85

FIGURA 5 – Campeonato Acadêmico ..... p. 86

FIGURA 6 – Embarcação da Faculdade de Medicina ..... p. 117

FIGURA 7 – Arquibancadas do Campeonato de Remo ..... p. 117

FIGURA 8 – Campeonato Acadêmico de Futebol ..... p. 148

FIGURA 9 – Retrato de Mariah Mendes de Almeida ..... p. 161

FIGURA 10 – O Salto de Mariah Mendes de Almeida ..... p. 162

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1917 ..... p. 72

TABELA 2 – Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1918 ..... p. 81

TABELA 3 – Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1919 ..... p. 92

TABELA 4 – Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1921..... p. 108

TABELA 5 – Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1923 ..... p. 127

TABELA 6 – Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1924 ..... p. 135

TABELA 7 – Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1925 ..... p. 141

TABELA 8 – Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1928 ..... p. 154

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD – Associação de Cronistas Desportivos

ACM - Associação Cristã de Moços

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

FAE - Federação Atlética de Estudantes

FARJ - Federação Atlética do Rio de Janeiro

FC - *Football Club*

FUPE - Federação Universitária Paulista de Esportes

RJ - Rio de Janeiro

SP - São Paulo

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 13

2. REFERENCIAL TEÓRICO 26
1.2 A Historiografia do Esporte 26
1.3 A Teoria do Associativismo 30

3. A EMERGÊNCIA HISTÓRICA DO ESPORTE ACADÊMICO NO BRASIL 38
2.1 O Pontapé Inicial: A Importância do Futebol 38
2.2 Associativismo e Burocratização: A Institucionalização do Esporte Acadêmico 46

4. A ALLIANÇA ACADEMICA 63
3.1 A Consolidação do Circuito Esportivo Acadêmico 63

5. O PRELÚDIO DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO 121
4.1 A Crise De Representatividade: O Papel da Associação De Cronistas Desportivos 121
4.2 A Federação Acadêmica do Rio de Janeiro 143

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 167

REFERÊNCIAS 173
FONTES PRIMÁRIAS 180

ANEXOS 188
ANEXO I 188
ANEXO II 190
ANEXO III 191
ANEXO IV 193

1 INTRODUÇÃO

A história do esporte nas instituições de ensino superior no Brasil é um tema que permanece pouco explorado pela historiografia nacional, principalmente se levarmos em conta as três primeiras décadas do século XX, onde o silêncio acadêmico é ainda maior. A partir desta lacuna, podemos levantar algumas hipóteses sobre o papel destas instituições e de seus estudantes no desenvolvimento do fenômeno esportivo no país. Em primeiro lugar, precisamos nos perguntar se a historiografia brasileira não está marginalizando a importância das escolas de ensino superior no alargamento, ou talvez até mesmo, no protagonismo da sistematização de práticas esportivas no Brasil. O esporte começou a se desenvolver no território brasileiro a partir da segunda metade do século XIX, onde foram criadas as primeiras competições e federações (GAMBETA, 2013; DIAS, 2012; MELO, 2000; PEREIRA, 1998). Daí em diante, o fenômeno esportivo cresceu exponencialmente, sendo que na atualidade um dos seus maiores expoentes, que é o futebol, representa um símbolo nacional e faz parte da constituição cultural do país. Utilizando o exemplo do futebol, podemos compreender a importância do protagonismo dos estudantes no desenvolvimento esportivo em âmbito nacional, visto que, hegemonicamente, os estudos sobre o esporte bretão apontam para o protagonismo destes sujeitos na emergência histórica do futebol no Brasil[1].

Para iniciarmos este debate, precisamos compreender conceitualmente o que foi o esporte acadêmico no ensino superior brasileiro, no início do século XX. Não utilizaremos o termo “esporte universitário” para designar o fenômeno esportivo nestas instituições antes da década de 1930. Pessoa (2018) afirma que não houve esporte universitário, nos termos em que conhecemos hoje, antes da década de 1930 no Brasil. Um dos motivos, é que naquele contexto ainda não existiam universidades no país, além do mais, a primeira federação de esporte universitário brasileira foi fundada somente em 1933 no Rio de Janeiro. As fontes utilizadas pelo autor apontam na direção de que os cronistas apresentavam o esporte universitário como um fenômeno novo que estava se alastrando pelas principais capitais do país a partir de 1930. É importante ressaltar esta posição, visto que outras interpretações sugerem que o esporte universitário teria surgido no Brasil a partir da primeira

[1] Tema tratado detalhadamente no terceiro capítulo. Para mais detalhes consultar página 26.

partida de futebol disputada por acadêmicos no início do século XX[2]. Isto não se configura somente como um problema de nomenclaturas, mas sim, conceitual. A compreensão da história das instituições de ensino superior no Brasil é um aspecto fundamental para compreendermos como se deu o desenvolvimento esportivo no interior destes espaços:

> Nesta história, podemos distinguir períodos que, em grande parte, acompanham as transformações políticas que ocorrem no país. O primeiro, que coincide com o período monárquico, vai de 1808 até o início da República, em 1889. É caracterizado pela implantação de um modelo de escolas autônomas para formação de profissionais liberais, de exclusiva iniciativa da Coroa. No segundo período, que abrange toda a Primeira República, de 1889 a 1930, o sistema se descentraliza e, ao lado das escolas federais, surgem outras, tanto públicas (estaduais ou municipais), quanto privadas. Até o final deste período, não há universidades no Brasil, apenas escolas superiores autônomas centradas em um curso. O período subsequente é gestado na década de 20 do século passado, mas se implanta em 1930 e coincide com o final da Primeira República e a instalação do governo autoritário de Getúlio Vargas, o Estado Novo. É nesta época que são criadas as primeiras universidades do país. Este período se encerra em 1945, com a queda de Vargas e a redemocratização do país, iniciando um novo período que se estende até 1964 e é caracterizado pela ampliação do número de universidades públicas (DURHAM, 2003, p. 2-3).

Além do mais, não foi encontrada nenhuma ocorrência ao utilizar o termo “esporte universitário”, do final do século XIX ao ano de 1930, na maior hemeroteca disponível para consulta no país[3]. Portanto, partimos do entendimento de que, se os sujeitos que eram coetâneos ao fenômeno só passam a reconhecê-lo como “esporte universitário” a partir da década de 1930, houve de fato uma transformação que fez com que o esporte tenha se configurado a partir de um novo paradigma. Neste sentido, “uma nomenclatura imposta ao passado acarretará sempre uma deformação, caso tenha por proposta ou apenas por resultado pespegar suas categorias às nossas, alçadas, para a ocasião, à eternidade” (BLOCH, 2001, p. 145). Dessa forma, nesta Tese utilizaremos o termo “esporte acadêmico” para designar o desenvolvimento do fenômeno esportivo no interior das escolas superiores do Brasil naquele contexto. Ressaltamos que os cronistas esportivos se referiam às disputas organizadas pelos estudantes utilizando termos como “campeonato acadêmico[4]” e “torneio acadêmico[5]”.

---

[2] Para mais informações ver: Starepravo (2006).
[3] Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
[4] CAMPEONATO Academico de Foot-Ball. O Paiz, Rio de janeiro, 23 de setembro de 1916, pg. 6.
[5] TORNEIO Academico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1912, pg. 10.

Para compreendermos melhor a conjuntura à qual estamos nos referindo, precisamos entender qual era a situação da educação brasileira no início do século XX. Utilizando os dados do recenseamento de 1920[6] coletados pela Diretoria Geral de Estatística, chegamos à conclusão de que durante toda a vigência da Primeira República a maior parte da população era analfabeta. Para que possamos ter uma noção, segundo os dados apresentados no documento, na última década do século XIX, em um total de 11.444.891 brasileiros, somente 2.120.559 sabiam ler, ou seja, a cada 1.000 brasileiros 815 eram analfabetos. Em 1920 com a população total de 24.139.299 pessoas, somente 7.454.698 sabiam ler, sendo que proporcionalmente a cada 1.000 habitantes, 691 eram analfabetos. Portando, a maioria da população não havia recebido nenhum tipo de instrução educacional naquele contexto. Infelizmente o recenseamento realizado em 1920 não apresenta dados com relação à instrução de nível superior, algo que só seria feito a partir do recenseamento de 1940 (TERAMATSU, 2014). Todavia, podemos utilizar os dados disponíveis sobre a década de 1940 para conjecturar acerca da situação do ensino superior no Brasil, no início do século XX. De acordo com os dados do Recenseamento Geral do Brasil publicado em 1950[7], da população branca que recebia algum tipo de instrução escolar no ano de 1940, apenas 1,47% estavam no ensino superior. A população negra tinha a participação ainda menor, apenas 0,88% ocupavam os bancos acadêmicos. Levando em consideração que estes dados são da década de 1940, onde já havia ocorrido uma expansão no sistema de ensino superior brasileiro, podemos inferir que, no início do século XX, esta disparidade era ainda maior.

Outro aspecto fundamental deste período diz respeito à organização política que se constituiu em torno da Primeira República. Com o fim do Império e a promulgação da Constituição de 1891 foi instituída a República Federativa Liberal que, dentre outras coisas, concedeu autonomia aos estados da Federação. Esta descentralização do poder executivo permitiu que os estados cumprissem um papel fundamental nos desígnios políticos e econômicos do país. Por este motivo, o

[6] RECENSEAMENTO do Brazil realizado em 1 de setembro de 1920. V. IV, 4ª parte. População do Brazil por Estados, Municipios e Districtos, segundo o gráo de instrucção, por idade, sexo e nacionalidade. Rio de Janeiro: Typographia da Estatistica, 1929.

[7] RECENSEAMENTO Geral do Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico, População e Habitação. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1950, 209 p.

período também ficou conhecido como República Oligárquica, visto que o país passou a ser controlado por elites regionais que se projetavam no cenário político nacional.

> Comecemos pela expressão “República oligárquica”. Oligarquia é uma palavra grega que significa governo de poucas pessoas, pertencentes a uma classe ou uma família. De fato, embora a aparência de organização do país fosse liberal, na prática o poder foi controlado por um reduzido grupo de políticos em cada Estado. A República concretizou a autonomia estadual, dando plena expressão aos interesses de cada região. Isso se refletiu no plano da política através da formação dos partidos republicanos restritos a cada Estado. As tentativas de organizar partidos nacionais foram transitórias ou fracassaram. Controlados por uma elite reduzida, os partidos republicanos decidiam os destinos da política nacional e fechavam os acordos para a indicação de candidatos à presidência da República (FAUSTO, 2006, p. 261).

A constituição das oligarquias regionais é um aspecto fundamental para compreendermos como se organizava a política no Brasil, durante o início do século XX. As elites estaduais se estruturavam em torno de partidos republicanos que tinham representações nas casas legislativas. Neste sentido, poderíamos dizer, que o país se constituía como uma espécie de “mosaico político” das elites regionais, sendo que, os estados que eram considerados mais importantes ocupavam as melhores posições. É importante destacar que a classe acadêmica, composta pelos estudantes das escolas superiores, era em sua maioria oriunda destas oligarquias, portanto, compreender o espaço ocupado por estes estudantes no tecido social é imprescindível para analisarmos a sua influência no âmbito da política nacional. Grosso modo, poderíamos dizer, que o período que se delineou ao longo da Primeira República, no que diz respeito a participação popular, não rompeu com a lógica antidemocrática do império:

> À primeira vista, pareceria que o domínio das oligarquias poderia ser quebrado pela massa da população através do voto. Entretanto, devemos lembrar que o voto não era obrigatório e o povo, em regra, encarava a política como um jogo entre os grandes ou uma troca de favores. Seu desinteresse crescia quando nas eleições para presidente os partidos estaduais se acertavam, lançando candidaturas únicas, ou quando os candidatos de oposição não tinham qualquer possibilidade de êxito. A porcentagem de votantes oscilou entre um mínimo de 1,4% da população total do país (eleição de Afonso Pena em 1906) e um máximo de 5,7% (eleição de Júlio Prestes em 1930) (FAUSTO, 2006, p. 262).

Em paralelo aos aspectos políticos, a esfera econômica é um fator indispensável para compreendermos a conjuntura nacional do país naquele contexto. Ao longo da Primeira República, o Brasil se manteve como um país majoritariamente agrário, sendo que 70% dos trabalhadores ativos se dedicavam a

alguma atividade voltada ao setor. A aliança firmada entre o Estado de Minas Gerais e o Estado de São Paulo, mais tarde conhecida como “Café-com-Leite”, seria a principal responsável por projetar estas regiões no cenário político nacional. Nesta aliança, São Paulo dispunha do poder da economia cafeeira, enquanto Minas Gerais detinha o controle de diversos cargos federais, além de contar com 37 membros na Câmara dos Deputados, sendo uma das maiores representatividades políticas do Brasil. Na maior parte do período da Primeira República estes estados se revezaram no comando da presidência do país, além disso, a influência do “Café-com-Leite” criou um terreno propício para a economia do café, inclusive possibilitando políticas de proteção ao preço da *commodity* no mercado internacional (FAUSTO ,2006). Para termos uma noção da importância do café na econômica brasileira, de 1889 a 1930 o ativo foi o principal produto de exportação do país, chegando a representar quase a totalidade das remessas voltadas ao exterior, durante o final da década de 1920 (VILELA; SUZIGAM, 1975). Dessa forma, o café foi o principal balizador da política brasileira, principalmente a partir do protagonismo de São Paulo e Minas Gerais, todavia:

> A análise dos acordos entre as várias oligarquias nos indica que o Estado – no sentido de poder central – não foi um simples clube dos fazendeiros de café. O Estado se definiu como articulador de uma integração nacional que, mesmo frágil, nem por isso era inexistente. Tinha de garantir uma certa estabilidade no país, conciliar interesses diversos, atrair investimentos estrangeiros, cuidar da questão da dívida externa. Isso não quer dizer que os negócios do café -- nos quais os fazendeiros representavam apenas um elo de uma cadeia que ia até os consumidores externos, passando pelos exportadores --- tivessem importância secundária. Pelo contrário, eles foram o eixo da economia do período. Ao longo da República Velha, o café manteve de longe o primeiro lugar na pauta das exportações brasileiras, com uma média em torno de 60% do valor total. No fim do período, representava em média 72,5% das exportações. Dependiam do produto o crescimento e o emprego, nas áreas mais desenvolvidas do país. Ele fornecia também a maior parte das divisas necessárias para as importações e o atendimento dos compromissos no exterior, especialmente os da dívida externa (FAUSTO, 2006, p. 273).

A economia do café foi o principal fator que contribuiu para o desenvolvimento da urbanização e da industrialização das grandes cidades brasileiras no início do século XX. A demanda por mão de obra ocasionou um processo de imigração sem precedentes na história do país. Entre 1887 e 1930, aproximadamente 3,8 milhões de estrangeiros vieram para o Brasil, em sua maioria portugueses, italianos, espanhóis, alemães e japoneses. Com o excedente de capital gerado pelo café e a diversificação do mercado liberal impulsionada pela presença dos estrangeiros no país, algumas cidades sofreram um processo abrupto de urbanização, seguido *pari*

passu, por uma diversificação do mercado industrial. Na virada do século, a população da cidade de São Paulo cresceu cerca de 268%, passando de 64.934 para 239.820 habitantes. Naquele contexto, a cidade ainda estava distante dos quase 700 mil habitantes da capital do país, porém, o seu ritmo de crescimento foi exponencial.

O processo de industrialização foi paralelo ao desenvolvimento das cidades. Em meados do século XIX, existiam cerca de nove fábricas no Brasil, em sua maioria voltadas à produção de tecidos de algodão, sendo que, cinco delas eram situadas na Bahia. Por volta de 1885 a produção industrial foi deslocada para o Centro-sul, naquele contexto, a capital do país detinha quase 60% da produção nacional, excetuando-se a agroindústria açucareira. Impulsionados pelo capital gerado a partir da economia do café, os paulistas assumiram a primeira posição por volta de 1920, tornando-se o principal polo industrial do país (FAUSTO, 2006). Este cenário de efervescência urbana e industrial, foi fundamental para o desenvolvimento das escolas de nível superior, coincidência ou não, as primeiras manifestações esportivas no interior das faculdades do país se originariam nas mesmas cidades onde havia um maior desenvolvimento destas duas esferas, corroborando com a tese de que o desenvolvimento urbano é um fator fundamental para a dinamização do universo esportivo (RIESS, 2008).

A República Oligárquica favoreceu um cenário de disputas regionais, visto que, naquele contexto, o processo de coesão nacional ainda era muito incipiente, além disso, a noção de país, que era concebida pelos grupos políticos, partia do projeto de determinadas elites regionais. Estas disputas não se encerravam no âmbito político e econômico, mas também adentravam nas diversas manifestações culturais, dentre elas o esporte. Talvez a principal rivalidade instituída no início do século XX, tenha sido entre o estado de São Paulo e a capital da República, “as elites esportivas das duas cidades competiam não somente nos próprios campos de jogo, mas também em um campo mais amplo, discursivo, pela soberania e pelo direito de representar a nação esportiva dentro do Brasil e no exterior” (PETERS, 2014, p. 2). O regionalismo foi uma das principais tônicas do esporte ao longo da Primeira República, alimentando a imaginação dos cronistas e instigando os embates esportivos entre os clubes, algo que reverberaria no contexto acadêmico, assim como veremos mais detalhadamente nos próximos capítulos.

É importante ressaltar, que a análise deste contexto é fundamental para compreendermos o protagonismo dos estudantes das instituições de ensino superior no âmbito social, visto que eles faziam parte de uma pequena porção da sociedade, que concentrava poder político e econômico, portanto, tiveram uma participação importante nas discussões que motivaram o desenvolvimento de um *ethos* esportivo, uma vez que, naquele contexto, o esporte foi palco de inúmeras discussões acerca do seu papel na sociedade brasileira, principalmente no início do século XX, onde ele ainda estava se consolidando no país:

> Como um exercício de demarcação de identidades compartilhadas e politicamente posicionadas, o debate sobre o esporte acontecia na sociedade carioca, onde adesões e críticas, prós e contras eram expressos por jornalistas, médicos, educadores, militares e esportistas por meio de jornais, revistas, livros, estudos, conferências e teses. Suas idéias circularam em congressos, associações, clubes, agremiações, sociedades... Múltiplos lugares de produção de idéias, de práticas, de interesses e de discursos. A adesão ao esporte precisava ser interpretada no que ousava anunciar como uma nova referência de civilidade, mas, principalmente, naquilo que provocava tamanha adesão, atração e euforia nos mais diversos segmentos e grupos sociais. Discutir o esporte era uma forma de interpretar a vida moderna, como se essa prática expressasse, metaforicamente, os novos tempos, como um de seus dispositivos disciplinares (LINHALES, 2006, p. 48).

Levando em conta o capital político e econômico dos acadêmicos brasileiros, no início do século XX, sua capacidade de articulação pode ter sido um fator primordial para a emergência histórica do esporte no contexto acadêmico. Além disso, a influência destes estudantes impactou sobremaneira o universo esportivo do país naquela época. Nesse sentido, o aspecto associativo surge enquanto um fenômeno fundamental para compreendermos o desenvolvimento histórico dos esportes acadêmicos, tendo isso em vista, a teoria do associativismo[8] será utilizada como uma ferramenta, com o intuito de nos auxiliar a compreender a trajetória do fenômeno esportivo no interior das instituições de ensino superior no Brasil. Portanto, deslocar o centro das investigações para ação destes estudantes, enquanto protagonistas de uma cultura esportiva, nos proporciona possibilidades para que novas interpretações sejam possíveis. Em outras palavras, eleger perspectivas para o desenvolvimento dos esportes, que vão de encontro ao que é hegemonicamente postulado, pode ser um movimento fundamental e necessário

[8] Para mais informações ver página 30.

para podermos instigar o debate acadêmico em torno deste tema, que é tão importante para a história cultural do país.

A partir do que foi discutido, podemos eleger algumas perguntas que nos auxiliarão ao longo do texto, dentre elas, qual foi o papel do associativismo no desenvolvimento do esporte nas instituições de ensino superior no Brasil? As variáveis mais comumente utilizadas como a urbanização, a industrialização e a comercialização das práticas culturais tiveram influência neste processo? Em que medida, o associativismo estudantil em torno da prática esportiva foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento do fenômeno esportivo no Brasil? Por fim, a emergência histórica do esporte acadêmico nacional foi independente do Estado?

A partir das discussões que foram levantadas até aqui, esta Tese tem o intuito de buscar uma contribuição não só para o acúmulo acadêmico acerca da historiografia do esporte no Brasil, mas também lançar um novo olhar a partir das práticas culturais buscando compreender questões mais amplas da sociedade. Ao eleger o associativismo como uma das chaves interpretativas para o desenvolvimento do esporte moderno, a organização estudantil em torno do fenômeno esportivo se configura como um objeto privilegiado para entendermos como ocorreu o desenvolvimento dos esportes no país. Sendo assim, o objeto de estudo desta Tese é a história do esporte nas instituições de ensino superior do Brasil de 1905 a 1930[9].

O período em tela se deu principalmente pelo fato de que ainda há na historiografia brasileira uma lacuna referente à trajetória do esporte no interior das escolas superiores, no início do século XX. Existem poucos trabalhos que tratam sobre o tema, em especial, uma Dissertação de Mestrado de Starepravo (2006), intitulada “O Esporte Universitário Paranaense e Sua Relação Com o Poder Público”, onde o autor trata rapidamente sobre a história do esporte universitário no Brasil, visto que, naquele contexto, ainda não havia nenhum trabalho sobre o tema disponível na historiografia nacional. O segundo trabalho é igualmente uma Dissertação de Mestrado intitulada “Moços de Hoje, Dirigentes da Nação Amanhã: A História do Esporte Universitário no Brasil de 1930 a 1941”, de autoria de Pessoa

[9] Para justificar o recorte geográfico da pesquisa, analisamos todas as ocorrências disponíveis que tratavam sobre o esporte acadêmico, no acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro de 1900 ao ano de 1930. Apesar de contarmos com fontes de vários estados brasileiros, a predominância foi dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

(2018). A Dissertação aponta que é a partir da década de 1930, que se sistematiza no Brasil o que conhecemos hoje como Esporte Universitário. Além disso, o principal fator para o desenvolvimento e ampliação da prática esportiva no interior das universidades brasileiras teria sido o associativismo estudantil. Recentemente, foram publicados dois artigos que compreendem o mesmo recorte temporal dessa Dissertação, o primeiro intitulado “História do Esporte Universitário no Brasil (1933-1941)” e o segundo, “Política, Associativismo e Esporte Universitário na Década de 1930”, ambos de autoria de Pessoa e Dias (2019; 2020). Portanto, com relação ao recorte temporal tratado nesta Tese, não foi encontrado nenhum trabalho que tenha se dedicado à história do esporte nas escolas superiores brasileiras, nas primeiras três décadas do século XX.

O ano de 1905 marca a primeira ocorrência sobre o esporte nas instituições de ensino superior do Brasil, que foi observada no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro[10]. Por conseguinte, esta data será tomada como o marco inicial da pesquisa. Em 1930, ocorre uma quebra de paradigma na política brasileira com a Revolução civil-militar que instaurou um novo modelo político, que seria precursor do golpe de 1937, que pavimentou o caminho para a ditadura de Vargas. Esta nova realidade política contribuiu para uma reconfiguração social, econômica e no ensino superior do país, colaborando para a criação das universidades. Dessa forma, este marco delimitará o fim do recorte temporal desta Tese, visto que o objeto de pesquisa proposto é anterior à criação do modelo universitário.

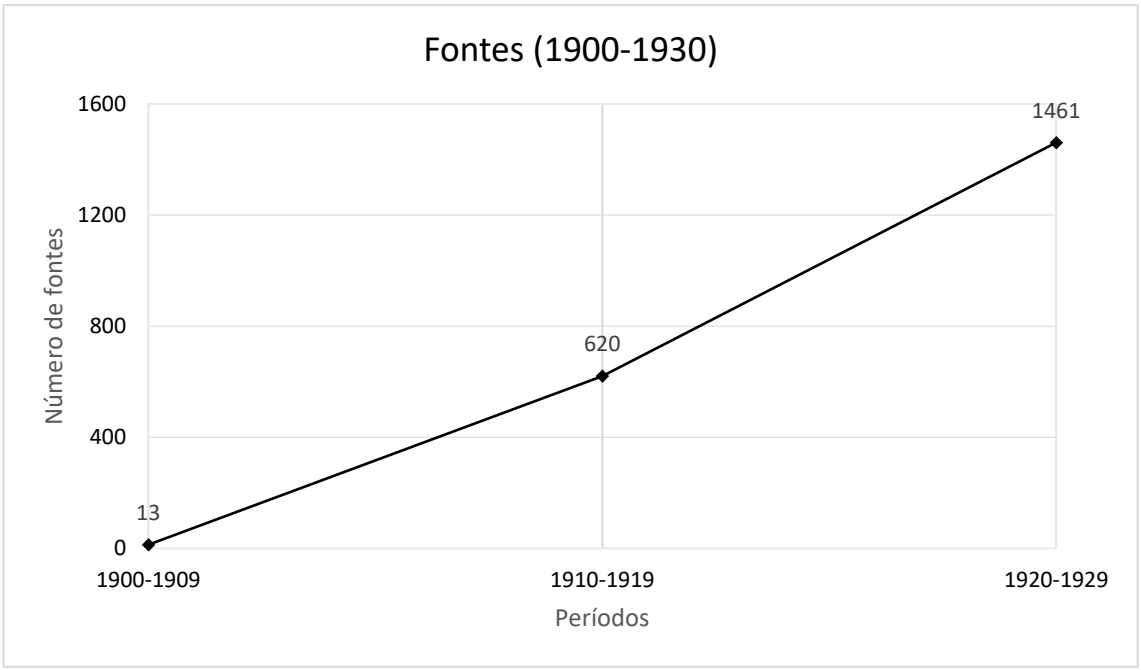
Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é elaborar uma análise histórica de como ocorreu o desenvolvimento do fenômeno esportivo no interior das instituições de ensino superior no Brasil de 1905 até 1930, no intuito de relacionar a esfera esportiva com as transformações mais amplas que ocorriam no país ao longo do período que condiz com a vigência da Primeira República. Os objetivos específicos da pesquisa se constituem em: Analisar o papel do associativismo como fator propulsor do surgimento e da sistematização do esporte nas instituições de ensino superior no Brasil; Investigar a relação entre o associativismo estudantil e o Estado, a fim de constatar a participação do poder público no desenvolvimento da esfera esportiva nas instituições de ensino superior; Observar se o desenvolvimento do

[10] A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi utilizada como acervo privilegiado das fontes primárias da pesquisa.

esporte no âmbito das instituições de ensino superior foi um fator que contribuiu para o alargamento da prática esportiva fora dos meios acadêmicos.

Com relação à metodologia da pesquisa, foram utilizados documentos e periódicos datados entre 1905 e 1930. As fontes foram coletadas no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro através da Hemeroteca Digital Brasileira. Ao todo, foram analisadas 2.094 ocorrências sobre o esporte no interior das instituições de ensino superior no país de 1905 a 1930. Os jornais são oriundos de vários estados brasileiros, dentre eles Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Pernambuco, Pará, Rio Grande do Sul e Paraná. Abaixo, apresentamos um gráfico no intuito de ilustrar como as fontes se distribuem ao longo do recorte temporal.

Gráfico 1: Fontes de 1900 a 1930



Fonte: Elaborado pelos autores.

Ao utilizarmos jornais e revistas como fontes primárias do processo de construção da pesquisa, abrimos possibilidades de investigar vestígios do passado que não seriam facilmente observados em documentos oficiais, porém, a parcialidade dos periódicos deve ser levada em consideração. Assumir o discurso das fontes sem um processo de análise crítica implica em construir uma representação interessada do passado. Portanto, precisamos estar atentos aos processos de produção dos jornais que envolvem perspectivas políticas, pontos de

vista e interesses econômicos que permeiam os discursos que constituem as retóricas da imprensa escrita, conforme explicita Luca (2005, p. 123):

> É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada tem de natural [...]. Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É obvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos.

Dessa forma, os jornais e revistas analisados ao longo da pesquisa não serão tomados como fontes de verdades absolutas. Um processo rigoroso de análise e cruzamento de dados se faz necessário para que as páginas dos jornais se tornem um manancial de informações que são fundamentais para construir o trajeto que é pretendido por esta pesquisa. Ademais, perceber as entrelinhas é um processo fundamental no ofício de se escrever a história. Assim como nos ensina Ginzburg (1998), o Paradigma Indiciário é um forte aliado na observação do passado. Através de indícios, podemos extrair da fonte aquilo que fato não está dado em um primeiro momento. Uma crítica feita pela elite aos hábitos da classe trabalhadora pode, por exemplo, nos auxiliar a compreender como a população se divertia em contraponto aos passatempos ditos modernos, que eram defendidos e propagados pela aristocracia.

Compreender as nuances que envolvem as discussões acerca da teoria da história, em seu âmbito epistemológico, faz com que pensemos sobre o sujeito que media a relação entre o problema e a matéria prima (seu objeto de investigação). O produto da historiografia se faz a partir da escrita, que enfrenta um paradigma insuperável: “se ela pretende narrar o «tal como» aconteceu, só o poderá fazer na linguagem do tempo de quem interroga os restos sígnicos do que passou” (CATROGA, 2010, p. 38). Por conseguinte, o pesquisador é um sujeito historicamente situado, ou seja, a problematização sobre o passado parte, a priori, de uma problematização do presente sobre o passado, sendo assim:

> Em termos muito genéricos, diz-se, amiúde, que toda a historiografia é história contemporânea (Croce), não por ter como objecto o «tempo presente», mas devido à circunstância de ser o «presente» o foco das retrospectivas, incluindo aquele que ainda não há muito era só futuro. Característica que se acentuou com o presentismo contemporâneo. No entanto, reconhece-se que, hoje, também se pluralizaram e se tornaram mais complexas as visões do mundo. Logo, como estranhar que esse horizonte se projecte na hermenêutica histórica? Só o negará quem se julgar instalado num eterno e monolítico tempo real (CATROGA, 2010, p. 39).

A partir desta perspectiva, o presente e o passado se cruzam em um movimento dialético, onde o pesquisador imbuído do olhar contemporâneo impacta as fontes, ao mesmo tempo em que é impactado por elas. Este movimento deve ser acompanhado por um olhar “problematizador”, porém, isto não significa que o trabalho de investigar e elaborar representações sobre a história dos homens e mulheres no tempo deva ser orientado por axiomas pautados em teorias generalistas, pois é fundamental compreender a singularidade dos contextos históricos. De acordo com Catroga (2010, p. 29):

> Ao dar-se peso ao *problema*, deseja-se frisar que o debate contém outras implicações (e aplicações), porque a sua sobredeterminação impõe a variedade dos «caminhos» que terão de ser trilhados para se demonstrar a sua pertinência. De onde os métodos correctos serem aqueles que mais convincentemente conseguirem levar a bom porto a comprovação do que se pretende demonstrar. Por outras palavras: a sua escolha não pode ser uma exclusiva opção apriorística, nem ser comparada ao uso de uma mera ferramenta, isto é, a algo exterior, como se se tratasse de uma ida a um pronto-a-vestir, ou de um casaco comprado em loja de roupa usada, sem se cuidar do corpo a que ele vai dar forma e conteúdo. Lá bem fundo, também na historiografia o caminho se faz caminhando e a justeza do rumo escolhido só no fim do percurso poderá ser cabalmente avaliada.

Mesmo que posicionamentos teóricos sejam apontados ao longo do texto, eles não serão amarras epistemológicas que façam com que as fontes sejam submetidas ao crivo da teoria. Assim como na citação acima, “na historiografia o caminho se faz caminhando”, portanto, somente ao longo do desenrolar do texto, que será possível avaliar se as trajetórias escolhidas foram suficientes para alcançar os resultados pretendidos. Por fim, reiteramos que o que se busca aqui não é de fato reconstruir a história do esporte no interior das instituições de ensino superior tal como ela ocorreu, mas sim elaborar, a partir do intercâmbio inevitável entre o presente e o passado, representações que sejam suficientes para elucidar questões ainda não problematizadas acerca da história de um dos fenômenos culturais mais importantes do Brasil.

O esporte, ao longo da sua história, vem sendo um espaço de disputas de classe, identidades, afirmações de valores, virtudes e condutas, espaço este onde governos, elites econômicas, partidos políticos e movimentos associativos tentaram se apropriar com o intuito de exercer hegemonia sobre este fenômeno (CORBIN, 1995). Por conseguinte, os discursos que foram construídos em torno da prática esportiva nas escolas superiores do país serão analisados levando-se em conta esta

construção histórica, que exerce um papel fundamental para compreendermos o desenvolvimento da prática esportiva no país.

Com relação ao formato da Tese, o texto foi organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta o referencial teórico, que tem como objetivo elucidar as escolhas epistemológicas que servirão de base para as discussões ao longo do texto. O segundo capítulo, que vai de 1905 a 1912, dedica-se ao período inicial do esporte acadêmico brasileiro, apresentando os atores e as instituições que foram fundamentais para a emergência histórica deste fenômeno nas instituições de ensino superior. O terceiro capítulo trata sobre a trajetória da Alliança Academica, uma associação fundada pelos estudantes das escolas superiores da capital da República, que foi uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento do esporte acadêmico durante quase uma década, período que vai de 1915 a 1923. O quarto e último capítulo se inicia em 1924 e vai até o recorte final da pesquisa em 1930, contexto em que o esporte acadêmico passa por um processo de rupturas e descontinuidades. Porém, é nesta época que a Federação Acadêmica do Rio de Janeiro é fundada, sendo a principal precursora do esporte universitário que se consolidaria no país a partir da década de 1930.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O objetivo deste capítulo é apresentar o embasamento teórico em que a tese se apoia. Neste sentido, serão exploradas algumas perspectivas historiográficas que fazem parte da constituição do campo de pesquisa em história do esporte. Busca-se, com isso, fazer uma breve reflexão acerca da importância da história cultural para compreendermos questões mais amplas da sociedade. Dessa forma, a história do esporte nas instituições superiores do país seria, antes de tudo, uma chave interpretativa para representarmos parte da história política, social e cultural do Brasil através de outras perspectivas. Ademais, a discussão acerca da Teoria do Associativismo será fundamental para auxiliar-nos na análise das fontes que serão apresentadas a partir do segundo capítulo. Todavia, é necessário ressaltar que nosso objetivo aqui não é enquadrar a pesquisa em uma perspectiva epistemológica específica, mas sim utilizar da teoria como uma das ferramentas essenciais na construção do saber, assim como será discutido ao longo do texto.

1.2 A Historiografia do Esporte

A partir da década de 1960 com a ascensão da “história vista por baixo”, os historiadores voltaram sua atenção para a vida cotidiana das pessoas comuns. Foi quando temas como o esporte e outros divertimentos[11] ganharam notoriedade nos meios acadêmicos por representar parte significativa da cultura da classe popular, sendo estes fenômenos capazes de revelar nuances fundamentais para compreendermos a história das sociedades. A primeira associação científica de história do esporte foi o *International Committee for the History of Physical Education and Sport*, fundada em 1967 e presidida por acadêmicos do Leste Europeu. A partir daí, outras sociedades seriam criadas na Europa e do outro lado do Atlântico, dando início a um esforço global em torno da consolidação de uma historiografia propriamente esportiva (VAMPLEW, 2013a).

[11] Utilizo o termo “Divertimentos” apoiado nos argumentos de Melo (2013), que tem operado com a ideia de que o conceito de Lazer carrega uma construção epistemológica pautada na ideia de modernidade, urbanidade e desenvolvimento industrial, fatores estes, que não se desenvolveram no Brasil *pari passu* ao que ocorreu nos países mais desenvolvidos, portanto, esta categoria se torna uma ferramenta importante ao analisarmos a história dos esportes e de outras manifestações lúdicas em períodos onde estas condições materiais ainda não haviam se consolidado.

As primeiras correntes teóricas que influenciaram o trabalho entre os pioneiros da história social do esporte foram a teoria da modernização e o marxismo. A contribuição mais significativa do paradigma da modernização foi concebida por Allen Guttmann, que elencou algumas características que são fundamentais para compreendermos a transformação do esporte moderno, que são a secularização, burocratização, especialização, democratização, racionalização e busca por recordes. Os teóricos marxistas viam no esporte um aparelho ideológico da burguesia para preservar estruturas capitalistas, funcionando como uma válvula de escape, no intuito de liberar tensões que de outra maneira poderiam servir de combustível para o levante do proletariado contra as estruturas de opressão (BOOTH, 2011). O viés marxista da história do esporte foi alvo de críticas por parte da comunidade científica, por conceber a massa da população enquanto um todo passivo, que assimilaria os signos da burguesia através da prática esportiva. Ao discutir as implicações na historiografia, de uma perspectiva pautada em teorias econômicas, Chalhoub (1990, p. 18) contribui com o debate apontando que, “trata-se, portanto, por mais variadas que sejam as nuanças, da vigência da metáfora base/superestrutura; da ideia, frequentemente geradora de reducionismos grotescos, de determinação em última instância pelo econômico”.

Todavia, apesar das críticas, o marxismo trouxe uma contribuição fundamental para a história do esporte, oferecendo pontos de vista inéditos, que foram fundamentais para o desenvolvimento da historiografia relacionada ao tema. A partir da década de 1990 buscando se esquivar das críticas de que o marxismo representava uma concepção reducionista do fenômeno esportivo, historiadores com inclinação política de esquerda utilizaram o conceito de “hegemonia” Gramsciniano e “construíram o esporte moderno como um conjunto de práticas que emergiram através de conciliações e lutas e que foram legitimadas pela burguesia em sociedades capitalistas que as incorporaram no sistema educacional e na mídia” (BOOTH, 2011, p. 7).

A virada cultural, que ocorreu na historiografia durante as décadas de 1980 e 1990, impactou diretamente as pesquisas relacionadas à história do esporte, trazendo a perspectiva pós-moderna aos estudos do passado e criando uma cisão entre os historiadores modernos e pós-modernos. Esta nova perspectiva busca acima de tudo afirmar o papel do historiador enquanto autor do texto, deixando evidente sua posição interessada no fazer historiográfico. Estes historiadores

criticam a postura dos estruturalistas, que enxergam nas fontes fragmentos do passado tal como ele ocorreu. Por conseguinte, “os historiadores pós-modernos abandonaram a busca de causalidade, focando, em vez disso, nos sistemas que nos mantém capturados, em conjunturas específicas, por ideologias e interesses poderosos” (BOOTH, 2011, p. 16).

O objetivo de apresentar resumidamente a constituição do campo da historiografia do esporte, não se reduz a adequar este trabalho a um quadro teórico específico, mas sim expor a compreensão de que não se produz um trabalho histórico coerente, sem que já estejamos “pré-ocupados” com sua historiografia (CATROGA, 2010). Dessa forma, mesmo não assumindo a posição pós-moderna, que vários pesquisadores do esporte vêm sustentando, a relativização da posição do autor enquanto parte do processo de produção historiográfica, reverbera nas páginas desta Tese. Nas palavras de Catroga (2010, p. 34):

> Ora, para se compreender a historicidade que atravessa o trabalho historiográfico, relembre-se que todo o historiador trabalha a partir de um *locus*, situação que terá de ser equacionada, porque se projecta no interior do seu resultado. Com efeito, ele não é uma abstracção, mas alguém (ou um colectivo) imbuído de formação histórica e que, com a sua crescente «profissionalização» a partir do século XIX, problematiza e interpreta dentro de um «local» que, antes de tudo, age como *instituição*. E é esta instância que, em última análise, credibiliza e garante as bases de produção da linguagem científica, ao mesmo tempo que socializa, como uma espécie de lei, o cânone do grupo.

A aproximação da Antropologia Social com a História a partir da segunda metade do século XX ocasionou uma apropriação do conceito de cultura por parte dos historiadores, gerando uma mudança de paradigma na tradição historiográfica, que deslocou o centro das indagações para o sujeito, até então obsoleto perante as forças políticas e econômicas (CHALHOUB, 1990). A “nova história cultural” trouxe uma gama diversificada de pautas que a história tradicional deixava em segundo plano, fazendo, assim, com que temas como o esporte, o lazer e as mais variadas manifestações culturais entrassem definitivamente na agenda dos historiadores. De acordo com Peter Burke (1992) algumas características são fundamentais para compreendermos a distinção entre os dois paradigmas historiográficos. No modelo tradicional, a história diz respeito essencialmente à política, como se de fato a história fosse a “política do passado”. Contrariamente, a nova história passou a se interessar por toda produção humana, na concepção de que “tudo tem uma história”. Além do mais, os historiadores tradicionais concebem a história como uma narrativa dos fatos, enquanto o novo paradigma se ocupa mais da análise das estruturas. Um

terceiro ponto é que a história tradicional traz uma perspectiva de cima, das grandes transformações, grandes personalidades, como reis, generais e o clero, enquanto a maior parte da humanidade fica esquecida no passado. A nova história está mais preocupada com a “história vista por baixo”, com a história das pessoas comuns e suas experiências nas transformações da sociedade. Outro ponto importante está relacionado com a utilização das fontes:

> Segundo o paradigma tradicional, a história deveria ser baseada em documentos. Uma das grandes contribuições de Ranke foi sua exposição das limitações das fontes narrativas — vamos chamá-las de crônicas — e sua ênfase na necessidade de basear a história escrita em registros oficiais, emanados do governo e preservados em arquivos. O preço dessa contribuição foi a negligência de outros tipos de evidência. O período anterior à invenção da escrita foi posto de lado como “pré-história”. Entretanto, o movimento da “história vista de baixo” por sua vez expôs as limitações desse tipo de documento. Os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial. Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros necessitam ser suplementados por outros tipos de fonte (BURKE, 1997, p. 3).

A nova história cultural busca ampliar o espectro especulativo do historiador, ou seja, uma perspectiva holística é fundamental para compreendermos a dinâmica da cultura. Questões como a opinião pública, a economia, disputas culturais, geográficas e econômicas, são interpeladas em uma síntese que busca a interpretação da história dos homens e mulheres no tempo. Por fim, o último tópico apontado pelo autor diz que, de acordo com o paradigma tradicional, a história é objetiva. Por conseguinte, existe uma crença de que o historiador é isento no processo de escrita da história, algo que contemporaneamente é visto como uma concepção irrealista.

Este trabalho vai ao encontro do paradigma da nova história cultural, não somente por ter o esporte enquanto objeto central de estudo, mas por buscar dar voz aos diferentes atores que influenciaram no desenvolvimento deste fenômeno cultural tão importante na constituição do nosso país. Portanto, esta perspectiva será utilizada enquanto ponto norteador do processo de construção desta pesquisa.

A partir desta discussão, precisamos nos questionar sobre algo fundamental, no intuito de direcionarmos o foco para o fenômeno esportivo. Qual o propósito de estudarmos a história do esporte? Fazemos isso com uma finalidade objetiva de narrar os acontecimentos históricos destes fenômenos? Ou para utilizarmos do seu potencial como uma janela interpretativa para compreendermos questões mais amplas da sociedade? De acordo com Tony Collins (2007), a razão para estudarmos

qualquer objeto histórico está na combinação destes dois fatores, porém, devido a sua singularidade, o esporte possui um potencial significativo para servir como uma lente que observa nuances para além dos espectros tradicionais. O autor cita o exemplo de vários trabalhos que foram desenvolvidos na Inglaterra sobre modalidades esportivas, mas que, por fim, tinham o objetivo de estudar a natureza da identidade nacional, o regionalismo e o tecido social, que eram expressos através dos jogos.

> O futebol (e, em menor grau, o rugby e o cricket) foi o principal meio pelo qual os homens da classe trabalhadora expressaram patriotismo cívico ou nacional, fora da guerra, a partir do final do século XIX em diante. A popularidade do esporte, e o seu uso pelas equipes de identidades locais e nacionais, e seu simples discurso binário de "nós contra eles" o tornou o veículo ideal para a expressão de identidades geográficas dentre outras. O papel do esporte na criação da cultura e identidade urbana é uma área que foi amplamente ignorada pelos historiadores, no entanto, a relação entre o crescimento das metrópoles e cidades desde a década de 1880 e o desenvolvimento dos esportes de massa foi forte e simbiótica - Em 1900, poucas cidades tinham resistido ao apelo de uma equipe profissional de futebol com o seu nome (COLLINS, 2007, p. 404)[12].

Portanto, compreender as potencialidades do fenômeno esportivo torna-se uma questão fundamental para trazer à tona nuances ainda pouco exploradas pela historiografia. Sendo assim, o objeto desta pesquisa será analisado a luz do que foi discutido até aqui. Desta forma, além da tentativa de tecer uma representação sobre a história do esporte no interior das escolas superiores do país, esta Tese será orientada pela busca de relações entre o esporte, a história do ensino superior brasileiro, o protagonismo dos estudantes e sua relação com a esfera política e econômica do Brasil.

1.3 A Teoria do Associativismo

Algumas teorias concorrem no sentido de explicar como ocorreu o desenvolvimento dos esportes modernos. A obra de Guttmann, que já foi citada anteriormente, é uma das pioneiras no sentido de buscar uma explicação causal de como ocorreu o desenvolvimento do esporte na modernidade, principalmente a partir de sete fatores: o fato de ser secular; demonstrar igualdade de disputa; a ideia de especialização, ou seja, no futebol medieval não existiam papeis definidos, portanto, qualquer um poderia jogar visto que a conquista do resultado ainda não era o foco;

[12] Tradução nossa.

um processo de racionalização, onde as regras eram vistas de forma pragmática, sendo que em sociedades primitivas as regras tinham uma característica sagrada; o quinto ponto é a burocratização, em larga medida todos os esportes modernos possuem associações estaduais, nacionais e internacionais; em sexto lugar o processo de quantificação, focado na criação de estatísticas dos atletas; o último ponto defendido por Guttmann é a ênfase nos recordes (VAMPLEW, 2013a).

Dando sequência ao que foi postulado por Guttmann, vários historiadores se ocuparam de buscar os principais fatores que teriam sido responsáveis pelo desenvolvimento dos esportes modernos. Stefan Szymanski (2006), em seu texto intitulado "*A Theory of the Evolution of Modern Sport*", elabora uma teoria onde o principal fator que determina a evolução dos esportes modernos é a nova forma de associativismo que emergiu na Inglaterra, no final do século XVIII. Dessa forma, a constituição da esfera pública burguesa, onde os indivíduos eram livres para discutir questões políticas e econômicas que estavam em pauta, formaram as bases para o desenvolvimento do que Habermas[13] chama de uma das fundações da estrutura social moderna. Por conseguinte, o associativismo pode ser definido de forma simples como "a tendência de indivíduos em criar redes sociais e organizações fora da família. Simplificando, é a tendência de humanos de formar clubes, e os motivos para os clubes são tão variados quanto a imaginação humana[14]" (SZYMANSKI, 2006, p. 1).

De acordo com Szymanski (2006), muitos esportes que hoje conhecemos como modernos surgiram a partir dessa forma de associativismo. Por conseguinte, o desenvolvimento dos esportes na Inglaterra, naquele período, foi paralelo ao surgimento dos cafés, da imprensa e das sociedades públicas, instituições que esboçam o surgimento desta nova esfera social. Segundo o autor, pouca atenção tem sido dada ao associativismo enquanto fator fundamental para compreendermos a história do esporte:

[13] Szymanski apoia seu conceito de "esfera pública" nos estudos de Habermas, para mais detalhes ver: Jurgen Habermas. The structural transformation of the public sphere, Polity Press, 1989.
[14] Tradução nossa.

> Talvez seja surpreendente que tenha sido dada relativamente pouca relevância aos conceitos de associativismo no desenvolvimento dos esportes modernos. Embora exista um acordo geral que o conceito de esporte moderno nasceu na Inglaterra em algum momento em torno do início da revolução industrial, os historiadores e os sociólogos estão mais preocupados com fatores como a industrialização, o processo civilizador, a comercialização e assim por diante. É verdade que alguns acadêmicos notaram o surgimento da cultura do clube, ao mesmo tempo em que muitos esportes modernos, mas essas observações quase não se elevam acima do nível da nota de rodapé. Raramente é observado que todos os esportes modernos são organizados em hierarquia, sistemas de clubes e federações, que não existiam antes do surgimento dos esportes modernos. De fato, embora seja plausível definir a modernidade no esporte como a adoção desta estrutura hierárquica construída em torno de clubes, geralmente não há historiografia dedicada a documentar o processo do qual essas organizações se originaram (SZYMANSKI, 2006, p. 2)[15].

A “teoria do associativismo” pode ser resumida em cinco pontos principais: o esporte moderno é reflexo das formas modernas de associativismo; a unidade essencial do esporte moderno é o clube, por ser o fator fundamental que o diferencia das formas de esporte pré-modernas; existiram duas formas de associativismo que se desenvolveram na Europa a partir do século XVIII, uma delas independente do Estado que se configurou como o modelo anglo-saxão, e outra que se estabeleceu no restante da Europa, que se baseava na cooperação com o Estado, no intuito de fomentar a preparação militar dos cidadãos; o modelo anglo-saxão dependia de liberdades burguesas básicas, como a liberdade de discurso e de imprensa. Na Europa continental, para que as pessoas pudessem se organizar dentro de associações esportivas, era necessária a aprovação do Estado; por último, o autor aponta que o modelo anglo-saxão de associativismo se desenvolveu antes da Revolução Industrial. Dessa forma, a industrialização não pode ser tomada como ponto de partida para o debate acerca do desenvolvimento do esporte moderno, assim como é comum na historiografia do esporte (SZYMANSKI, 2006).

Na esteira das discussões sobre a teoria do associativismo, Malcolm MacLean (2013) corrobora a teoria de Szymanski no sentido de que o clube é de fato a unidade básica de desenvolvimento dos esportes modernos. O autor aponta que, além de compreendermos o papel do associativismo, precisamos entender os clubes como constituintes da sociedade civil, ou seja, a forma como ele se relaciona com as outras instituições é um fator fundamental para compreendermos a importância dos clubes para além do fenômeno esportivo.

---

[15] Tradução nossa.

> A ausência do clube não é apenas uma lacuna intelectual, um buraco em nosso corpo de conhecimento: Deixando de sublinhar a sua importância no nosso trabalho, estamos perdendo a oportunidade de afirmar a nossa importância como acadêmicos [...] portanto, para a importância da história do esporte como uma vertente da história social (MACLEAN, 2013, p. 1693)[16].

Apoiado no conceito de Edwards[17], que define a sociedade civil em uma concepção tripartite de *vida associativa*, *good society*[18] e *esfera pública*, MacLean (2013) defende que os clubes esportivos foram parte essencial desta, fazendo com que a história do esporte seja uma contribuição fundamental para compreendermos a história das sociedades. O autor apresenta uma série de estudos na Europa e nos Estados Unidos que exploram o papel dos clubes esportivos como espaços de desenvolvimento de vínculo social, como, por exemplo, no caso da Alemanha, onde os clubes esportivos tiveram um papel importante nas transformações políticas do Estado, principalmente na consolidação das instituições burguesas, no contexto em que o país foi transformado pelas guerras e pelo fascismo, e quando foi dividido na ideologia pós-guerra e reorganizado após o colapso do bloco soviético.

A teoria de Szymanski fomentou um debate importante na historiografia do esporte em âmbito internacional, sendo que vários historiadores se propuseram a criticar seu trabalho, seja complementando sua teoria ou apontando suas fragilidades.

Vamplew (2013b) argumenta que existem vários desacordos com relação ao principal fator que contribuiu para o desenvolvimento histórico dos clubes, porém, há um consenso de que ele é a unidade básica que proporcionou o desenvolvido do fenômeno esportivo na modernidade. Neste sentido, o autor se apoia no modelo de tipo-ideal[19], para criar categorias no sentido de buscar uma generalização para compreender como ocorreu o desenvolvimento dos clubes na Inglaterra.

De acordo com o autor, a característica fundamental de um clube é seu caráter coletivo. A partir disso, ele busca estabelecer níveis de associativismo para compreender os motivos pelos quais os sujeitos se propuseram a se organizar

---

[16] Tradução nossa.
[17] Para mais informações ver: Edwards, Michael. Civil Society. 2nd ed. Cambridge: Polity Press, 2009.
[18] O conceito de Good Society de Edwards se apoia na teoria do Contrato Social, onde uma sociedade se torna “boa” no sentido em que as instituições corroboram para tal. O termo não foi traduzido por acreditar que sua tradução literal não fosse apropriada para exprimir o seu significado.
[19] Para mais informações sobre o conceito de tipo-ideal ver: QUINTANEIRO, Tânia. Um toque de clássicos-Marx| Durkheim| Weber. Tânia Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira -2 Edição, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002, 159 p.

nestas instituições. Vamplew elenca três níveis diferentes de associativismo para criar seu modelo de análise. Segundo o autor, os membros dos clubes esportivos podem se integrar em algum clube por várias motivações, como, por exemplo, criar capital social, desfrutar do convívio entre os participantes e a busca pelo voluntarismo, porém, todos compartilham da vontade de praticar esportes, portanto, isto define o primeiro nível de associativismo. A razão pela qual os membros se filiam a um clube, geralmente, é relacionada à prática esportiva, porém, os clubes esportivos são, em larga medida, relacionados a outras atividades coletivas. A partir daí, o autor elenca quatro subcategorias para explicar a tipologia do segundo nível de associativismo que são: os clubes baseados no local de trabalho, os clubes baseados em religiões, os clubes relacionados ao comércio de bebidas e, por último, os clubes com alguma base política, ou seja, todos são clubes esportivos, porém, existe alguma motivação externa à prática esportiva para que estes membros se filiem à instituição. O terceiro nível de associativismo pode ser entendido como um subsetor do anterior, que diz respeito aos clubes escolares, clubes universitários, clubes de veteranos, clube da vizinhança, dentre outros exemplos, como clubes de portadores de deficiência.

As tipologias propostas por Vamplew nos auxiliam principalmente a compreender que os clubes esportivos são parte integrante da sociedade civil e, como tal, não estão apartados da realidade social que os perpassa. Portanto, analisarmos o desenvolvimento do esporte através dos clubes nos leva a compreender a história das instituições que estão diretamente relacionadas com os clubes esportivos, como no caso do terceiro nível de associativismo, das escolas e das universidades em que estes clubes foram formados. Por conseguinte, a história do esporte também é a história da formação dos clubes esportivos, de sua materialidade, motivação e relação com outros fenômenos e instituições.

Uma das principais críticas[20] tecidas sobre a teoria do associativismo foi elaborada por Steven Riess (2008). De acordo com esse autor, todos os historiadores concordam que a unidade fundamental do esporte moderno é o clube e que eles se desenvolveram ao longo do século XVIII de forma autônoma na

[20] Recentemente um trabalho publicado por Huggins (2020), cria um contraponto à teoria de Szymanski, afirmando que mesmo antes associativismo e do surgimento da esfera pública, as apostas foram a principal chave para o surgimento do que conhecemos hoje como esporte moderno, de acordo com o autor este desenvolvimento teria se dado entre 1660 e 1800.

Inglaterra. Segundo o autor, a “teoria do associativismo” afirma que esta versão anglo-saxônica de associativismo ocasionou o surgimento dos esportes modernos, porém, ela oferece poucas evidências de como isto ocorreu.

> Certamente o surgimento dos esportes está conectado aos clubes, que ajudou a facilitar seu crescimento de várias formas, mas também foi o produto de outras forças sociais, como a industrialização, urbanização e comercialização. Talvez seja mais seguro dizer que os clubes foram essenciais para facilitar o desenvolvimento do esporte moderno, mas não o criaram de forma independente (RIESS, 2008, p. 35)[21].

Na perspectiva de Riess, a teoria de Szymanski afirma que o desenvolvimento da comercialização e do profissionalismo são simplesmente questões internas, dessa forma, ignorando o papel dos empreendedores, da urbanização e da industrialização. O autor afirma que estas transformações levaram a inovações no transporte, fazendo com que os times fossem capazes de viajar de cidade a cidade e ter as notícias dos seus resultados divulgados rapidamente na imprensa diária. Dessa forma, “mais atenção precisa ser dada ao papel de outras forças sociais em detrimento do associativismo para colocar o esporte na estrada rumo à modernização” (RIESS, 2008, p. 37.)[22]. O autor utiliza o exemplo norte-americano para dar centralidade à urbanização enquanto fator fundamental para o desenvolvimento dos esportes modernos.

> As cidades eram os locais primários dos esportes organizados, onde estavam os jogadores, espectadores e clubes esportivos. O crescente interesse nos esportes tradicionais e novos foi fortemente apoiado pelo surgimento de uma ideologia esportiva que considerava os esportes uma força potencialmente positiva na melhoria da moral, da saúde e da aptidão da América urbana, incentivando o interesse da classe média em esportes lícitos (RIESS, 2008, p. 37)[23].

Em resposta às críticas que foram feitas com relação à sua teoria, Szymanski (2008b) afirma que existe uma falsa dicotomia nos apontamentos feitos pelo Professor Riess, e que nunca foi sua intenção elaborar uma teoria “monocausal” sobre o surgimento dos esportes modernos. O autor corrobora os argumentos de Riess, de que vários grupos sociais em diferentes momentos utilizaram os clubes esportivos para forjar sua identidade; de que os frutos da revolução industrial proporcionaram as bases para uma maior participação nos esportes; de que a urbanização e o trabalho fabril mudaram a percepção dos trabalhadores com relação

[21] Tradução minha.
[22] Tradução nossa.
[23] Tradução nossa.

ao seu tempo, principalmente o tempo livre. O que Szymanski destaca é que é difícil sustentar uma posição de que há diferenças fundamentais entre os clubes do século XVIII e os do século XIX, sendo que a pedra fundamental de sua tese é a conexão entre os esportes modernos e as formas anglo-saxãs de associativismo. Se, por um lado, Riess (2008) questiona a relação entre as liberdades individuais e a falta delas no processo de desenvolvimento dos clubes esportivos, por outro, Szymanski utiliza um exemplo da *Union Vélocipédique de France*, a primeira federação nacional de ciclismo fundada em 1881 na França, que foi descrita oficialmente como: "Sociedade para promoção da proficiência em ciclismo aceita pelo Ministro da Guerra para preparação para o ciclismo militar" (SZYMANSKI, 2008b, pg. 63)[24].

Os esportes modernos anglo-saxões se desenvolveram essencialmente como exercícios que o autor chama de "*pointless*", ou seja, eles não tinham um propósito além da própria prática esportiva, porém, nos outros países da Europa os exercícios eram "*purposeful*", tinham um propósito para além da prática esportiva e eram vistos essencialmente como um meio para o treinamento militar (SZYMANSKI, 2008b). Por conseguinte, o núcleo da teoria do associativismo está diretamente relacionado com o surgimento da esfera pública no século XVIII, na Europa, onde os indivíduos tinham liberdade de associação, discurso e imprensa. Dessa forma, os clubes esportivos surgiram como um reflexo de uma reconfiguração social do espaço, que fez com que sujeitos transformassem o fenômeno esportivo através de um novo *ethos,* que se configurava na sociedade Inglesa. Portanto, Szymanski afirma que as críticas de Riess mais complementam do que contrariam sua tese, visto que vários fatores contribuíram para o desenvolvimento dos esportes modernos.

A partir do que foi discutido, a teoria do associativismo proposta por Szymanski (2008), será tomada como eixo norteador das análises e discussões que serão propostas por esta pesquisa. Cabe ressaltar que o objetivo aqui não é em nenhuma instância fazer com que ocorra uma "sobredeterminação pela teoria e subdeterminação pelo fato", assim como critica Jeffrey Alexander (1987), tornando, ao invés disso, as fontes históricas juízas que absolvem ou condenam a teoria. Nosso intuito é que a teoria auxilie no processo de análise dos documentos, sendo uma das ferramentas de que dispõe o historiador. Acreditamos que a reflexão de

[24] O Autor traduziu do Francês para o Inglês. Tradução nossa do Inglês para o Português.

Peter Burke sobre a relação entre a teoria e a história pode nos ajudar a compreender melhor o que estamos propondo enquanto perspectiva epistemológica:

> Em um trecho famoso, Francis Bacon formulou críticas igualmente incisivas aos empiristas, que como formigas, simplesmente coletavam dados, e aos teóricos puros – aranhas cujas teias se originavam de seu próprio interior. Bacon recomendava o exemplo da abelha, que não se limita a procurar matéria prima; também a transforma. A parábola aplica-se tanto à história da pesquisa social e histórica quanto à história das ciências naturais. Sem combinar a história com a teoria, é provável que não consigamos entender nem o passado nem o presente (BURKE, 2002, p. 35).

É importante ressaltar que a escolha da “teoria do associativismo” não foi em nenhuma instância uma preferência epistemológica. As variáveis hegemonicamente utilizadas para explicar a emergência histórica dos esportes modernos não foram, simplesmente, suficientes para esgotar as análises acerca da trajetória do esporte acadêmico no Brasil. Compreendermos que a urbanização teve um papel crucial neste processo, pois, sem ela, não seria possível a criação das escolas superiores, nem tampouco, das universidades que seriam edificadas a partir da década de 1930. Mas se estas instituições existiam em vários lugares ao mesmo tempo, o que explicaria o surgimento do esporte em alguns lugares e em outros não? A modernidade é um conceito muito complexo para servir de reposta. Além disso, no caso específico do esporte acadêmico, não houve um processo de comercialização e profissionalização deste fenômeno. Portanto, buscar as explicações que são tradicionalmente utilizadas para justificar o surgimento do esporte moderno e simplesmente transplantá-las para o meio acadêmico seria, em última instância, ignorar completamente a historicidade que atravessa a trajetória dos estudantes das escolas superiores, que se empenharam consideravelmente para desenvolver o cenário esportivo brasileiro.

3 A EMERGÊNCIA HISTÓRICA DO ESPORTE ACADÊMICO NO BRASIL

Neste capítulo, abordaremos como ocorreu a emergência histórica do esporte no interior das instituições de ensino superior no Brasil. O objetivo é apresentar dados empíricos que forneçam informações fundamentais para compreendermos esta trajetória. O intuito é observarmos como se desenvolveram os primeiros certames acadêmicos, a sistematização dos jogos em circuitos estudantis, a criação dos primeiros campeonatos e a relação entre o esporte acadêmico e o universo esportivo como um todo. Além disso, o associativismo estudantil será tomado como o ponto central das análises. Dessa forma, a criação das associações esportivas, dos grêmios e centros acadêmicos serão fundamentais para analisarmos o papel do associativismo no desenvolvimento do esporte acadêmico no país.

3.1 O Pontapé Inicial: A Importância do Futebol

O futebol não foi o primeiro esporte a chegar ao Brasil. Antes dele, modalidades como o turfe e o remo já cumpriam o papel de entreter parte da população nas grandes cidades do país a partir de meados do século XIX (MELO, 2000). Porém, ao tratarmos sobre a história do esporte acadêmico no país, o futebol cumpriu um papel fundamental no desenvolvimento do esporte nas escolas superiores, visto que o primeiro registro histórico disponível trata precisamente, de uma partida de futebol que ocorreu entre duas instituições de ensino superior no ano de 1905. Esta data, portanto, foi estabelecida nesta Tese como o início do esporte acadêmico brasileiro[25]. Além disso, durante a primeira década do século XX, não foi encontrada nenhuma menção a outra modalidade esportiva nos meios acadêmicos que não fosse o esporte bretão, afirmando a importância de discutirmos a história do futebol para compreendermos a partir disso, qual foi a relação entre este fenômeno esportivo e a emergência histórica do esporte acadêmico no Brasil.

O futebol é um fenômeno cultural amplamente estudando por parte das ciências humanas e sociais no nosso país. Antropólogos, historiadores, sociólogos e áreas interdisciplinares se apropriaram deste esporte como uma chave interpretativa

[25] É importante ressaltar que não afirmo a inexistência da participação de acadêmicos em modalidades esportivas anteriores ao século XX. O que estamos definindo conceitualmente é que não foram encontradas evidências empíricas que comprovem a sistematização de equipes propriamente acadêmicas que precedem o ano de 1905.

para observar fenômenos mais amplos da sociedade. A partir do século XX, o futebol teve implicações políticas e sociais na constituição da cultura dos brasileiros e foi um dos principais fenômenos que serviram como símbolo de pertencimento nacional e regional no imaginário de milhões de pessoas (FRANCO JÚNIOR, 2007; BRINATI, 2016; PEREIRA, 1998). A história do futebol no Brasil se inicia na transição entre o século XIX e o século XX, não há um consenso na historiografia brasileira de quando exatamente ele teria chegado ao país. O que se sabe, certamente, é que o Brasil não foi o primeiro a conhecer o futebol na América do Sul:

> O futebol estava amadurecido nos países do sul quando o brasileiro começou. Uma das razões da antecedência deles foi a forte presença de famílias britânicas naquela região, escocesas em grande parte. Por ocasião do recenseamento nacional de 1895, viviam 21.790 britânicos na Argentina, a maioria concentrada na capital. Das empresas então existentes, 84% pertenciam a estrangeiros e cerca de 2/3 dos investimentos que entravam no país eram de origem inglesa. Com o capital chegaram os empresários, os técnicos, os administradores, com suas famílias. Eles fundaram escolas, templos, jornais, clubes sociais e esportivos (GAMBETA, 2013, p. 24)

Giulianotti (2010) concorda que as relações comerciais teriam sido o principal fator que proporcionou a colonização do futebol na América do Sul. Embora a primeira experiência do jogo com a bola no Brasil tenha ocorrido em 1864 a partir da iniciativa de marinheiros ingleses, o autor aponta que o paulistano Charles Miller, recém egresso das escolas da Grã-Bretanha, teria sido o principal responsável pelo fomento do jogo no país. No início do século XX, o futebol ainda estava se consolidando em alguns estados da União. No caso de Minas Gerais, existe um consenso na historiografia de que o esporte bretão chegou à capital mineira por volta de 1904. O protagonista deste desenvolvimento esportivo teria sido Vitor Serpa, “um jovem carioca que regressara da Suíça após uma temporada de estudos e que passara a residir em Belo Horizonte para cursar Direito, como principal introdutor do futebol na cidade” (DIAS *et. al*, 2014, p. 78).

Assim como ocorreu em Belo Horizonte e São Paulo, Pereira (1998) aponta que o responsável pelo desenvolvimento do Futebol no Rio de Janeiro foi o jovem Oscar Cox, que também havia regressado dos seus estudos na Suíça, no final do século XIX, e foi, segundo o autor, o principal responsável pela consolidação do Futebol na capital do país, no início do século XX. Esta interpretação utilizada para o surgimento do Futebol no Brasil é conhecida na historiografia do esporte nacional como “Os mitos fundadores”, ou seja, jovens da aristocracia nacional que teriam regressado da Europa após concluir seus estudos e trazido consigo o futebol como

um símbolo de pertencimento de classe e de identidade étnica, retórica que é conveniente para o imaginário da elite nacional[26]. Todas estas versões têm em comum o fato de que estes jovens pertenciam à classe estudantil das respectivas capitais. Todavia, a historiografia não aponta como ocorreu o desenvolvimento dos esportes dentro das instituições de ensino superior, onde estudantes entusiastas do esporte, assim como os "mitos fundadores", estavam inseridos. O marco inicial desta pesquisa foi estabelecido no ano de 1905, mesmo período em que a prática do futebol estava se sistematizando nas principais capitais da região Sudeste do país. Portanto, levando em conta esta coincidência histórica, o desenvolvimento do esporte acadêmico é um desdobramento do que ocorreu a partir da iniciativa destes jovens? Levando em conta a capacidade de intercâmbio entre as instituições de ensino superior, qual teria sido o seu papel no desenvolvimento do esporte em âmbito nacional?

A primeira ocorrência encontrada no Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sobre o esporte acadêmico diz respeito a um *match* que seria realizado em comemoração ao Congresso Latino-Americano que ocorria na capital do país. Dessa forma, uma comissão formada por estudantes da Escola Politécnica, entusiastas do esporte bretão, se dirigiu à Escola de Medicina no intuito de convidar seus alunos para a realização de um *match* no dia 13 de agosto de 1905. A comissão da Escola de Medicina, por sua vez, foi à Escola Politécnica informar aos colegas estudantes que apresentariam seu *team* de futebol no *ground* do Fluminense, para que fosse efetuada a festa em honra aos "ilustres visitantes"[27]. Segundo o cronista, o dia bastante sombrio e ameaçador fez com que o público não fosse numeroso. "Mesmo assim, viam-se nas vastas arquibancadas de importante sociedade, algumas famílias e *sportmen*, na sua maioria jogadores de diversas sociedades, interessados pelo desenlace do encontro dos acadêmicos"[28]. O time da Escola de Medicina havia sido recém-criado e, mesmo assim, levou a vitória por três gols contra zero do adversário. As repercussões do certame chegaram ao Estado de São Paulo, onde o *Correio Paulistano* se encarregou de apresentar suas percepções sobre o jogo:

---

[26] Roberto Kanitz (2017) em sua Tese de Doutorado faz várias críticas aos historiadores que defendem a versão dos mitos fundadores do futebol, o autor acredita que este é um discurso interessado que coloca a aristocracia nacional como protagonista do desenvolvimento histórico de um símbolo nacional, que é o futebol.

[27] FOOT-Ball. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1905, pg. 4.

[28] FOOT Ball. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1905, pg.4.

> O jogo não foi dos mais interessantes pouco experientes, pouco treinados os jogadores, desconhecendo-se os membros do mesmo partido, e jogando <à valentona> durante a maior parte do tempo, não admira que o jogo não fosse atraente. Lento ataque, pouco expedida a resposta, a todo momento transparecia a hesitação de parte a parte. Assim de pouco serviu que ambos os times figurassem um outro foot-baller já conhecido; Essas circunstâncias só serviu para ainda mais por em realce a imperícia dos neófitos[29].

É interessante notar a forma como este periódico paulistano se referiu ao encontro entre os acadêmicos cariocas. Notadamente, percebe-se que não há por parte do *Correio Paulistano* nenhuma intenção de elevar o *match* entre os acadêmicos como um acontecimento importante para o universo esportivo naquele contexto, diferente do que ocorreria na imprensa da capital do país, onde a iniciativa dos estudantes foi comemorada como um avanço no cenário esportivo da República. Além disso, esta narração paulista é fundamental para elaborarmos uma representação acerca da prática do futebol naquele contexto, em que o esporte bretão ainda não era amplamente difundido pelos quatro cantos do país, mostrando que, de fato, esta pode ter sido a primeira partida de futebol entre times exclusivamente acadêmicos no Brasil.

A relação entre os estudantes e o poder público é fundamental para compreendermos como ocorreu o processo de desenvolvimento do esporte nas escolas de ensino superior do país. Além disso, aparentemente, no início da sistematização destas disputas, os certames eram vistos como acontecimentos que tinham um fim além da prática esportiva, ou seja, como um ato voluntarista dos acadêmicos em prol de uma determinada causa, como é o caso das relações diplomáticas:

> Será levado a efeito domingo, 14, o grande match de foot-ball em benefício às vítimas dos terremotos do Chile a ser jogado por um team da Escola Naval e um do Foot-ball A. Club. O kick-off será dado às 4 horas da tarde. As entradas para esse grande torneio sportivo acham-se à venda nas casas: Colombo, Confeitarias Paschoal e Casteliões. As altas autoridades serão recebidas a entrada do ground pela comissão acadêmica promotora dos festejos ao Chile. Abrilhantará a festa a banda do corpo de infantaria da marinha. O Sr. Presidente da República será recebido no field do Fluminense F. Club pelo presidente do Foot-ball A. Club, guarda-marinha Octavio Guedes, captain. Ao team da E. Naval, Luiz Maia Captain do team do Foot-ball A. Club e comissão promotora dos festejos[30].

[29] SPORT. Correio Paulistano, São Paulo, 15 de agosto de 1905. Pg. 4
[30] ESCOLA Naval. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1906, pg. 3

Acadêmicos da Escola Naval promoveram, junto aos sócios do Foot-Ball Athletic Club, este jogo que teria como objetivo principal arrecadar verbas para as vítimas do terremoto que ocorreu em Valparaiso, no Chile. Este jogo aconteceu devido à iniciativa de uma comissão acadêmica que foi formada com o intuito de organizar o certame. Além do mais, foi o primeiro jogo oficial do time da Escola Naval, que nas décadas subsequentes teria um papel importante no desenvolvimento dos esportes nas instituições de ensino superior:

> Para esse torneio sportivo serão convidados o presidente da República, ministro do Chile e altas autoridades civis e militares. O nosso público, que é amigo do Chile, não abandonará, estamos certos, a iniciativa da comissão acadêmica. Além desse fato, que por sí só levará ao ground Guanabara, no dia 7 de outubro, uma grande concorrência, acresce que pela primeira vez a Escola Naval se apresentará em campo em um match oficial[31].

Alguns elementos são fundamentais para analisarmos esta conjuntura que se desenrolava no cenário esportivo. Assim como no primeiro certame ocorrido em 1905, os responsáveis pela organização deste *match* em 1906 foram acadêmicos que, a partir de um movimento associativo informal, se organizaram em uma comissão que teria como objetivo arrecadar verbas para as vítimas de uma catástrofe que havia ocorrido no Chile, no mês de agosto, que deixou na ocasião mais de três mil mortos e vinte mil feridos[32]. Além disso, o caráter associativo também se relacionava com uma espécie de filantropia aristocrática, dessa forma, no início da sistematização do esporte acadêmico no Brasil, a maior parte dos certames era dedicada a alguma causa que pode ser considerada beneficente, assim como será apresentado ao longo do capítulo. Outro fator importante é analisarmos como a imprensa carioca se dedicou ao fomento dos jogos acadêmicos, visto que notícias acompanhando a preparação para os *matchs* eram frequentes:

> Segundo informações que colhemos, o team da Escola tem-se entregado a rigoroso training, o que bem vai demonstrar em campo, onde levará uma equipe bem organizada e composta de bons foot-ballers, entre os quais figuram Cramer, Aché, Barrosso, Magno, Viveiros de Castro, Guedes e outros de competência reconhecida. O team da Athletic é regular, não sendo composto de seus melhores jogadores, pois no team que damos abaixo não figuram Gay, Allen, Paranhos e Alvarenga.

---

[31] SPORT. O Seculo, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1906, pg. 3.

[32] Números obtidos no Centro Sismológico Nacional da Universidade de Chile, Disponível em: <https://www.csn.uchile.cl/efemerides-sismicas-terremoto-de-valparaiso-1906/> Acesso em: 05/11/2020.

Existia naquele contexto uma espécie de universo esportivo, onde o esporte acadêmico iniciara seus primeiros passos. Nota-se que, no princípio do esporte acadêmico no Brasil, não havia ainda um circuito de disputas exclusivamente estudantis, de modo que os times acadêmicos disputavam certames com as equipes formadas em clubes esportivos. Além disso, alguns acadêmicos compunham as fileiras destes clubes, como é o caso dos que foram citados pelo cronista (Cramer, Aché, Barrosso, Magno, Viveiros de Castro e Guedes). O certame se iniciou às 16h15min no dia 14 de outubro de 1906. De acordo com o *Jornal do Brasil* "a bola concentrou-se quase todo o tempo no campo da Escola Naval, havendo contra esta dois *corners,* eternizando bravamente, o *match* com a vitória do referido *team* por 2 *goals* a um"[33]. A presença do então Presidente da República Rodrigues Alves, nos mostra a importância que foi dada ao evento organizado pelos estudantes cariocas. Ademais, o jogo foi noticiado na imprensa com os mínimos detalhes. Os cronistas faziam questão de ressaltar a presença da elite da capital na realização das pelejas estudantis: "A concorrida às elegantes arquibancadas de conhecida e pujante sociedade foi numerosa, notando-se a presença de distintivas famílias e cavalheiros da nossa melhor sociedade[34]". Outro fator importante a ser analisado é a cobrança de ingressos para assistir aos jogos, que foram revertidos em doações para as vítimas do terremoto no Chile.

Durante a primeira década do desenvolvimento do esporte acadêmico no Brasil, os *matchs* não possuíam nenhum processo de sistematização, portanto, aconteciam irregularmente e sem que houvesse algum tipo de instituição que reunisse estes embates estudantis. As comissões acadêmicas que eram formadas com o intuito de organizar os jogos, provavelmente, se dissolviam após a concretização dos certames, visto que não há indícios de que uma mesma comissão tenha organizado mais de um encontro consecutivo. Naquele contexto, as disputas acadêmicas eram vistas como uma espécie de espetáculo. Estes eventos eram paulatinamente organizados em torno de festividades ou ações filantrópicas. Os certames que ocorriam fora deste paradigma eram noticiados sem muitos detalhes nas páginas dos jornais, como é o caso do jogo da A. A. dos Palmeiras contra o

[33] PRO-CHILE. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1906, pg. 5
[34] PRO-CHILE. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1906, pg. 5

team da Escola Politécnica que ocorreu no ano de 1907[35], assim como, o *match-training* realizado entre o White Team da Faculdade de Direito e o primeiro *team* do Anglo-brasileiro em 1908[36].

É interessante ressaltar o caráter festivo que era atribuído aos jogos, principalmente pelo fato de que algumas notícias de embates acadêmicos eram encontradas na seção reservada às festas e bailes, nas páginas dos periódicos. Podemos citar, por exemplo, o jogo que ocorreu em 1909, entre o *team* da Escola de Medicina contra o selecionado da Escola de Direito no *ground* do Botafogo F.C. De acordo com o cronista, "grande número de estudantes e famílias compareceram à festa, que ocorreu animadamente até às 5 horas da tarde[37]". A partir desta perspectiva, a importância dos *matchs* parecia acompanhar a relevância do evento em que este certame estava inserido. Em outras palavras, o esporte acadêmico ainda não detinha autonomia suficiente para movimentar a esfera cultural e esportiva da capital da República, se configurando como parte integrante de festejos e ações mais amplas:

> No "gound" do Fluminense F. C. realizou-se ontem uma grande festa cujo produto era destinado a construção do novo "Riachuelo". A patriótica Ideia que dia a dia maior desenvolvimento vai tendo, devido a adesão de elementos de todas as classes sociais, não ficou desamparada pelos estudantes, os quais, por todos os modelos procuram prestar o seu valioso auxílio[38].

Os acadêmicos, com o intuito de contribuir para a construção de um novo submarino para a Marinha, tomaram parte deste evento que buscava angariar apoio e recursos para a tarefa. Na ocasião, foram realizados dois jogos: o primeiro entre os times da Escola Naval e Politécnica, que terminou empatado com dois gols para cara lado, e o segundo entre os times da Escola de Direito e da Faculdade de Medicina, onde os futuros médicos saíram vitoriosos por dois gols contra zero do adversário. De acordo com a organização do evento, o embate acadêmico teria sido o ponto principal da festa organizada em apoio às Forças Armadas. Além da presença do Ministro da Marinha, Alexandrino Faria de Alencar, e de vários oficiais de alto escalão, este ato considerado patriótico contou com o apoio de uma "ampla assistência":

---

[35] SPORT. Correio Paulistano, São Paulo, 23 de novembro de 1907, p. 5.
[36] OS SPORTS. Commercio de São Paulo, São Paulo, 4 de agosto de 1908, pg. 3
[37] VIDA Social. O Paiz, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1909, pg. 2.
[38] FOOT-BALL. Jornal do Brasil, 15 de junho de 1910, p. 7.

> A assistência foi bastante numerosa, achando-se as arquibancadas cheias de elegantes senhoras e senhoritas, que também querem contribuir com a sua parte para o grande empreendimento. Os “foot-ballers” foram por diversas vezes aplaudidos pela assistência, que com visível interesse acompanhava o desenrolar da luta[39].

A assistência feminina aos embates acadêmicos foi paulatinamente destacada pelos jornais da época. Nota-se que o papel atribuído às “senhoras e senhoritas” era de compor as torcidas nas arquibancadas. Em algumas ocasiões, os cronistas se referiam às mulheres nos estádios como parte fundamental do espetáculo. Isto se trata de um processo que teve início nos anos finais do século XIX. Ao analisar a composição das arquibancadas nos velódromos paulistas na virada do século, Gambeta (2013, p. 84) afirma que “as mulheres compareciam em quantidades expressivas, sempre em grupos familiares, nunca sozinhas. A imprensa se referia usualmente à elegância, à beleza e ao charme feminino, como se elas cumprissem uma função decorativa nas arquibancadas”. Na primeira década do esporte acadêmico no Brasil não há nenhuma menção à realização de jogos em que figurassem mulheres nas equipes. Além disso, a retórica dos cronistas indicava que o destaque ao público feminino representava uma nova configuração social:

> A presença de mulheres nas arquibancadas deve ser examinada com maior cuidado. Isso tinha um significado profundo, não era o simples adorno sugerido pelos jornais da época. A repetida ênfase com que os jornalistas davam essas referências indica que o comparecimento feminino em lugares públicos era relativamente recente e atraia os leitores. Nas gerações anteriores, pelo menos até meados do século XIX, as paulistanas levavam uma vida bastante doméstica e tinham nas igrejas uma das poucas opções de sociabilidade externa, principalmente as mais ricas (GAMBETA, 2013, p. 84)

Outro ponto importante é o recorte de classe estabelecido no discurso dos periódicos, sendo que a distinção social era paulatinamente afirmada por eles. O uso de termos como “elegante”, “melhor sociedade”, “elite”, etc. era comum e demonstrava que, ao menos nos primeiros anos do esporte acadêmico no Brasil, o *match* de futebol era o que podemos chamar de um “espetáculo aristocrático”. Isto não se dá somente pela composição das equipes, que eram formadas por estudantes abastados. Desde os primeiros encontros entre os acadêmicos, o público presente também fazia parte da elite. Assim como podemos notar em uma das primeiras menções ao esporte acadêmico no Brasil, “a concorrida às elegantes

[39] FOOT-BALL. Jornal do Brasil, 15 de junho de 1910, p. 7.

arquibancadas de conhecida e pujante sociedade foi numerosa, notando-se a presença de distintivas famílias e cavalheiros da nossa melhor sociedade[40]".

Outros *matchs* aconteceram no ano de 1910, porém, assim como os certames que ocorriam fora deste modelo comemorativo, não foram apresentados muitos detalhes sobre os jogos[41]. Os primeiros embates realizados entre acadêmicos ao longo da primeira década do século XX tinham características em comum. Em primeiro lugar, eram organizados pelos estudantes em torno de movimentos associativos informais; em segundo lugar, tinham um propósito para além da prática esportiva. Grande parte dos certames era arranjada a partir de festejos ou em benefício a alguma iniciativa que, na perspectiva dos acadêmicos, poderia ser considerada como um bem comum, uma ação em prol do país, que despertava nos indivíduos o sentimento republicano. Talvez, estes eventos fossem somente pretextos para que os estudantes se enfrentassem nas arenas esportivas, porém, não há como analisar o surgimento do esporte acadêmico no Brasil, sem levar em conta a importância da participação dos estudantes na constituição destas festividades. Este modelo de *matchs*, ou seja, jogos espaçados sem a sistematização de um campeonato propriamente acadêmico, se mantem até o início da década de 1910, quando se constitui no Rio de Janeiro o primeiro torneio acadêmico do Brasil, no ano de 1912. A partir daí o associativismo estudantil seria responsável pela institucionalização do esporte acadêmico brasileiro, e, como veremos a seguir, este processo de burocratização[42] foi fundamental na ampliação e na sistematização da prática esportiva no interior das faculdades autônomas do país, que décadas mais tarde, serviria de base para o desenvolvimento do esporte universitário brasileiro a partir do ano de 1930 (PESSOA; DIAS, 2019).

3.2 Associativismo e Burocratização: A Institucionalização do Esporte Acadêmico

Durante a primeira década do esporte acadêmico no Brasil, pudemos perceber que os estudantes se organizavam a partir de um movimento associativo informal, que se configurava em comissões acadêmicas de caráter efêmero. Este

[40] PRO-CHILE. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1906, pg. 5

[41] Como é o caso do primeiro jogo oficial da Escola de Bellas-Artes do Rio de Janeiro, que jogou contra o Collegio Abilio de Nitheroy. Ver: FOOT-BALL. O Paiz. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1910, pg. 7.

[42] Nos termos discutidos por Vamplew (2013a), para mais detalhes consultar capítulo de Referencial Teórico, página 16.

protótipo de associativismo cumpriu um papel fundamental na emergência histórica do fenômeno esportivo nas instituições de ensino superior. Os estudantes foram os protagonistas deste movimento, porém, contaram com o apoio dos *sportman* da capital da República, dos dirigentes de clubes esportivos, das associações de cronistas dos jornais e com o prestígio de agentes do poder público. Isto nos revela que existia um universo esportivo composto por diversos agentes, que naquele contexto auxiliou os acadêmicos no fomento à prática esportiva e na concretização dos certames. Algo que nos chama à atenção é a ausência do Estado enquanto parte desta equação. Não existem evidências que sustentem qualquer tipo de interferência do poder público na constituição do esporte acadêmico nestes primeiros dez anos, no país, cenário oposto ao que ocorreu a partir da década de 1930 no Brasil, onde o esporte acadêmico foi amplamente controlado por parte do governo (PESSOA; DIAS, 2020). Isto nos mostra que o papel dos indivíduos através de movimentos associativos pode ser a chave mestra para compreendermos parte da história esportiva do país, que tradicionalmente tem sido estudada a partir do prisma do Estado, no que diz respeito à política, especificamente (MANHÃES, 1986; LINHALES, 1996; MALAIA, 2014).

O processo de burocratização foi fundamental para que ocorresse uma mudança de paradigma na história do esporte acadêmico brasileiro. A iniciativa de determinados atores desencadeou movimentos associativos, que foram responsáveis pela sistematização dos "*matchs*", que em um primeiro momento eram espaçados e desorganizados, em torneios propriamente acadêmicos. Este processo de institucionalização fez com que o desporto estudantil ganhasse circuitos exclusivos, onde só tomariam parte atletas que ocupassem os bancos das faculdades autônomas do país. Um dos protagonistas deste movimento associativo foi o acadêmico Carlos Villaça, aluno da Escola de Guerra do Rio de Janeiro, que em março de 1912 compareceu à reunião da *Liga Metropolitana de Sports Athleticos*, instituição responsável por um dos principais circuitos esportivos do país naquele contexto[43]. Na ocasião, o estudante solicitou aos representantes de diversos clubes da capital, que dessem o aval à Liga Metropolitana, para que seus membros pudessem participar de um novo empreendimento esportivo, o Torneio Acadêmico de Futebol, que seria organizado pela *Liga Academica de Foot-Ball*, a

[43] Para mais informações sobre a Liga Metropolitana ver: Pereira (1998).

ser, então, criada pelos estudantes das escolas superiores do Rio de Janeiro[44]. De acordo com o cronista da *Gazeta de Notícias*:

> A maioria dos representantes da Liga deu parecer contrário, impedindo assim a fundação da nova liga, que tanto sucesso iria causar. O Sr. Villaça, aguarda ofício da referida liga, para uma bem detalhada carta mostrar a classe acadêmica e ao público as contradições dos artigos dos estatutos da Liga Metropolitana de Sports Athleticos[45].

Apesar da falta de apoio da principal entidade esportiva da capital da República, alguns dias depois da visita do acadêmico Carlos Villaça à reunião da Liga Metropolitana, o jornal *Gazeta de Notícias* publicou uma nota divulgando uma assembleia que ocorreria no dia 6 de abril de 1912, no salão da Associação de Imprensa. Esta reunião seria dedicada à fundação da *Liga Academica de Foot-ball*:

> Deverão comparecer delegados das Escolas de Direito, Medicina, Engenharia, Naval, Guerra e outras escolas superiores que queiram tomar parte no Campeonato Escolar. Os delegados das escolas estarão em número de dois. A comissão fundadora pede que sejam nomeados com urgência, seus representantes, a fim de tomarem parte nessa sessão, que constará, além de outros assuntos, da fundação definitiva da Liga e da eleição de sua diretoria. Presidirá a primeira reunião o Sr. Carlos Villaça, como iniciador da Liga[46].

Um ponto importante que devemos destacar é o apoio dado aos acadêmicos por parte da mídia impressa. Além do posicionamento favorável à criação de uma Liga Acadêmica, a reunião para a fundação da entidade estudantil ocorreu precisamente na sede da Associação de Imprensa. Não foram encontrados indícios que explicitem os motivos pelos quais a Liga Metropolitana teria se negado a dar seu consentimento à criação de uma nova liga estritamente acadêmica. Todavia, assim como veremos ao longo da década de 1910, apesar do caráter amador dos jogos, a cobrança de ingressos era um fator comum aos certames. Talvez um possível conflito de interesse possa ter surgido a partir daí, mesmo sem dados empíricos para sustentar este argumento.

Ao fazer um exercício de "imaginação controlada"[47], podemos sugerir que, naquele contexto, havia uma espécie de receio por parte dos representantes da Metropolitana, de que os certames acadêmicos produzissem uma concorrência pela assistência aos embates esportivos. Algo, portanto, que poderia impactar a receita

---

[44] FOOT-BALL. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 de março de 1912, pg.4
[45] FOOT-BALL. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28 de março de 1912, pg.4
[46] LIGA Academica de Foot-Ball. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 5 de abril de 1912, pg.5.
[47] Termo utilizado por Chaloub (1990).

dos clubes e em consequência o poder da Liga Metropolitana. Um segundo ponto importante que precisamos ressaltar é o fato de que, mesmo com a desaprovação da instituição, que em tese representaria os interesses dos *sportman* da capital do país, os estudantes se reuniram e fundaram a Liga Acadêmica, assim como organizaram o primeiro torneio acadêmico de futebol do Brasil. Ademais, os acadêmicos que compunham as fileiras dos clubes esportivos não se furtariam em defender as cores dos seus centros e grêmios estudantis.

O primeiro torneio acadêmico de futebol no Brasil teve seu início bastante conturbado. O *match* que deu o pontapé inicial ao campeonato precedeu a reunião que organizaria a tabela dos jogos. Além disso, o jogo foi realizado entre a Escola de Direito e a Escola de Guerra, que teria como um dos jogadores o idealizador da Liga, o Sr. Carlos Villaça.

Nota-se que o certame movimentou o universo esportivo carioca, sendo que o *Jornal do Brasil* se prontificou em noticiar que aconteceriam "dois importantes matchs" no mesmo dia, um interestadual entre as equipes do "Fluminense e do Paulistano, de S. Paulo e o outro em benefício da estátua do Barão do Rio Branco, entre os *teams* da Escola de Guerra e da Escola de Direito. Será o encontro inicial do Torneio Acadêmico"[48]. Algo que precisamos destacar é o peso que o cronista dá aos dois certames. Nesta perspectiva, o encontro entre os acadêmicos seria, em tese, tão importante quanto uma partida interestadual entre times de São Paulo e Rio de Janeiro, organizado pela Liga Metropolitana. Além disso, a decisão dos estudantes de dar início ao campeonato no mesmo dia em que ocorreria este *match* interestadual, pode ter sido uma resposta à Liga Metropolitana. Talvez isto explicaria o início precoce do Torneio Acadêmico, mesmo antes da eleição de uma diretoria que organizaria o campeonato. Outro aspecto importante é que o primeiro jogo do torneio foi em benefício à estátua do Barão do Rio Branco, que havia falecido no início de 1912. Neste sentido, mesmo após a sistematização dos jogos acadêmicos, a herança de "matchs comemorativos" ainda existia, algo que foi comum na primeira década do esporte acadêmico no país. Ao descrever detalhadamente o certame que deu início ao Torneio Acadêmico de Futebol, o *Jornal do Brasil* destacou que:

[48] O MOVIMENTO Sportivo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1912, pg. 13.

> Com grande brilhantismo realizou-se o "match" inicial do Torneio Acadêmico de Football", no domingo último, em que se encontram as equipes dos estabelecimentos de ensino acima mencionados. O bello "ground" do America F.B. Club foi o campo da luta, cujas elegantes arquibancadas se encontravam repletas, bem como a circunvizinhança do "ground", o que causava um belo efeito. Os "teams" entraram em campo rigorosamente uniformizados, o que impressionou os espectadores. Ambas as equipes" mostraram valor e desenvolveram um jogo bem regular, provando em dados momentos verdadeiros ovações dos muitos acadêmicos que rodeavam o campo[49].

A ênfase dada ao "*match*" inicial nos diz muito a respeito do envolvimento dos jornais com a empreitada acadêmica. O "brilhantismo" destacado não se deu somente pelo espetáculo esportivo em si, mas também pela festa com toques aristocráticos. No imaginário da elite, os acadêmicos representavam o que havia de mais próximo de uma ideia de civilidade moderna, que se instalava no seio da sociedade brasileira no início do século XX. Neste contexto, "os esportes se integram e se articulam a edificação de um ideário de progresso urbanístico e modernização dos costumes" (DIAS, 2012, p. 6). Em sua maioria, as crônicas davam um toque de galhardia aos certames acadêmicos, as "elegantes arquibancadas se encontravam repletas", mostrando que, na perspectiva da elite, o caráter de distinção social importava tanto quanto o quantitativo presente nos campos. Nota-se que até o fato de os acadêmicos estarem "rigorosamente uniformizados" chamou a atenção do cronista. A noção de modelo para a juventude foi várias vezes utilizada para se referir aos estudantes das escolas superiores durante a primeira metade do século XX (PESSOA, 2022).

O jogo que foi bastante disputado, segundo registros detalhadamente apresentados, se encerrou com a vitória da Escola de Guerra, por três gols contra somente um do adversário. De acordo com o cronista "notamos que as duas equipes se ressentiam da falta de *training*: porém em se tratando de *teams*, onde figuram elementos de diversos clubes, torne-se razoável esquecer esse ponto fraco[50]". Além da importância de compreendermos como os times acadêmicos eram compostos, fica evidente que os estudantes não se importaram com a imposição da Liga Metropolitana, já que estas equipes eram formadas por atletas de vários clubes.

[49] ESCOLA de Guerra Versus Faculdade de Direito. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1912, pg. 13.
[50] ESCOLA de Guerra Versus Faculdade de Direito. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1912, pg. 13.

Outra observação que podemos fazer, é sobre o caráter cavalheiresco que era atribuído aos certames acadêmicos:

> No fim do jogo o contentamento foi geral: vencedor e vencido foram entusiasticamente aclamados pelas assistentes. Ao terminar o "match". O Sr. Belfort, que serviu de "referee", levantou um viva a classe acadêmica, sendo esta saudação respondida por um "hurrah" e estridente salva de palmas [...] Terminado o “match" receberam felicitações as duas equipes, assim como os promotores deste torneio que grande entusiasmo vem despertando[51].

Esta retórica de que as disputas acadêmicas eram por excelência um espaço de cavalheirismo se estabelece já nas primeiras ocorrências sobre o esporte acadêmico no país e se mantem ao longo de toda a década de 1910. Naquele contexto, não eram somente os termos esportivos que foram emprestados da língua inglesa, mas todo um *ethos* que se estabelecia a partir da cultura bretã. Dessa forma, o status de distinção de classe de que os acadêmicos desfrutavam, servia como o cenário perfeito para que a elite da capital do país emulasse uma espécie de festa aristocrática nos moldes ingleses durante as disputas entre as escolas superiores. A influência dos estudantes era tão grande durante aquele período, que no dia posterior ao embate entre as escolas superiores foi relatada no jornal “uma conversa em que se afirmava que o Sr. Presidente da República irá oferecer uma *challenge* para o *team* deste torneio[52]”. O envolvimento direto do Presidente Hermes da Fonseca nos mostra que, de fato, o Torneio Acadêmico estava movimentando o universo esportivo e cultural no centro da República.

Após o primeiro jogo do torneio, os estudantes decidiram adiar os próximos encontros com o intuito de realizar uma reunião entre os representantes de cada escola, para que fosse eleita uma diretoria que organizasse efetivamente o campeonato, assim como a tabela dos *matchs*. Dessa forma, foram “convidados todos os *footballers* alunos de escolas superiores a comparecer a essa reunião”[53]. A plenária foi presidida pelo acadêmico Raul de Vasconcellos, que teve como secretário Carlos Villaça, ambos da Escola de Guerra. Estiveram presentes Rolando de Lamare, Lauro Sodré Filho pela Faculdade de Medicina, Othon Baena e Luiz

[51] ESCOLA de Guerra Versus Faculdade de Direito. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1912, pg. 13.
[52] TORNEIO Academico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1912, pg. 10.
[53] TORNEIO Academico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1912, pg. 17.

Mendonça, pela Faculdade de Direito, Eugênio Posolo e Castello Branco, pela Escola Naval, Arrigo Rossi e Hugo Motta, pela Escola Politécnica.

> Aberta a sessão, o Sr. Raul de Vasconcellos fez um ligeiro histórico da fundação do Torneio Acadêmico, salientando o papel evidente do Sr. Carlos Villaça no início do mesmo, como valente propagador da ideia, falou sobre os preliminares do Torneio antes da sessão de ontem e relatou aos presentes o jogo havido entre as Escolas de Direito e de Guerra [...] Feita a eleição, foram eleitos e empossados Os Srs. Lauro Sodré, Presidente, representado pelo Sr. de Lamare; Secretário, o Sr. Eugenio Possolo e Tesoureiro, o Sr. Carlos Villaça. Sr. Raul de Vasconcellos cedeu então o lugar da presidência ao Sr. de Lamare, que deu por inaugurado o Torneio Acadêmico com a sua nova Diretoria eleita pelos legítimos representantes das Escolas Superiores do Rio de Janeiro[54].

Dentre as deliberações que foram estabelecidas durante a reunião, ficou decidido que os jogos seriam em caráter de “benefício”, ou seja, a renda dos certames advinda dos ingressos seria direcionada para alguma entidade ou causa que representasse para os acadêmicos o bem comum, perpetuando uma postura que se estabeleceu desde os primeiros encontros entre os estudantes na década anterior[55]. Com a eleição da diretoria do Torneio se estabelece, formalmente, o que podemos chamar de primeira associação esportiva acadêmica do Brasil, que ficou conhecida como “Liga Academica de Foot-ball”. Este movimento associativo foi fundamental no desenvolvimento do esporte, nas faculdades do país. A burocratização fez com que os *matchs* acadêmicos entrassem em uma agenda de disputas, algo que fomentou a criação de novos times e a sustentabilidade das associações esportivas no interior dos centros e grêmios acadêmicos.

O primeiro[56] *match* do Torneio Acadêmico aconteceu no campo do Fluminense, no dia 05 de julho de 1912, às quatro horas da tarde. Se enfrentaram as equipes da Escola de Guerra e de Direito, uma espécie de reprise do que ocorreu nas preliminares do Torneio. O segundo encontro estava marcado para o dia 11 de julho entre as Escolas de Medicina e Politécnica[57]. Porém, curiosamente, ambos os *matchs* do Torneio não contaram com a cobertura da imprensa. Em nenhum dos casos houve divulgação dos resultados, o que seria diferente do que ocorreu nos

[54] TORNEIO Academico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1912, pg. 17.
[55] *Ibidem.*
[56] O jogo que ocorreu entre a Escola de Direito e a Escola de Guerra no dia 20 de junho de 1912 foi considerado como preliminar do Torneio Acadêmico, visto que ele ocorreu antes da constituição de sua diretoria.
[57] TORNEIO Academico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1912, pg. 17.

outros embates. O terceiro e quarto encontro movimentaram significativamente o cenário esportivo da capital:

> Para o dia 15 de agosto estão marcados dois sensacionais encontros, talvez os mais belos do Torneio, O primeiro efetuar-se-á às 2 horas entre a Faculdade de Medicina e Escola de Guerra, e o segundo Às 4 horas, entre a Escola Naval e a Faculdade de Direito. Para este "matches" serão convidados, segundo nos consta as altas autoridades do país e o Corpo Diplomático[58].

Provavelmente, o motivo para a maior cobertura da imprensa nos jogos do dia 15 de agosto se deu porque os estudantes decidiram que estes encontros seriam em benefício a uma causa, que a elite carioca julgava como fundamental para o desenvolvimento do país. De acordo com o relato do cronista, “os nossos jovens patriotas que estudam nas escolas superiores e organizaram o Torneio Acadêmico, acabam de resolver que os matches [...] no ground do Fluminense, sejam em benefício do Aero Club Brasileiro”. De acordo com Fay e Fontes (2017, p. 4):

> O Aeroclube do Brasil foi fundado em 14 de outubro de 1911 sob o nome *Aero Club Brasileiro* e é considerado o berço da aviação brasileira. Foi o primeiro a ser fundado no Brasil e o décimo sétimo no mundo. Sua história remonta ao início do século XX, quando as notícias vindas da Europa, especialmente da França, davam conta de que um brasileiro ganhara o prêmio *Deutsch-de-la-Meurthe*, ao contornar a Torre Eiffel com seu balão nº 6. Era Santos Dumont.

De acordo com as autoras, não havia nenhum apoio por parte do governo para a criação de um clube de aviação no Brasil. Portanto, foi necessário que a sociedade civil se mobilizasse no intuito de organizar em solo brasileiro, a primeira escola de aviação que preparou o caminho para que o país entrasse na era da navegação aérea. Um dos atores fundamentais para a história da aviação brasileira foi Irineu Marinho, fundador do jornal vespertino *A Noite*, periódico que veiculava em seu interior diversas notícias sobre o sucesso da aviação ao redor do globo, algo que fomentaria a vontade popular em apoiar a fundação de um clube de aviação no país. Sem os auspícios governamentais, o Aero Club Brasileiro foi criado por civis e mantido através de subscrições públicas. Um fato interessante é que Alberto Santos Dumont, além de sócio fundador, foi o primeiro presidente de honra da instituição (FAY; FONTES, 2017). Em um trecho do jornal *A Noite* em julho de 1912, o cronista aponta que, “a instituição do aeroplano no Brasil é urgente e necessária, e já que o governo não quer auxiliar o Aero-Club Brasileiro, auxilie o povo que pratica a ação

[58] TORNEIO Academico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1912, pg. 12.

meritória ditada pelo patriotismo[59]". Isto nos mostra que o associativismo civil, que é a principal chave interpretativa utilizada nesta pesquisa, também cumpriu um papel fundamental no desenvolvimento da aviação em território nacional, pois as subscrições populares foram fundamentais para que o *Aero Club* adquirisse suas primeiras aeronaves, e os acadêmicos fizeram parte deste processo.

O terceiro e o quarto *match* do Torneio Acadêmico aconteceram no mesmo dia. A notícia de que os acadêmicos fariam a tarde esportiva em benefício ao Aero Club Brasileiro se espalhou na esfera cultural carioca, e a imprensa fez o papel de criar um espetáculo em torno do evento. Dias antes do certame, a *Gazeta de Notícias* publicou que:

> Pela primeira vez no Brasil se consegue organizar um torneio em que disputassem "matches" as escolas superiores civis e militares, constituindo como que uma espécie de concurso de verificação, onde se cultivam mais os exercícios físicos. A ideia que teve magnífico acolhimento por parte do público carioca, da realização de "matches" em benefício das subscrições populares, faz com que o Torneio Acadêmico se torne por demais simpático ao mundo sportivo. O Fluminense Foot-Ball Club, que delicadamente cedeu o campo aos acadêmicos, mostrou com isso uma atenção digna de elogios[60].

A afirmação de que seria a primeira vez no Brasil em que se organizava um Torneio Acadêmico entre as escolas superiores é importante para analisarmos como ocorreu este processo gradual de burocratização da prática esportiva nestas instituições. *Matchs* entre escolas civis e militares já haviam ocorrido na primeira década do século XX, mas foi somente após a iniciativa de Carlos Villaça, oficial em formação da Escola de Guerra, que ocorreria a institucionalização destas disputas. É interessante notar o destaque que o cronista dá às subscrições populares, se referindo às doações ao Aero Club. Neste sentido, houve uma espécie de congruência associativa em prol do patrocínio a esta iniciativa, principalmente entre os entusiastas da aviação, os acadêmicos, a mídia impressa e os clubes esportivos, como foi o caso do Fluminense que cedeu o campo para que ocorresse a disputa entre os estudantes. Outro aspecto importante é o que o cronista chamou de "concurso de verificação", como se os *matchs* servissem para provar, se seriam os civis ou os militares que cultivavam com maior vigor os exercícios físicos no interior de suas instituições.

---

[59] ATÉ EM TORNO da aviação se faz politicagem! A NOITE, Rio de Janeiro, 26 jul. 1912, Anno II, n. 322, p. 1. *apud FAY; FONTES, 2017, pg. 5.*

[60] TORNEIO Academico. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1912, pg. 9.

No dia 11 de agosto de 1912, no campo do Fluminense Futebol-Club, realizou-se o terceiro e o quarto *match* do Torneio Acadêmico de Futebol. De acordo com os relatos no *Jornal do Brasil*, havia uma "boa concorrência" às arquibancadas. O primeiro jogo se deu entre a Escola Politécnica e a Escola de Guerra: "O *team* da escola Politécnica que inegavelmente era inferior, soube, contudo, resistir admiravelmente ao adversário, conseguindo empatar o primeiro *half-time* e não deixando o *eleven* do Realengo abrir seu *score*"[61]. Porém, na segunda metade do jogo a equipe da Escola de Guerra abriu o placar depois de um pênalti marcado a seu favor. A partir daí, o time dos futuros oficiais marcou mais quatro vezes, encerrando o jogo com cinco gols da Escola de Guerra contra zero da Politécnica. O segundo jogo que ocorreu entre a Escola Naval e a Escola de Direito foi, de acordo com o cronista, o mais interessante da tarde: "Quando o *team* Naval entrou em campo, formado e rigorosamente uniformizado, uma salva de palmas fez-se ouvir, acontecendo o mesmo aos guapos rapazes da Escola de Direito"[62]. O *Jornal do Brasil* fez uma descrição detalhada do jogo, diferente do que ocorreu durante a primeira partida:

> Eram decorridos vinte minutos quando a Escola Naval atacou energicamente com passes curtos de Mimi e Cox, pondo de tal forma em perigo o *goal* de Direito que um dos back's foi forçado a pegar na bola, ocasionando um *penalty* que originou o 1° ponto. [...] Continuou assim a peleja sempre cheia de lances belos, até quando faltava 1 minuto para terminar o jogo. Mimi marcava o 3ª e último *goal* para a Escola Naval, que assim logrou a vitória sobre a Escola de Direito por 3X0.

Se levarmos em conta o "concurso de verificação" da cultura física, trazido pela *Gazeta de Notícias* no prelúdio dos jogos, as escolas militares foram amplamente superiores às civis. Provavelmente, a lógica das escolas militares e o apelo aos exercícios físicos fizeram com que os futuros oficiais tivessem vantagem neste início das competições esportivas acadêmicas. Além disso, foi iniciativa de um aluno da Escola de Guerra a ideia da sistematização de um torneio exclusivamente acadêmico. Portanto, podemos supor que, naquele contexto, os estudantes das escolas oficiais eram mais engajados na prática esportiva em comparação com os seus colegas civis.

---

[61] TORNEIO Academico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1912, pg. 11.
[62] TORNEIO Academico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1912, pg. 11.

Os auspícios prestados pelos acadêmicos do Rio de Janeiro ao Aero Club Brasileiro foram vistos pela imprensa como um exemplo que precisava ser seguido pela classe estudiosa do país, “foi recebido no seio da briosa classe acadêmica o patriótico brado *Dai azas ao Brazil!*”[63], de acordo com a opinião publicada no jornal *O Paiz*, “é de esperar que os acadêmicos dos demais estados sigam o exemplo dos de aqui e, todos, reunidos num só gesto, patenteiem à Pátria o grande interesse que lhes despertam os problemas nacionais”[64]. Esta lógica de que os estudantes das escolas superiores deveriam ser o expoente da juventude nacional se perpetuou nas décadas seguintes, principalmente durante a vigência do Estado Novo (PESSOA; DIAS, 2020).

Após a realização dos jogos no dia 11 de agosto, a Diretoria do Torneio Acadêmico enviou um ofício ao Presidente do “Acro-Clube Brazileiro”, que foi integralmente reproduzido pelo jornal *O Paiz*:

> Escola Naval, 14 de agosto de 1912 –
>
> Exmo. Sr. Presidente -- Tem este por fim o cumprimento do grato dever de vos comunicar que os alunos das academias superiores do Rio resolveram disputar um torneio de foot-ball, sob o nome de Torneio Academico de Foot-Ball, devendo os resultados dos "matchs" reverter em favor de ideias patrióticas e instituições de fim elevado. Nestas condições, a nossa diretoria resolveu que o resultado dos "matchs" realizados a 11 de agosto, entre as Escolas de Guerra e Politécnica e Naval e de Direito, fosse destinado a representar o esforço dos acadêmicos do Rio de Janeiro, para co-participarem da subscrição pública aberta em prol da vossa patriótica associação[65].

Nota-se que a principal motivação para justificar o apoio ao Aero Club era de que ele representava um avanço para o país. Em última instância, auxiliar as subscrições públicas era um esforço em prol da defesa do território brasileiro. Dessa forma, os acadêmicos do Rio de Janeiro se imbuíram desta tarefa considerada por eles e por parte dos periódicos da Capital, uma contribuição fundamental para a soberania nacional. Esta retórica de que os acadêmicos representavam todas as virtudes necessárias para o avanço do país é fundamental para compreendermos como o esporte acadêmico se alicerçou sobre bases políticas. Não por acaso, o amadorismo seria um dos principais pilares do esporte universitário brasileiro durante a década de 1930, exatamente por representar os valores puros do esporte

[63] AERO-CLUB Brazileiro. O Paiz, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1912, pg. 3
[64] *Ibidem.*
[65] *Ibidem.*

e a entrega voluntária ao país, sentimentos que refletiam o imaginário da classe acadêmica brasileira naquele contexto (PESSOA, 2018). Portanto, podemos observar que desde o primeiro torneio acadêmico disputado no Brasil, o patriotismo serviu como uma das principais motivações e justificativas para a importância destes certames.

A contribuição dos acadêmicos foi substancial: "O distinto *player* Carlos Villaça, tesoureiro do Torneio Acadêmico, juntamente com dois colegas seus, entregou ao tesoureiro do Aero Club a quantia de réis 408$000, obtida naquele *match*[66]". Para que possamos ter uma noção do que representava este valor na época, sem nos arriscarmos em um exercício impreciso e provavelmente improfícuo de conversão em valores atuais, observamos os preços da "Bolsa de Mercadorias"[67], que apresentava o valor de diversos produtos que eram comercializados no país. Em setembro de 1912, no mesmo mês da realização do certame acadêmico, 100 kg de arroz comum eram comercializados na faixa de 31$000 a 36$000 réis, ou seja, com o valor doado pelos estudantes seria possível comprar mais de uma tonelada do alimento.

> Esse ato, que o guarda-marinha Possolo, em um ofício dirigido a Diretoria do Aero Club, chamou de modesto apoio dos acadêmicos do Rio de Janeiro no patriótico certâmen do Acro-Club, é um exemplo que a mocidade estudiosa dá aos brasileiros, que devem, embora com sacrifício, secundar a iniciativa do Aero-Club. Um diminuto abalo que cada um der… à sua Pátria, é bastante para levar avante esse grande empreendimento. [...] Nas redações dos jornais, nas repartições públicas, no prédio do Aero-Club, á rua do Rosário 133, em toda a parte há listas de subscrição e para prestar mais um serviço à Pátria, a Diretoria do Aero Clube Mandou distribuir listas, também nas escolas públicas, a fim de despertar, no Brasil que surge o sentimento de patriotismo[68].

Algo que nos chama atenção é a construção de um sentimento patriótico em torno do associativismo civil. Assim como Fay e Fontes (2017) apontam, não houve nenhum apoio por parte do poder público na criação e no financiamento do Aero Club Brasileiro. Portanto, foi através da iniciativa dos cidadãos que o início da história da aviação brasileiro se constituiu. A importância do protagonismo dos sujeitos na história do país é um dos principais pontos desta pesquisa e foi a motivação inicial para pensarmos na emergência histórica do esporte nas instituições de ensino superior. Se nos lembrarmos das contribuições de Malcolm

[66] AVIAÇÃO. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1912, pg. 12.
[67] MERCADOS Diversos. O Paiz, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1912, pg. 8.
[68] AVIAÇÃO. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1912, pg. 12.

MacLean (2013), onde o autor afirma que é fundamental entendermos que a história dos clubes faz parte da constituição da sociedade civil, podemos compreender a importância de analisarmos a história do esporte a partir do prisma do associativismo.

O Torneio Acadêmico não se encerrou no certame do dia 11 de agosto, porém, a cobertura da imprensa para os próximos jogos seria quase nula[69]. Talvez isso tenha ocorrido porque o principal chamariz ao torneio tenha sido a contribuição ao Aero Club prestada pelos acadêmicos. Além disso, não houve nenhuma menção ao Torneio Acadêmico de Futebol após o mês de outubro no ano de 1912. Os jornais só voltariam a pautar o campeonato no ano seguinte e, inesperadamente, só houve uma menção ao certame no ano de 1913, que ocorreu no mês de janeiro:

> Não tendo terminado o ano passado, devido à falta de tempo, o torneio acadêmico vai ser disputado este ano, concorrendo a ele, além das escolas Politécnica, Naval, Direito, Guerra e Medicina, as de Commercio, Agricultura e Bellas Artes. A diretoria do torneio, depois de combinar com o Botafogo Foot-Ball Club, vai fazer o seu campo oficial no "fleld" do Club alvi-negro[70].

A falta de cobertura por parte da imprensa pode nos fornecer dados importantes. Em primeiro lugar, as motivações que sustentaram a realização dos primeiros certames entre os acadêmicos na primeira década do século XX, parecem permitir interpretações, que sugerem um processo de continuidade histórica, ou seja, o que dava relevância aos jogos acadêmicos era a sua relação com outras instituições ou festividades. Porém, por outro lado, o processo de institucionalização e burocratização das associações estudantis, que teve início a partir da segunda década do século XX, foi responsável pela criação do primeiro torneio exclusivamente acadêmico do país, esta segunda observação já nos direciona para o início de um processo de ruptura histórica com o primeiro momento do esporte acadêmico brasileiro. A Liga Acadêmica de Futebol, assim como o torneio acadêmico realizado por ela, desapareceria nos vestígios do passado. Não sabemos o que motivou esta lacuna no percurso histórico do esporte acadêmico no país. Talvez seja o processo de institucionalização ainda incipiente, a escassez de espectadores ou até mesmo um boicote por parte da Liga Metropolitana. São diversos os motivos que podem ter feito com que o empreendimento acadêmico não se consolidasse no cenário esportivo carioca.

---

[69] FOOT-BALL. O Paiz. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1912, pg. 11.
[70] TORNEIO Academico. A Epoca, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1913, pg. 4.

Após a realização do torneio no Rio de Janeiro, as únicas menções sobre o esporte acadêmico seriam de *matchs* espaçados, que não faziam parte de nenhuma competição ou instituição que congregasse os jogos estudantis[71]. Ao que nos parece, a “Liga Academica de Foot-ball”, que foi criada com o intuito de organizar o primeiro torneio acadêmico em território nacional, deixou de existir no ano de 1913. Porém, enquanto o esporte acadêmico, aparentemente, perdia força na capital do país, onde teve o seu início em 1905, seria a vez dos acadêmicos paulistas darem o primeiro passo para a criação de uma instituição esportiva gestada no seio da classe estudantil:

> Será amanhã instalada nesta capital, uma nova associação destinada a prática do sport bretão, entre a classe acadêmica, a qual se intitula "Liga Acadêmica de Foot-Ball". Na reunião inaugural compareceram, além de numerosos convidados, os representantes dos clubs filiados à Liga e que são os seguintes: A. A. Faculdade de Direito, A. A. Universidade de S. Paulo, A. A. Escola Politécnica e A. A. Faculdade de Medicina. Nesta reunião, que se realizou na sede da Associação Cristã de Moços, a rua Libero Badaró n. 15. será eleita a primeira diretoria e discutidos vários assuntos de carácter urgente. O campeonato do corrente ano deverá iniciar-se por todo o mês de julho próximo[72].

Curiosamente, a instituição paulista teria exatamente o mesmo nome de sua vizinha fundada no Rio de Janeiro dois anos antes. Porém, como veremos a seguir, parece ter havido em São Paulo um envolvimento maior de outros atores além do protagonismo exclusivo dos estudantes. A realização do Torneio Acadêmico no Rio de Janeiro e os auspícios prestados ao Aero Club podem ter reverberado na Paulicéia, fazendo com que os acadêmicos bandeirantes se mobilizassem no sentido de disputar a hegemonia do esporte acadêmico nacional. É importante ressaltar que, naquele contexto, existia uma disputa regionalista entre os dois estados, que se irradiava para os embates esportivos:

> Dentre as querelas mais acentuadas durante as primeiras décadas do regime republicano, no Brasil, está a rivalidade entre paulistas e cariocas, disputa que adentrou ao terreno futebolístico acompanhando o afã com que, em seu entorno, o regionalismo paulista reivindicava a posição de "cabeça" política e cultural da nação. Dessa forma, o futebol despontava como espaço privilegiado para observação de uma rixa com o Rio de Janeiro que ecoou nas ruas, na política e nas páginas esportivas, revelando a força aglutinadora desse esporte e sua importância crescente na promoção da unidade nacional (MACHADO, 2016, p. 2).

---

[71] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, Quinta Feira, 21 de maio de 1914, pg. 12; FOOT-BALL. O Imparcial, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1914, pg. 12.
[72] FOOT-BALL. Correio Paulistano, 23 de junho de 1914, pg. 2.

Além disso, provavelmente por uma coincidência histórica, no mesmo ano em que os estudantes paulistas fundaram a Liga Acadêmica, a “Taça Rio versus São Paulo” foi instituída, sendo uma espécie de materialização das disputas regionalistas levadas para as quatro linhas do campo (MACHADO, 2016). Nos primeiros anos da década de 1910, esta rixa entre cariocas e paulistas, ainda não havia adentrado os círculos acadêmicos, mesmo porque não existia no país um circuito interestadual de disputas estudantis. Sabemos que, quando o esporte universitário se consolidou no Brasil a partir da década de 1930, o regionalismo seria uma das principais pautas das crônicas esportivas nos encontros acadêmicos (PESSOA; DIAS, 2019). Portanto, a criação destas duas entidades esportivas pode ter preparado o terreno para este processo. Em julho de 1914, o Correio Paulistano noticiou a fundação da entidade esportiva paulista:

> Sob o patrocínio das Associações Athletica da Escola Politécnica, da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Direito e da Universidade de S. Paulo, foi fundada nesta capital a Liga Acadêmica de Foot-Ball. Esta associação promoverá, no segundo semestre deste ano, um campeonato do apreciado "sport" bretão, entre teams compostos exclusivamente de alunos das nossas escolas superiores, para disputa da taça "Macedo Soares" oferecida pelo dr. José Carlos de Macedo Soares[73].

Os acadêmicos elegeram para a diretoria da Liga, como Presidente, o estudante José Cardoso de Menezes, da Faculdade de Direito; Vice-presidente, Jayme Candelaria, da faculdade de Medicina; Primeiro secretário, Guilherme A. Junior, da Escola Politécnica; Segundo secretário, Arthur Costa Filho, da faculdade de Medicina; Como tesoureiros, Paulo de Sousa e José Ramos Nogueira, ambos da Universidade de São Paulo; No papel de fiscais da instituição, Orlando Carneiro, da Escola Politécnica, Carlos Aranha, da faculdade de Direito e Adhemar Moreira Cesar, da Universidade de São Paulo[74].

Da mesma forma que ocorreu no torneio do Rio de Janeiro, somente os estudantes das escolas superiores de São Paulo poderiam tomar parte do campeonato de futebol organizado pela Liga Acadêmica. Dessa forma, este certame pode ser considerado o segundo do seu gênero organizado no país. Mesmo que compartilhe de várias semelhanças, a instituição acadêmica de São Paulo teria dois pontos importantes que se diferenciam da constituição de sua congênere. Em primeiro lugar, aparentemente, a empreitada paulista contou com o apoio direto dos

[73] FOOT-BALL. Correio Paulistano, 03 de julho de 1914, pg. 3.
[74] *Ibidem*.

gestores das instituições de ensino superior. Podemos destacar José Carlos de Macedo Soares, Reitor da Universidade de São Paulo que, além de oferecer a taça para disputa, foi considerado membro honorário da diretoria da Liga Acadêmica, assim como os diretores da Escola Politécnica, da Escola de Medicina e da Faculdade de Direito. O segundo ponto importante é que a honraria também seria estendida ao então prefeito de São Paulo, Dr. Washington Luís, e ao Coronel José Piedade[75], vereador municipal. Isto nos mostra que, provavelmente, o movimento associativo em torno da criação de uma entidade esportiva exclusivamente acadêmica em São Paulo contou com os auspícios de agentes do poder público, algo que não ocorreu na capital do país.

No dia 5 de setembro de 1914, ocorreu o primeiro *match* do campeonato realizado pela "Liga Academica de *Foot-ball*". Se enfrentaram no Parque Antarctica as equipes da Faculdade de Medicina e da Universidade de São Paulo, e saíram como vencedores os alunos da Universidade, por um resultado de cinco gols contra um do adversário[76]. Apesar do entusiasmo do cronista em apresentar, nos mínimos detalhes, o certame, curiosamente, o primeiro campeonato acadêmico de futebol em São Paulo teve o mesmo destino do torneio carioca: desapareceu das páginas dos jornais sem deixar nenhum rastro.

Resumidamente, o primeiro momento do esporte acadêmico no país se deu a partir da realização de *matchs*, que eram elaborados em torno de festividades, datas comemorativas ou movimentos associativos informais, em sua maioria, concebidos em benefício a alguma causa considerada como um bem comum. Esta configuração se manteve durante toda a primeira década do século XX. A partir de 1912, surge no Rio de Janeiro a primeira associação com o intuito de congregar as escolas superiores e organizar o primeiro torneio acadêmico de futebol no país. O mesmo movimento ocorreu em São Paulo dois anos depois. Foi quando a trajetória do esporte acadêmico passou por um processo de burocratização e institucionalização, algo que foi fundamental para o seu desenvolvimento e a constituição dos circuitos de disputas.

O motivo da descontinuidade dos campeonatos de 1912 e 1914 não está óbvio. O que sabemos, é que, nos anos posteriores, especificamente a partir de

[75] FOOT-BALL. Correio Paulistano, 03 de julho de 1914, pg. 3.
[76] FOOT-BALL. Correio Paulistano, 05 de setembro de 1914, pg. 4.

1916, seria criada uma associação que mudaria a história do esporte acadêmico no Brasil. O que nos parece, é que os fatores necessários para o sucesso das instituições acadêmicas são, dentre outras coisas, a criação de associações formais e a ampliação do circuito de disputas, visto que a criação de um campeonato com proporções nacionais seria o ponto fulcral para a sistematização do esporte acadêmico brasileiro. Além disso, uma pitada de regionalismo e de pertencimento clubístico pode ter contribuído para que os acadêmicos se mobilizassem no intuito de defender as cores dos seus estados. A Alliança Acadêmica fundada em 1915, seria a principal responsável por fomentar o esporte acadêmico em âmbito nacional durante a década seguinte, esta instituição teve um papel fundamental na trajetória esportiva dos estudantes das instituições de ensino superior, fazendo com que o esporte acadêmico atingisse um novo patamar, assim como será detalhado no próximo capítulo.

4 A ALLIANÇA ACADEMICA

Neste capítulo vamos apresentar a trajetória da Alliança Acadêmica, instituição fundada em 1915 pelos estudantes da capital da República, que teve o intuito de formar uma frente de representação política da classe acadêmica e fomentar o cenário cultural do país naquele contexto. Esta instituição foi responsável pela criação do principal torneio acadêmico de futebol do país de 1916 até o ano de 1923, ademais, inaugurou um circuito nacional de disputas acadêmicas, que além de ser inédito, contribuiu para que outras modalidades se desenvolvessem nos círculos estudantis, como foi o caso do atletismo, do remo, do xadrez e do basquetebol.

4.1 A Consolidação do Circuito Esportivo Acadêmico

Em junho de 1915, vários estudantes das faculdades da capital do país se organizaram no intuito de fundar uma agremiação: “comprometendo-se a promover conferências, festas acadêmicas e a comemorar as datas caras à pátria e à classe de que pretende ser órgão[77]”. A associação estudantil foi nomeada de “Alliança Acadêmica”, e todos os estudantes das escolas de nível superior da capital poderiam participar da instituição recém-formada. Sua diretoria provisória foi composta pelos acadêmicos Ary Vieira, Roberto Zoel de Carvalho e Nicanor Toledo Sanches, respectivamente: presidente, secretário e tesoureiro[78]. A agremiação tinha como objetivo fomentar uma aproximação entre os acadêmicos da capital federal, visto que o corpo estudantil se constituía em faculdades autônomas, dificultando um maior intercâmbio entre a classe. A Alliança Acadêmica participou no ano de sua fundação em diversas solenidades buscando reafirmar sua presença no cenário político da cidade. Em uma recepção organizada ao poeta Olavo Bilac, os acadêmicos da agremiação receberam o “príncipe dos poetas brasileiros” ao desembarcar na estação da Capital:

[77] Vida Acadêmica. O Imparcial, Rio de Janeiro, 6 de junho de 1915, pg. 6.
[78] Pelas Escolas. O Paiz, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1915, pg. 5.

> Poeta! A Alliança Academica, genuína representante de uma quase centena de estudantes, interpretando as aspirações patrióticas desta sociedade ardorosa, intrépida e leal, vem, à vossa chegada da peregrinação às terras cultas de S. Paulo, cantar grandeza da pátria e a grandeza do vosso gesto, que avulta neste meio de descrenças fatais e indiferentismo cruel, que levanta a alma quente da radiosa juventude patriota, inflamada, à centelha milagrosa da vossa palavra forte e máscula, de encantos rendilhada [...]. A Alliança Academica reza nesta catedral, porque a nação aqui está, a missa nova do patriotismo, juntando ao vosso rutilante diadema de príncipe a coroa florida de seu entusiasmo, que é sincero e nobre, que é leal e forte. Patriota! A Alliança Acadêmica vos saúda![79]

Com um posicionamento vultuosamente patriótico, a Alliança Acadêmica ia ao encontro das aspirações dos principais representantes do pensamento republicano, dessa forma, na concepção dos estudantes, a união entre os acadêmicos da capital do país representava uma empreitada em prol do futuro da unidade nacional. Devemos lembrar, que naquele contexto o país passava por um processo de intensas disputas regionais. Sendo que a noção de "pátria" ainda estava longe de se concretizar no imaginário das oligarquias, que comandavam os rumos políticos do Brasil. Neste cenário, Venceslau Brás, político Mineiro formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, ocupava o cargo de Presidente da República, perpetuando o poderio da política do "Café-com-leite". O posicionamento dos membros da Alliança Academica fazia um contraponto à atual situação do país, comandado pelas oligarquias tradicionais. Durante a recepção ao Poeta, os acadêmicos se colocaram como a vanguarda que modificaria os rumos do Brasil:

> Os moços da Alliança, dizem à semelhança dos cristãos antigos, à hora da pátria a caminho do ideal, que branquejava ao longe no casario de Jerusalém, não "Deus o quer! Mas a Pátria o quer, a Pátria o quer!" e seguem coleando os montes do egoísmo, atravessando os rincões do interesse, fazendo ruir aos golpes da sua vontade de ferro o ceticismo do "Não vale a pena", rumo à luta fragorosa pela fé, às justas bem-ditas pela crença, para o reflorescimento da terra brasileira, arruinada e torturada, aos descalabros de uma geração que a profunda ironia de um professor de direito houve por bem classificar sem irreverência, a nós outros, uma geração de ciprestes[80]

Neste sentido, a união entre a classe acadêmica representaria, em outras palavras, um movimento patriótico para a reconstrução do ideal republicano. Os membros da Alliança Academica tinham interesse em criar relações com seus congéneres na Paulicéia. Logo após a fundação da instituição, o estudante Dulcídio Costa, Presidente do Centro Acadêmico 11 de Agosto e representante da Federação

[79] Olavo Bilac Regressa a Esta Capital. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1915, pg.3.
[80] *Ibidem.*

Acadêmica de São Paulo, foi recebido por Ary Vieira, um dos fundadores da Alliança Academica. Na ocasião, foi entregue uma mensagem “na qual são expressos os votos de mais profunda simpatia da Alliança pela mocidade paulista”[81].

Umas das principais ações realizadas pela Alliança Academica para o congraçamento da classe estudantil foi a realização de campeonatos esportivos. A gênese destes certames ocorreu em 1916, no que parece ser o primeiro campeonato acadêmico interestadual de futebol no país. “A Diretoria da Alliança Academica foi ontem à tarde, ao palácio do Catete, convidar o Sr. Presidente da República para assistir ao Campeonato Acadêmico de *Foot-Ball*, que deve efetuar-se depois de amanhã[82]”. A primeira “Taça Alliança Acadêmica”, seria disputada por estudantes da capital da República, Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, de acordo com a imprensa:

> O combate que se vai travar no campo do America Foot-Ball Club, à rua Campos Salles, deverá ter início ao meio dia, a ele comparecendo as nossas altas autoridades civis e militares, diretores das escolas, e nosso alto mundo social. Os estudantes mineiros chegarão hoje, pela manhã, tendo chegado ontem os acadêmicos paulistas, que foram fidalgamente recebidos pelos seus colegas desta capital e conduzidos em automóveis, ao Hotel Globo, em que se acham hospedados [...] Á noite, na Associação dos Empregados no Commercio, o deputado Coelho Netto entregará a taça ao “team” vencedor[83].

A presença de importantes autoridades do poder público e da sociedade civil demonstra a importância que foi dada ao certame na esfera cultural da capital do país. Além disso, aparentemente, o intuito da Alliança Academica de buscar um congraçamento da classe estudantil foi alcançado. Pela primeira vez na história do país, se organizava um campeonato acadêmico que contava com a participação de três estados da região Sudeste. Participaram do certame a Faculdade de Medicina e Cirurgia, Ciências Jurídicas, Bellas Artes, Livre de Direito, Teixeira de Freitas, Politécnica e Medicina. É interessante notar que os estados que participaram da “Taça Alliança Acadêmcia” faziam parte das principais oligarquias que comandavam os rumos do país. Portanto, além do seu propósito esportivo, estes embates podem ter sido um espaço de disputas e conchavos na arena política. Infelizmente, os

[81] A Recepção. O Imparcial, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1915, pg.8.
[82] ECHOS E FACTOS. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1916, pg. 1.
[83] CAMPEONATO Academico de Foot-Ball. O Paiz, Rio de janeiro, 23 de setembro de 1916, pg. 6.

detalhes deste primeiro certame não foram divulgados na imprensa[84]. Todavia, sabemos que os vencedores da primeira "Taça Alliança Academica" foram os estudantes de Minas Gerais[85], que de acordo com o jornal *O Paiz*: "aos valentes moços, sabemos que está preparada entusiástica recepção em Belo Horizonte[86]".

Paralelamente ao desenvolvimento dos circuitos esportivos na capital da República, os estudantes de Pernambuco organizaram, o que parece ser, o primeiro campeonato acadêmico de futebol no Nordeste do país. De acordo com o *Diário de Pernambuco*:

> Conforme estava anunciado, realizou-se anteontem, à tarde, no campo da Liga S. P., nos Afflictos (sic.), o esperado torneio de "football" dos diversos teams das escolas superiores do estado. O certamen sportivo de ontem teve uma concorrência bem distinta, notando-se a presença de crescido número de senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade. Em benefício da Liga pernambucana contra o analfabetismo, a festa de "sports" teve brilhante desfecho, sendo as diversas partidas do "association" jogadas, bastante movimentadas e cheias de passagens bem interessantes[87].

Participaram do campeonato acadêmico as Escolas de Agronomia, Comércio, Engenharia, Farmácia, Direito e São Bento. A disputa final ficou entre a Escola de Engenharia e de Agronomia, saindo vencedora o selecionado dos futuros engenheiros por 2 gols contra 1 do adversário. De acordo o cronista "sabemos que os *players* componentes da equipe vencedora das provas de ontem receberá (sic.), em sessão especial, onze medalhas de prata oferecidas pela Liga contra o Analfabetismo, como lembrança dessa festa"[88]. É interessante notar, que da mesma forma como ocorreu no início das disputadas acadêmicas, na primeira década do século XX, os acadêmicos pernambucanos organizaram o seu primeiro campeonato em torno de uma festividade que buscava contribuir para uma "causa social". Este caráter filantrópico parece ser uma constante, no que se refere aos certames acadêmicos espalhados pelo país, durante a Primeira República. Além disso, outro ponto importante é a presença feminina nas arquibancadas, algo que discutimos anteriormente nos primeiros certames realizados no Rio de Janeiro. A forma como foram apresentadas: "senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade", fazia parte

---

[84] O último embate noticiado pela imprensa foi o jogo entre os estudantes mineiros e o time da Escola Politécnica, realizado no segundo turno do campeonato, que também não apresenta os resultados da partida: CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1916, pg. 4.
[85] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1917, pg. 6.
[86] VIAJANTES. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1916, pg. 3.
[87] SPORT. Diario de Pernambuco, Pernambuco, 10 de setembro de 1917, p. 4
[88] *Ibidem.*

de um rito aristocrático cultuado pelas elites regionais. Não obstante, o papel atribuído às mulheres naquele contexto, se dava principalmente a partir da perspectiva de que elas eram parte integrante das festividades em torno da manifestação esportiva, sendo concebidas como expoentes de elegância e civilidade. Algumas mulheres eram escolhidas como "madrinhas" dos "*teams*" das escolas superiores: "os alunos da Escola de Engenharia vão fazer com notoriedade, a entrega da medalha a senhorita escolhida para madrinha da mesma escola. Para esta festa, serão convidados os *players* desta e da Escola de Agronomia"[89]. Naquele contexto, ainda não se vislumbrava a participação do público feminino dentro das quatro linhas do gramado, algo que ocorreria somente algumas décadas depois (FRANZINI, 2005). Além disso, ao longo da análise que compreende todo o recorte temporal da pesquisa, não foram encontradas referências que comprovem a realização de partidas esportivas entre times acadêmicos femininos, obviamente isto não exclui a possibilidade de que disputas informais ocorressem, mesmo que sem a atenção da mídia impressa.

Não podemos afirmar se a realização deste campeonato acadêmico em Pernambuco foi de alguma forma influenciada pela "Taça Alliança Academica", disputada na capital da República no ano anterior. Todavia, a partir de 1916, o cenário esportivo acadêmico entra em um processo de franca expansão, não somente em termos quantitativos, mas também, no que se refere à cobertura da imprensa escrita. Dessa forma, a hipótese que levantamos, sobre a constituição de movimentos associativos formais como uma das chaves interpretativas para compreender a emergência histórica de manifestações esportivas, torna-se uma perspectiva privilegiada para vislumbrarmos como se deu o desenvolvimento do esporte acadêmico no Brasil. Não por acaso, é partir da fundação da Alliança Academica que é inaugurado um novo modelo de disputas estudantis interestaduais, contribuindo para a consolidação do esporte acadêmico em âmbito nacional.

O número de escolas participantes na "Taça Alliança Academica" em 1917 foi superior à sua primeira edição no ano anterior. Diversos pedidos foram entregues na secretaria da Alliança Academica para a realização do torneio no dia 23 de setembro, que seria disputado no campo do Botafogo[90]. O que nos chama a

[89] SPORT. Diario de Pernambuco, Pernambuco, 10 de setembro de 1917, p. 4
[90] CAMPEONATO Academico de Foot-Ball. O Paiz, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1917, pg. 6.

atenção, é o intercâmbio mantido entre os estados durante a preparação para estas disputas, “o team dos alunos das academias de Belo Horizonte foi Inscrito ontem devendo vir ao Rio de Janeiro por intermédio do Club Académico da capital mineira[91]”. As notícias que acompanhavam a inscrição das faculdades de nível superior davam em detalhes a composição de cada time, incluindo o nome dos reservas, cores dos uniformes e a realização dos treinos de cada equipe. Outro ponto importante é que diversas vezes as reportagens eram veiculadas em mais de um jornal da mesma cidade[92], trazendo informações bastante semelhantes. Desde o início das disputas acadêmicas durante a primeira década do século XX, percebemos que a mídia impressa cumpriu um papel fundamental apoiando os empreendimentos acadêmicos, porém é a partir de 1916, que o número de ocorrências relacionadas aos certames acadêmicos tem um crescimento exponencial, algo que pode indicar não somente a diversificação das disputas estudantis, mas também o interesse gerado em torno dos certames acadêmicos no universo esportivo.

> O entusiasmo reinante nas rodas acadêmicas e esportivas por este grande torneio promovido pela Alliança Acadêmica, é bem grande, esperando-se que seja um dia grande o próximo domingo no Botafogo [...] inscreveram-se ontem mais dois times, a fim de concorrer ao campeonato acadêmico, a realizar-se domingo próximo no campo do Botafogo, a rua General Severiano. Com os times inscritos ontem, atinge a 11 os concorrentes que são desta cidade, de Belo Horizonte, de São Paulo e do Estado do Rio[93].

O acompanhamento da imprensa, quase que diário, expunha de certa forma como os jornais da capital da República estavam promovendo o certame estudantil como um espetáculo esportivo. Além disso, a Taça Alliança Academica ocupou um lugar de destaque nas publicações, sendo várias vezes evidenciada como o principal acontecimento na seção esportiva.

Além dos *teams* das escolas superiores de Belo Horizonte, São Paulo, Estado do Rio e da capital da República, alguns estudantes baianos, que frequentavam as faculdades do Rio de janeiro, organizaram um selecionado com o intuito de representar o seu estado no campeonato acadêmico. É interessante notar que mesmo residindo fora da Bahia, estes acadêmicos escolheram representá-la durante

[91] CAMPEONATO Acadêmico. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1917, p. 8
[92] CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1917, pg. 6.
[93] CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1917, pg. 6.

a Taça Alliança Academica[94]. A identidade regional é um fator fundamental para compreendermos a dinâmica do esporte entre os estudantes. Precisamos lembrar que naquele contexto, o país passava por um processo de intensas disputas regionais e que o esporte não era um fenômeno apartado desta realidade geopolítica. Assim como discutimos anteriormente, o futebol foi no Brasil um dos principais veículos de representações identitárias ao longo da sua história. Portanto, o esporte acadêmico é um espaço privilegiado para identificarmos estas relações, visto que ele presenciou um momento da história do país onde não havia uma noção de pátria muito bem estabelecida.

Para a realização da Taça Alliança Academica, foi feito um sorteio entre os times que disputariam o torneio no dia 23 de setembro de 1917. De acordo com o jornal *O Paiz* os jogos foram organizados da seguinte forma: Bellas-Artes e Escola Militar; *Scratch* Mineiro e Escola Politécnica de São Paulo; Faculdade de Direito e *Scratch* Baiano; Escola de Pinheiros e Escola Politécnica do Rio; Faculdade de Ciências Jurídicas e Teixeira de Freitas; Academia Superior do Comércio e Escolas de Medicina do Rio de Janeiro. Além disso, a equipe da Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo foi a última sorteada, portanto, decidiu-se que ela jogaria contra o vencedor do primeiro *match*[95]. Na véspera da realização do certame a imprensa noticiou a chegada de todas as equipes à capital da República:

> Pelo noturno, chegarão hoje a esta cidade os estudantes de Belo Horizonte, que vêm tomar parte no grande torneio acadêmico amanhã. O Scratch Mineiro foi o vencedor do campeonato de 1916, sendo secundado pela Escola Politécnica. Com os players mineiros chegarão, também muitos outros estudantes, que vêm assistir à grande peleja. Da comitiva fazem parte três diretores do Club Acadêmico, de Belo Horizonte, que é uma das primeiras associações de estudantes do Brasil. O Dr. Alcantara Tocci, advogado no Estado de S. Paulo, que exerceu, no ano passado, a presidência da Alliança, pois ainda era estudante, chegará também hoje, vindo especialmente para assistir à Festa da Primavera[96].

Podemos dizer que o campeonato acadêmico movimentou substancialmente o mundo esportivo naquele contexto. A vinda de vários estudantes para a capital da República promoveu um intenso intercâmbio entre os acadêmicos de uma das regiões de maior representatividade política do país. Este espaço de sociabilidade era propício para a realização de alianças políticas entre as entidades estudantis.

---

[94] CAMPEONATO Acadêmico. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1917, pg. 6.
[95] *Ibidem.*
[96] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1917, pg. 6

Dessa forma, o esporte acadêmico pode ter cumprido um papel importante no que diz respeito arena política, assim como ocorreu com as partidas de futebol organizadas entre cidades vizinhas no interior de Minas Gerais durante o mesmo período (VENÂNCIO; FREITAS, 2019). Outro ponto importante é a participação do "Club Acadêmico" de Belo Horizonte que, segundo o cronista, seria um dos mais antigos do seu gênero no Brasil. Infelizmente, não foram encontradas mais informações sobre esta instituição no acervo digital da Biblioteca Nacional. Todavia, podemos supor que esta associação se propunha a cumprir o mesmo papel que a Alliança Academica, ou seja, representar a classe estudantil da sua cidade. Precisamos lembrar que naquele contexto os estudantes cumpriam um papel importante no tecido social, portanto, a análise destas instituições pode contribuir para uma melhor compreensão acerca da história política do país.

Diferente da primeira edição do certame, no ano anterior, a "Taça Alliança Academica" de 1917 ficou à disposição do público em uma das joalherias da cidade, para que os interessados em conhecer o "cobiçado" troféu tivessem a oportunidade de fazê-lo. De acordo com o jornal *O Paiz*:

> Ao vencedor do campeonato será conferido o título de "Campeão Acadêmico de Foot-ball do Brasil de 1917". A ele será dado a guardar por um ano a rica "Taça Alliança", que será entregue ao campeão do ano subsequente. Como é do regulamento, caberá ao segundo colocado um bronze, cuja posse é definitiva. O rico troféu, desse ano, que já foi adquirido, encontra-se exposto em uma das "vitrines" da Joalheria Torres Carneiro, à rua do Ouvidor, esquina da de Gonçalves Dias[97].

O que nos chama a atenção é a forma como o cronista se refere à taça do campeonato. "O rico troféu" que não era de posse definitiva, aparentemente, se constituía como uma peça de alto valor. Este é um dado importante, visto que a classe acadêmica constituía parte das principais oligarquias do país, portanto, o campeonato organizado pela Alliança Academica pode ter servido como um espaço para que estes grupos demonstrassem o seu capital econômico. Outro ponto que precisamos destacar, é o título de "Campeão Acadêmico de *Foot-ball* do Brasil", ou seja, na perspectiva destes estudantes, o certame era representativo para todos os acadêmicos do país, algo que merece uma problematização mais detalhada. Se levarmos em consideração que somente cinco unidades federativas participaram do conclave, tento em conta os estudantes baianos que residiam na capital da

[97] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1917, pg. 6.

República, o título de “Campeão do Brasil” parece não ser o mais adequado. Todavia, não podemos nos furtar de fazermos uma análise política deste fato. Naquele contexto, existia uma tensão crescente entre os estados que buscavam controlar os rumos políticos do país, principalmente entre a Região Sul e Sudeste, algo que acarretaria, alguns anos depois, na Revolução de 1930 (FAUSTO, 2006). Dessa forma, esta conjuntura pode ter afetado a relação entre a classe acadêmica dos diferentes estados. Portanto, o título de Campeão Brasileiro, pode ter um significado político, para além da simples representatividade do certame esportivo em âmbito nacional. Além destas observações, uma questão aparentemente simples, mas que precisa de atenção, é a cobrança de ingressos para assistir aos jogos[98]. De acordo com Huggins (2020) o fator econômico é umas das principais chaves interpretativas para compreendermos como ocorreu a emergência histórica das manifestações esportivas. Dessa forma, nos atentarmos para a dinâmica que envolvia a venda de ingressos e o consumo de mercadorias em torno dos certames acadêmicos, torna-se um ponto importante para a história do esporte acadêmico no Brasil. Sabemos que os primeiros eventos organizados pelos acadêmicos brasileiros foram destinados as causas sociais, portanto, o valor dos ingressos era revertido para este fim. Todavia, no que se refere à “Taça Alliança Academica”, houve um processo de ruptura com este modelo, a partir daí, o espetáculo esportivo passa a ter um significado próprio, podendo indicar também, uma nova configuração econômica em torno dos certames.

No dia 23 de setembro de 1917, no campo do Botafogo, teve início a 2ª “Taça Alliança Academica”. Diferente das expectativas geradas em torno do certame, por parte dos cronistas esportivos, o evento não alcançou as proporções esperadas:

> A concorrência foi pequena, e isto cremos, devido ao dia encoberto que ontem fez. Assim mesmo as diferentes disputas foram acompanhadas pela assistência com muito interesse, vivando em entusiasmo os vencedores. Contrariamente ao que se esperava, o número de concorrentes foi o mesmo que o do ano passado. Vários times que se tinham inscrito para concorrer ao certame, não compareceram tendo sido por isso alterada a ordem dos jogos. Deixaram de disputar o campeonato os times da: Escola Politécnica de São Paulo da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e o Scratch Baiano[99].

Nota-se que as justificativas utilizadas para a falta de assistência aos certames esportivos, na maioria das vezes, leva em conta as condições climáticas

[98] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1917, pg. 6.
[99] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1917, pg. 6.

como uma variável que dificultaria o comparecimento do público, assim como ocorreu com as disputas estudantis ao longo da década de 1930 (PESSOA, 2018). Todavia, uma explicação mais plausível, seria a falta de representatividade dos acadêmicos entre a população. Assim como discutimos anteriormente, durante este período, os estudantes de nível superior representavam cerca de 1,47% da população do país. Em um contexto em que a maioria absoluta dos brasileiros estava fora destas instituições, as disputas entre os acadêmicos poderia ser algo distante do universo simbólico de grande parte das pessoas que acompanhavam o meio esportivo.

Apesar da pouca assistência, os jogos foram descritos detalhadamente pelos cronistas nas páginas dos jornais. Optamos por organizar os resultados das partidas do campeonato acadêmico de futebol a partir de tabelas, devido ao grande número de disputas realizadas.

Tabela 1: Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1917

Partida	Equipe 1	Equipe 2	Resultado
1º	Escola Militar (Rio de janeiro)	Bellas-Artes (Rio de Janeiro)	1 *goal e* 1 *corner* X 0
2º	Escola de Pinheiro (São Paulo)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	1 *goal* e 2 *corners* X 0
3º	Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais (Rio de Janeiro)	Faculdade de Direito Teixeira de Freitas (Rio de Janeiro)	1 *goal* e 4 *corners* X 0
4º	Academia de Comércio (Rio de Janeiro)	Escola de Medicina (Rio de Janeiro)	2 *goals* e 1 *corner* X 1 *goal e* 1 *corner*
5º	Scratch Mineiro (Minas Gerais)	Faculdade Livre de Direito (Rio de Janeiro)	1 *goal e* 1 *corner* X 0
6º	Scratch Mineiro (Minas Gerais)	Escola de Guerra (Rio de Janeiro)	0 X 1 *corner*
7º	Faculdade de Ciências Jurídicas (Rio de Janeiro)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	2 *goals* X 0

8º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Academia de Comércio (Rio de Janeiro)	1 *corner* X 1 *corner*
9º	Faculdade de Ciências Jurídicas (Rio de Janeiro)	Academia de Comércio (Rio de Janeiro)	4 *corners* X 0

Fonte: FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1917, pg. 6.

A disputa final do conclave ficou a cargo da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais e o *team* da Academia de Comércio. Segundo o cronista, a partida rendeu uma luta "bastante interessante" e o time das Ciências Jurídicas foi proclamado vencedor por "4 *corners* a *nihil*". Sendo assim, "Ao time da faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais será conferido o título de Campeão Acadêmico de 1917 e terá como prêmio a bela taça Alliança Acadêmica"[100].

A despeito da impopularidade do evento, bem diferente do sucesso pretendido pelos cronistas durante a sua véspera, a realização de um certame esportivo que congregasse estudantes de diferentes regiões do Brasil, era algo sem precedentes na história do país. Esta nova dinâmica esportiva, que havia sido inaugurada em 1916, contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento do esporte acadêmico em âmbito nacional, principalmente por ter colocado em pauta, nos principais jornais da capital, as disputadas estudantis como parte constituinte do universo esportivo. Nota-se que houve um crescimento exponencial entre as duas primeiras edições do certame, em especial no que diz respeito à cobertura da mídia impressa. A partir de 1918, como veremos a seguir, o esporte acadêmico entra definitivamente nas crónicas esportivas, inclusive, disputando espaços com os jogos organizados pela Liga Metropolitana. A retórica que envolveu a divulgação da terceira edição da "Taça Alliança Academica" repetiu o repertório dos anos anteriores:

> Aproxima-se o dia em que se realizará nesta capital, o campeonato acadêmico de foot-ball, organizado pela Alliança Academica, com sede à Rua do Ouvidor. Esse campeonato será dirigido por uma comissão de sports composta por um representante de cada uma das escolas que se associarem ao torneio. De acordo com o estabelecido nos anos anteriores, esse campeonato terá lugar no dia 22 de setembro, próximo, data da entrada da primavera. Concorrerão a este torneio, as seguintes escolas: Academia de Comércio, Politécnica, Faculdade Livre de Direito, Ciências Jurídicas Sociais, Medicina, Escola Militar e Belas Artes. Concorrerão,

[100] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1917, pg. 6.

> também as escolas dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Pará, representadas por Scratchs[101].

A participação dos acadêmicos do Estado do Pará, no certame organizado pela Alliança Academica, é um fator importante para a nossa análise. Estes estudantes estavam a mais de 3.000 km da capital do país. Levando em consideração que as condições de deslocamento no final da década de 1910 eram extremamente inferiores aos dias atuais, podemos notar que a influência da Taça Alliança Academica estava alcançando uma amplitude significativa no território nacional. Além disso, nenhum outro campeonato acadêmico havia sido organizado consecutivamente ao longo de três anos. Acreditamos que a principal causa desta "longevidade" seja a constituição de associações formais, que estejam diretamente empenhadas na realização destes certames, como foi o caso da Alliança Acadêmica. Destacamos a noção de "associativismo formal", principalmente porque na primeira década do esporte acadêmico brasileiro, "comissões acadêmicas" já haviam sido estruturadas para a realização de campeonatos, porém logo após o término dos certames estes grupos eram dissolvidos. Neste sentido, podemos atribuir à Alliança Academica um protagonismo importante na consolidação do esporte acadêmico no país.

Podemos dizer que a edição de 1918 do campeonato acadêmico impactou demasiadamente as rodas esportivas. O planejamento do certame para o dia 22 de setembro gerou impasses sobre a realização de um jogo da Liga Metropolitana na mesma data. De acordo com o cronista, que foi bastante enfático, esta situação era insustentável e prejudicial para o universo esportivo da capital do país:

> Segundo ouvimos ontem de um [ilegível] da metropolitana, que também faz parte da Confederação Brasileira de Desportos, a diretoria da Liga não tenciona impedir que Alliança Academica realize o seu campeonato no próximo dia 22. Pois julga a mesma, que nesse dia se podem realizar o torneio dos estudantes e o encontro entre scratch sul-riograndense e carioca. Pode assim pensar a diretoria da liga, mas ninguém de bom senso aceitará este pensamento! Seria uma temeridade da Alliança Acadêmica promover um torneio, com as enormes responsabilidades pecuniárias, resultantes de vinda e hospedagem dos estudantes dos Estados no mesmo dia em que nesta capital a liga promove, a pedido da Confederação, um sensacional encontro entre dois scratches fortíssimos? Para evitar esse perigo, é que a Alliança Acadêmica pediu e obteve uma data exclusiva para o seu campeonato, e nem poder-se-ia esperar outra cousa dos moços cultos e experimentados, que dirigem a benemérita Alliança Acadêmica. Portanto, a diretoria da Liga deve pensar melhor não insistir em uma

[101] CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1918, pg. 8.

> deliberação tão prejudicial a classe acadêmica, quanto desobediente a tomada pela assembleia geral da mesma instituição desportiva[102].

Este conflito relatado nas páginas do jornal *Gazeta de Notícias* traz um fato importante para a nossa análise. A realização do campeonato acadêmico tinha um "peso" no universo esportivo naquela época, caso contrário o certame não afetaria, absolutamente, a organização de um encontro tão importante entre o selecionado carioca e sul riograndense patrocinado pela Liga Metropolitana. Em outras palavras, este embate contribuiu para que o certame entre os acadêmicos fosse evidenciado. Outro ponto importante, é a forma como o cronista descreve a classe estudantil: "nem poder-se-ia esperar outra cousa dos moços cultos e experimentados, que dirigem a benemérita Alliança Acadêmica". Esta retórica, que encimava os atletas acadêmicos como os expoentes do cavalheirismo, era paulatinamente utilizada pelos órgãos de imprensa ao longo de toda primeira metade do século XX, algo que foi observado na análise do *corpus* documental que constitui esta Tese, assim como, nos achados de Pessoa (2018). Devemos lembrar, que no primeiro campeonato acadêmico realizado em 1912, houve um atrito entre a Liga Metropolitana e a comissão de estudantes que organizara o evento. A partir da criação da Alliança Academica, a classe estudantil ganha um representante importante na capital, neste sentido, a relação entre estas instituições se torna mais equânime, sendo que os jogadores de clubes esportivos, que estavam submetidos a Liga Metropolitana, também participaram da terceira edição do conclave estudantil:

> Cresce o entusiasmo entre os alunos das nossas academias pelo grande torneio de football que a Alliança Academica realizará neste próximo dia 22, no excelente campo de sports do Botafogo, a Rua General Severiano. Quase todos os quadros representativos das escolas desta capital já estão organizados entregando-se a constantes trainings. Como já é público ao contrário do acontecido nos anos anteriores, este ano poderão tomar parte no campeonato os players da Metropolitana, devendo pisar o campo do Botafogo footballers consagrados não só no Rio, como em São Paulo o até no estrangeiro. Assim, defenderão as cores da Faculdade de Medicina Nory, Sisson, [ilegível], além de outros. A Politécnica conta para o seu quadro valioso concurso de Petiot e Menezes e o Scratch Fluminense, com o do excelente arqueiro Casusa. As outras escolas, como a Militar também possuem ótimos elementos[103].

---

[102] Campeonato Academico. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1918, p. 6.

[103] FOOTBALL. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1918, p. 7.

Esta congruência entre o universo dos clubes esportivos e as equipes acadêmicas, se configura como um momento de inflexão importante para a história do esporte acadêmico no Brasil. A presença destes esportistas, já consagrados em âmbito nacional e internacional, poderia contribuir para o desenvolvimento do esporte acadêmico, não somente em termos qualitativos, mas também no que se refere ao contingente de espectadores durante os certames estudantis e ao aumento da cobertura jornalística.

A Escola Militar possuía um dos melhores quadros da Liga, “em que se figuram vários elementos de primeiros times de clubes na Metropolitana, do valor de Luís Cardoso, Altair e Adhemar de Queiroz do São Christovão A. C., e Ivo Borges e Ribas, do América F. C”[104]. Naquele momento, as notícias sobre os jogadores dos clubes esportivos passaram a contemplar o universo do esporte acadêmico: “segundo se informou, deixará de tomar parte no match de sexta-feira contra o Fluminense F. C., por se achar contundido, o jovem sportman Ademar de Queiroz (Tico-Tico), do S. Christovão A. C.” Ao concluir a matéria, o cronista aponta que: “pelo mesmo motivo é bastante provável que o veloz foward não dispute domingo o Torneio Acadêmico pelo time da Escola Militar, da qual é aluno”[105].

É importante destacar que durante a década de 1910, vários atletas que compunham os clubes inscritos na Liga Metropolitana ocupavam os bancos das escolas superiores. Sendo assim, o intercâmbio entre as equipes acadêmicas e os clubes esportivos era inevitável, visto que a realização de “*matchs*” de treino era corriqueira entre estas equipes, principalmente durante a preparação para as disputas do campeonato acadêmico[106]. Este quadro de simbiose entre os dois universos esportivos, pode ser explicado, além da relação mais direta entre os atletas que também eram alunos, a partir da análise do contexto mais amplo do esporte no Brasil. Na década de 1910, a profissionalização do futebol ainda não era uma realidade no país (YAMANDU; JUNIOR, 2012). A lógica do amadorismo pode ter contribuído para que em determinado momento, na história do futebol brasileiro, o esporte acadêmico ocupasse o mesmo espaço que os clubes esportivos, algo que encontraria sua ruptura histórica a partir do processo de profissionalização do futebol. Assim como aponta Pessoa (2018), o ideal amador foi um dos principais

[104] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1918, pg. 9.
[105] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1918, pg. 9.
[106] CAMPEONATO Academico. Correio da Manha, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1918, p. 5.

pilares do esporte universitário na década de 1930, sendo que ele chegou a ser compreendido como uma “expressão do amadorismo”.

Assim como ocorreu no ano anterior, a preparação para a disputa da Taça Alliança Academica foi acompanhada nos mínimos detalhes pela imprensa. A inscrição das equipes era noticiada diariamente nas colunas esportivas: “a Escola de Ciências Jurídicas e Sociais, inscreveu ontem o seu team bastante treinando forte, com grande disposição para levantar de novo o título de “Campeão Academico” e a rica taça Alliança Academica[107]”. Outro ponto importante é o envolvimento de alguns empreendimentos comerciais com a realização do evento, como por exemplo a “Casa Alberto”, situada na Praça da República, que “ofereceu a Alliança Academica uma rica bandeira, para ser hasteada no ground do Botafogo, às 12 horas do dia 22, quando for iniciado o campeonato acadêmico”[108]. Talvez este envolvimento do comércio seja uma forma incipiente de patrocínio aos certames estudantis, visto que o apoio prestado à iniciativa dos estudantes poderia contribuir para a divulgação destes empreendimentos, assim como ocorreu com a “Joalheria Torres Carneiro”, que exibiu a “Taça Alliança Academica” em suas vitrines, em 1917.

O sorteio dos jogos ocorreu na tarde do dia 19 de setembro de 1918, na sede da Alliança Academica. Naquele contexto, “o presidente da Alliança Academica, doutorando Maurício Cunha, convidou o Dr. Jairo Góes, que faz parte da missão paulista, presentemente nesta capital, para presidir os trabalhos dos sorteios das escolas concorrentes”[109]. Ao todo foram sorteados sete *matchs*, que seriam disputados no dia 22 de setembro. De acordo com os relatos obtidos no jornal O Paiz:

> O resultado final do campeonato acadêmico será feito nas mesmas condições do campeonato Initium da Liga Metropolitana. A Alliança acadêmica, convidou para juízes nesses encontros os distintos sportsmen Afonso de Castro, do Fluminense, Gustavo de Carvalho, do Flamengo, Altamiro Mourão dos Santos, do Vila Isabel, Ferreira Vianna Netto, do Mackenzie, A. R. Tod do Botafogo, Paulo Canongia, do Carioca, João Teixeira de Carvalho, do América e Sylvio Fontes, do S. Crhistovão[110].

Alguns *sportsmen* de destaque, membros de clubes consagrados da capital da República, eram paulatinamente convidados para a arbitragem das disputadas estudantis, algo que ocorreu desde o início da Taça Alliança Academica. O formato

[107] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1918, pg. 17.
[108] *Ibidem.*
[109] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1918, pg. 18.
[110] *Ibidem.*

dos jogos seria realizado a partir do modelo do Campeonato *Initium*, idealizado pelos cronistas esportivos e efetivado pela Liga Metropolitana a partir de 1916. Neste modelo, todos os jogos deveriam ocorrer no mesmo dia e no mesmo estádio. Além desta peculiaridade, a duração das partidas era reduzida, sendo disputados dois tempos de dez minutos por jogo[111]. Para realizar a cerimônia de encerramento do campeonato, a Alliança Academica preparou um festival artístico, "no belo edifício da Associação dos Empregados do Comércio", onde seriam entregues os prêmios aos vencedores do torneio de futebol. Além da presença das delegações dos estados participantes do conclave, membros da imprensa receberam o convite para comparecer à festividade[112].

Juntamente com a entrada da primavera, no dia 22 de setembro de 1918, a terceira edição da Taça Alliança Acadêmica movimentou as páginas dos jornais já nas primeiras horas do dia. O jornal *Correio da Manhã* foi o responsável por trazer ao público, entusiasta do esporte bretão, as expectativas que estavam sendo geradas em torno do certame estudantil:

> O grande certamen sportivo, que está despertando grande entusiasmo no mundo sportivo e social, dadas as constituições dos quadros em que figuram footballers de grande valor e bastante conhecidos nesta cidade e em S. Paulo, certamente alcançará brilhante êxito. As vastas dependências do simpático club alvi-negro, serão pequenas para conter a colossal massa de povo que lá fluirá, avida em assistir jogos sensacionais e emocionantes, como vão ser os que hoje se efetuarão[113].

Notadamente, esta expectativa em torno do evento levava em conta que a edição de 1918 seria superior, em termos de assistência e qualidades dos jogos, se comparada a sua realização no ano de 1917. A noção de que "as vastas dependências [...], serão pequenas para conter a colossal massa de povo que lá fluirá", dificilmente seria um delírio por parte dos cronistas esportivos, ou seja, havia naquele contexto uma movimentação nas rodas esportivas que permitia aos jornalistas fazer este tipo de prognóstico. Além do mais, a presença de "conhecidos footballers", assim como discutimos anteriormente, poderia de fato contribuir para esta afluência de espectadores.

---

[111] LIGA Metropolitana de Sports Athleticos. O Imparcial: Diario Illustrado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 22 de março de 1916, p. 9.
[112] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1918, pg. 18.
[113] FOOT-Ball. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1918, p. 6.

Na véspera da realização do evento, pela primeira vez, desde a sua criação em 1916, o regulamento da Taça Alliança Academica foi publicado pela imprensa, que decidimos reproduzir integralmente:

> Regulamento do Campeonato Academico
>
> I - Cada meio tempo durará dez minutos, com descanso intermediário, limitando-se aos "teams" a mudar de campo, findo o primeiro meio tempo.
>
> II - Se dentro do tempo de vinte minutos nenhum dos "teams" marcar "goal", ou obtiver igual número de “goals", será concedida a vitória aquele que houver feito menor número de "corners".
>
> II - Caso o empate ainda subsista, a partida será prorrogada por dez minutos, sem descanso intermediário, limitando-se os "teams" a mudar de campo.
>
> IV - Neste caso, o “team" que obtiver o primeiro "goal" será considerado vencedor, terminando a partida imediatamente.
>
> V - A disposição do número II prevalecerá para a vitória, quando a prorrogação não terminar de acordo com a disposição do número IV.
>
> VI - Caso ainda não se decida a vitória a partida será prorrogada em fracções de dez minutos, nas condições das disposições III, IV e V.
>
> VII - O campeonato será dirigido pela comissão de esportes que resolverá os casos de urgência.
>
> VIII – Entre as provas semifinais e a final haverá um intervalo de dez minutos, para descanso do “team” que houver terminado a partida anterior.
>
> IX - Durante o campeonato os "teams” concorrentes não poderão, sob pretexto algum substituir seus jogadores.
>
> X - Os "referees" serão designados pela comissão de Desportos que escolherá pessoas alheias às escolas concorrentes.
>
> XI - Os referees serão auxiliados por quatro juízes de corner e linha
>
> XII - As resoluções tomadas pelo referee serão irrecorríveis[114].

É interessante notar que o regulamento do Campeonato Acadêmico de Futebol foi inspirado em grande parte pelas diretrizes criadas pela Liga Metropolitana para a realização do Campeonato *Inititum*. Excetuando-se os itens que fazem referência as “escolas concorrentes”, o documento é praticamente o mesmo. Outro aspecto importante é a ausência de disposições que proíbam jogadores que fazem parte da Liga Metropolitana de Futebol, ou de qualquer clube dos circuitos principais, em tomar parte do conclave, algo que seria problematizado no futuro.

---

[114] *Ibidem.*

As notícias que trouxeram os resultados do terceiro campeonato acadêmico ocuparam as principais seções das páginas esportivas. Pela primeira vez, as informações sobre as disputas acadêmicas se sobressaíram ao circuito dos clubes esportivos. Além disso, os embates estudantis foram descritos nos mínimos detalhes pelos cronistas. Todos os treze *matchs* realizados, no dia 22 de setembro de 1918, foram criteriosamente analisados, trazendo a descrição de cada jogo, as informações de todos os atletas e seus clubes de origem. Algo que precisamos destacar é a enorme discrepância entre o torneio de 1918 e o que havia sido realizado no ano anterior. A cobertura jornalista excedeu, em muito, o tímido relado que havia sido registrado nas páginas dos jornais em 1917. Para que possamos ter uma noção, a descrição do campeonato acadêmico ocupou cerca de duas páginas do jornal, que naquele contexto representava uma quantidade significativa de informações. Esta observação sobre a materialidade dos periódicos é fundamental para analisarmos a importância que estava sendo dada pelas equipes editoriais aos certames esportivos acadêmicos.

Figura 1: FOOT-BALL – Campeonato Acadêmico de 1918

FOOT-BALL

CAMPEONATO ACADEMICO DE 1918

Revestiu-se de grande animação o 3° certamen academico annual, hontem á tarde realizado no campo do Botafogo F. C.

Fonte: FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, pg.7.

Tudo indica que a expectativa criada em torno da realização do certame acadêmico foi alcançada. De modo oposto ao que aconteceu na segunda edição, a Taça Alliança Academica ocupou um espaço importante nas páginas esportivas, mesmo após o seu desenlace. As intempéries climáticas, geralmente utilizadas pelos cronistas para justificar o insucesso dos certames, sequer foram citadas, visto que de acordo com os cronistas “a concorrência as arquibancadas” foi numerosa. Segundo os relatos apresentados nas páginas do jornal *O Paiz*:

> No confortável ground do Botafogo F.C. foi, ontem, levado a efeito, pela terceira vez, o grande certame esportivo anual, instituído pela Alliança Acadêmica, para comemorar a entrada da primavera. Alcançou pleno

> sucesso o simpático festival promovido pela mocidade estudiosa tendo sido a maior parte das provas disputadíssimas pois as equipes se apresentaram todas em ótimas condições de training, e, o que é essencial com firme vontade de vencer. Assim, pois, conseguiu festival manter em contínuo interesse a numerosa assistência que presta o seu concurso ao brilhantismo do certame despertando as diversas fases da luta grande entusiasmo. Este ano houve o concurso de nada menos de 14 academias contra 10 dos anos anteriores. Das que se apresentaram no ano passado, apenas três deixaram de concorrer: A Escola de Pinheiro no Estado do Rio de Janeiro; O Scratch Mineiro e a Faculdade de Direito Teixeira de Freitas, desta capital[115].

A participação dos "*footballers*" já conhecidos pelo público, nos parece ser o principal ponto de inflexão na trajetória do campeonato acadêmico organizado pela Alliança. Mesmo com a ausência de algumas equipes, que participaram no ano anterior, o número de escolas concorrentes foi maior: "em compensação tivemos sete novos competidores o que demonstra o interesse que vai despertando o campeonato em boa hora instituído pela Alliança Academica"[116]. O formato "*initium*", que foi adotado pelo torneio, também privilegiou uma maior assistência, dessa forma, os entusiastas do esporte bretão, ávidos em acompanhar atletas dos principais clubes do país, poderiam fazê-lo durante a disputa da Taça Alliança Academica, onde todos os encontros ocorreriam no mesmo dia.

Os jogos tiveram início logo no começo da tarde, todos os *matchs* do torneio foram organizados a partir do sistema de eliminatórias. Dessa forma, em um primeiro momento, seriam organizados dois grupos, onde as equipes disputariam com o intuito de chegar às semifinais, o resultado desta última etapa levaria os concorrentes a "grande final" do campeonato acadêmico. Segue abaixo os resultados de cada partida:

Tabela 2: Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1918

Partida	Equipe 1	Equipe 2	Resultado
1º	Escola Naval (Rio de janeiro)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	0 X 5 *corners*
2º	Escola de Farmácia e Odontologia (Rio de Janeiro)	Faculdade de Medicina (São Paulo)	0 X 3 *goals*
3º	Academia de Comércio (Rio de Janeiro)	Escola Superior de Comércio (Rio de Janeiro)	1 *goal* X 0

[115] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, pg.7.
[116] *Ibidem.*

4º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Escola de Bellas Artes (Rio de Janeiro)	2 *goals* X *0*
5º	Faculdade Livre de Direito (Rio de Janeiro)	Escola Politécnica (São Paulo)	0 X 2 *goals e 3 corners*
6º	Faculdade de Medicina (Rio de Janeiro)	Escola Superior de Agricultura (Rio de Janeiro)	1 *goal* X 0
7º	Faculdade de Direito (São Paulo)	Faculdade de Ciências Jurídicas (Rio de Janeiro)	0 X 2 *corners*
8º	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	Faculdade de Medicina (São Paulo)	1 *goal* X 2 *corners*
9º	Academia de Comércio (Rio de Janeiro)	Escola Militar (Rio de Janeiro)	2 *goals* e 2 *corners* X 2 *corners*
10º	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	Faculdade de Medicina (Rio de Janeiro)	0 X 1 *corner*
11º	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	Faculdade de Ciências Jurídicas (Rio de Janeiro)	4 *goals* e 1 *corner* X 0
12º	Academia de Comércio (Rio de Janeiro)	Faculdade de Medicina (Rio de Janeiro)	2 *goals* e 2 *corners* X 1 *goal*
13º	Faculdade de Medicina (Rio de Janeiro)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	1 *goal* e 1 *corner* X 1 *corner*

Fonte: FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, pg.7.

Apesar de todos os *matchs* terem sido descritos detalhadamente nas páginas dos jornais, optamos por trazer os resultados de forma mais sucinta. Todavia, a disputa final da terceira edição da Taça Alliança Academica será apresentada da forma como foi narrada por um dos cronistas esportivos do jornal *O Paiz*, em setembro de 1918:

> O desenrolar desse match, foi deveras entusiástico pois o seu resultado final dependia a quem caberia o título de campeão de 1918. O extrema esquerda, da faculdade de medicina, Manoel Dias, foi o autor do gol que deu a Faculdade de Medicina, o título de Campeão Acadêmico de 1918. Foi

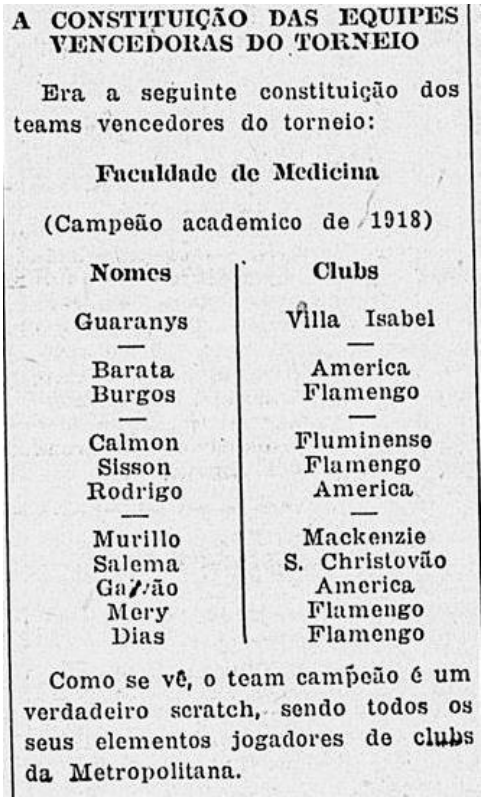
> por este motivo, que ambas as representações, que já se vinham impondo em jogos anteriores, ante o desfecho desse torneio desenvolveram um jogo admirável, proporcionando ao público, composto em sua maioria de acadêmicos, momentos de verdadeiro entusiasmo, iguais àqueles que se desenrolam em nossos campos, por ocasião de jogos sensacionais do campeonato da Liga Metropolitana. No que diz respeito à parte técnica, essa foi a melhor possível. Todos os dois teams cavaram bastante, havendo uma ocasião em que Menezes, center-foward do team da Escola Politécnica, recebendo belíssimo passe de Tasso, escapa, e quando todos julgavam que ele garantiria a vitória ao seu team, em um vigoroso chute infeliz, manda a bola por cima da trave do gol, sob a guarda de Guaranys. Foi um oh!!... geral. Decididamente a "miudinha" acercara-se dos players da escola Politécnica, e eles tiveram de se consolar com o segundo lugar[117].

É notável o contraste entre a descrição dos jogos de 1918 e as duas primeiras edições do campeonato acadêmico. Os adjetivos utilizados nos mostram que a presença dos *players* dos principais clubes do país modificou a forma e o conteúdo dos jogos. No lugar de "desorganizados" e "pouco treinados", temos observações como: "no que diz respeito à parte técnica, essa foi a melhor possível". Além disso, pela primeira vez, um jogo entre acadêmicos foi comparado às disputadas de uma das principais ligas de futebol do país. Outro aspecto importante, diz respeito à constituição do público presente, que apresar de ter sido numeroso era composto em sua maioria por acadêmicos, reafirmando a tese de que mesmo ao impactar o universo esportivo, as disputas acadêmicas ainda dependiam em larga medida da assistência da classe estudantil para se sustentar enquanto parte do "calendário esportivo" do país.

A presença dos jogadores da Liga Metropolitana foi tão destacada pelos cronistas, que o jornal *O Paiz* se ocupou em produzir uma tabela com a composição do time vencedor do torneio, apresentaremos aqui, o esquema preparado para a Faculdade de Medicina, campeã da Taça Alliança Academica de 1918. Nota-se que a observação feita ao final da imagem vai ao encontro do que foi discutido desde a véspera da realização do certame:

Figura 2: A Constituição das Equipes Vencedoras do Torneio

[117] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, pg.8.



A CONSTITUIÇÃO DAS EQUIPES VENCEDORAS DO TORNEIO

Era a seguinte constituição dos teams vencedores do torneio:

Faculdade de Medicina

(Campeão academico de 1918)

Nomes	Clubs
Guaranys	Villa Isabel
—	—
Barata	America
Burgos	Flamengo
—	—
Calmon	Fluminense
Sisson	Flamengo
Rodrigo	America
—	—
Murillo	Mackenzie
Salema	S. Christovão
Gazzão	America
Mery	Flamengo
Dias	Flamengo

Como se vê, o team campeão é um verdadeiro scratch, sendo todos os seus elementos jogadores de clubs da Metropolitana.

Fonte: FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, pg.7.

O campeonato acadêmico de 1918 trouxe consigo um aspecto importante para a história e a memória deste fenômeno cultural no Brasil. Naquele ano, foram publicados nas páginas dos jornais os primeiros registros fotográficos de disputas acadêmicas de que se tem notícia no país[118]. Precisamos lembrar, que no contexto em questão, o processo de impressão das fotografias nos periódicos ainda era algo incipiente na realidade editorial brasileira. Apesar do pioneirismo nacional de alguns órgãos de imprensa na utilização do processo de rotogravura[119] no início do século XX, como é o caso do *Jornal do Brasil* (RJ), a *Gazeta* (SP) e algumas revistas ilustradas, a reprodução em larga escala de fotografias, como parte constituinte dos periódicos, só ocorreria no cenário internacional a partir da virada do século XIX, tendo como expoentes deste processo alguns países da Europa e os Estados Unidos. O esporte ocupou um espaço importante no processo de inserção da

[118] Estamos levando em conta o acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que constitui o *corpus* documental desta Tese, onde foram analisadas mais de duas mil ocorrências entre 1900 e 1930.

[119] O processo de rotogravura é um sistema de impressão que utiliza cilindros como o seu princípio básico, geralmente são utilizadas tintas líquidas de secagem rápida. A gravação no cilindro é feita em baixo relevo. Criada no final do século XVIII a rotogravura ocupou um papel importante na indústria visual. Para mais informações, ver: LIMA, Luiz Roberto de et al. Design de embalagem flexíveis para impressão em rotogravura. 2004.

fotografia na imprensa diária brasileira. Em uma pesquisa realizada no jornal *Estado de S. Paulo,* que foi o periódico com a maior tiragem do país naquele contexto, observou-se que o tema visual mais reproduzido foi o esporte e os seus aspectos sociais, notadamente, os clubes, os eventos esportivos e os atletas (MADIO ,2007). Dessa forma, levando em conta a importância da presença da fotografia nos documentos que compõem a história do esporte acadêmico brasileiro, apresentamos a seguir os primeiros registros encontrados no país, todos eles em periódicos do Rio de Janeiro, em 1918:

Figura 3: Equipes Campeãs

Fonte: FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, pg.8.

Figura 4: O Team da Faculdade de Medicina

Fonte: FOO-BALL. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, p. 7.

Figura 5: Campeonato Acadêmico

CAMPEONATO ACADEMICO

O team da Escola de Medicina conquista brilhantemente o titulo de campeão de 1918

Ao alto — O team da E. Polytechnica 2º collocado no campeonato, vendo-se ao lado uma bella defesa do beck da E. Polytechnica de S. Paulo — Em baixo — O team da E. de Medicina (Rio) vencedor do campeonato de 1918

Fonte: Campeonato Academico. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, p. 4.

Estes registros nos mostram a importância que o campeonato acadêmico ocupou na agenda esportiva da capital da República. Podemos notar que até mesmo alguns lances dos jogos foram eternizados pelas lentes fotográficas, algo que traz uma materialidade importantíssima para os arquivos históricos. Além disso, observamos que ao menos no *scratch* da Faculdade de Medicina, não há entre os atletas nenhum estudante negro, algo que vai ao encontro dos dados apresentados

pelo Recenseamento Geral do Brasil de 1940[120], onde é apontado que estes acadêmicos representavam somente 0,88% do total de estudantes de nível superior do país naquele momento. Levando em consideração que estes números apresentam a realidade do ensino superior nacional mais de vinte anos após a realização do campeonato de 1918, podemos inferir que a presença de estudantes negros era ainda menor no contexto em que estamos discutindo, visto que a partir da década de 1930 o país passaria por um processo de expansão da oferta de cursos de nível superior (DURHAM, 2003). Neste sentido, podemos observar que esta realidade aponta na direção de que o esporte acadêmico brasileiro se constituiu a partir das elites regionais, da mesma forma como ocorreu com os clubes esportivos desde a gênese do futebol brasileiro, na virada do século XIX (FRANZINI, 2003).

O primeiro time de futebol do Rio de Janeiro que inclui membros das classes populares em suas fileiras foi o Club de Regatas Vasco da Gama. Este processo ficou conhecido na historiografia do esporte como “Revolução Vascaína” (MALAIA, 2008). Todavia, isto não significa que os dirigentes do Vasco, naquele contexto, buscavam qualquer tipo de enfrentamento ao racismo instituído nos clubes esportivos do país, a inclusão destes sujeitos nas fileiras do Clube, pode ser compreendida através de uma estratégia de mercado utilizada por parte dos empresários portugueses, já que os times do subúrbio do Rio de Janeiro contavam com excelentes jogadores, compostos em sua maioria, por brancos pobres e negros (FORTES; MALAIA, 2021). Além disso, esta iniciativa não culminou em uma profissionalização imediata do esporte bretão no Brasil. O chamado “profissionalismo marrom”, que ocorreu a partir do início da década de 1920, foi responsável por incluir membros das classes populares, que eram atletas notórios, em clubes da elite para que eles pudessem jogar de forma profissional em instituições nomeadamente amadores. Este processo se estendeu até o início da década seguinte, quando o profissionalismo foi finalmente oficializado no Brasil, no ano de 1933 (YAMANDU; GÓIS JUNIOR, 2012). Neste sentido, “a profissionalização do futebol foi fundamental para que as classes populares tivessem acesso ao que

[120] O Recenseamento Geral do Brasil de 1940 foi o primeiro a trazer dados sobre a formação de nível superior no país. Ver: RECENSEAMENTO Geral do Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico, População e Habitação. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, 1950, 209 p.

era a *priori* um privilégio das elites, ocasionando de fato, um processo de mobilidade social" (PESSOA, 2018, p. 70-71).

No esporte acadêmico, o debate entre o profissionalismo e o amadorismo só ocorreria a partir da consolidação das federações estaduais, que seriam o embrião do esporte universitário brasileiro desenvolvido a partir da década de 1930. Naquele contexto, onde o profissionalismo já era uma realidade no futebol nacional, os órgãos de imprensa e alguns agentes públicos, defensores do ideal amador, se apropriaram do esporte universitário enquanto uma "expressão do amadorismo", utilizando os estudantes como o modelo que deveria ser seguido pela juventude brasileira (PESSOA, 2022). Enquanto este debate ainda não se instalava nas páginas dos jornais, como é o caso do campeonato de 1918, o que diferenciava os atletas acadêmicos era o seu comportamento em campo. A retórica construída em torno dos certames acadêmicos transparecia a ideia de que os estudantes representavam o que havia de mais avançado na elite brasileira. Dessa forma, quase em sua totalidade, os relatos sobre as disputas acadêmicas sempre destacavam o comportamento cavalheiresco dos atletas e a composição das arquibancadas:

> Era elevado o número de aficionados. Grande o número de famílias, e o campeonato acadêmico deste ano realizou-se assim, em um ambiente festivo, cheio de entusiasmo e vibrante de contentamento, pela camaradagem fraternal entre a mocidade esperançosa das nossas escolas e pelo espetáculo admirável da sua competição cavalheiresca. O certame foi brilhante: todas as provas muito bem disputadas. Uns mais fortes do que outros, todos os quadros foram carinhosamente saudados pela grande assistência e corresponderam a essas palmas, deixando do seu valor uma impressão muito apreciável[121].

Assim como já foi citado, um dos aspectos mais importantes que o campeonato acadêmico de 1918 trouxe, foi congruência entre os clubes esportivos e as equipes estudantis. Pela primeira vez, os *players* conhecidos das ligas esportivas do Rio de Janeiro e São Paulo se enfrentaram utilizando as cores de suas faculdades, e com isso, acabaram por formar "verdadeiros *scratch*s". Não obstante, as equipes estudantis também poderiam servir como espécies de "vitrines" para os clubes esportivos. De acordo com o relato apresentado pelo jornal *O Paiz*, o atleta Luiz Cardoso Filho, que compunha a equipe principal do S. Christovão A. C, propôs que um dos jogadores da Escola Militar fosse aceito como sócio do clube, pedido

[121] FOOT-BALL. Jornal do Brasil**,** Rio de Janeiro**,** 23 de setembro de 1918, p. 7.

que foi prontamente julgado pela diretoria: “acaba de ser aceito sócio daquele clube, o magnífico extrema esquerda do primeiro time da Escola Militar, Iracy Ferreira de Castro, cujo jogo, ainda no domingo último, foi tão apreciado, por ocasião do Campeonato Acadêmico”[122]. Este intercâmbio pode significar o início de uma cadeia de formação esportiva entre as faculdades e os clubes de futebol, algo que foi de extrema importância na história do desenvolvimento do esporte em outros países, como é o caso do Futebol Americano nos Estados Unidos (SOLBERG, 2018).

Após o término do campeonato acadêmico de 1918, criou-se um silêncio nas páginas esportivas, como se o esporte acadêmico acompanhasse a entrada da primavera e se despedisse logo após a longa tarde de jogos realizada entre os estudantes do país. Neste sentido, o mês de setembro deixou de significar somente a entrada do equinócio para os acadêmicos da capital da República. Com aparições sazonais nas páginas dos jornais, que acompanhavam as edições da Taça Alliança Acadêmica, as equipes estudantis só voltariam a ocupar os editoriais esportivos com a proximidade da primavera de 1919.

De uma forma um pouco mais tímida se comparado ao ano anterior, os preparativos para a quarta edição do campeonato se iniciaram em meados de setembro de 1919. A equipe da Escola Militar foi uma das primeiras a começar os treinos, disputando contra o quadro principal da equipe do Bangu[123]. Durante a mesma semana, a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais enfrentou o terceiro time do Flamengo[124], este que havia oferecido à Escola de Agricultura um *match training* no final de agosto[125]. Assim como de costume, o entusiasmo em torno do certame crescia, e a mídia impressa não se furtou em cumprir o papel de fomentar o espetáculo estudantil nas rodas esportivas:

> A tabela dos campeonatos e torneios da Metropolitana não marca nenhum jogo oficial para domingo próximo. Motiva esta interrupção o facto de ter de se realizar o interessante campeonato anual de football entre a nossa mocidade acadêmica, pela realização do interessante certamen, que vem aumentar o valor do football carioca, pois provará a sua prática por pessoas que se educam, como os acadêmicos do Rio, Minas e S. Paulo, reina enorme o Justificado entusiasmo. O campo do Flamengo, o local escolhido para o importante certame, terá a sua lotação ocupada no próximo dia 31, pois, o interesse que vem sendo disputado, não só nas Academias, como também no nosso mundo sportivo, é enorme, de modo que o meeting de

[122] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1918, pg. 8.
[123] NOTAS do dia. O Paiz, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1919, pg. 8.
[124] CAMPEONATO ACADEMICO. O Paiz, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1919, pg. 8.
[125] Clubs da Metropolitana. O Imparcial, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1919, pg. 10.

> domingo preencherá os fins a que se destina: substituir o campeonato e torneios da cidade por mais um domingo[126].

O que foi chamado de “interrupção” no calendário de jogos da Liga Metropolitana, revela que o campeonato acadêmico ocupava uma posição cada vez mais importante na agenda esportiva da capital do país. Devemos lembrar, que diversos jogadores da Liga também compunham as fileiras das equipes estudantis, portanto, a realização concomitante de jogos destes dois universos poderia reduzir ou até mesmo inviabilizar a participação de algumas equipes acadêmicas. Outro ponto que merece destaque, diz respeito ao discurso regionalista trazido pelo cronista, a noção de que os acadêmicos estavam contribuindo para “aumentar o valor do *footbal*l carioca”, é fundamental para compreendermos como as relações de identidade regional se constituíram em torno do esporte acadêmico, algo que seria de extrema importância para a história do esporte universitário a partir da década de 1930, principalmente se levarmos em conta a rivalidade entre os acadêmicos do Rio de Janeiro e São Paulo (PESSOA, 2018). Além disso, o cronista afirmou que as dependências do campo do Flamengo teriam sua lotação máxima atingida durante a disputa do campeonato, visto que segundo os relatos apresentados, o entusiasmo era enorme, mesmo fora das rodas estudantis, dessa forma, a Taça Alliança Acadêmica estava impactando todo o “mundo *sportivo*” da capital da República, chegando a ser considerada uma atração que deveria ser permanente no calendário esportivo carioca.

A composição das equipes impactou sobremaneira a repercussão do campeonato acadêmico desde a edição de 1918, de acordo com o cronista, das equipes que se inscreveram até meados de setembro: “destacam-se os da Faculdade de Medicina e o *scratch* mineiro; o primeiro, um *team* capaz de disputar qualquer campeonato carioca e o segundo, quase o mesmo selecionado da Liga Mineira, que esteve domingo último entre nós”[127]. Este momento da história do esporte acadêmico é fundamental para compreendermos como este fenômeno se configurou nas décadas posteriores. Isto nos ajuda a perceber, que em um determinado momento da trajetória do esporte acadêmico brasileiro, as disputas estudantis compartilharam os mesmos atletas, assim como, um grau de importância

[126] FOOT-BALL. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1919, p. 6.
[127] FOOT-BALL. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1919, p. 6.

equivalente ao das ligas esportivas, que se profissionalizariam alguns anos depois, no início da década de 1930.

Na sede da Alliança Acadêmica, às 14:00 horas do dia 18 de setembro de 1919, na rua do Ouvidor, foi realizado o sorteio dos jogos que ocorreriam na quarta edição do campeonato acadêmico. Ao todo foram inscritas dezenove equipes que representavam quatro estados brasileiros, sendo eles: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Neste mesmo lugar, os jogadores deveriam retirar os seus ingressos, sem os quais não seria permitida a entrada em campo durante a realização do torneio[128]. A cobrança de ingressos para assistir à Taça Alliança Acadêmica é uma incógnita, não sabemos se as verbas eram revertidas para alguma entidade filantrópica, se o montante arrecadado era destinado ao clube que sediava o evento ou se a Alliança Acadêmica detinha os direitos de captar toda a verba produzida no certame. Todavia, o que temos ciência é que, diferente dos *matchs* realizados ao longo da primeira década do século XX, que se constituíam em torno de alguma causa específica, a realização da Taça Alliança Acadêmica era autossuficiente, ou seja, sua principal motivação era o próprio espetáculo esportivo. Observar o aspecto econômico do campeonato acadêmico é fundamental para que compreendamos sua estruturação, para além da retórica apresentada nas páginas dos jornais, principalmente se levarmos em conta que a partir da leitura dos cronistas, o certame havia alcançado pleno êxito no universo esportivo:

> Constitui um verdadeiro sucesso a excelente festa esportiva ontem levada a efeito pela simpática Alliança Academia, no espaçoso *ground* do clube de regatas do Flamengo, a rua Paissandu, e na qual foi, pela quarta vez, disputado o Campeonato Acadêmico de Futebol entre os times representativos das escolas superiores brasileiras. O interessante certame, ao qual concorreram 18 *teams* de estudantes patrícios, transcorreu sem o menor senão até a sua penúltima prova, o 16º match do dia, quando teve de ser suspenso pela absoluta falta de luz para a sua continuação[129].

As impressões dos jornais da capital da República foram unívocas com relação ao sucesso alcançado pelo empreendimento acadêmico. De acordo com o *Jornal do Brasil*, no dia da realização do certame, no campo do Flamengo, “notava-se que pouco a pouco as principais dependências do espaçoso *ground* da rua Paysandu foram quase que tomadas literalmente por uma multidão elegante, onde se divulgava o elemento feminino”. Podemos observar que mais uma vez, a

[128] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1919, pg. 6.
[129] VIDA Sportiva. O Imparcial, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919, pg. 8

presença feminina nas arquibancadas era utilizada enquanto uma estratégia para qualificar o certame como um evento da elite social carioca, “as nossas gentis patrícias, com os seus gestos encantadores e uma torcida graciosa, não se cansavam de aplaudir os feitos dos “teams” que lhes eram afeiçoados”[130]. O jornal *Correio da Manhã* também destacou a “numerosa assistência”, além disso, de acordo com o cronista: “o que foi essa festa difícil torna-se dizer bastando informar-se ter ela alcançado o êxito esperado pela sua organizadora a Alliança Academica desta Capital”[131].

Na tarde do dia 21 de setembro foram disputados dezesseis *matchs,* sendo que a “grande final” do campeonato só ocorreria um dia depois, devido à falta de luz que atingiu o *ground* do Flamengo no início da noite. Segue abaixo o resultado das partidas:

Tabela 3: Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1919

Partida	Equipe 1	Equipe 2	Resultado
1º	Faculdade de Direito (São Paulo)	Faculdade de Direito (Rio de Janeiro)	3 gols X 0
2º	Escola de Commercio (Rio de Janeiro)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	3 gols e 3 corners X 0
3º	Teixeira de Freitas (Rio de Janeiro)	Bellas Artes (Rio de Janeiro)	0 X 2 corners
4º	Escola de Guerra (Rio de Janeiro)	Escola de Medicina (São Paulo)	2 gols e 2 corners X 0
5º	Escola de Medicina (Rio de Janeiro)	Escola Politécnica (São Paulo)	1 corner X 0
6º	Instituto Comemercial (Rio de Janeiro)	Academia do Commercio (Rio de Janeiro)	0 X 3 gols e 1 corner
7º	Escola Naval (Rio de Janeiro)	Superior de Agricultura (Rio de Janeiro)	1 gol e 2 corners X 0

[130] FOOTBALL. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919, p. 10
[131] A FESTA da Primavera. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919, p. 7.

8º	Faculdade Hahnemanniana (Rio de Janeiro)	Faculdade de Ciências Jurídicas (Rio de Janeiro)	1 corner X 1 gol e 4 corners
9º	Mackenzie College (São Paulo)	Universidade Paranaense (Paraná)	3 gols e 3 corners X 0
10º	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	Faculdade de Direito (São Paulo)	1 gol e 6 corners X 0
11º	Escola de Guerra (Rio de Janeiro)	Bellas Artes (Rio de Janeiro)	3 gols e 3 corners X 0
12º	Faculdade de Medicina (Rio de Janeiro)	Academia de Commercio (Rio de Janeiro)	1 gol X 0
13º	Faculdade de Ciências Jurídicas (Rio de Janeiro)	Escola Naval (Rio de Janeiro)	2 gols e 1 corner X 0
14º	Mackenzie College (São Paulo)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	1 gol e 1 corner X 1 corner
15º	Escola de Guerra (Rio de Janeiro)	Faculdade de Medicina (Rio de Janeiro)	2 gols e 1 corner X 1 corner
16º	Mackenzie College (São Paulo)	Faculdade de Ciências Jurídicas (Rio de Janeiro)	2 gols e 1 corner X 0

Fonte: VIDA Sportiva. O Imparcial, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919, pg. 8

A prova final do campeonato acadêmico de 1919 merece ser apresentada com maiores detalhes, visto que revela uma faceta importantíssima para a história deste fenômeno esportivo no Brasil. No capítulo anterior, afirmamos que no primeiro campeonato acadêmico realizado no país em 1912, ainda não havia elementos empíricos que nos levassem a acreditar que o regionalismo era uma das tônicas presentes nas disputas estudantis. Todavia, a contenda decisiva da quarta edição da Taça Alliança Acadêmica foi o cenário perfeito para que os discursos regionalistas entrassem em campo, principalmente por se tratar de um embate entre os paulistas e os cariocas, notadamente, uma das maiores rivalidades estabelecidas nas primeiras décadas do Regime Republicano no Brasil (MACHADO, 2016). A forma

como os jornais das duas capitais se referiu ao resultado do jogo é sintomática, mostrando que, a partir daquele momento, o regionalismo havia se tornado um elemento fundamental para analisarmos o universo do esporte acadêmico. O responsável por publicar a versão carioca dos fatos foi o jornal *O Imparcial*:

> Realizou-se, ontem, no campo do Flamengo a prova final do Campeonato Acadêmico, entre as valorosas equipes da Escola de Guerra, desta capital, e a do Mackenzie College de S. Paulo. Apesar do time da Escola de Guerra ter desenvolvido jogo muito superior ao de seu antagonista, o time do Mackenzie College conseguiu vencer a pugna, por um corner, apenas. Com a vitória ontem obtida, o Mackenzie College conquistou o título de "campeão acadêmico de 1919". A escola de guerra, cujo team tanto sucesso alcançou coube o segundo lugar e o prêmio de "Martinelli"[132].

Um ponto que precisamos destacar é que somente este jornal da capital da República apresentou o resultado da prova final do campeonato. Se levarmos em conta a ampla cobertura que havia sido oferecida ao certame durante a disputa das provas eliminatórias, podemos conjecturar que a derrota para os paulistas poderia não ter sido bem aceita entre os cronistas cariocas. O texto deixa evidente que a partir da perspectiva do cronista o Mackenzie não mereceu a vitória, afirmando que a Escola de Guerra havia "desenvolvido jogo muito superior", e que a o jogo foi decidido "por um corner, apenas". A versão da imprensa bandeirante sobre o resultado do campeonato acadêmico foi praticamente oposta ao que os seus colegas cariocas publicaram sobre o resultado do jogo, além disso, os paulistas utilizaram esta oportunidade para reafirmar a sua importância no cenário esportivo nacional:

> Nessa importante prova, decisiva do grandioso certame acadêmico, a equipe representativa do Mackenzie College conseguiu, após uma porfiada luta, derrotar o seu valoroso antagonista pela significativa diferença de 1 corner. Esse resultado empresta maior relevo a brilhante vitória dos estudantes paulistas, porquanto representa o produto do um extraordinário esforço, dispendidos igualmente pelas duas possantes elevens na sensacional prova do desempate, em que se decidia a posse do título de campeão acadêmico de 1919. Mais uma vez S. Paulo, representado neste concurso por quatro de suas escolas superiores, conseguiu levantar um campeonato de football, que o eleva ainda mais no moto esportivo nacional. Esse belo triunfo do Mackenzie representa para S. Paulo uma conquista brilhante o que vem confirmar mais uma vez que em nosso Estado reside, de facto, a maior força do esporte brasileiro. Aos bravos rapazes mackenzistas, as nossas felicitações pelo honroso triunfo, obtido na competição acadêmica de football[133].

---

[132] FOOTBALL. O Imparcial, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919.
[133] FOOTBALL. Correio Paulistano, São Paulo, 23 de setembro de 1919, p. 3.

Esta retórica que buscava exaltar o pavilhão esportivo paulista não adentrou as arenas estudantis ao acaso. O ano de 1919 seria fundamental para compreendermos o processo que levou o regionalismo para o interior dos embates acadêmicos. Em maio daquele ano, o Brasil obteve sua primeira conquista importante no cenário do futebol internacional, com o título de Campeão Sul-Americano de 1919. Este campeonato foi disputado no Rio de Janeiro pelos selecionados do Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. Na véspera da disputa, se instalou um debate nas páginas dos jornais para que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) decidisse a escalação que representaria o país, os principais protagonistas desta disputa foram os cariocas e os paulistas. A seleção do Brasil era composta exclusivamente por atletas destes dois estados, a retórica dos cronistas apontava que, independentemente disto, eles eram os legítimos representantes da pátria. Precisamos destacar que dos onze titulares da seleção brasileira, oito eram oriundos de São Paulo, os cronistas esportivos da pauliceia agiram de forma contundente para que isto fosse possível (MACHADO, 2016; BRINATI, 2016). A rivalidade estabelecida entre os estudantes dos dois estados, a partir do campeonato acadêmico de 1919, foi fundamental para que naquele mesmo ano, estes acadêmicos decidissem instituir um novo campeonato estudantil, que seria disputado somente entre eles, da mesma forma como correu com a “Taça Rio versus São Paulo”[134]:

> Encerrando os festejos da primavera, será disputado, na próxima quinta-feira, um match entre os estudantes de S. Paulo e os desta capital, constituído em scratchs representativos, das escolas das duas capitais. O match a realizar-se quinta-feira em benefício do monumento a Olavo Bilac, que se projeta levantar em S. Paulo, e deve-se a iniciativa da Liga Nacionalista, da capital vizinha, que ofereceu ao Centro Onze de Agosto uma rica taça, a qual caberá ao seu vencedor. A taça “Bilac" será disputada duas vezes por ano: uma no Rio o outra em S. Paulo em match returno. O Centro “Onze de Agosto" entendeu-se, por Intermédio do Sr. Presidente, Bacharelando Antônio Carlos de Abreu Sodré, com a Alliança Acadêmica, que, por sua vez, está encarregada de organizar o scratch carioca. O jogo talvez se realize no campo do Flamengo, devendo efetuar-se um match preliminar, cogitando-se, nas rodas Acadêmicas, de convidar os primeiros teams desse club e do Botafogo[135].

Esta perspectiva regionalista no esporte acadêmico teria implicações diretas no desenvolvimento do esporte universitário a partir da década de 1930. De acordo

[134] A “Taça Rio versus São Paulo” foi instituída em 1914 e representou a materialização das disputas regionalistas entre dois estados (MACHADO, 2016).
[135] FOOTBALL. Correio Paulistano, São Paulo, 23 de setembro de 1919, p. 3.

com Pessoa (2018, p. 103): “o esporte universitário foi um importante veículo de afirmação de identidades regionais, assim como, na construção de uma identidade nacional, servindo como uma ferramenta para o Estado Novo exercer controle sobre a elite intelectual do país”. Neste sentido, observar as raízes deste processo nos proporciona um olhar privilegiado para compreendermos como se desenvolveu um aspecto fundamental do esporte acadêmico em âmbito nacional.

As solenidades de encerramento da Taça Alliança Acadêmica de 1919 ocorreram dois dias após o término do campeonato. A entrega dos prémios aos vencedores do torneio foi realizada no Salão Nobre da Associação dos Empregados do Comércio. Na ocasião, o Dr. Austregésilo[136] proferiu um discurso congratulando os acadêmicos, “logo depois os estudantes dos estados e do Rio se dirigiram ao High Life, onde foi efetuado um baile, em que só eles tomaram parte”. No dia 24 de setembro os acadêmicos do Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo organizaram uma romaria aos túmulos dos estudantes José de Araújo Guimarães e Francisco Ribeiro Junqueira, ambos foram assassinados em 1909, no episódio que ficou conhecido como “Primavera de Sangue”. Depois da solenidade, “a romaria estender-se-á ao túmulo do Dr. Nicanor de Toledo Sanches, morto na epidemia da gripe, o que foi sócio fundador e presidente da Alliança Academica”[137]. Um ponto que precisamos destacar, é que desde a primeira edição da Taça Alliança Academica, realizada em 1916, a data escolhida pela organização do evento sempre foi a entrada da primavera. Portanto, a homenagem realizada pelos acadêmicos aos estudantes mortos na “Primavera de Sangue”, revela que no seio da classe estudiosa, o campeonato acadêmico poderia representar um *continuum* capaz de honrar a memória destes colegas que foram assassinados pela força policial, dessa forma, a escolha deste período específico do ano não seria por acaso. Esta data simbolizava um espaço privilegiado para a organização de protestos por acadêmicos de vários países da América Latina, algo que no Brasil, culminou em uma tragédia para estes dois jovens acadêmicos:

> Em tempos de campanha eleitoral à presidência da República, o cotidiano carioca foi marcado por um emblemático acontecimento: a Primavera de Sangue. Por ocasião da chegada da estação da primavera, em setembro de 1909, os estudantes de muitas capitais latino-americanas celebravam a data simultaneamente e procuravam sempre aproveitar a ocasião para

[136] Não são apresentados dados que expliquem quem é este sujeito e qual a sua função no âmbito acadêmico.
[137] *Ibidem.*

> associarem algum tipo de protesto. Naquele ano, os acadêmicos cariocas organizaram uma passeata que ganhou colorido diferente com o enterro político do general Antonio Geraldo de Souza Aguiar, comandante da Força Policial do Distrito Federal. A manifestação terminou com o saldo de duas vítimas fatais, daí a alusão ao sangue, com o qual o episódio ficou consagrado, isto é, Primavera de Sangue (BORGES, 2011, p. 117).

Além disso, a visita ao túmulo do Dr. Nicanor de Toledo Sanches, que foi um dos fundadores da Alliança Academica, é a primeira menção à epidemia da Gripe Espanhola que atingiu o Brasil em meados de 1918. É curiosa a ausência de debates acerca da epidemia durante a realização da terceira edição do campeonato acadêmico. Por uma coincidência histórica, os primeiros casos registrados no Brasil ocorreram poucos dias após o encerramento dos jogos. Porém, naquele contexto, a doença já havia vitimado milhares de pessoas pelo globo. Estima-se que durante a pandemia (1918-1920), aproximadamente seiscentas milhões de pessoas foram infectadas no mundo e mais de vinte milhões perderam a vida. A epidemia da gripe mudou radicalmente o cotidiano da capital do país durante a primavera de 1918, de acordo com Brito (1997, p. 24):

> A cidade foi progressivamente paralisando até ganhar um ar sepulcral. Todos os serviços funcionavam precariamente por falta de pessoal. Diariamente os jornais publicavam listas enormes de agências públicas e empresas privadas que haviam suspendido suas atividades: o Ministério da Agricultura, os bondes da Light, a Central do Brasil, o Tesouro Nacional, a Biblioteca Nacional, a Prefeitura, a Câmara, o Senado, os quartéis da Brigada Policial, os funcionários e médicos da Diretoria de Saúde, a Limpeza Pública (que deixou de recolher o lixo), o serviço de telefones, lojas, bancos, escolas, faculdades, teatros, cinemas etc.

Apesar da metade da população carioca estar infectada em meados de outubro de 1918, o debate acerca da gripe espanhola não participou das discussões que divulgavam os certames acadêmicos. Em uma fotografia[138] que apresentou as equipes campeãs do terceiro campeonato acadêmico em 1918, podemos observar que alguns alunos da Faculdade de Medicina, aparentemente, estão utilizando máscaras, porém não podemos determinar ao certo, visto que a definição da imagem não nos permite uma apuração mais minuciosa. De toda forma, o fato é que a pandemia de gripe que atingiu o mundo naquele ano impactou sobremaneira a capital da República, e obviamente isto reverberou na classe estudantil. o Dr. Nicanor de Toledo Sanches cumpriu um papel fundamental na criação da instituição responsável pelo maior campeonato acadêmico realizado no país até aquele

[138] Ver: Figura 5: Campeonato Acadêmico, página 74.

momento, portanto, não podemos dizer que o esporte acadêmico não foi afetado pelo surto da “Ia dançarina”[139], assim como ficou conhecida na época.

O ano de 1920 marcou uma expansão na agenda esportiva acadêmica em âmbito nacional. Os jornais do país não precisariam aguardar a próxima primavera para noticiar os acontecimentos esportivos das academias brasileiras. Além disso, este ano inaugura a entrada de uma nova modalidade no circuito de disputas dos acadêmicos: o atletismo. Provavelmente motivados pela repercussão da Taça Alliança Academica, os estudantes paulistas instituíram uma comissão que seria responsável para realização de um campeonato acadêmico de atletismo a ser realizado no ano de 1920. De acordo com a carta publicada no jornal *O Paiz*:

> S. Paulo, 8 de maio de 1920. Exm. Sr. Saudações - Tenho a honra de levar ao conhecimento de V., que em reunião dos representantes das várias escolas do curso superior desta capital, realizada em 5 do corrente, foi eleita e empossada a seguinte diretoria, que deverá reger os destinos do Campeonato Acadêmico de Atleta Completo, durante o ano administrativo do 1920: Presidente, Décio Ferram Alvim, Faculdade de Direito; vice-presidente, Max do Barros Erhart, Faculdade de Medicina; 1° secretario, Floriano de Camargo, Escola de Eletricidade; 2° secretario, Cassio Araujo, Escola Normal; 1° tesoureiro, Christovão Ivancko, Escola Politécnica; 2° tesoureiro, João Laraya, o procurador, Mario de Froitas, Mackenzie College. Aproveito o ensejo para apresentar a V. os meus protestos da mais alta estima e mui distinta consideração -- Floriano de Camargo, 1º secretário." Secretaria: rua do S. Bento n. 14, sobreloja, sala H[140].

O atletismo já era uma modalidade praticada no país desde o final do século XIX. De acordo com Melo (2019), os primórdios dos “esportes atléticos” no Brasil remontam a criação das agremiações esportivas fundadas pelos britânicos nos anos de 1870, no Rio de Janeiro. Naquele contexto, o atletismo representava um conjunto de provas atléticas organizadas pelos clubes. A participação de atletas brasileiros foi se consolidando *pari passu* ao desenvolvimento da modalidade, sendo que alguns anos mais tarde, agremiações fundadas por brasileiros seriam divulgadas nas páginas dos jornais. Neste sentido, é bem provável que os acadêmicos já estivessem inseridos neste contexto. Todavia, a estruturação de um campeonato propriamente acadêmico só ocorreria a partir de 1920, com a iniciativa dos estudantes da capital paulista.

No início de setembro, assim como já era de costume, as notícias sobre a realização do campeonato acadêmico de futebol começaram a circular nos

---

[139] BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. História, ciências, saúde-Manguinhos, v. 4, p. 11-30, 1997.
[140] ATHETISMO. O Paiz, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1920, p. 12

periódicos cariocas. A partir do dia 12 daquele mês, os diretores da Alliança Academica se colocaram à disposição das escolas superiores, onde estariam "diariamente, das 16 1/2 às 17 1/2 horas, e das 20 1/2 às 21, a rua do Rosario n. 162, sede do Grêmio Republicano Portuguez". Além disso, a diretoria da Alliança solicitou às faculdades que participariam do certame, que enviassem o nome dos jogadores, juntamente com a cor dos uniformes e a comprovação da matrícula[141]. A necessidade de apresentação do vínculo estudantil é um fator obvio, mas que merece atenção, visto que a partir da década de 1930, o regulamento que definia o esporte universitário nas disputas internacionais consideraria um atleta estudante até dois anos após a conclusão do curso (PESSOA, 2018).

A divulgação do certame não teve a atenção que estava sendo dedicada aos acadêmicos se comparada às últimas edições do evento. Nas vésperas do conclave, somente um dos jornais da capital, dos que geralmente se ocupavam com assunto, publicou suas impressões acerca da quinta edição do campeonato acadêmico de futebol. Todavia, o cronista abordou o empreendimento acadêmico com a mesma euforia que estava sendo despendida nos últimos anos. De acordo com o jornal *O Paiz*: "continua a despertar grande entusiasmo, no meio esportivo e social, a disputa do campeonato acadêmico do foot-ball, promovido pela Alliança Academica, em comemoração à entrada da primavera". O cronista ainda destacou que: "o sucesso alcançado nos outros campeonatos foi colossal, sendo de se esperar que o campeonato de amanhã alcance ainda maior brilhantismo"[142]. Vale lembrar que a cobertura da imprensa ao campeonato acadêmico, em especial durante a terceira edição, acompanhou os treinos das equipes trazendo informações detalhadas de cada agremiação, a ausência completa de qualquer tipo de movimentação em torno deste processo, talvez seja um indício de uma espécie de declínio do campeonato organizado pela Alliança Academica.

O jornal *O Paiz,* foi o único veículo de imprensa da capital que se ocupou em nos apresentar o desenrolar da quinta edição do campeonato acadêmico de futebol. Todavia, as informações pormenorizadas, como a cor dos uniformes, a posição dos atletas em seus clubes de origem, os resultados de cada jogo, dentre outros

[141] FESTAS da Primavera. O Paiz, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1920, p.6.
[142] A FESTA da Primavera. O Paiz, Rio de janeiro, 19 de setembro de 1920, p.8.

detalhes, que fazem parte da construção da expectativa em torno do certame, não foram trazidas às páginas dos jornais, assim como era de costume:

> realizou-se ontem, à tarde, na vasta praça de sports do C. R. Flamengo, a rua Paysandú, a disputa do quinto campeonato Acadêmico de football, promovido pela Alliança Acadêmica. Devido ao mau tempo que reinou durante o dia, a concorrência, não foi numerosa, achando-se, porém, nas arquibancadas repletas de sportsmen e várias gentis senhoritas. A chuva impertinente que caiu durante o desenrolar do match não tirou o brilhantismo do grande certamen sportivo acadêmico. As provas foram bem interessantes e movimentadas, dada a constituição dos quadros contendores. Os quadros da escola Militar, Faculdade de Medicina, do Rio; Colégio Mackenzie e Escola Politécnica, do Rio, foram, sem dúvida, os mais fortes concorrentes ao título de campeão, pois eles figuravam jogadores e nomeada desta cidade e de S. Paulo. As revelações do campeonato de ontem, foram Candiota e Palamone, meia-direita do Flamengo, e full-back do Botafogo, nas posições de center-half. Ambos os player's atuaram de excelente maneira, parecendo jogadores que há muito ocupam estas posições[143].

Mais uma vez, as intempéries climáticas foram utilizadas como justificativa para a ausência de uma assistência significativa no certame acadêmico. Todavia, assim como foi discutido anteriormente, o prelúdio da quinta edição do campeonato já sinalizava para um recrudescimento do evento. A redução significativa de cobertura jornalística poderia ser, na verdade, a consequência de um processo que já estava em curso. A gestão das associações acadêmicas possui um caráter transitório, ou seja, a presença de determinados indivíduos nos cargos diretores, pode impactar sobremaneira o rumo destas instituições, algo que foi destacado por Pessoa e Dias (2019; 2020) ao analisar as federações acadêmicas esportivas na década de 1930. Porém, mesmo com o aparente insucesso do certame, o cronista não se furtou em elevar o empreendimento dos estudantes como um acontecimento importante para o universo esportivo carioca. Além disso, de acordo com o que foi publicado no jornal: “grande foi o número de players que disputaram o campeonato da cidade, que participaram no certamen acadêmico”. Até mesmo a presença dos atletas conhecidos pelo público, não foi capaz de angariar uma assistência considerável para o certame, diferente do que ocorreu nas últimas edições. Outro ponto que merece destaque é a perspectiva de que os acadêmicos eram representantes de uma espécie de comportamento cavalheiresco da elite social do país. Esta perspectiva continuava arraigada na concepção dos cronistas, visto que quando os estudantes não coadunavam com este decoro comportamental, as

[143] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de janeiro, 21 de setembro de 1920, p. 6.

críticas eram rapidamente apresentadas: “merece censuras, a atitude assumida por alguns torcedores fanáticos, quando o quadro do Mackenzie College se apresentou, pela primeira vez em campo”[144].

A falta de luz no *ground* do Clube de Regadas do Flamengo não possibilitou que a disputa final do campeonato fosse realizada no dia 20 de setembro. Portanto, a decisão aconteceria no sábado dia 25 às 15:30 horas. Os finalistas do certame foram a Faculdade de Medicina e a Escola Militar. De acordo com *O Paiz* seria realizada uma nova venda de ingressos para assistir ao jogo: “as entradas para facilidade, encontram-se nas casas Stampe Clarek, nas mãos dos Srs. Tasso Barbosa, da E. Militar; Raul S. Neves, da F. Medicina: Paulo A. Silva, da F. Direito. A. Vieira Souto, da A. Commercio”[145]. Curiosamente, nem mesmo o certame que decidiria o campeonato acadêmico de 1920 foi descrito pelos cronistas, algo que desde a primeira edição do evento teve um espaço privilegiado nas páginas dos jornais. Dois meses após contenta final do campeonato surge a seguinte pergunta na seção esportiva: “Quando serão entregues os prêmios aos vencedores?”. Precisamos nos lembrar, que nas edições anteriores, a entrega dos prêmios era um dos momentos mais aguardados do certame, sendo organizada imediatamente após o término do evento, além disso, tradicionalmente, era oferecido um baile aos estudantes dos estados concorrentes, seguindo todos os ritos comuns à elite da capital do país. Porém, naquele ano, o relato apresentado pelo cronista nos permite compreender que este momento de solene não se concretizou:

> Já, por várias vezes, a nós tem sido dirigidas perguntas sobre o final do campeonato acadêmico. Referimo-nos a questão da entrega dos prêmios aos vencedores do Campeonato deste ano. Queixam-se vários alunos da Faculdade de Medicina e da Escola Militar, que terminam o curso este ano, que não terão a satisfação de saindo das escolas, de verem nelas o prêmio dos seus esforços. Nós bem conhecemos o espírito trabalhador dos atuais dirigentes da Allianca Academica, e não sabemos mesmo o que há este ano, no atraso da entrega dos prêmios conquistados há mais de 90 dias, quando os anos anteriores os vencedores recebiam os seus troféus imediatamente. A remodelação por que está passando a Allianca Acadêmica, talvez tenha tomado todo o tempo dos seus distintos e esforçados dirigentes, e por isso é que até a presente data, ainda não foram conferidos aos campeões deste ano os seus prêmios[146].

Esta “remodelação” pela qual a Alliança Academica estava passando, poderia explicar o motivo do insucesso da quinta edição do certame. Tradicionalmente,

---

[144] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de janeiro, 21 de setembro de 1920, p. 6.
[145] FESTAS da Primavera. O Paiz, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1920, p.7.
[146] CAMPEOANTO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1920, p.7.

alguns estudos sobre história do esporte e do lazer apontam para a importância de determinados sujeitos para a emergência história de fenômenos culturais (CORBIN, 1995). Neste sentido, o papel do indivíduo teria um espaço privilegiado na formação de estruturas associativas capazes de fomentar a ampliação de um universo cultural. Provavelmente, esta seja a razão da descontinuidade de diversos empreendimentos esportivos no âmbito acadêmico, desde a realização dos primeiros jogos no início do século XX. O caráter transitório da formação nas escolas superiores gerava um agravante no que diz respeito às iniciativas que estavam em andamento. Em outras palavras, ao concluírem os cursos superiores os acadêmicos também deixavam as instituições associativas das quais faziam parte. Deste modo, os desígnios da Alliança dependiam, em grande medida, da disponibilidade de seus dirigentes e qual a importância era prestada ao fenômeno esportivo, visto que estas instituições não eram exclusivamente criadas com o propósito do desenvolvimento do esporte. Levando em conta estes fatores, a presença de estruturas mais coesas e representativas, como por exemplo, as instituições de caráter nacional, podem ser uma das variáveis fundamentais para a permanência e consolidação destes certames. Além disso, este fenômeno explicaria a sazonalidade das inciativas acadêmicas desde a realização dos primeiros jogos no país.

A entrega dos prêmios aos vencedores do quinto campeonato acadêmico de futebol só se daria em maio de 1921, onde foi comemorado o sexto aniversário da Alliança Acadêmica:

> A Alliança Academica, instituição brasileira de estudantes das escolas de ensino superior da República, fundada nesta capital, em 9 de junho de 1915, fazendo comemorar o seu sexto aniversario, que se passa a 9 de junho próximo, acaba de delinear um programa de festas do comemorar o seu sexto aniversario. Escusado será dizer o brilho que as mesmas terão, pois a Alliança Academica já se tornou, entre nós, uma instituição de grande valor. A atual diretoria, que não tem poupado esforços para o engrandecimento desta sociedade acadêmica, fará executar o seguinte programa: Segunda-feira, 5 de junho – Conferência publica; Terça-feira, 6 - (A ser preenchido); Quarta-feira, 7 -- (A ser preenchido); Quinta-feira, 8 - Festa de atletismo entre os acadêmicos desta capital e Niterói, match de foot-ball entre os teams da Faculdade de Medicina e Escola Militar do Realengo; Sexta-feira, 9 - Chá dançante (Club Militar); Sábado, 10 - Sessão solene, no Club Militar, presidida pelo Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, onde será feita a entrega dos prémios à Faculdade de Medicina desta capital e Escola Militar do Realengo, vencedores do campeonato acadêmico de 1920, entrega de um bronze ao Botafogo Foot-ball Club e dos diplomas aos vencedores da Festa de atletismo[147].

[147] O SEXTO aniversario da Alliança Academica. O Paiz, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1921, p. 6.

Os acadêmicos da Faculdade de Medicina e da Escola Militar receberam das mãos do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, os prêmios referentes ao quinto campeonato acadêmico de futebol organizado pela Alliança Acadêmica. A presença do oitavo presidente do Brasil na solenidade, afirma a tese de que os acadêmicos da capital do país possuíam um acesso privilegiado ao primeiro escalão do poder político nacional (PESSOA, 2018; LINHALES, 1996). Ao longo da trajetória do esporte acadêmico era comum a presença de políticos influentes, em especial, alguns líderes do poder executivo, que paulatinamente participavam das festividades estudantis. Outro aspecto importante diz respeito à ampliação do universo esportivo no âmbito acadêmico. Após a realização do campeonato de atletismo em São Paulo, no ano anterior, os acadêmicos da capital da República se organizaram para realizar uma "Festa da Atletismo" entre os estudantes. Esta iniciativa, somada à dos paulistas, representou o início da sistematização desta modalidade no meio acadêmico. Em São Paulo o esporte já estava se espalhando por todas as escolas superiores do estado:

> Há muitos anos que a mocidade estudiosa de S. Paulo vem tratando com interesse e carinho e estudando todos os problemas referentes a educação física, melhoramento da raça, etc. e, ultimamente, iniciou uma verdadeira campanha, cujos resultados têm sido os mais promissores. Assim, há três anos, por iniciativa de um bandeirante, foi eleita a primeira diretoria deste campeonato, conseguindo, após muitas dificuldades, levar a efeito a realização do primeiro campeonato acadêmico de atletismo completo nas Repúblicas sul-americanas. Foi, inegavelmente, um estrondoso sucesso e o Echo repercutiu do norte a sul do nosso país. Este ano, em todas as escolas da Paulicéia se nota um movimento extraordinário em prol da cultura física. Em muitas existem campos de sports e na maior parte estão em construção e melhoramentos. O representante no Rio, o acadêmico de medicina James Ferraz Alvim, está convidando todas as escolas para nele participar, a fim de obter, este ano, completo êxito. Com certeza, as provas serão realizadas em setembro, em data previamente designada e com a disputa das provas do Decatlo: corridas do 100, 400 e 1.500 metros, e 110 sobre barreiras; saltos de altura e extensão com corrida de impulso e salto em altura com vara; arremessos do disco, dardo o peso, obedecendo as regras internacionais. As inscrições serão por escolas, conquistando o troféu a que obtiver maior número de vitórias e cada concorrente poderá se inscrever em qualquer número de prova ou numa só. Aos vencedores serão oferecidos artísticos prêmios. Esperamos que as escolas do rio participem este concurso e saibam condignamente defender suas cores, é o que fazemos votos[148].

É notável que um dos principais argumentos que justificavam a presença do atletismo nas escolas superiores do país era o discurso eugênico e higienista. No

[148] ATHETISMO. O Paiz, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1921, p. 7.

contexto da década de 1920, a retórica médica, cada vez mais presente, tomava conta das discussões acerca da importância da educação física na sociedade brasileira (GÓIS JUNIOR, 2013; MENDES, NÓBREGA, 2008; GÓIS JUNIOR, LOVISOLO, 2005). Neste sentido, “havia uma intencionalidade em utilizar o desporto como um meio eugênico de purificação da raça brasileira, que teve sua matriz ideológica no pensamento nacionalista autoritário gestado a partir da década de 1920” (PESSOA, 2018, p. 86). Levando em conta esta concepção, o esporte acadêmico seria um espaço privilegiado para o que foi chamado pelos eugenistas de “melhoramento da raça brasileira”. Dessa forma, esta retórica foi utilizada paulatinamente nas páginas dos jornais para justificar a necessidade de que a sociedade apoiasse todas as inciativas dos acadêmicos no âmbito esportivo.

O ineditismo da iniciativa também é algo que nos chama a atenção. De acordo com o cronista, o empreendimento se tratava “do primeiro campeonato acadêmico de atletismo completo nas Repúblicas sul-americanas”. Este dado traz uma contribuição importante para a história do atletismo no país. Além disso, confirma a hipótese de que os acadêmicos tiveram um papel importante na difusão de outras modalidades esportivas, além do futebol. Este momento de inflexão na história do esporte acadêmico brasileiro, é fundamental para compreendermos como o processo de difusão das práticas esportivas se deu no interior das escolas superiores do país. Este campeonato de atletismo não se tratava mais das “disputas atléticas”, que incluía algumas manifestações que não fazem parte do atletismo contemporâneo, mas sim do decatlo, que compõe uma das principais provas que estruturaram o atletismo da forma como conhecemos hoje. Outro ponto que merece destaque, é que naquele momento se desenhava o caminho para que São Paulo se tornasse a principal potência do atletismo no Brasil.

Além do esporte base[149], outras práticas esportivas começaram a adentrar o terreno das disputas acadêmicas. Em julho de 1921, os jornais noticiaram uma nova iniciativa da classe estudantil: “um campeonato de remo entre as escolas superiores de ensino desta Capital e de Niterói, tão entusiasticamente aplaudido pelos nossos sportsmen”[150] . Apesar das disputas de remo já estarem presentes no Rio de Janeiro mesmo antes da chegada do futebol no país (MELO, 2000), um campeonato

[149] Forma como os cronistas esportivos da década de 1920 se referiam ao Atletismo.
[150] ROWING. O Paiz, Rio de Janeiro, 16 de julho de 1921, p. 9.

exclusivamente acadêmico da modalidade só se consolidaria com a proposta da Alliança Acadêmica. De acordo com o que foi noticiado no jornal *O Paiz*:

> pede a diretoria da Aliança a Federação Brasileira de Remo seus bons oficiais junto aos clubs filiados no sentido de que sejam emprestados barcos de suas flotilhas as escolas desta capital e de Niterói, para os fins da disputa do campeonato. A solicitação, nos moldes em que é feita, não vemos inconvenientes na cessão que, por certo, não negarão os clubs náuticos, por isso que se trata de uma demonstração elevada de sentimentos daqueles que, como seus dirigentes, sabem ser verdadeiros esteios do desenvolvimento da nossa canoagem, grandes propugnadores que são da cultura física dos nossos atletas na pratica do sport náutico. Estamos certos que, antes mesmo que a nossa dirigente náutica faça chegar ao conhecimento dos clubs seus filiados a pretensão que ora lhe é solicitada, por um justo orgulho dos seus deveres, honrando as gloriosas tradições do que são portadores, saberão corresponder como gentlemen, pondo as suas embarcações disposição das escolas que as solicitarem prontificando-se mesmo a proceder o treinamento das suas guarnições[151].

A noção de que o patrocínio às iniciativas acadêmicas se configurava como uma espécie de obrigação moral da sociedade, é uma constante no que se refere ao desporto estudantil, desde os seus primórdios no início do século XX, até o desenvolvimento do esporte universitário durante o Estado Novo (PESSOA, 2018). Neste sentido, atender as solicitações dos estudantes, seria em termos proporcionais, contribuir para o futuro da nação. Principalmente se levarmos em conta, que naquele contexto, a "cultura física" era considerada como uma das principais estratégias para o avanço do país e do povo brasileiro, mesmo que a ideia de unidade nacional ainda não estivesse completamente difundida pelo Brasil, algo que modificaria drasticamente alguns anos depois com a Revolução de 1930 (PANDOLFI; GRYNSZPAN, 1997).

No ofício encaminhado para a Federação Brasileira das Sociedades de Remo, a Alliança Academica se apresentou como "legalmente reconhecida por todos os poderes públicos competentes do país e tacitamente reconhecida pelas escolas de ensino superior desta Capital e de Niterói, como representante fiel da mocidade acadêmica", além disso, se colocou como uma instituição que se empenhava na educação "intelectual e física da mocidade estudiosa"[152]. Utilizando estes argumentos, a Alliança solicitou à Federação Brasileira que fosse instituído o "Campeonato de remo do Rio de Janeiro", que seria disputado anualmente pelos acadêmicos da capital e de Niterói. Neste certame seria oferecida uma taça aos

[151] ROWING. O Paiz, Rio de Janeiro, 16 de julho de 1921, p. 9.
[152] *Ibidem.*

campeões de cada edição, com posse transitória, ou seja, a premiação seria passada a cada ano aos vencedores do torneio. A embarcação escolhida para a disputa foi o Yole francês de quatro remos. É interessante notar a importância que as relações associativas entre as instituições tiveram para o desenvolvimento do esporte no país. Não somente entre as entidades atléticas, mas também o papel dos veículos de informação, como por exemplo, o papel cumprido pelo Jornal *O Paiz* na defesa ao desenvolvimento do esporte acadêmico, algo que foi feito paulatinamente ao menos desde 1912, com a cobertura ao campeonato acadêmico, que naquela ocasião financiou parte da fundação do primeiro aeroclube no Brasil.

Com o final do ano de 1921 se aproximando, o calendário de disputas estudantis começa a tomar as páginas dos jornais. Assim como de costume, o universo esportivo já aguardava a realização do campeonato acadêmico de futebol na capital do país, com a entrada da primavera. Todavia, antes mesmo que as notícias sobre a tradicional disputa dos estudantes cariocas fossem divulgadas, os acadêmicos paulistas se prontificaram em demarcar seu espaço no roteiro esportivo nacional:

> Em S. Paulo teremos no próximo dia 12 de outubro a realização, pela terceira vez na América do Sul, das provas do Campeonato Acadêmico de Atletismo, concurso que se realiza anualmente entre os estudantes das escolas superiores do Brasil. Estas constam do Decatlo Olímpico, a saber: corridas rasas de 100, 400 e 1.500 metros e 110 metros sobre barreiras; arremessos do peso, disco, dardo e saltos em altura e extensão, com corrida de impulso e salto a vara. Sabemos que já foi oficialmente convidada a Alliança Acadêmica para participar: porém, não sabemos por enquanto se tomará parte[153].

A busca pela hegemonia esportiva nacional, que se instalou entre o Rio de Janeiro e São Paulo, se apresentava nas estrelinhas de diversas notícias veiculadas pelos meios de comunicação. Apesar do Campeonato Acadêmico de Atletismo ter contado somente com alunos do estado de São Paulo, durante suas duas primeiras edições, a noção de que era um certame disputado por “escolas superiores do Brasil” é apresentada sem nenhum tipo de ponderação pelos acadêmicos paulistas. Assim como, os estudantes do Rio de Janeiro fizeram desde o início da sistematização dos campeonatos estudantis. Na perspectiva dos acadêmicos destes estados, eles representavam toda a nação brasileira.

---

[153] ATHETISMO. O Paiz, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1921, p. 8.

Já no universo esportivo carioca, não houve por parte da mídia impressa a cobertura que geralmente era oferecida aos estudantes, cenário bem diferente do que havia ocorrido nos primeiros anos de disputa da Taça Alliança Acadêmica. Este movimento, acompanhava uma tendência das últimas duas edições do certame. O sexto campeonato acadêmico de futebol, só foi apresentado ao público nas páginas dos jornais no dia em que foi disputado. Apesar disso, o otimismo dos cronistas ainda se fazia presente: “a festa sportiva, que é esperada com ansiedade não só entre os acadêmicos cariocas, paulistas, mineiros e fluminenses, como também no meio sportivo e social desta cidade, será brilhante e revestir-se-á de grande brilhantismo”[154]. Seguindo as impressões acerca da véspera do evento, o certame aparentemente alcançou o êxito que era esperado:

> O certâmen acadêmico, que era esperado com certa ansiedade nesta cidade, revestiu-se de grande brilhantismo e foi presenciado por uma boa e distinta assistência, que aplaudiu com entusiasmo os vencedores das provas. As provas foram bem disputadas e cheias de fases emocionantes, destacando-se o embate entre os quadros da Faculdade de Medicina desta cidade e da Escola Militar, em que o jogo Assumiu um aspecto igual ao dos grandes encontros internacionais. Os teams apresentaram-se preparados para o meeting sportivo e, na maioria deles, figuravam jogadores pertencentes aos quadros principais da Metropolitana[155].

Mais uma vez, o destaque à participação dos “quadros principais da Metropolitana”, foi um dos elementos que justificam o sucesso do certame[156]. A comparação do jogo entre a Faculdade de Medicina e da Escola Militar como: “igual ao dos grandes encontros internacionais”, pode se configurar como um exagero por parte do cronista, mas não deixa de ser um aspecto revelador para compreendermos o nível em que estes jogos estavam sendo disputados. Diferente do ano anterior, em que o detalhamento sobre os jogos sequer foi apresentado, nesta edição, o resultado de todos os encontros, que ocorreram na tarde do dia 20 de setembro, foram divulgados ao público. Dessa forma, organizamos uma tabela com o intuito de sistematizar o *score* de cada partida, assim como foi feito nas edições anteriores:

---

[154] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1921, p. 6.
[155] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1921, p. 6.
[156] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de janeiro, 23 de setembro de 1921, p. 7.

Tabela 4: Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1921

Partida	Equipe 1	Equipe 2	Resultado
1º	Faculdade Hahnemanniana (Rio de Janeiro)	Academia de Commercio (Rio de Janeiro)	0 X 1 *goal* e 6 *corners*
2º	Instituto Commercial (Rio de Janeiro)	Escola Superior de Commercio (Rio de Janeiro)	0 X 1 *goal*
3º	Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (Rio de Janeiro)	Faculdade de Medicina (São Paulo)	4 *goals* e 2 *corners* X 0
4º	Escola de Militar (Rio de Janeiro)	Escola de Bellas Artes (Rio de Janeiro)	2 *goals* e 2 *corners* X 1 gol
5º	Escola de Medicina (Rio de Janeiro)	Escola Naval (São Paulo)	4 *corners* X 0
6º	Universidade de Direito (Rio de Janeiro)	Escola de Direito (São Paulo)	2 *goals* e 5 *corners* X 0
7º	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	Academia de Commercio (Rio de Janeiro)	0 X 1 *corner*
8º	Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (Rio de Janeiro)	Escola Superior de Commercio (Rio de Janeiro)	2 *goals* e 1 *corner* X 0
9º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Faculdade de Medicina (Rio de Janeiro)	1 *goal* X 0
10º	Universidade de Direito (Rio de Janeiro)	Academia de Commercio (Rio de Janeiro)	0 X 1 *goal* e 2 *corners*
11º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária (Rio de Janeiro)	1 *corner* X 0
12º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Academia de Commercio (Rio de Janeiro)	1 *goal* X 0

Fonte: FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1921, p. 6.

A Escola Militar conquistou pela primeira vez o título de “Campeão Acadêmico de Futebol do Brasil”, nesta edição, a taça recebeu o nome de “Coelho Neto”. O segundo lugar coube a Academia de Comércio, que ocupou esta posição pela segunda vez. Ao analisar o desempenho das equipes, o cronista apontou que: “as mais fortes eram as da Faculdade de Medicina, desta capital; das Escolas Militar e Politécnica, da Academia do Commercio, da Universidade de Direito e Escola Superior de Agricultura”. Coincidência ou não, todos os times citados eram oriundos do Rio de Janeiro, além disso, o periódico não perdeu tempo em lançar suas impressões acerca das equipes paulistas: “Os *teams* mais fracos que se apresentaram eram os dos acadêmicos do S. Paulo, que foram vencidos com relativa facilidade”[157].

Assim que foi decretado o fim da partida, os acadêmicos da Escola Militar foram convidados pelo Dr. Mario Polo, secretário do Fluminense, para que os vencedores do torneio acadêmico fossem recebidos na sede da instituição. Os “rapazes” da Escola Militar foram acompanhados pelo seu diretor técnico, Tenente Newton Cavalcanti, eles foram “recebidos a porta por quase toda a diretoria do *stadium*, que ali se achava, e, bem assim, por grande número de associados”. Neste momento, os acadêmicos foram conduzidos ao restaurante do clube, onde o *sportsman* Mario Polo ofereceu uma taça de champagne e fez um discurso exaltando a participação dos militares no certame, “enalteceu o belíssimo feito dos acadêmicos militares, a conquista de um título honroso”, além disso, “fez uma rápida análise do valor que significava o congraçamento das nossas academias, e terminou levantando a sua taça em homenagem a Escola Militar”. Em resposta, o tenente Newton Cavalcanti agradeceu a homenagem feita pelo clube esportivo. Ao final da celebração, “foram erguidos vários *hurrahs* à Escola Militar e ao Fluminense”[158].

A atuação do Tenente Newton Cavalcanti foi um fator importante na história do desenvolvimento do esporte acadêmico no país. Apesar de sua aparição relativamente tardia, no que se refere às rodas esportivas acadêmicas, ele foi um dos maiores defensores do esporte universitário brasileiro a partir da década de 1930 (PESSOA, 2018). Newton Cavalcanti cumpriu uma função fundamental durante a Revolução de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932, algo que lhe

[157] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1921, p. 6.
[158] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1921, p. 8.

conferiu um papel de destaque durante o Governo Provisório e posteriormente no Estado Novo de Vargas. Foi nomeado interventor federal do estado do Mato Grosso, em 1935, onde instalou a Assembleia Constituinte Estadual, para que fossem resolvidos os impasses políticos naquela região. No mesmo ano, foi designado interventor federal do Rio de Janeiro, devido aos problemas ocorridos no processo eleitoral para o governo estadual no mês de outubro. Levando em conta a sua atuação no campo esportivo, assumiu a direção do Centro de Educação Física do Exército em fevereiro de 1931 (PECHMAN, 2009). Em 1941, já ocupando o posto de general, Newton Cavalcanti atuou juntamente com Getúlio Vargas na oficialização do esporte universitário brasileiro, com a promulgação do Decreto-lei nº 3.617, de 15 de setembro de 1941, que instituiu a Confederação Brasileira dos Desportos Universitários. Entidade que seria controlada pelo governo e decidira os desígnios do esporte acadêmico do país a partir do ano de 1940 (PESSOA, 2018).

Após apresentar este breve histórico sobre a trajetória do General Newton Cavalcanti, precisamos destacar que o calendário esportivo acadêmico de 1921, não se encerrou com o fim do campeonato de futebol organizado pela Alliança Acadêmica. Os estudantes paulistas, mais uma vez, trouxeram para si os holofotes da agenda esportiva, com a realização do 3º Campeonato Acadêmico de Atletismo, durante o mês de outubro. Pela primeira vez, foi apresentado o regulamento que instituiu a competição[159]. De acordo com o documento, o conclave teria um caráter permanente, sendo realizado uma vez por ano, além disso, só poderiam participar do certame alunos das escolas superiores do país. As modalidades do campeonato seguiriam as definições do decatlo olímpico, que naquele contexto, contava com as provas: “corrida rasa” de 100, 400 e 1.500 metros e 110 metros sobre barreiras; “saltos em altura com corrida de impulso, em extensão, com corrida de impulso e salto em altura com vara”; “grupo de arremessos — do peso de 1.257 gramas, do disco estilo livre o do dardo estilo clássico”[160]. Seria considerada vencedora a escola que obtivesse o maior número de primeiros lugares. De acordo com o regulamento: “a escola vencedora do campeonato terá o título de campeã do ano e receberá uma taça transitória, que se tornará definitiva, se a conquistar três anos consecutivos ou

[159] Disponível de forma integral no Anexo I e II.
[160] ATHETISMO. O Paiz, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1921, p.7.

quatro alternados". Além disso, o nome de cada escola que obtivesse o título e a data da conquista, seria gravada no corpo da taça.

O campeonato acadêmico realizado em São Paulo movimentou as páginas dos jornais e o universo esportivo do país:

> O grande acontecimento sportivo deste ano, em São Paulo, foi a realização pela 3ª vez deste campeonato. A mocidade acadêmica brasileira deve estar ufana pelo sucesso e entusiasmo despertado nos grandes centros pela realização do Campeonato Acadêmico Brasileiro e Paulista, ansiosamente esperado e disputado com todo brilhantismo entre moços cariocas e paulistas. Desejamos que, para as Olimpíadas de 1922, tenhamos tão grande animação e representantes do norte e sul do país, com esmerado preparo técnico e perfeita compreensão do atletismo para nosso êxito, nestes jogos. Ao C. A. A. P. concorreram 56 candidatos o que demonstra, o número crescente de cultivadores deste género de sport, praticado há poucos anos entre nós cientificamente e de acordo com as regras internacionais. Este torneio deve seu grande êxito a ação profícua do seu presidente honorário, Dr. Décio Ferraz Alvim, eminente advogado do foro de São Paulo e o organizador do 1° campeonato acadêmico realizado na América do Sul[161].

O entusiasmo apresentado pelo cronista ao relatar a realização do campeonato de atletismo em São Paulo, revela a importância que era atribuída ao esporte base e ao seu papel na transformação da "mocidade brasileira". Citando os Jogos Olímpicos, a narrativa no jornal, possibilita a interpretação de que aquele acontecimento esportivo significava um avanço para o desenvolvimento do esporte no Brasil e consequentemente da participação dos atletas brasileiros nas disputas internacionais. Neste sentido, a partir desta perspectiva, o esporte acadêmico seria uma chave fundamental para que o país tivesse chances de ser competitivo nas Olimpíadas. Além disso, esta fonte revela, que o atletismo ainda era um esporte que estava se consolidando no país e que os estudantes das escolas superiores tiveram um papel importante neste processo, inclusive, assumindo o pioneirismo no que se refere às disputas realizadas em toda a América Latina.

De acordo com a nota do *Correio Paulistano* reproduzida no jornal *O Paiz*: "Conforme previámos, o concurso de provas atléticas promovido pelos estudantes das nossas Escolas superiores e ontem realizado no campo do Club A. Paulistano, gentilmente cedido, alcançou um êxito extraordinário". Segundo as impressões apresentadas, "todas as dependências achavam-se cheias de uma seleta assistência predominando o elemento feminino, que freneticamente aplaudiu os concorrentes". Novamente a presença feminina nas arquibancadas foi destacada

[161] ATHETISMO. O Paiz, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1921, p. 10.

como uma forma de atribuir sucesso à realização do certame. Participaram do campeonato: a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro; Faculdade de Direito de São Paulo; Faculdade de Medicina e Cirurgia; Escola Politécnica; Instituto Médio "Dante Alighieri" e Mackenzie *College* Escola Normal. Nas palavras do cronista: “todas as provas foram disputadíssimas, conseguindo a turma da Escola Politécnica levantar a taça académica”. Além disso, “dois *records* brasileiros foram batidos: a corrida de 110 metros sobre barreiras, em 17 1/5, por Luiz Lopes de Andrade (Guarany), e corrida rasa de 100 metros, em que Luiz do Amaral (Zonzo) igualou o *record”*[162]. A quebra de dois recordes nacionais é um indicativo importante para analisarmos o nível de rendimento em que o campeonato acadêmico de atletismo estava sendo disputado, visto que naquele contexto, este esporte ainda estava se consolidando no país. A vitória conquistada pela Escola Militar posicionou os cadetes em um espaço de destaque no universo esportivo carioca. Além disso, fez com que os futuros oficiais fossem considerados os embaixadores do atletismo no país.

Com o intuito de ir ao encontro destas aspirações, diversos integrantes da Escola Militar se mobilizaram no mês de novembro de 1921, para que fosse fundada a União Atlética da Escola Militar. A inauguração da associação ocorreria no dia 19 do mesmo mês, em um festival esportivo no campo do Clube de Regatas do Flamengo. De acordo com o cronista:

> Este festival terá o apoio prestado à União Athletica, para que ela possa cumprir a parte dos seus estatutos, que lhe dá margem a grande cruzada de difundir, pelos recantos do Brasil, o amor pelo atletismo e pelo sport, auxiliando, assim, o desenvolvimento físico de nossa raça. Os cadetes, que tantas vezes têm tomado a iniciativa de atos louváveis, agora empreenderão mais outro, capaz de se tornar digno de nossa admiração. A Escola Militar, que tanto se salientou no Campeonato Acadêmico, mostrando o alto grau de cultura física de seus alunos, merece agora que escutemos o seu brado de alerta pelos desportes brasileiros. A juventude muito há de lucrar com gesto dos moços militares e se isso é também do nosso interesse, auxiliemos a iniciativa dos "cadetes", para que, em breve, tenhamos largamente praticados com método, Interesse e orientação medida, toda sorte de desportos, cujos ensinamentos serão levados de longínquas paragens de nossa Pátria, pelos novos oficiais formados naquela escola[163].

A perspectiva de que o esporte poderia contribuir para “desenvolvimento da raça”, estava cada vez mais presente na retórica que justificava a sua obrigatoriedade na trajetória da juventude brasileira. Precisamos nos lembrar, que

---

[162] ATHETISMO. O Paiz, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1921, p. 10.
[163] A UNIÃO Athetica da Escola Militar e suas Festas**.** O Paiz, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1921, p. 8.

na década de 1920, ainda não havia se estabelecido uma coesão nacional capaz de proporcionar políticas de Estado, no setor esportivo, que alcançassem todo o território do país, algo que só ocorreria a partir da década de 1930 (LINHALES, 1996). Neste sentido, os cronistas esportivos, militares, alguns membros da classe política e das elites econômicas, guiados pelo pensamento médico-higienista, se imbuíram do papel de propagar o esporte acadêmico como um meio de emular o desenvolvimento da pátria. Algo que já ocorria no interior das instituições de ensino básico, desde o início do século XX (VAGO, 1999). Outro ponto importante é o papel que os acadêmicos da Escola Militar podem ter cumprido no desenvolvimento do esporte em âmbito nacional, principalmente pelo fato de que ao ser formarem, estes futuros oficiais ocupariam cargos em diversos estados da federação. Dessa forma, a influência dos cadetes tinha o potencial de se alastrar por grande parte do território nacional.

A festa esportiva da União Atlética da Escola Militar teve início às 13 horas no dia 20 de novembro, no campo do Clube de Regatas do Flamengo. De acordo com o cronista, havia “uma enorme assistência que enchia todas as dependências, da qual se destacam o Ministro Pandiá Calógeras, altas patentes do exército e a armada e famílias de nossa melhor sociedade”. Além disso, “o Presidente da República, que teve seu nome na prova de honra do dia, brilhantemente disputada entre as equipes de football da Escola Militar e do América F. C., ao som do Hino Nacional, dava entrada na tribuna oficial do Flamengo às 15 horas”. A presença de Epitácio Pessoa, demonstra a importância que foi dada ao festival organizado pela Escola Militar. O chefe do governo se retirou ao término do primeiro tempo da partida e antes que deixasse as dependências do estádio, “recebeu das mãos do 1º Tenente Newton Cavalanti, presidente da U. A. Escola Militar, uma riquíssima medalha de Ouro, com expressiva dedicatória, da mocidade que forma aquele novel centro sportivo”. Em agradecimento, o Presidente da República entregou ao militar uma “rica taça de prata de lei”, como “prova de honra”[164] à iniciativa dos estudantes. O *match* de futebol foi vencido pela Escola Militar pelo placar de dois gols contra zero do América F.C.

Com a fundação da União Atlética da Escola Militar, o processo de formalização do associativismo estudantil se intensifica. Devemos lembrar, que nos

[164] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1921, p. 3.

primeiros anos do século XX, as disputas organizadas pelos estudantes tinham um caráter esporádico e as associações formadas por eles eram efêmeras, ou seja, se dissolviam logo após a realização do certame. Com a fundação da Alliança Acadêmica em 1915, ocorre o processo de institucionalização destas associações e um novo período na história do esporte acadêmico é iniciado. A partir deste processo, alguns campeonatos acadêmicos começaram a surgir em outros espaços do território nacional, como foi o caso do campeonato de atletismo em São Paulo e outras inciativas como o campeonato gaúcho em 1922[165]. Além disso, um maior intercâmbio entre acadêmicos de outros países da América Latina começa a se esboçar, principalmente com a visita dos estudantes argentinos à São Paulo, que na ocasião se colocaram à disposição para a elaboração de um calendário de disputas entre os dois países[166]. Mesmo com todo este clima de desenvolvimento no campo esportivo acadêmico, o ano de 1922 marcaria o fim de um ciclo da história do esporte acadêmico brasileiro, assim como veremos a seguir.

Diferente dos outros anos, a festa esportiva organizada pela Alliança Acadêmica não seria disputada na entrada da primavera, mas quase no findar da estação. Após o festival esportivo organizado pela União Acadêmica, as páginas dos jornais só voltariam a citar o esporte estudantil no mês de novembro, com o tradicional campeonato de futebol disputado no Rio de Janeiro. Porém, nesta edição, a diretoria da Alliança expandiu as modalidades esportivas para realização da Festa da Primavera. Além do futebol, foram disputados campeonatos de atletismo, basquetebol e xadrez, todas as modalidades contaram com a participação de estudantes da capital da República, Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. O campeonato de atletismo teve como vencedora a Escola Naval e o de Basquetebol a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. O campeonato de xadrez seria decidido pela Escola de Minas de Ouro Preto e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, todavia não foi apresentado o resultado da disputa. Mesmo com a ampliação das modalidades que faziam parte do certame, o futebol ocupava o lugar de maior destaque durante a festividade esportiva:

> Hoje, finalmente, a tarde, ás 13 horas, realizar-se-á a mais importante das provas sem dúvida, que há sete anos vêm sendo disputadas, é o campeonato acadêmico brasileiro de foot-ball em disputa da “challenge"

[165] SPORT. O Paiz, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1922, p. 5.
[166] PASSAM por Santos Várias Delegações Argentinas. O Paiz, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1922, p. 1.

> Coelho Netto, instituído e disputado pela primeira vez em 20 de setembro de 1915, ao qual têm concorrido as escolas desta capital, em número de oito, S. Paulo, Estado do Rio, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, todas apresentando excelentes quadros representativos, sendo que a Escola de Medicina desta capital, trará players internacionais, como Luiz Palamone, Durval Junqueira, campeões sul-americanos, Joel de Almeida Netto, Paulo Barata e Rodrigo Brandão e outros d'aqui e de São Paulo, que fazem parte dos melhores quadros dos clubs paulistas, cariocas e mineiros. A Alliança Academica, cabe, portanto, a honra de ser a promotora da maior festa estudantina que se faz no Brasil, portanto felicitemo-la efusivamente[167].

É interessante notar que mesmo sendo a primeira vez que a Festa da Primavera comportava a realização de diversas modalidades, o esporte bretão ainda possui a centralidade no que diz respeito à expectativa gerada em torno do certame. Como vinha acontecendo nas últimas edições, a presença de diversos jogadores importantes no cenário futebolístico nacional é sempre destacada como algo que contribuiria para o sucesso do evento. Além disso, a ênfase na atuação da Alliança Acadêmica, mesmo sendo habitual, nos mostra que ao longo destes sete anos a instituição conseguiu alcançar os seus objetivos, principalmente no que diz respeito ao âmbito cultural e ao fomento à prática esportiva, tornando-se, naquele contexto, uma das principais entidades acadêmicas do Brasil.

De acordo com o cronista: “A festa dos nossos estudantes das escolas superiores alcançou, como se esperava, um grande sucesso, decorrendo a tarde *sportiva* com brilhantismo e entusiasmo, embora fosse diminuta a assistência que compareceu ao local do campeonato”. A ausência de público nos certames acadêmicos era paulatinamente justificada pelas intempéries climáticas, porém desta vez, o relator da disputa se furtou em argumentar os motivos do não comparecimento dos entusiastas do esporte bretão. Todavia, isto não significa que a tarde esportiva não tenha reverberado no universo cultural da cidade. Participaram dos jogos dez escolas superiores dos diferentes estados citados anteriormente. De acordo com as impressões apresentadas no jornal, “as provas foram todas disputadas com disciplina e galhardia, procurando cada *player* empregar todas as suas forças para alcançar as honrarias do dia”. Apesar da Faculdade de Medicina ter sido privada, de última hora, dos seus melhores jogadores, “pela terceira vez, conquistou o título de campeão acadêmico e a linda *Challenge* Coelho Netto”. O segundo lugar coube à Escola Naval, que, “embora fraco, apresentou-se em perfeito

[167] A FESTA da Primavera. O Paiz, 5 de novembro de 1922, p. 6.

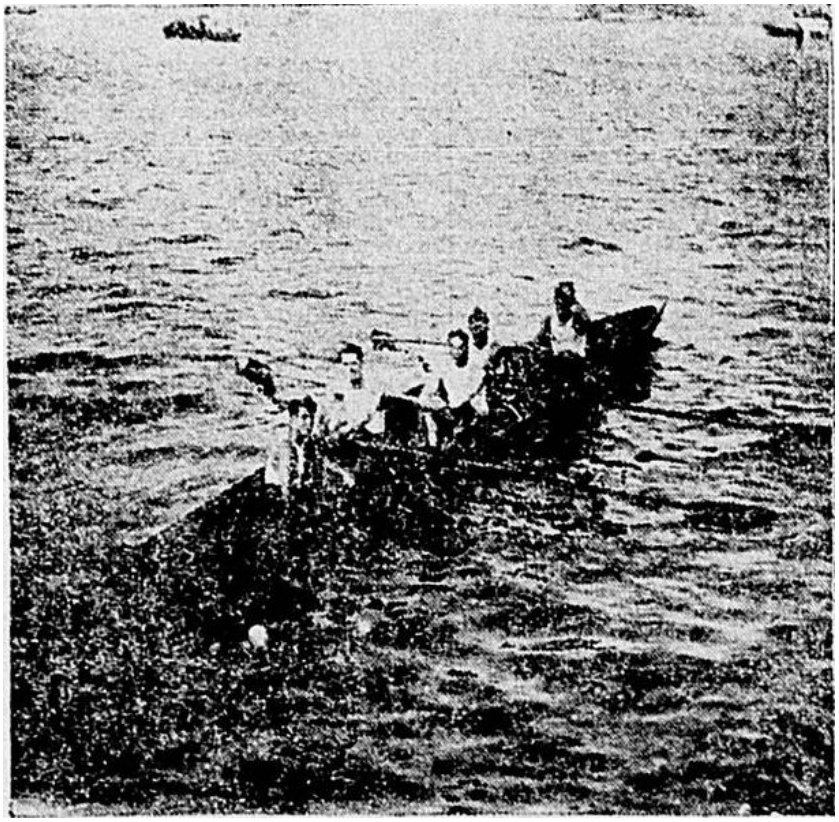
estado de treino”[168]. Cabe ressaltar que a descrição detalhada dos jogos não foi apresentada nas páginas dos jornais. Ao fazer uma retrospectiva das edições do Campeonato Acadêmico de Futebol, o jornal *O Paiz* apresentou a seguinte tabela com os campeões de cada edição:

> 1916 - *Scratch* Mineiro.
> 1917 - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.
> 1918 - Faculdade de Medicina.
> 1919 – Mackenzie *College*, de São Paulo.
> 1920 - Faculdade de Medicina.
> 1921 – Escola de Guerra.
> 1922 - Faculdade de Medicina[169].

A agenda esportiva acadêmica do ano de 1922 foi encerrada com a realização da Festa da Primavera. Após este período de quase um mês de disputas de diversas modalidades, a entidade só apareceria novamente nas páginas dos jornais no mês de agosto de 1923, com a realização de um campeonato de remo, organizado juntamente com Federação Brasileira das Sociedades de Remo. Novamente, a escola campeã foi a Faculdade de Medicina. A participação dos acadêmicos neste campeonato se iniciou em 1922, e desde então, a Federação Brasileira prestou todos os auspícios necessários para a realização do certame acadêmico, além de solicitar aos clubes esportivos que disponibilizassem as suas embarcações aos estudantes[170]. Este evento foi uma das raríssimas ocasiões em que foram feitos registros fotográficos dos encontros acadêmicos durante a década de 1920:

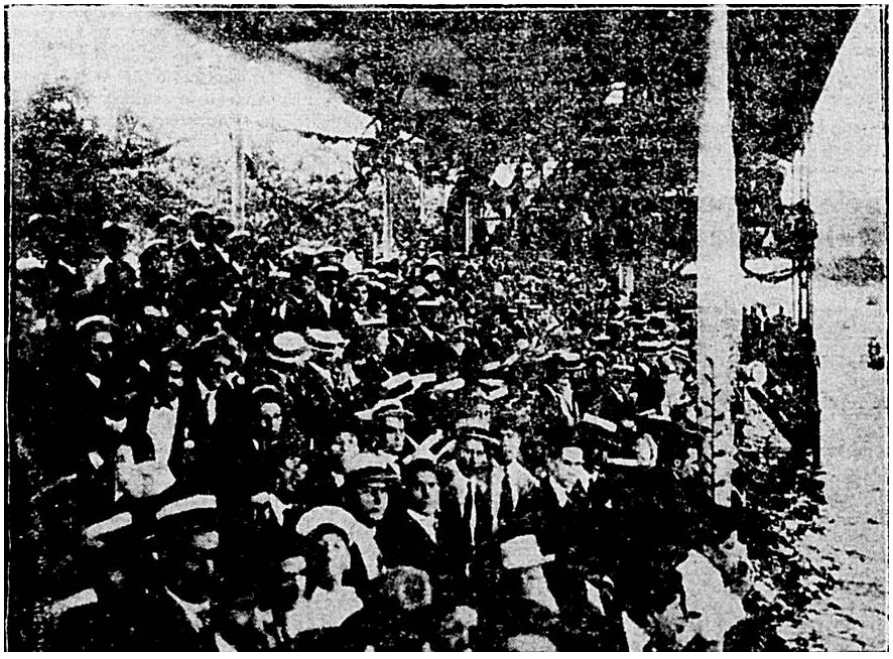
FIGURA 6: Equipe da Faculdade de Medicina

[168] FOOT-BALL. O Paiz, 6 de novembro de 1922, p. 5.
[169] *Idem.*
[170] ROWING. O Paiz, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1923, p. 2.



Fonte: ROWING. O Paiz, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1923, p. 2.

FIGURA 7 – Arquibancadas do Campeonato de Remo



Fonte: ROWING. O Paiz, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1923, p. 2.

Com o aproximar da primavera de 1923, ao invés da tradicional expectativa em torno do campeonato acadêmico de futebol, o que observamos foi um absoluto

silêncio. A entidade que organizou o evento durante sete anos consecutivos, não apresentou aos jornais e a comunidade acadêmica os preparativos para a maior festa esportiva de estudantes do país. Em meio à quietude, um dos cronistas do jornal *O Paiz* publicou um longo relato com as suas indignações, com o que era na sua opinião, um grave problema para o desenvolvimento do esporte brasileiro, caso o campeonato não fosse realizado. No início do seu texto, o cronista fez uma comparação entre as instituições nacionais de ensino superior e as estrangeiras: “em todos os países europeus, e mesmo americanos, existem, como já é do nosso domínio, os jogos atléticos entre as diversas universidades acadêmicas”. Continua apontando, que nestes lugares: “a mocidade estudiosa, adotando aquele célebre aforismo - "*mens sana in corpore sano*". tem se dedicado de algum modo a prática dos exercícios musculares, para complemento eficaz de sua educação”. Termina a introdução, dizendo que este desenvolvimento esportivo, infelizmente, não ocorre no Brasil, no interior das instituições de ensino superior. Em suas palavras:

> A capital da República, centro, portanto da mocidade estudiosa, desse núcleo de jovens futurosos, não tem um campeonato acadêmico. Não existe, nem sequer, uma ligeira Ideia sobre sua organização. Tudo deixado de lado. E os nossos rapazes? Estes, tendo necessidade de praticar exercícios físicos, e não encontrando em suas escolas um meio capaz, dirigem-se aos clubs desportivos filiados a Liga Metropolitana. Ali, tendo todos os meios, entregam-se ao sport em geral. Até o ano transato, existia uma festa sportiva. No mês de setembro era realizado o campeonato acadêmico, em comemoração as festas da primavera. Patrocinado por uma associação que possuía o nome pomposo de Alliança Academica, era de se ver a intensidade febril que apossava dos nossos estudantes, por ocasião dessa realização sportiva. Satisfeitos e animados por essa competição, entregavam-se a treinos repetidos, para melhor representar suas escolas. Tendo todos eles o viço da mocidade aquela coragem desabrochando com vigor, lindo o majestoso era o espetáculo que se apresentava nos nossos olhos. Rapaziada de uma correção imperturbável e de uma educação das mais finas, emprestava ao torneio Initium, realizado pela Alliança, um cunho de distinção e de nobreza. Todos eles, tendo em mente apenas o seu Ideal nobre e admirável - o sport, como união fortalecimento físico - lutavam com seus Irmãos do estudo, com lealdade, brilhantismo e dignidade! Factos como este tão raros em nossos tempos, merecem uma citação especial e um lugar de destaque. O infortúnio, porém, não se esqueceu de lançar suas vistas sobre a única associação que existia em nossa capital. A Alliança Acadêmica, a única que tratava dos sports uma vez ao ano, deixou de existir, sucumbiu. Este ano, portanto, se não for idealizado um meio para reparar essa falta, ficam os nossos estudantes sem esse dia radiante e belo para os encontros desportivos. A Festa da Primavera, em que era posta à prova a beleza da nossa raça, ficará esquecida, se não houver uma voz que se levante em prol desse dia grandioso e refulgente[171].

[171] NOTAS do Dia. O Paiz, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1923, p.7.

Apesar de ser uma citação longa, não poderíamos deixar de apresentar, na íntegra, este riquíssimo relato sobre a história do esporte acadêmico no país. Esta análise feita pelo cronista, nos releva nuances fundamentais para que possamos compreendermos como o esporte acadêmico se desenvolveu no Brasil, além disso, nos dá pistas para entendermos os motivos que levaram a configuração atual do esporte universitário nas universidades brasileiras. Este relato nos apresenta um fator importantíssimo: a ausência de condições necessárias para a prática esportiva dentro das instituições de ensino superior fez com que os acadêmicos se filiassem aos clubes esportivos. Neste sentido, o processo de formação destes atletas ocorreu paralelamente ao percurso acadêmico. Em outras palavras, os clubes esportivos supriram uma demanda latente por espaços e equipamentos para o treinamento esportivo, que não estavam disponíveis no sistema formal de ensino. Algo que contrasta com a história do esporte universitário em outros países, como é o caso do futebol americano nas universidades dos Estados Unidos, onde a formação dos atletas se dava no interior das próprias instituições de ensino superior, *pari passu* ao processo de formação acadêmica (SOLBERG, 2018).

Além disso, o fim repentino da Alliança Acadêmica nos lança outra questão importante que precisa ser analisada: o papel das instituições associativas formais na emergência histórica e no fomento às práticas esportivas. Entre o início do século XX e meados da década de 1910, observamos um período na história do esporte acadêmico brasileiro que foi marcado, em larga medida, pela informalidade. Neste contexto, os certames acadêmicos giravam em torno de festividades que, em sua maioria, buscavam exaltar “datas caras à pátria” ou eventos beneficentes em torno de causas sociais que objetivavam o “bem comum”. No que podemos chamar de “primeiro estágio” do esporte acadêmico brasileiro, as disputas ainda não possuíam um fim em si mesmas, e não havia sido constituído um calendário de disputas acadêmicas que congregasse a classe estudantina, seja da capital da República ou dos outros estados. Por volta de 1912 começamos a observar os primeiros passos que corroboraram para a criação de um campeonato de futebol exclusivamente acadêmico no Rio de Janeiro. Porém, a ausência de um processo de formalização desta iniciativa, fez com que a sua história se desvanecesse nos vestígios do passado. É somente com a criação da Alliança Acadêmica em 1915, que é instituído no Brasil, o primeiro circuito interestadual de disputas acadêmicas, principalmente com a realização da primeira “Taça Alliança Academica” em 1916.

O que podemos observar até aqui, é que o esporte acadêmico só se desenvolveu, de fato, a partir da criação de uma associação formal de estudantes que tinha como um dos seus objetivos o fomento à prática esportiva no país. Em outras palavras, a constituição de instituições formais, detentoras de estatuto e de cargos administrativos, foi uma das variáveis fundamentais para o desenvolvimento do esporte acadêmico no Brasil, durante as duas primeiras décadas do século XX. Não obstante, esta instituição foi responsável por organizar o maior campeonato esportivo acadêmico do país, durante quase uma década, sendo que o período que antecede a sua criação não registrou nenhuma inciativa que tivesse logrado tal êxito. Além disso, o fim da Alliança provocou uma desestabilização no universo esportivo acadêmico, deixando os estudantes “órfãos” de uma entidade que fomentasse a prática à cultura esportiva. Não sabemos o que levou ao fim desta instituição, que havia se consolidado no cenário esportivo e cultural do país. Todavia, o ano de 1923 marcou o encerramento de um dos ciclos mais importantes da história do esporte acadêmico brasileiro. A partir daí, outras iniciativas serão tomadas para tentar reerguer o esporte acadêmico em âmbito nacional, assim como veremos adiante.

5 O PRELÚDIO DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO

O objetivo deste capítulo é apresentar o período de 1923 ao ano de 1930, este ciclo se inicia com o fim da Alliança Academica, que traz um momento de incerteza para o cenário esportivo estudantil. Duas associações tiveram um papel fundamental neste processo, a primeira foi a Associação de Cronistas Desportivos do Rio de Janeiro, que na ausência da Alliança Academica tomou para si a responsabilidade de dar continuidade ao campeonato acadêmico de futebol. A segunda associação, que foi fundamental para reerguer o esporte acadêmico brasileiro, foi a Federação Acadêmica do Rio de Janeiro, fundada em 1925 pelos estudantes das escolas superiores da Capital. Esta instituição foi responsável pela pluralização das modalidades esportivos no meio estudantil, assim como, para a sistematização de diversos campeonatos em escala nacional. Ademais, a Federação Acadêmica pavimentaria o caminho do esporte acadêmico rumo à consolidação do esporte universitário a partir da década de 1930.

5.1 A Crise de Representatividade: O Papel da Associação de Cronistas Desportivos

Com o fim da Alliança Academica, o tradicional campeonato de futebol organizado pelos estudantes da capital da República, desde 1916, passa pela primeira vez por uma crise institucional. Preocupados com o futuro do certame, os acadêmicos buscaram o apoio da Associação de Cronistas Desportivos do Rio de Janeiro[172], que prontamente se voluntariou para resolver o “grave” problema que assolava a classe estudantil. Com o intuito de assumir a responsabilidade na organização do maior campeonato acadêmico do país, a Associação de Cronistas Desportivos (A. C. D.) enviou uma carta para a diretoria do Botafogo F.C. para que o clube disponibilizasse suas dependências para a realização do campeonato acadêmico de futebol:

> Sr. presidente do Botafogo F. C. - Cordiais saudações -- Devendo a Associação realizar o Campeonato Acadêmico de Foot-ball deste ano, entre as academias e escolas superiores, venho em nome de sua diretoria, solicitar desse glorioso e eterno club amigo, o obséquio da cessão da excelente praça de sports de sua propriedade, à rua General Severiano,

[172] A Associação dos Chronistas Desportivos (A. C. D.) foi fundada em 1917 pelos jornalistas esportivos da Capital do país. Um dos seus fundadores foi Mario Pollo, *sportsman* e cronista esportivo do *Correio da Manhã*, ver: Associação dos Chronistas Desportivos. Theatro & Sport, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1917, p. 11.

> para a realização daquele "meeting" esportivo, para o qual foi escolhida a data de 15 do corrente! Certo de que sabeis compreender o grande contentamento dos dirigentes da A. C. D. realizando tão importante festival num dos melhores "grounds" da cidade, e na expectativa de uma breve resposta, hipoteco os sinceros agradecimentos a esta diretoria, pela atenção que merece o presente pedido. Saúde e fraternidade. Antônio Veloso, 2° secretário[173].

Além de tomar para si a responsabilidade de organizar o certame acadêmico, a Associação de Cronistas Desportivos disponibilizou aos estudantes suas dependências para que todas as reuniões administrativas fossem levadas a efeito em sua sede na Rua Gonçalves Dias. O vencedor do torneio seria declarado “Campeão de 1923”, e assim como nos anos anteriores, seria entregue uma “rica” taça e medalhas de prata para os primeiros colocados.

A iniciativa da A. C. D. impactou sobremaneira as rodas esportivas da capital do país. A crise de representatividade gerada pela ausência da Alliança Acadêmica, nos mostra a importância das instituições associativas para a consolidação e manutenção dos certames esportivos. Principalmente se levarmos em conta que o campeonato acadêmico já possuía um grau de complexidade que demandava a participação de entidades formais que detinham um certo “prestígio” no universo esportivo para que ele pudesse ser organizado. Se nos lembrarmos dos primeiros certames realizados pelos estudantes no início do século XX, percebemos que naquele contexto, diversas comissões foram formadas para que os jogos fossem efetuados. Todavia, com a expansão, cada vez maior, do campeonato acadêmico de futebol, a logística necessária para a concretização do conclave se modificou consideravelmente. As acomodações para os atletas de outros estados, a capacidade de divulgação do evento e a disponibilidade de praças esportivas que fossem adequadas para a realização do campeonato, tornaram-se variáveis que necessitavam da atuação de instituições sólidas, como foi o caso da Alliança Acadêmica. A atitude da A. C. D. de preencher este “vazio” foi aclamada pelos cronistas esportivos:

> Admirável e nobre, o gesto da Associação dos Chronistas Sportivos, acedendo ao apelo dos acadêmicos das escolas superiores, desta capital. Tendo sucumbido a Alliança Acedemica, sociedade que fazia realizar, todos os anos, a Festa da Primavera, sentiram-se os estudantes do Rio de Janeiro, sem auxílio e sem apoio, para comemorar condignamente esta bela e proveitosa festa. Recorreram eles, portanto, a A. C. D., que, em um rasgo

[173] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1923, p. 7.

> de merecido louvor, tomou a si o encargo de sua organização. Em melhor porta não poderia ter batido a mocidade estúdios de nosso país[174].

Além do elogio à A. C. D., o cronista fez uma longa análise a respeito da conjuntura do esporte acadêmico nacional, apontando os caminhos necessários para que os estudantes alcançassem, o que em sua opinião, seria o pleno crescimento físico e intelectual da juventude brasileira. Ademais, para o cronista, o desenvolvimento do esporte acadêmico seria a solução para a "barbárie" que ocorria nos campos de futebol, nos jogos organizados pelos clubes esportivos. Dessa forma, o que observamos aqui, é o início de uma comparação entre os valores dos atletas acadêmicos e os desportistas dos clubes, que seriam, nesta perspectiva, despojados deste decoro comportamental. Nas palavras do cronista:

> O apelo destes corações vigorosos e cheios de vida, só poderia calar bem fundo, nos espíritos bem formados e nas inteligências alevantadas. Que belo o majestoso, é o espetáculo, em que jovens fortes, e resistentes, com um cérebro bem organizado, lutam numa peleja nobre e leal! Rapazes de uma linha impecável o indestrutível, de um caráter reto e perfeito! Neste meio garrulo e alegro e que se encontram almas boas e corações magnânimos. A luta, por consequência, entre estes elementos proveitosos e joviais, entre moços, que se entregam ciência, em bem da humanidade só poderá ser, bela, majestosa e altamente proveitosa... Pena será termos em 365 dias um só destinado a esta plêiade simpática e pujante... Por que não estabelecer-se um - campeonato anual, entre as diversas escolas desta capital? Cansados já nos encontramos com os incidentes desenrolados em campos do football. As nossas críticas são frequentes, porém, sem fruto satisfatório. E, si tivéssemos um campeonato em que tomarem parte, só acadêmicos? Fatos desagradáveis não se desenvolviam. E por quê? Pelo facto de serem eles, rapazes que compreendem seu verdadeiro papel. Jovens de responsabilidade limitada sob seus ombros. Elementos destes jaez é de que necessita o sport nacional. Para melhor demonstração esperemos pelo dia radioso de 15 de novembro. Mais alguns dias, teremos a confirmação cabal de nossas palavras[175].

É interessante notar que a defesa ao esporte acadêmico, em detrimento ao futebol clubístico, antecede as discussões sobre amadorismo e o profissionalismo no país. Isto é um ponto muito importante na história do esporte acadêmico brasileiro, visto que a partir do que sabemos sobre o desenvolvimento do esporte universitário na década de 1930, a perspectiva amadora foi um dos principais argumentos utilizados pelos cronistas esportivos, para defender a expansão do esporte nas universidades. Dessa forma, fazendo um contraponto com o futebol que se profissionalizava, cada vez mais, a partir da terceira década do século XX (PESSOA, 2018). Naquele contexto, "o esporte acadêmico se configurou como uma espécie de

[174] O CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1923, p. 9.
[175] O CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1923, p. 9.

paradigma que deveria ser seguido pela juventude brasileira, representando o que havia de mais puro no âmbito esportivo" (PESSOA, 2022, p.12), inclusive, sendo adotado por Vargas como uma política de Estado em 1941. Todavia, no início da década de 1920, o amadorismo ainda não estava em discussão nos meios acadêmicos. Sendo assim, podemos concluir que quando os debates acerca do profissionalismo e amadorismo no esporte universitário se instauraram nas páginas dos jornais, durante a década de 1930, uma perspectiva de que os acadêmicos representavam o que havia de mais "puro" no esporte, já circulava no âmbito esportivo. Portanto, a pauta do amadorismo, talvez tenha sido o "casamento perfeito" para acomodar uma concepção elitista[176] que já estava em curso nos meios editoriais, de que os acadêmicos seriam, de fato, os verdadeiros representantes do *ethos* esportivo.

Diferente dos anos anteriores, a expectativa que foi gerada em torno do campeonato de 1923 superou o que havia ocorrido nas três últimas edições do evento, em que a cobertura por parte da imprensa estava cada vez menor. De acordo com o jornal *O Paiz*: "grande será a afluência de sportmen nas dependências do alvinegro, ávidos de presenciarem uma bela tarde, em que jovens acadêmicos, vão se bater, em uma luta bela simplesmente e admirável". Mais uma vez, o cronista destaca o caráter cavalheiresco dos atletas estudantis, como uma das principais atrações para o evento: "o dia 15, portanto, vai nos oferecer uma ótima oportunidade em que os sportmen cariocas irão avaliar o grau de distinção e a maneira distinta e nobre da mocidade estudiosa de nosso país. Muito promete a grande festa dos acadêmicos"[177].

Durante a semana da realização do certame as notícias nas páginas dos jornais se intensificaram. A atuação da Associação de Cronistas Esportivos frente a realização do campeonato contribuiu, sobremaneira, para que o festival dos acadêmicos se destacasse no universo esportivo da capital. A partir da perspectiva dos cronistas, a disputa estava movimentando substancialmente as rodas

[176] Nos referimos a uma "ideia elitista" porque no contexto da década de 1920, alguns times da Liga Metropolitana iniciaram o processo de inclusão de membros das camadas populares nas fileiras dos principais times de futebol do país, o que ficou conhecido como "profissionalismo marrom" (YAMANDU; GÓIS JUNIOR, 2012; MALAIA, 2008). Neste sentido, o futebol acadêmico pode ter sido um argumento utilizado por alguns cronistas esportivos para criticar este processo que estava em curso, mesmo que isto não fique explícito nas fontes.
[177] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1923, p. 9.

esportivas: “pelos preparativos e entusiasmo, espera-se um êxito extraordinário para a tarde de quinta-feira”, neste mesmo sentido, “a animação reinante nos meios sportivos e acadêmicos será um ótimo fator para o brilhantismo da festa dos estudantes”. Além disso, o treino das equipes, que era um fator importante nas crônicas esportivas durante as primeiras edições do evento, voltou a ser destacado nas páginas dos jornais: “as representações das diversas escolas estão sendo submetidas a apurado preparo, assegurando-nos o campeonato acadêmico um brilhantismo fora do comum”[178]. O acompanhamento quase que diário das crónicas esportivas nos jornais da capital, nos mostra que o certame acadêmico havia recuperado o entusiasmo de suas primeiras edições, ao menos no que se refere à cobertura por parte da imprensa escrita:

> É finalmente depois de amanhã, 15 do corrente, feriado nacional, que se realiza, na bem tratada praça de sports do Botaforo F. C., o já anunciado certamen acadêmico, em o qual tomarão parte todas as Academias e Escolas Superiores, desta capital, e algumas do Nitheroy. Este torneio, que é intitulado Campeonato Academico de Football, será disputado em sistema eliminatório, isto é, idêntico ao torneio initium da 1° divisão. Este importante festival será levado a efeito sob os auspícios da Associação de Chronistas Desportivos, que não tem poupado esforços para que ele venha conquistar um enorme êxito[179].

É interessante notar que as vésperas da realização do campeonato acadêmico, as notícias ganharam cada vez mais notoriedade na seção esportiva dos periódicos. Os títulos das matérias sobre o festival estudantil resumem bem o “clima” que estava sendo gerado em torno do evento: “O Que Será o Grande Certamen de Amanhã Promovido Pela Associação de Chronistas Desportivos”[180]. Além disso, o jornal se transformou em um meio de comunicação entre as escolas, a A. C. D. e a Diretoria do Bota Fogo. Paulatinamente se viam avisos dos capitães das equipes estudantis sobre treinos, reuniões e diversos assuntos que diziam respeito à participação dos acadêmicos no campeonato de futebol. Outro aspecto que merece destaque é a cobrança de ingressos, que de acordo com as informações disponibilizadas no jornal[181], as entradas seriam de 2$ para arquibancadas e 1$ para as gerais. Assim como já discutimos anteriormente, desde o primeiro campeonato acadêmico de futebol em 1916, não temos nenhuma evidência que nos mostre para onde era destinada a arrecadação dos eventos estudantis. Todavia, não podemos

[178] CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1923, p. 11.
[179] FOOT-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1923, p. 9.
[180] O CAMPEONATO Academico de Foot-ball. O Paiz, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1923, p. 9.
[181] *Idem.*

negligenciar a ideia de que já havia se estabelecido, naquele contexto, uma espécie de mercado em torno do espetáculo esportivo estudantil, principalmente se levarmos em conta, além da cobrança de ingressos, toda a economia informal que poderia ser gerada nos arredores do estádio.

No dia 15 de novembro de 1923, logo nas primeiras horas da manhã, o entusiasmo tomava conta das páginas esportivas:

> O dia de hoje vai constituir realmente uma nota sensacional, com a brilhante festa acadêmica, promovida pela Associação dos Chronistas Desportivos. O campo do Botafogo F. C., local onde se realizará o campeonato acadêmico, será pequeno para conter a grande massa de sportsmen e que desde muitos dias vêm se preocupando vivamente por este interessante torneio. Outra não poderia ter sido a ansiedade reinante nos círculos sportivos. Este grande certamen, avivou o interesse dos entusiastas pelo sport, por dois motivos. O primeiro, pelo facto de concorrer às diversas provas, quadros compostos do escolas da nossa sociedade. Estudantes, jovens do Brasil de amanhã, irão hoje, á tarde, numa luta igual e nobre, mostrar a sua bela conduta e seu Irrepreensível modo de proceder. Moços ainda, irão ao gramado mostrar a pujança do seu caráter. O segundo motivo, o de se apresentarem os quadros, com elementos de reconhecido valor sportivo. O team representativo da Escola de Medicina apresentar-se-á de uma forma estupenda, com players da nomeada de Junqueira, A. Netto, Palamone, Amado, Leite e outros. O quadro da Faculdade de Direto, com Riva, Dorinho e Alarico. A Escola Militar com Baby, Coelho, Pamplona etc. Lagreca, Fred e Marcondes defenderão as cores da E. de Agricultura. Joppert, Braga, Burlamaqui e tantos outros brilharão no team da Politécnica. As Escolas Naval e de Commercio possuem elementos de grande valor. O interesse tomado pelo público sportivo, outro não poderia ser. Incontestavelmente, grande será o sucesso da tarde de hoje, na bela praça de sports do Botafogo F. C[182].

De acordo com o cronista, os principais motivos para que o público esportivo comparecesse as dependências do estádio do Bota Fogo, seriam o cavalheirismo que marcava o comportamento estudantil e a presença de *players* que compunham as fileiras dos times mais importantes do país, justificativas que foram paulatinamente utilizadas pelos cronistas para divulgar os certames estudantis. Algo que precisamos destacar, é que a oitava edição do campeonato acadêmico de futebol contou somente com estudantes das escolas superiores do Rio de Janeiro, diferente do que havia ocorrido nos últimos anos, onde o evento contava com a participação de acadêmicos de outros estados do país. Isto pode ter ocorrido devido a falta de articulação entre os centros acadêmicos, que era garantida pela Alliança Acadêmica ao longo dos sete anos da realização do certame. Todavia, mesmo com

[182] CAMPEONATO Academico de Football. O Paiz, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1923, p. 8.

um número bem reduzido de participantes, o campeonato acadêmico de futebol alcançou o êxito que estava sendo esperado nas rodas esportivas.

Na tarde do dia 15 de novembro de 1923, teve início a disputa do campeonato acadêmico de futebol organizado pela Associação de Cronistas Esportivos. De acordo com as impressões apresentadas no jornal: “Realmente, o "ground" do Botafogo, local onde se realizou o Campeonato Acadêmico, apresentava suas dependências repletas de sportsmen e gentis senhoritas”[183]. Novamente o comportamento dos estudantes foi destacado como uma das principais atrações do certame:

> Aplausos não faltaram, para maior brilho dar a festa dos acadêmicos. Em todas as pugnas travadas verificou-se um entusiasmo crescente nos elementos componentes dos quadros disputantes. A energia e atividade não faltaram para realçar o esplendor desta linda tarde sportiva. Todos os quadros, constituídos por elementos de escolas da sociedade carioca, emprestavam ao Campeonato Acadêmico um fulgor extraordinário. - Todos, estudantes de escolas superiores, demonstraram no gramado, não somente a sua agilidade e destreza, mas também o seu modo de agir, como amigos, colegas e companheiros. A atuação dos quadros foi perfeita e impecável. Todos os players procuravam agir com nobreza, dando, assim, a bela festa de ontem, um carácter de camaradagem e único[184].

O vencedor da disputa foi o time da Escola Politécnica, que “após três partidas renhidas, soube colher os louros da vitória. Seus jogadores, ágeis na distribuição da pelota, empolgaram a seleta assistência que ocupava as dependências do alvinegro”[185]. Todos os sete encontros entre os acadêmicos cariocas foram descritos detalhadamente nas páginas dos jornais. Algo que não ocorria desde o recrudescimento do campeonato acadêmico que se iniciou no ano de 1920. Com o intuito de apresentar os resultados de cada partida, organizamos uma tabela para facilitar a visualização mais geral do certame acadêmico de 1923:

Tabela 5: Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1923

Partida	Equipe 1	Equipe 2	Resultado
1º	Escola de Agricultura	Escola de Medicina	1 *goal* x 1 *corner*
2º	Escola Politécnica	Escola de Direito	2 *goals* e 1 *corner* x 2 *corners*

[183] CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1923, p.8.
[184] CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1923, p.8.
[185] *Ibidem.*

3º	Escola de Guerra	Academia do Commercio	1 *goal* e 2 *corners* x 1 *corner*
4º	Bellas Artes	Escola Naval	0 x 2 *goals* e 1 *corner*
5º	Escola de Agricultura	Escola Politécnica	1 *corner* x 2 *goals* e 3 *corners*
6º	Escola Naval	Escola de Guerra	0 x 2 *goals* e 1 *corner*
7º	Escola de Guerra	Escola Politécnica	2 *corners* x 1 *goal*

Fonte: CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1923, p.8.

Após a conclusão do campeonato acadêmico de futebol de 1923, observamos um verdadeiro silêncio nas páginas dos jornais no que diz respeito às disputas estudantis. O esporte acadêmico só voltaria a entrar nas crônicas esportivas, passados oito meses da vitória da Escola Politécnica. Na ocasião, seria disputado o campeonato acadêmico de remo, organizado pela Federação Brasileira das Sociedades de Remo. De acordo com o cronista, o certame “tem despertado entre a nossa mocidade estudiosa um entusiasmo extraordinário, que se torna maior de dia para dia, com os treinos a que se vêm sujeitando os conjuntos organizados”[186].

Uma nota importante é a atuação da Federação na organização do campeonato acadêmico, visto que ele havia sido idealizado por parte da Alliança Academica em 1921. Portanto, da mesma forma que a Associação de Cronistas Esportivos tomou para si a responsabilidade de dar continuidade ao campeonato acadêmico de futebol, a Federação Brasileira das Sociedades de Remo se colocou à disposição para promover as regatas estudantis. Neste momento da história do esporte acadêmico brasileiro, ocorre uma mudança de paradigma, onde a organização dos certames acadêmicos passa a ser articulada por instituições que são externas ao universo estudantil. Dessa forma, a ausência de uma entidade acadêmica que conseguisse convergir as práticas esportivas e articular a classe estudantil de diferentes estados, fez com que outras instituições se mobilizem para que os avanços obtidos nos últimos anos no âmbito do esporte acadêmico não fossem perdidos.

[186] ROWING. O Paiz, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1924, p. 8.

Graças aos auspícios prestados a partir da A. C. D., pelo segundo ano consecutivo, o campeonato acadêmico de futebol teria seu lugar garantido na agenda esportiva da capital do país. A partir do mês de outubro, as notícias sobre o campeonato começaram a surgir nas páginas dos jornais. Diferente do ano anterior, acadêmicos de outros estados começavam a se organizar para participar do maior campeonato acadêmico do Brasil, como foi o caso dos acadêmicos paulistas por meio da Faculdade de Direito de São Paulo: “O Centro Acadêmico XI de Agosto daquela faculdade, não tem poupado esforços para trazer a esta cidade um quadro de valor, o que naturalmente levará avante, pois possui em seu seio elementos poderosos”[187].

Em 1924, além de organizar o tradicional campeonato estudantil de futebol, a Associação de Cronistas Desportivos se dispôs a tomar a frente do campeonato acadêmico de atletismo. Neste sentido, os dois certames seriam organizados em um grande festival esportivo, porém em datas distintas, “dada popularidade do querido desporto bretão, e tendo-se em conta o fato de algumas escolas que não concorreram ao Torneio do Atletismo concorrerem ao do foot-ball”[188].

Dia após dia, os telegramas de instituições acadêmicas de outros estados chagavam comunicando a adesão de suas equipes ao conclave estudantil: “acaba de dar entrada secretária da A. C. D, o telegrama da escola de Minas de Ouro Preto, o tradicional estabelecimento de ensino, mineiro, solicitando Inscrição para os campeonatos académicos de football e Atletismo”[189]. A partir do intercâmbio estabelecido entre diferentes estados, podemos notar um cenário bastante diferente do que ocorreu no ano de 1923. Provavelmente, o fim repentino da Alliança Academica não proporcionou tempo o suficiente para que as relações entre a Associação de Cronistas e as entidades estudantis dos outros estados se estabelecessem, dessa forma, dificultando a participação dos estudantes no campeonato acadêmico de futebol do ano anterior.

No dia 27 de outubro de 1924 teve início o Campeonato Acadêmico de Atletismo, que foi realizado no estádio do Fluminense Football Club. De acordo com as impressões apresentadas nas crônicas esportivas, o campeonato transcorreu

[187] CAMPEONATO Academico de Football. O Paiz, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1924, p. 7.
[188] AS PROVAS de Foot-ball do Campeonato Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1924, p. 7.
[189] CAMPEONATO Academico. O Paiz, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1924, p. 8.

dentro do “maior êxito possível”. Novamente, os discursos eugenistas definiram o tom da retórica que justificava a presença do atletismo no seio da classe estudantil do país:

> Contrariamente ao que temos verificado em competições de tal natureza, o estádio do Fluminense apresentava um aspecto festivo e alegre, com uma assistência numerosa, que não cansava de aplaudir os concorrentes, jovens fortes e sadios, representantes fiéis do Brasil de amanhã. Educados em uma seara em que o desenvolvimento intelectual se apresenta em primeiro plano, os rapazes que concorreram campeonato de atletismo demonstraram a sua verdadeira compreensão, apresentando-se com condições especiais, onde a fortaleza física se nos mostrava com um aspecto encantador. Em todas as provas em que tomou parte essa plêiade vigorosa, vimos o desenvolvimento crescente que vem tomando em nossas escolas os exercícios físicos. Possuindo poucas horas de descanso, a mocidade estudiosa de nosso país entrega-se ao complemento de sua educação, fortalecendo e desenvolvendo com afinco suas forças musculares. O certamen de anteontem teve um sucesso admirável, podendo a estas horas estar satisfeita Associação do Chronistas, que, compreendendo a real necessidade dos exercícios físicos em nossa mocidade, vem organizando, com entusiasmo, essas competições anuais, em que a cordialidade sportiva e posta em um plano elevado pelos estudantes de nossas escolas superiores[190].

A Escola Militar conquistou o primeiro lugar do certame, acumulando ao longo das provas 80 pontos, secundada pela Escola Politécnica com 32 pontos. O terceiro lugar coube à Escola de Minas de Ouro Preto, que atingiu o total de 11 pontos. No que se refere ao atletismo, podemos verificar, desde a realização do primeiro campeonato acadêmico deste esporte, que as escolas militares possuíam uma vantagem se comparada às civis, fato que pode estar relacionado com a rotina de exercícios, que é comum a formação dos oficiais. Além do elogio à atuação da Associação de Cronistas, outro ponto importante é o crescimento de uma perspectiva eugênica na retórica presente nas páginas dos jornais. Esta lógica pode ser observada principalmente a partir do início da década de 1920, em especial nos campeonatos de atletismo acadêmico. Momento que coincide com a ascensão de um pensamento nacionalista-autoritário no país (FAUSTO, 2006). Além disso, a partir do início da década de 1930, a esfera política se aproximaria, cada vez mais, do campo esportivo, e isto afetaria o esporte acadêmico de forma bastante expressiva (PESSOA, 2018). Portanto, os indícios desta perspectiva de cunho eugênico, podem sinalizar o início de um processo que se estabeleceria na arena esportiva alguns anos mais tarde.

---

[190] O CAMPEONATO Academico de Atletismo. O Paiz, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1924, p. 7.

A partir da década de 1920 pudemos observar uma expansão no que diz respeito às modalidades esportivas disputadas pelos acadêmicos. A primeira delas foi o remo, seguida pelo atletismo, xadrez e basquetebol. O papel cumprido pela Alliança Acadêmica neste processo é inegável, todavia não podemos creditar à expansão do esporte acadêmico nacional somente aos estudantes cariocas. Os seus colegas do estado vizinho também contribuíram significativamente para o avanço destas modalidades, precisamos destacar a iniciativa paulista para o desenvolvimento do atletismo acadêmico no país. Além disso, algumas inciativas, de caráter mais sazonal foram importantes, como é o caso dos campeonatos acadêmicos no Nordeste[191] e no Sul[192] do país. Dessa forma, ao longo da década de 1920 as notícias sobre o campeonato acadêmico de futebol e de atletismo, que eram os mais destacados nos meios estudantis, são diversas vezes interpostas por campeonatos de outras modalidades, e com a ausência de uma instituição acadêmica responsável por estas manifestações, outras entidades esportivas tomaram a frente na organização dos certames, como foi o caso do campeonato acadêmico de basquetebol organizado pelo Fluminense F. C. no ano de 1924[193].

Desde que a A. C. D. assumiu o campeonato acadêmico de futebol, a expectativa em torno do certame cresceu exponencialmente. Além disso, os detalhes pormenorizados, como os treinos, a cor dos uniformes, a composição de cada time, retornaram para as crônicas esportivas, o que trouxe uma materialidade importantíssima para as representações que podem ser feitas a partir do que temos sobre a história deste fenômeno esportivo no país. Na manhã do dia 1 de novembro de 1924, a maior parte das seções esportivas estavam ocupadas pelas notícias sobre o campeonato acadêmico de futebol, e o entusiasmo era grande em torno do certame: “outro não poderá ser o brilhantismo da festa desta tarde, no campo do Botafogo, pois o interesse reinante na mocidade estudiosa é grande e francamente animador”[194].

Para a edição de 1924, a Associação de Cronistas, juntamente com os delegados representantes de cada escola superior, redigiu um novo regulamento para o campeonato acadêmico de futebol, que foi apresentado integralmente nas

[191] SPORT. Diario de Pernambuco, Pernambuco, 10 de setembro de 1917, p. 4.
[192] SPORT. O Paiz, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1922, p. 5.
[193] BASKET-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro,31 de outubro de 1924, p. 9.
[194] CAMPEONATO Academico de Football Promovido Pela A. C. D. O Paiz, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1924, p. 9.

páginas dos jornais[195]. O que nos chama a atenção é a redação do Artigo 15ª: “Ao vencedor do torneio será conferida a "Taça Associação de Chronistas Desportivos" e onze medalhas de prata, com posse definitiva”[196]. Pela primeira vez, após a dissolução da Alliança Acadêmica, o regulamento que regia o funcionamento da competição foi modificado. A adoção do novo nome, demonstra que a A. C. D. havia de fato se apropriado da disputa estudantil. Com isso, a estrutura do evento se complexificou, ganhando uma dimensão importante no que se refere à participação dos atores que compunham a mídia impressa da capital do país. Os cronistas e fotógrafos teriam seus ingressos garantidos “mediante a apresentação do cartão permanente do club cessionário para a presente temporada”. E pela primeira vez desde o início do campeonato acadêmico de futebol, toda as equipes seriam fotografadas: “é de toda a conveniência que os teams estejam em campo antes da hora inicial, não só para emprestarem ao campo aspecto mais imponente, como também para dar tempo a que sejam todos devidamente fotografados”. Os sócios do Botafogo teriam seus ingressos com o “título social do corrente mês” e para o público geral o preço das entradas seria o mesmo que do ano anterior, 2$ para as arquibancadas e 1$ para as gerais[197].

Ao fazer a apresentação geral do certame, que ocorreria na tarde do dia 1 de novembro, o cronista encerra sua exposição com uma análise interessantíssima sobre a Escola Militar e sua atuação nos torneios estudantis. O argumento que é apresentado ao longo do texto, faz uma relação direta entre o preparo físico dos atletas para as pugnas acadêmicas e o treinamento dos soldados para defender a soberania nacional, como se o esporte acadêmico representasse, em última instância, a capacidade das forças armadas do país:

> Quem de certo tempo a esta parte tem seguido com simpatia e atenção tudo quanto é relaciono com a cultura física da mocidade brasileira, não poderá, por certo, ter deixado do notar o brilho, entrenamiento, disciplina extraordinárias e certeza do sucesso com que a nossa Escola Militar se tem apresentado em competições de toda natureza. Tendo dirigindo-a o cérebro previdente e enérgico do general Gil da Costa que, estudante atento, embora já seja mestre, do movimento militar das nações que, pelas suas vitórias tem alcançado lugares de destaque no mundo, tem observado a atenção verdadeiramente científica com que se educa o corpo, e, ipso-facto,

[195] Disponível integralmente no Anexo III.
[196] CAMPEONATO Academico de Football Promovido Pela A. C. D. O Paiz, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1924, p. 9.
[197] *Ibidem.*

> o moral de soldado moderno, não admirar que a Escola Militar tenha a aureola os louros que esforçadamente têm obtido[198].

O cronista complementa o seu argumento fazendo uma comparação entre os maiores exércitos ocidentais, utilizando-os como exemplo do que deveria ser feito no Brasil. Ao analisar este discurso, percebemos que a partir desta perspectiva, o esporte acadêmico deveria cumprir um papel estratégico na construção de uma geração de soldados, que fossem capazes de se igualar aos melhores militares do planeta:

> Os exemplos magníficos dos Estados Unidos da América do Norte, centro militar de primeira ordem, Alemanha, cujo elogio não está por fazer; da França e da Itália, cujos exércitos são verdadeiros laboratórios de maquinas cientificas de guerra moderna, e da majestosa Inglaterra, cujo os marinheiros são os padrões por onde se talham os tipos de marujos de todo o mundo, calaram profundamente no seu espirito essencialmente analítico, como convém a um chefe, o desabrocharam a vigorosa nação que tem imprimido com especial carinho as coisa desportivas do exército. Na verdade, onde se encontrar mais completos atletas militares, mais perfeitos exemplos de virilidade formidável e distinta bravura nos campos de batalha, aliada ao sangue frio que só e só uma saúde perfeitamente equilibrado pode agregar de combinação dos músculos perfeitamente obedientes de ordens do cérebro, sendo nestes países onde se crê mais na real eficiência do homem do que na hipotética força que os poemas líricos podem instalar une veias do soldado que parte para a defesa do seu torrão?[199]

É interessante notar que esta retórica seria amplamente veiculada pelos órgãos de imprensa após a Revolução de 1930, quando o esporte acadêmico foi utilizado enquanto um veículo de afirmação de uma identidade nacional. Naquele contexto, o argumento de que o esporte universitário representava um paradigma que deveria ser seguido pela juventude brasileira, foi justificado a partir do seu caráter amador, assim como pela sua função na preparação da “raça brasileira”, que tinha como objetivo final fortalecer as fileiras que defenderiam o país. Este, inclusive, foi o pretexto utilizado para que Vargas promovesse a centralização[200] do esporte universitário nacional a partir de 1941 (PESSOA, 2022; 2018). Observar estes indícios já no início da década de 1920, nos traz elementos importantes para compreender a história política do esporte acadêmico no Brasil.

---

[198] CAMPEONATO Academico de Football Promovido Pela A. C. D. O Paiz, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1924, p. 9.
[199] *Idem.*
[200] Aqui compreendermos “centralização” como o processo de oficialização do esporte universitário brasileiro que ocorreu a partir de um decreto presidencial em 1941. Para mais informações ver: Pessoa e Dias (2019).

Na tarde do dia 1 de novembro de 1924, teve início o esperado torneio de futebol organizado pela Associação de Cronistas Desportivos. De acordo com o jornal *O Paiz*: “cedo, bem cedo mesmo, já as dependências do alvi-negro apascentavam um aspecto festivo, com a presença de numerosa concorrência”. Além disso, o entusiasmo gerado às vésperas do certame, foi destacado como um dos principais motivos que teriam contribuído para que os simpatizantes do esporte bretão comparecessem ao campo do Botafogo para prestigiar as disputas estudantis. Mais uma vez, o comportamento dos estudantes foi exaltado como uma das principais características que encimavam o esporte acadêmico: “Incontestavelmente, a competição de ontem alcançou grande sucesso, já pela elevação com que se portaram as equipes representativas das escolas de nosso país, já pela demonstração perfeita do progresso desportivo”. Neste mesmo sentido, o cronista destacou que a assistência não cansou de aplaudir, nem por um minuto, a atuação dos atletas acadêmicos que, “unia técnica apreciável no par de seu modo cavalheiresco e fidalgo”[201].

Seguindo as previsões feitas no dia anterior, a Escola Militar recebeu o título de Campeã Acadêmica de Futebol de 1924. Dessa forma, os futuros cadetes levantaram as duas taças do campeonato acadêmico daquele ano. O resultado conquistado pela Escola Militar traz um fator importante para a história do esporte acadêmico, visto que corroborava com a retórica construída durante a véspera do certame, fortalecendo o argumento de que havia uma relação intrínseca entre a preparação militar dos acadêmicos e os seus resultados no campo esportivo. Além disso, não faltaram elogios à atuação da A. C. D.: “A Associação de Chronistas entregam os estudantes do Brasil, num rasgo de simpatia e admiração, todo o afeto, por tão grande demonstração de acolhimento e interesse pela classe estudiosa de nessas escolas superiores”[202]. Assim como foi feito nas edições anteriores, organizamos uma tabela apresentando o resultado de cada partida realizada no campeonato acadêmico de futebol de 1924:

[201] O CAMPEONATO Academico hontem realizado no campo do Botafogo. O Paiz, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1924, p. 10.
[202] O CAMPEONATO Academico hontem realizado no campo do Botafogo. O Paiz, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1924, p. 10.

Tabela 6: Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de 1924

Partida	Equipe 1	Equipe 2	Resultado
1º	Escola de Direito (Rio de Janeiro)	Escola de Direito (São Paulo)	1 *corner* x 1 *goal*
2º	Escola de Medicina (Rio de Janeiro)	Instituto Eletrotécnico (Minas Gerais)	1 *goal* e 3 *corners* x 0
3º	Escola de Agricultura (Rio de Janeiro)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	1 *corner* x 2 *corners*
4º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Faculdade Hahnemanniana (Rio de Janeiro)	3 *goals* e 1 *corner* x 0
5º	Escola de Bellas Artes (Rio de Janeiro)	Escola de Minas de Ouro Preto (Minas Gerais)	Jogo não realizado
6º	Escola Naval (Rio de Janeiro)	Academia de Commercio (Rio de Janeiro)	1 *corner* x 1 *goal* e 2 *corners*
7º	Escola de Direito (São Paulo)	Escola de Medicina (Rio de Janeiro)	4 *goals* x 0
8º	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	Escola Militar (Rio de Janeiro)	1 *goal* e 1 *corner* x 2 *goals* e 3 *corners*
9º	Escola de Bellas Artes (Rio de Janeiro)	Academia de Commercio (Rio de Janeiro)	0 x 1 *corner*
10º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Escola de Direito (São Paulo)	1 *goal* e 3 *corners* x 0
11º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Academia de Commercio (Rio de Janeiro)	1 *goal* e 3 *corners* x 0

Fonte: O CAMPEONATO Academico hontem realizado no campo do Botafogo. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1924, p. 10.

Após a realização dos campeonatos de atletismo e futebol, organizados pela A. C. D., o calendário esportivo estudantil de 1924 ainda contaria com mais uma iniciativa, desta vez por parte do Fluminense Football Club, com a realização do

torneio acadêmico de basquetebol. Na ocasião, o regulamento da competição[203] foi apresentado pela primeira vez nas páginas dos jornais, de uma forma geral, as regras do campeonato seguiam as mesmas estabelecidas pela Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (A.M.E.A.)[204].

O campeonato acadêmico de basquetebol não alcançou o sucesso pretendido, na contramão do que foi esperado pelos jornalistas ao divulgar o evento. De acordo com as impressões apresentadas, pela primeira vez, a falha teria vindo dos próprios estudantes: “Infelizmente, só um jogo foi levado a efeito, porque a Faculdade de Direito e Escola Politécnica, inesperadamente e sem prévio aviso, deixaram de comparecer”. A falta das duas escolas foi “bastante” comentada nos círculos esportivos da capital, em especial a Escola Politécnica, que teve a iniciativa para a realização do certame, e que de acordo com o que foi apresentado nas fontes, “solicitou reiteradamente ao departamento técnico do Fluminense que o organizasse”[205]. Este episódio nos monstra que a ausência da Alliança Acadêmia ainda havia deixado lacunas na organização esportiva dos estudantes da capital da República. Apesar de outras instituições como a A. C. D. e a Federação Brasileira das Sociedades de Remo terem se comprometido em assumir a organização de algumas modalidades esportivas, a ausência de uma entidade que dispusesse de organicidade no interior dos centros e grêmios acadêmicos, fez com que a estrutura erguida pela Alliança Acadêmica fosse se desfazendo aos poucos. Neste sentido, o associativismo que foi constituído em torno da prática esportiva acadêmica, torna-se um fator importante não só para a emergência histórica destas manifestações esportivas, mas também para a sua longevidade. Assim como veremos nos próximos anos, cria-se a necessidade de que os estudantes retomem para si a responsabilidade de organizar os certames acadêmicos do país. Assim como foi o caso da Associação Esportiva da Escola de Medicina:

> Com o nome de C. A. Acadêmicos de Medicina, foi fundada a 13 do corrente, pelos estudantes da Escola de Medicina desta capital, uma nova - associação sportiva, com o fim de praticar o desenvolvimento físico de nossa mocidade acadêmica. Essa sociedade, que tem o apoio do diretor da Escola de Medicina, que já lhe cedeu uma sala no edifício daquele estabelecimento de ensino, já conta para mais de 200 associados e está cuidando com carinho da formação dos seus quadros representativos, para o que já está providenciando no sentido de serem iniciados os seus treinos

[203] Disponível integralmente no Anexo IV.
[204] CAMPEONATO Academico de Basket-Ball. O Paiz, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1924, p. 8.
[205] BASKET-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1924, p. 7.

> em campos de vários clubs desta cidade, enquanto não possuem o seu campo próprio. Ela tratará também da representação da Escola de Medicina no campeonato acadêmico, disputado pelos acadêmicos do Rio de Janeiro[206].

As notícias sobre o campeonato acadêmico de 1925 só começariam a aparecer nas páginas dos jornais a partir do mês de outubro. A primavera já não significava mais o desabrochar das pelejas acadêmicas nas praças esportivas, como havia sido cultivada pela Alliança Acadêmica. Em detrimento à tradição estabelecida pela instituição, esta data foi substituída pelo último trimestre de cada ano. Apesar da ruptura histórica com a Festa da Primavera, o campeonato de 1925 trouxe um avanço importante na história do esporte acadêmico nacional, com a constituição de um festival que congregasse diversas modalidades esportivas no interior de um mesmo programa. Neste sentido, a Associação de Cronistas Desportivos realizou no dia 10 de outubro uma reunião entre os representantes das escolas que tomariam parte do campeonato acadêmico de 1925. Segundo as opiniões do cronista, havia uma grande expectativa sendo gerada em torno do festival estudantil: “o interesse despertado nos nossos meios acadêmicos pela disputa dos torneios acadêmicos deste ano ultrapassou a qualquer previsto por mais otimista, que fosse”. Além disso, a quantidade de escolas participantes aumentou, “nada menos de 12 escolas superiores têm tomado parte ativa na organização dos torneios, por intermédio dos seus esforçados representantes e os resultados, até agora, têm sido os mais satisfatórios possíveis”[207].

A maior adesão ao campeonato acadêmico, por parte das escolas superiores do país, contribuiu para a diversificação das modalidades que seriam disputadas pelos estudantes. Como é o caso do voleibol, no que parece ser a sua primeira participação em torneios acadêmicos no Brasil: “este campeonato está despertando grande interesse por ser a primeira vez em que é disputado em torneios acadêmicos e por ter escolas possuidoras de equipes muito adestradas”. Se inscreveram neste torneio a Escola Politécnica, Militar, Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito e Escola Superior de Agricultura. O campeonato de basquetebol também seria uma das atrações do evento, sendo disputado pelas escolas: Politécnica, Militar, Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito do Rio, e Escola de Agricultura. Além

[206] NOTAS do Dia. O Paiz, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1925, p. 8.
[207] O CAMPEONATO Academico deste anno. O Paiz, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1925, p. 8.

disso, o futebol não poderia estar ausente no festival estudantil, “o nosso sport predileto terá por parte dos acadêmicos condigna apresentação. Todas as 12 escolas inseridas disputarão este campeonato”. A quarta modalidade esportiva presente no conclave seria o atletismo, que havia já há alguns anos conquistado a simpatia dos *sportsman* da capital da República e de São Paulo. Por fim, os esportes de raquete também estreariam no circuito acadêmico, com o campeonato de tênis[208].

Curiosamente, somente os campeonatos de voleibol e futebol tiveram seus resultados publicados nas páginas dos jornais. De acordo com os registros feitos no jornal *O Paiz*, o primeiro campeonato acadêmico de voleibol alcançou um “êxito extraordinário”: “a grande e seleta assistência que compareceu aos matches, o entusiasmo, a técnica e o cavalheirismo com que foram disputadas estas provas ultrapassaram a qualquer expectativa, por mais optimista que fosse”. O primeiro jogo foi realizado entre a Escola Politécnica e a Escola Superior de Agricultura, onde a segunda, “evidenciando melhor técnica”, venceu a escola concorrente por dois sets a zero. O segundo jogo ocorreu entre a Escola Militar e a Faculdade de Direito, “a Escola Militar mostrou logo possuir um conjunto muito homogêneo e valente”, vencendo a Faculdade de Direito por dois sets a zero. A terceira disputa foi entre a Faculdade de Medicina e Escola Superior de Agricultura, de acordo com o cronista: “foi uma luta muito equilibrada e interessante, tendo despertado interesse da assistência”. Os futuros médicos saíram com a vitória por dois sets a zero. A partir daí, o campeonato seria decidido entre a Escola Militar e a Faculdade de Medicina, “grande foi a ansiedade pelo jogo final, pois, pelo desenrolar das partidas, em que os dois últimos colocados evidenciaram possuir um forte e adestrado team, bem só poderia avaliar que a luta seria, como foi, renhida”[209]. A decisão do certame foi descrita com bastante entusiasmo nas crónicas esportivas:

> A Escola Militar desenvolveu um jogo muito brilhante e movimentado, porém um tanto precipitado, tendo a Faculdade de Medicina atuado com mais segurança e calma. No final, o jogo assumiu proporções grandiosas e despertou desusado entusiasmo da assistência, principalmente feminina. O campeonato foi brilhantemente levantado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, pelo score de 2 x 0. A Faculdade de Medicina fez 10 pontos em cada partida, contra 11 pontos em cada partida

[208] O CAMPEONATO Academico deste anno. O Paiz, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1925, p. 8.
[209] VOLLEY-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1925, p. 8.

> feitos pela Escola Militar [...] foi uma bela noite para os aficionados deste sport, que já se vai tornando querido entre nós[210].

A descoberta de um campeonato acadêmico de voleibol em 1925 traz uma contribuição importante para história deste esporte no país, principalmente se pensarmos que a estruturação de campeonatos nacionais aconteceria décadas depois. Não sabemos ao certo em que ano este esporte teria chegado ao Brasil, entretanto existe um consenso na historiografia, de que as suas origens datam do período que corresponde entre os anos de 1915 e 1917. O que sabemos ao certo, é que a Associação Cristã de Moços (ACM) cumpriu um papel fundamental na difusão desta manifestação esportiva no Brasil. Além disso, precisamos destacar, que o primeiro campeonato com proporções nacionais da modalidade no país só ocorreria em 1944 (MEZZAROBA; PIRES, 2011). Dessa forma, a disputa de um torneio entre acadêmicos, quase vinte anos antes, possibilita que novas interpretações sejam feitas sobre os sujeitos e instituições que contribuíram para o desenvolvimento deste esporte em âmbito nacional.

Desde o início do século XX, o destaque à presença das mulheres nas arquibancadas é uma constante no que se refere aos certames acadêmicos. Não somente no esporte bretão, assim como destacamos no capítulo anterior, mas em todos as manifestações esportivas que se desenvolveram no meio estudantil. As transformações das normas sociais, que ocorreram na virada do século XIX, oportunizaram um ambiente mais favorável para circulação pública das mulheres, e os espetáculos esportivos se constituíram como espaços privilegiados para usufruir desta nova sociabilidade. Além disso, as inovações tecnológicas na mobilidade urbana contribuíram demasiadamente para que a rua se transformasse em um lugar mais “convidativo” para as mulheres. Esportes como o turfe cumpriram um papel importante neste processo desde o final do século XIX, assim como as regatas, a esgrima, o atletismo, o tiro ao alvo e até mesmo as lutas. Entre continuidades e rupturas, a participação feminina no esporte foi se consolidando ao longo do século XX, sendo que aos poucos, as mulheres conquistaram seu espaço, não somente na qualidade de espectadoras, mas também enquanto atletas nas arenas esportivas (MELO, 2007). No que se refere ao esporte acadêmico, não encontramos evidências da participação feminina na condição de atletas nas disputas estudantis. Porém, isto

[210] VOLLEY-BALL. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1925, p. 8.

não significa que elas não cumpriram um papel fundamental para o desenvolvimento do esporte acadêmico em âmbito nacional.

Após a realização do torneio de voleibol, as crônicas esportivas cedem espaço para as expectativas em torno do campeonato de futebol, que era considerado o acontecimento mais esperado do festival acadêmico: “Este campeonato será o mais importante dos torneios, dado o elevado número de escolas que concorrerão e também a eficiência técnica dos quadros representativos das escolas, que estão magnificamente formados e treinados”. Além disso, as equipes das escolas superiores contavam com *players* reconhecidos no Brasil: “fazendo parte das esquadras representativas das nossas escolas, iremos encontrar afamados campeões, índice certo do que irá ser em entusiasmo e ardor o campeonato de football este ano”[211]. A participação de jogadores dos clubes das principais ligas do país, é uma variável importante na consolidação das disputas acadêmicas, desde as primeiras edições do evento. Além disso, outro ponto importante, é o aumento do preço dos ingressos se comparado as edições anteriores, o valor das arquibancadas subiu para 3$000 e das gerais para1$500. Esta mudança pode indicar que o campeonato acadêmico estava conseguindo mobilizar o universo esportivo e trazer para as arquibancadas do estádio do Alvinegro uma assistência significativa.

No dia 30 de outubro de 1925, já nas primeiras horas do dia, o entusiasmo para a realização do maior campeonato acadêmico de futebol do país invadia as páginas dos jornais: “É finalmente, hoje que se realizará [...] o campeonato Acadêmico de Football, o "olou" dos torneios acadêmicos anuais com que a Associação de Cronistas Desportivos já habituou os sportman desta capital”. A qualidade dos atletas acadêmicos era paulatinamente afirmada pelos cronistas:

> Não é preciso relembrar o sucesso de que se revestem anualmente as provas, pois trata-se do sport querido do nosso público sportivo, praticado pelos nossos rapazes acadêmicos, inegavelmente exímios manejadores da pelota, como têm dado provas não só nas esquadras das suas escolas como nos teams oficiais dos clubs da 1ª divisão da A. M. E. A.[212].

No dia seguinte, as impressões acerca do certame foram anunciadas, calorosamente, nas páginas dos jornais. De acordo com o cronista: “resultou brilhante o certamen da tarde de ontem, onde quadros representativos das escolas

[211] CAMPEONATO Academido de Football. O Paiz, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1925, p. 8.
[212] CAMPEONATO Academico de Football. O Paiz, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1925, p, 9.

superiores do país demonstraram uma pujança física digna de nota, a par de uma distinção e cavalheirismo extraordinário". Ao todo dez equipes participaram da disputa, sendo a modalidade do campeonato acadêmico que mais agregou participantes de diferentes estados do país. A noção de que os acadêmicos representavam um modelo para a juventude brasileira, se manifestava na maior parte das crônicas esportivas que pautavam o esporte estudantil, este mesmo argumento seria utilizado, paulatinamente, ao longo do desenvolvimento esporte universitário a partir da década de 1930 (PESSOA, 2022). Além disso, o enaltecimento à Associação dos Cronistas, pela iniciativa em organizar o certame, sempre encontrava seu espaço nas páginas esportivas:

> Todos os encômios pelo brilho dessa festa devem ser dirigidos a Associação de Cronistas, que, num gesto que muito a eleva, promove todos os anos essa bela reunião e esse admirável demonstração do apuro físico da mocidade estudiosa do Brasil! Ontem foi um sucesso o certatamen no campo do Botafogo e, justificando, a Importância desse torneio, os jovens representantes do Brasil do amanhã, unidos pelos laços de solidariedade e pela mesma comunhão de ideias, lutaram com dignidade, com altivez, exaltando deste modo suas qualidades raras de cavalheiros em toda acepção da palavra[213].

Mais uma vez, a Escola Militar recebeu o título de campeã acadêmica de futebol do Brasil, tornando-se bicampeã. O segundo lugar coube a Escola Politécnica, que também já havia se destacado nos campeonatos realizados nos anos anteriores. Os jogos foram narrados detalhadamente pelos cronistas e os resultados serão apresentados a seguir:

Tabela 7: Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de Futebol de 1925

Partida	Equipe 1	Equipe 2	Resultado
1º	Escola de Minas de Ouro Preto (Minas Gerais)	Faculdade de Direito (Rio de Janeiro)	0 X 2 *corners*
2º	Escola Politécnica (São Paulo)	Academia de Comércio (Rio de Janeiro)	1 *goal* X 1 *corner*
3º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Escola de Agricultura (Rio de Janeiro)	4 *goals* X 1 *goal*

[213] SPORT. O Paiz, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1925, p. 10.

4º	Instituto Eletrotécnico de Itajubá (Minas Gerais)	Escola de Bellas Artes (Rio de Janeiro)	Escola de Bellas Artes *Walk-over*
5º	Escola de Medicina (Rio de Janeiro)	Mackenzie College (São Paulo)	1 *goal* e 1 *corner* X 1 *goal* e 3 *corners*
6º	Escola de Direito (São Paulo)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	0 X 2 *goals* e 1 *corner*
7º	Faculdade de Direito (Rio de Janeiro)	Escola de Medicina e Cirurgia (Rio de Janeiro)	Faculdade de Direito *Walk-over*
8º	Academia de Comércio (Rio de Janeiro)	Escola Militar (Rio de Janeiro)	0 X 2 *goals* e 2 *corners*
9º	Escola de Bellas Artes (Rio de Janeiro)	Mackenzie College (São Paulo)	2 *corners* X 5 *corners*
10º	Faculdade de Direito (Rio de Janeiro)	Escola Militar (Rio de Janeiro)	0 X 1 *goal* e 1 *corner*
11º	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	Mackenzie College (São Paulo)	2 *corners* X 1 *corner*
12º	Escola Militar (Rio de Janeiro)	Escola Politécnica (Rio de Janeiro)	1 *corner* X 0

Fonte: SPORT. O Paiz, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1925, p. 10.

Com o fim do calendário esportivo de 1925, o universo acadêmico passaria por mais um processo de transição institucional. A Associação de Cronistas Desportivos, entidade que havia reerguido o esporte estudantil desde o fim da Alliança Acadêmica, se retirou de cena no ano de 1926. O motivo foi o surgimento da Federação Acadêmica do Rio de Janeiro, associação estudantil que pretendia se encarregar da representatividade da classe acadêmica na capital da República. Todavia, o distanciamento da A. C. D. causou um grande impacto na organização dos campeonatos estudantis, visto que ao longo destes quatro anos, a Associação de Cronistas teve junto aos acadêmicos do Rio de Janeiro uma relação quase simbiótica no âmbito esportivo. A partir de 1926, podemos observar um processo dificultoso na centralização das disputas acadêmicas, movimento que ocasionou um

hiato de dois anos na realização do campeonato de futebol, o evento esportivo mais importante no meio estudantil. A partir deste contexto, a atuação da Federação Acadêmica do Rio de Janeiro pavimentaria o caminho para a consolidação do esporte universitário brasileiro a partir da década de 1930, assim como veremos a seguir.

5.2 A Federação Acadêmica do Rio de Janeiro

A temporada esportiva acadêmica de 1925, que foi organizada pela Associação de Cronistas Desportivos, representou o terceiro ano consecutivo onde a entidade que centralizava as decisões dos certames estudantis não era dirigida pelos próprios estudantes. Todavia, *pari passu* à realização destas disputas, se iniciava um movimento por parte dos representantes de várias escolas da capital do país, que se reuniram nas dependências do Diretório Acadêmico da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. O intuito era discutir a organização de uma entidade estudantil que representasse toda a classe acadêmica da cidade. De acordo com o que foi apresentado nas páginas dos jornais: “na impossibilidade de se fundar uma Confederação dos Estudantes Brasileiros, à semelhança de institutos congêneres em todos os países da América, tratou-se de fundir num só órgão representativo todas as forças acadêmicas do Rio de Janeiro”[214]. A primeira reunião que pautou a criação desta entidade ocorreu no mês de junho de 1925, o ponto principal dos debates girou em torno de qual seria o papel desempenhado pela nova associação estudantil:

> Debatidas e ventiladas as primeiras questões, estabeleceu-se unanimemente que a futura Federação será resultante da representação dos Diretórios reais de cada escola superior. Sendo a organização desses Diretórios o produto duma eleição da massa geral dos acadêmicos cariocas, teremos por eleição indireta, legitimamente reconhecidos, os dirigentes superiores da associação que ora se organiza[215].

Ao longo de todo o segundo semestre de 1925, várias reuniões foram organizadas para tratar sobre as pautas relacionadas à criação da nova entidade

[214] PROCURANDO Estreitar Mais a União da Classe Acadêmica. Correio da Manhã, Rio de janeiro, 30 de junho de 1925, p. 2.
[215] *Ibidem.*

acadêmica[216], principalmente para tratar do estatuto[217] e os requerimentos de filiação enviados pelas escolas superiores da capital[218]. Somente no final do mês de novembro do mesmo ano, que o Presidente da Comissão Organizadora da Federação Acadêmica do Rio de Janeiro, Reynaldo Saldanha, analisou os requerimentos de filiação enviados pelo Centro Acadêmico da Escola de Medicina e Cirurgia, Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina, Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, Diretório Acadêmico da Escola Politécnica e do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Bellas-Artes. De acordo com o que foi publicado no jornal *Correio da Manhã*:

> As entidades acadêmicas acima referidas alegam em justificativa dos seus pedidos de inscrição como órgãos federados, componentes do Conselho Diretor da Federação; o caráter que possuem de representação integral dos corpos discentes das Escolas em que tem sede, e, consequentemente, a concessão do título de entidade federada a qualquer delas acarretará a exclusão de pretensões no mesmo sentido, por parte de outras associações académicas, que, daí em diante, só poderão ser admitidas na Federação no caráter de entidades filiadas[219].

Neste sentido, não haveria a possibilidade de duas entidades estudantis da mesma escola de ensino superior compor o Conselho Diretor da Federação Acadêmica do Rio de Janeiro. Esta medida foi embasada nos estatutos desta entidade, para que houvesse uma centralização política da representatividade estudantil da capital. Após as reuniões organizadas no ano de 1925, os trabalhos para a efetivação da FARJ só foram continuados a partir de abril de 1926, devido a temporada de exames estudantis[220]. O esporte não demorou a adentrar nas pautas da instituição, em maio do mesmo ano, o Conselho Diretor da Federação apontou que, “por se tratar de uma reunião importante e de alta valia para os interesses dos sports nas academias”[221], havia solicitado aos representantes dos diretórios acadêmicos das entidades federadas, que comparecessem ao Diretório dos

---

[216] FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1925, p. 2.
[217] FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1925, p. 6.
[218] FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1925, p. 6.
[219] FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1925, p. 6.
[220] FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1926, p. 6.
[221] FOOTBALL. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1926, p. 8.

Estudantes de Engenharia para tratar sobre uma partida de futebol entre os acadêmicos.

Em junho de 1926, os trabalhos preliminares para a fundação da Federação Acadêmica foram finalizados. Dentre os primeiros departamentos organizados na instituição estava o “Departamento de Desportos e Enxadrismo”, que foi presidido por Reynaldo Saldanha, o mesmo acadêmico responsável pela Comissão Organizadora ao longo de todos os meses que antecederam a fundação da entidade estudantil[222]. A partir daí, a instituição começaria a se projetar como a principal promotora dos certames esportivos acadêmicos na capital do país.

Entre o período que compreende a formulação da nova associação estudantil e a sua real efetivação, enquanto instituição promotora dos certames acadêmicos, ocorreram alguns impasses para a concretização dos campeonatos que já haviam se consolidado no cenário estudantil. Dentre eles, estava o Campeonato Acadêmico de Remo, que era realizado juntamente com a Federação Brasileira das Sociedades de Remo. De acordo com as impressões apresentadas no jornal *O Paiz*: “Apenas se inscreveu a Escola Militar, que deve merecer os aplausos da nossa mocidade estudiosa e, principalmente dos nossos sportsmen, ante a demonstração que vem de prestar, para aceitação [...] dos sports entre a nossa universidade”[223]. Apesar deste campeonato ser organizado pela Federação Brasileira de Remo, a A. C. D. havia cumprido um papel importante intermediando a relação entre as instituições e os acadêmicos, algo que não ocorreu no ano de 1926, fazendo com que a realização do evento fosse inviabilizada devido à falta de competidores.

Apesar destes contratempos, novas iniciativas foram geradas e, pouco a pouco, os certames estudantis começaram a se estabelecer tendo a Federação Acadêmica como principal promotora dos empreendimentos estudantis. No dia 24 de junho ocorreu o primeiro *match* interestadual organizado pela Federação, a disputa se deu entre os selecionados do Rio de Janeiro e São Paulo[224]. Para abertura do festival esportivo, os acadêmicos convidaram os primeiros *teams* do Flamengo e do Vasco da Gama, “que corresponderam ao convite dos estudantes, com a máxima

[222] FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1926, p. 5.
[223] NÃO SERÁ Corrido o Campeonato Acadêmico. O Paiz, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1926, p. 8.
[224] O SPORT Nas Academias. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1926, p. 8.

boa vontade”[225]. Novamente a presença de jogadores conhecidos no Brasil e no mundo foi destacada como um dos principais chamarizes para o certame estudantil:

> Nos selecionados de S. Paulo e do Rio figuram elementos consagrados nos campeonatos internacionais e nacionais. No scratch carioca, embora a escalação definitiva dependa do treino de hoje no C. R. do Flamengo, poderão os nossos sportsmen apreciar jogadores como Balthazar (Vila Isabel), Póvoa (S. Christovão), Lincoln (Brasil), Arv (Fluminense), Aché e Moderato (Flamengo), Milton e Gonçalves (C. R. Vasco da Gama), Jeronymo (Botafogo) e outros que nos principais quadros do campeonato carioca têm se distinguido. O sr. João Silveira Filho e Reynaldo Saldanha, representantes do Club Academico Paulista e do Departamento de Desportos da Federação Academica do Rio, têm conseguido das nossas altas autoridades sportivas, a máxima boa vontade, obtendo as facilidades necessárias à realização de tão importantes encontros[226].

Esta relação entre os acadêmicos e o poder público é praticamente uma constante no que diz respeito à história do esporte acadêmico no país. A posição privilegiada ocupada pelos estudantes na estrutura social facilitava o acesso ao que podemos chamar de “primeiro escalão” do poder executivo. Não obstante, a presença de parlamentares e ministros pode ser observada desde os primeiros certames organizados no início do século XX. Além disso, a relação entre as equipes das escolas superiores e os times consagrados das ligas estaduais era ténue, fato importante para a história do esporte nacional, visto que os acadêmicos teriam, guardadas as devidas proporções, dividido os holofotes do campo esportivo com os principais clubes de futebol do país, até mesmo porque, os atletas destas instituições muitas vezes eram os mesmos. É interessante notar que poucos anos depois, o profissionalismo seria oficializado no país, fato que criaria uma ruptura histórica neste processo, assim como foi observado durante a década de 1930 (PESSOA, 2022).

Apesar das ações da Federação Acadêmica já estarem em curso, a solenidade que apresentaria a instituição para a sociedade carioca só ocorreria no mês de agosto. O discurso regionalista não deixaria de aparecer nas páginas dos jornais, visto que a fundação desta entidade também representava um avanço simbólico para a capital da República, “oxalá que esse primeiro impulso lance da novel agremiação uma obra digna da metrópole do pensamento brasileiro!”[227]. De acordo com o que foi apresentado nas páginas do *Correio da Manhã*:

---

[225] O INTERESTADUAL Acadêmico. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1926, p. 8.
[226] O INTERESTADUAL Acadêmico. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1926, p. 8.
[227] FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1926, p. 6.

> A cerimônia será presidida pelo conde Alfonso Celso, reitor da Universidade do Rio de Janeiro. Falará em nome da Federação o doutorando Adaucto Lucio Cardoso, presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Foram especialmente convidados os escritores Coelho Netto e Medeiros e Albuquerque, que dissertarão sobre, temas escolhidos. Fará também alguns recitativos gentilíssima “diseuse" Nita Coelho Netto. Para essa solenidade foram convidados a imprensa, as altas autoridades e o corpo diplomático[228].

A presença de dois fundadores da Academia Brasileira de Letras[229], demonstra a importância que foi atribuída a criação da Federação Acadêmica no cenário cultural da capital do país. Inclusive, nos anos anteriores, a taça do campeonato acadêmico de futebol chegou a receber o nome de “Taça Coelho Neto”, em homenagem ao escritor.

A disputa estabelecida entre Rio de Janeiro e São Paulo em torno da liderança econômica e cultural do país adentrava o campo dos esportes acadêmicos. Paulatinamente quando observarmos algum avanço no cenário esportivo carioca, logo em seguida, notícias nos jornais da cidade vizinha eram acompanhadas de mobilizações em torno do esporte no interior das escolas superiores e vice-versa. Neste sentido, enquanto a Federação Acadêmica se estabelecia na capital do país, os estudantes de São Paulo realizaram um campeonato acadêmico de futebol, para comemorar o aniversário da fundação dos cursos jurídicos no Brasil. Participaram do certame quatro escolas da cidade, Faculdades de Direito, Faculdade de Medicina, Escola Politécnica e Mackenzie College[230]. Este certame é uma das raras ocasiões, em que fotografias dos acadêmicos paulistas foram registradas nas páginas dos jornais:

---

[228] *Ibidem.*

[229] Coelho Neto e Medeiros e Albuquerque são membros imortais da Academia Brasileira de Letras, ocupam respectivamente as cadeiras de número 02 e 22. Informações disponíveis no site da Academia Brasileira de Letras: <https://www.academia.org.br/academicos/membros> Acesso em: 24/04/2022.

[230] O FESTIVAL de hontem do Centro Academico. Correio Paulistano, São Paulo, 12 de agosto de 1926, p. 9.

FIGURA 8: Campeonato Acadêmico de Futebol

A turma da Escola de Engenharia "Mackenzie", que venceu hontem o Campeonato Academico de Football

Fonte: O FESTIVAL. Correio Paulistano, São Paulo, 12 de agosto de 1926, p. 9.

Chegando ao mês de setembro, data tradicional da realização dos torneios acadêmicos na capital do país, as crônicas esportivas já apontavam para a ausência de uma movimentação em torno da organização do maior[231] campeonato acadêmico do Brasil. O cronista faz uma crítica apontando a importância deste certame no cenário esportivo da capital da República: “setembro, época em que se realizam os torneios entre os acadêmicos das escolas superiores do país, é dedicado inteiramente à grande Festa da Primavera, cujo brilhantismo inconteste enche de júbilo a mocidade estudiosa do Brasil”[232]. Todavia, de acordo com estes registros, naquele ano havia um atraso na organização do festival esportivo e a reunião para debater a organização do conclave só ocorreu no dia 11 de setembro. A partir deste encontro, organizado pela Federação Acadêmica, os campeonatos estudantis começaram a se efetuar no final daquele mesmo mês. O primeiro certame realizado foi o de atletismo:

> Concorreram às belas provas atléticas da tarde de ontem, no "stadium" do Fluminense Football Club, nada menos de cinco escolas superiores: Militar, Medicina, Academia de Commercio, Politécnica e Bellas Artes. Está de parabéns, pelo esforço incansável de seus diretores, que nada pouparam para o brilhantismo desse verdadeiro congraçamento, sem alarde, da nossa já apreciável massa estudantina, a Federação Acadêmica. As provas, bem organizadas e melhor dirigidas, transcorreram na mais perfeita ordem e com

[231] Em termos de número de escolas participantes, diversificação de modalidades e cobertura da imprensa.
[232] OS CAMPEONATOS Academicos. O Paiz, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1926, p. 10.

> toda a animação. É de justiça salientar também o esforço do Centro Atlético dos Acadêmicos de Medicina, novel associação com sede no edifício da própria Faculdade, que soube organizar, com método e entusiasmo, um quadro de verdadeiros atletas. O sucesso inesperado da representação dos estudantes de medicina que, em outros campeonatos, têm feito um papel apagado, foi a nota principal da linda tarde sportiva de ontem[233].

O destaque à atuação da Escola de Medicina é importante, visto que o campeonato de atletismo era tradicionalmente dominado pelos atletas da Escola Militar, algo que já havia construído no imaginário esportivo carioca, a noção de que devido a sua rotina de treinamento, os futuros oficiais eram os favoritos nas disputas atléticas. Neste sentido: “forçoso é concluir que a mocidade acadêmica civil sem o "training" obrigatório da sua colega militar, com uma educação física toda espontânea, vai progredindo a olhos vistos”[234].

O campeonato acadêmico de atletismo se configurou como uma espécie de “piloto” para a Federação Acadêmica, dessa forma, após o sucesso que foi anunciado pelos cronistas esportivos, a instituição se propôs a organizar campeonatos de futebol, voleibol, basquetebol, remo, natação e xadrez[235]. Após a realização de algumas reuniões do Departamento de Esportes da FARJ, as datas para a realização dos certames de cada modalidade foram estabelecidas. Outro ponto que merece atenção é cobrança da taxa de 20$000 para a inscrição no campeonato[236]. Este valor seria cobrado para cada modalidade que as instituições de ensino superior se inscrevessem no certame acadêmico. Apesar de evidências empíricas não terem sido encontradas a este respeito, a realização dos encontros esportivos, provavelmente, era uma das maiores fontes de renda para a manutenção da instituição estudantil.

O campeonato acadêmico de voleibol foi o primeiro torneio realizado na temporada esportiva planejada para o mês de outubro. De acordo com as expectativas publicadas nos jornais: “será um certamen resolvido, pois a ele concorrem turmas adestradas que muito se empenharão pela vitória”[237]. Participaram do evento esportivo a Escola Militar, a Faculdade de Medicina, a Escola Politécnica, a Faculdade de Direito, a Escola Superior de Commercio e a

---

[233] ACADEMIAS & Escolas. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1926, p. 12.
[234] *Ibidem.*
[235] FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1926, p. 8.
[236] OS CAMPEONATOS Academicos. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1926, p. 8.
[237] VOLLEY-BALL. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1926, p. 10.

Escola Nacional de Bellas Artes. O *team* da Escola de Medicina conquistou o primeiro lugar, secundada pela Escola Militar.

Este foi o primeiro certame em que foram registradas “transgressões” por parte dos acadêmicos, indo de encontro à retórica construída por parte da mídia impressa desde a realização dos primeiros *matchs* no país, de que o que diferenciava os atletas estudantis era exatamente seu decoro cavalheiresco. De acordo com o cronista, se não fosse o incidente ocasionado “por um grupo exaltado de alunos da E. Militar que não souberam perder com elegância os disputados sets do interessante prélio aos seus fortes contendores da F. de Medicina, as provas teriam transcorrido na mais perfeita harmonia”[238]. Este acontecimento geraria uma espécie de “racha” no seio da classe estudantil, e a partir disso, a Federação Acadêmica tomaria providências imediatas:

> Reuniu-se ontem extraordinariamente, o Departamento de Desportos e Enxadrismo da Federação Académica, para tomar providencias a respeito da lamentável Ocorrência de sábado e outras resoluções, como se vê abaixo:
> a) aprovar o resultado do Campeonato de Atletismo, considerando vencedores a E. Militar, de Medicina e Commercio 1º, 2° e 3º. lugares respectivamente;
> b) Aprovar o resultado do torneio de Volley Ball, sendo vencedores a F. de Medicina e E. Militar em 1° e 2° lugares, respectivamente:
> c) suspender por 1 ano o atleta Lincoln Cordeiro Oest, da Escola Militar, em vista do seu modo de proceder no torneio de Volley Ball
> d) levar ao conhecimento do conselho diretor as ocorrências do torneio de Volley Ball, em sua reunião de amanhã, às 8:30 horas da noite, na E. Politécnica[239].

Apesar destes entraves, em um primeiro momento, o cronograma esportivo seguiu o que havia sido estabelecido pelo Departamento de Esportes da FARJ. Os sorteios para as provas de tênis e xadrez ocorreram logo após o campeonato de voleibol[240]. Porém, a tensão entre os centros e grêmios acadêmicos, que compunham a Federação Acadêmica, começou a crescer e o calendário esportivo de 1926 sofreria um abalo significativo devido aos problemas ocorridos no campeonato de voleibol. As instituições estudantis que compunham a Federação iniciaram um processo de julgamento das penas que caberiam à Escola Militar, devido ao que foi considerado uma transgressão de um de seus atletas, a partir

[238] A FEDERAÇÃO Academica e o campeonato de Volleyball. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1926, p. 7.
[239] A FEDERAÇÃO Academica e o campeonato de Volleyball. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1926, p. 7.
[240] TORNEIOS Academicos. O Paiz, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1926, p. 12.

disso, várias reuniões do Conselho Diretor da FARJ foram realizadas para pautar este tema, todas acompanhadas pela mídia impressa:

> O conselho diretor da F. A. R. J., reunido extraordinariamente para tomar conhecimento das graves ocorrências do torneio de voleibol, há pouco efetuado, deliberou:
> a) tomar conhecimento dos lamentáveis acontecimentos ocorridos no supracitado torneio, presenciados pelo diretor e demais membros do Departamento de Desportos e Enxadrismo;
> b) tomar conhecimento do inquérito instaurado na União Athletica da Escola Militar, para apurar a responsabilidade dos seus associados nós mesmos acontecimentos;
> c) levar em consideração o que declarou o sr. tenente Moraes, digno presidente da U. A. E. M., que se responsabiliza por todo e qualquer aluno da Escola Militar, que se apresentar nos futuros prélios da Federação Acadêmica;
> d) acatar unanimemente a resolução do departamento de desportos, suspendendo por um ano o atleta Lincoln C. Oest, da U. A. E. M.
> e) por proposta de um representante da F. de Direito e em atenção a U. A. E, M., reformou a pena de suspensão imposta ao sr. Oest, em revisão, para repreensão.
> Nessa mesma sessão, a representação da E. Politécnica apresentou o pedido de retirada dos torneios organizados pela Federação, em virtude de última resolução (letra e) do conselho diretor[241].

No dia 27 de outubro, o Conselho Diretor faria uma nova reunião, a primeira resolução seria anular a sessão extraordinária que foi descrita acima. Além disso, o recurso da União Atlética da Escola Militar foi negado, dessa forma, o aluno Lincoln C. Oest, foi suspenso pelo período de doze meses, dos campeonatos organizados pela Federação Acadêmica. Todo este cenário de conflito fez com que o Departamento de Esportes e Enxadrismo cancelasse todos os campeonatos acadêmicos que foram planejados para o ano de 1926. Logo após esta decisão, a União Atlética da Escola Militar anunciou o seu desligamento da Federação Atlética do Rio de Janeiro[242]. Dessa forma, após o período de quase dez anos consecutivos, o tradicional campeonato acadêmico de futebol, que foi o embrião do esporte acadêmico nacional, não seria realizado devido aos problemas ocorridos na disputa do campeonato acadêmico de voleibol. Pela primeira vez, desde o início das disputas entre os times das escolas superiores, o entrave para a realização dos certames seriam os próprios estudantes. Toda a retórica construída em torno do comportamento exemplar dos acadêmicos seria colocada em “xeque”. Este fato provocou um mal-estar generalizado, criando uma cisão na esfera acadêmica

[241] A FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1926, p. 7.
[242] UMA VISITA à Escola Militar. O Imparcial, 8 de novembro de 1926, p. 7.

carioca, fazendo com que a pauta sobre os esportes no interior das escolas superiores desaparecesse das seções esportivas. Após quase um ano sem a mídia impressa citar o esporte acadêmico, um cronista do *Diário Nacional* fez uma longa análise, parcialmente reproduzida aqui, sobre o que estava acontecendo em São Paulo, cenário bastante parecido com o da capital da República.

> Houve uma época aqui em São Paulo, que os campeonatos acadêmicos de diversos esportes eram realizados com certa frequência e regularidade, eram torneios deveras emocionantes, que faziam vibrar entusiasticamente a mocidade estudiosa. Haja vista o campeonato do atleta completo, reino e outros. Pouco a pouco, porém, essas competições foram caindo em desuso. Hoje só se disputa, com escasso sucesso, uma vez por ano, o campeonato acadêmico de atletismo. No entanto, o esporte no seio dos estudantes vem tendo um surto formidável; embora ele não seja praticado nos próprios estabelecimentos de ensino, como seria desejável[243].

Um dos problemas levantados, em sua longa crítica, é a falta de estrutura necessária no interior das escolas superiores para a prática dos esportes. Dessa forma, os atletas acadêmicos ficariam diretamente dependentes dos clubes esportivos para realizar os seus treinos. Este fato já havia sido observado nos anos anteriores, assim como citamos no início do capítulo. Todavia, ao observar a conformação do campo esportivo acadêmico, podemos notar que, a falta de condições materiais para que os times das academias mantivessem sua rotina de treino no interior das próprias instituições, pode ser um dos principais fatores que contribuíram para que o esporte acadêmico não se desenvolvesse no Brasil da mesma forma como ocorreu em outros países, principalmente de origem anglo-saxã.

Apesar do cenário de incerteza sobre o destino do esporte acadêmico no país, o mês de setembro traria novos ares para os estudantes cariocas. Ao aproximar da tradicional data em que se realizava a Festa da Primavera, a Federação Acadêmica publicou no *Correio da Manhã* a organização do campeonato acadêmico de 1927. Foram abertas inscrições para os torneios de futebol, basquetebol, atletismo, voleibol, tênis, natação, remo, polo aquático e xadrez[244]. Além disso, a Federação organizou uma reunião entre as representações das escolas superiores da capital do país. O principal objetivo foi promover um entendimento entre a Escola Politécnica, a Faculdade de Medicina, a Academia de Commercio e a União Atlética da Escola Militar, “pelo incidente havido o ano passado, no decurso do campeonato acadêmico, a fim de se resolver,

[243] H.V.L. Campeonatos Academicos, Diário Nacional, São Paulo, 28 de setembro de 1927.
[244] CAMPEONATOS Academicos. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1927, p. 9.

definitivamente, sobre o deste ano". No dia seguinte realizou-se uma nova reunião entre os envolvidos, onde o "desentendimento" entre as escolas foi resolvido: "A Secretaria faz esse comunicado, congratulando-se com as citadas escolas e a Federação, em vista do espírito elevado que animou a reunião; proposta e aprovada com intuito do apaziguamento, que foi conseguido"[245].

Ironicamente, no torneio de atletismo, o primeiro certame realizado do campeonato acadêmico, as provas seriam interrompidas por um desentendimento entre dois participantes e um dos juízes, algo que não agradou os defensores do desporto estudantil:

> Bem a contragosto somos obrigados a registrar o incidente lamentável de anteontem quase no final do campeonato acadêmico de atletismo, cujo brilho foi toldado com um conflito entre os seus disputantes que, infelizmente, se esqueceram do verdadeiro papel dos sports na mocidade. Por questão de ordem íntima, quando as provas realizadas alcançavam sucesso e brilho, houve um incidente entre o juiz e dois concorrentes, disso resultando um conflito generalizado que impediu o prosseguimento do programa sportivo. Tristemente assinalamos esse facto, desolador e pungente, principalmente por ter se originado em um ambiente onde só deviam reinar harmonia e paz. A mocidade estudiosa. Com o incidente de anteontem sofreu um rude abalo. Enfim, que tudo se apague para esquecimento de um dia tão, triste, é o que desejamos[246].

Após este incidente, não há registros da realização das outras disputas que foram planejadas para o campeonato acadêmico de 1927. A crítica realizada pelo cronista parece refletir um consenso entre a comunidade esportiva carioca, de que o comportamento dos acadêmicos não estava indo ao encontro do que era esperado para a classe estudantil: "principalmente por ter se originado em um ambiente onde só deviam reinar harmonia e paz, a mocidade estudiosa". Neste sentido, com sucessivos problemas, desde o campeonato de voleibol de 1926, o esporte acadêmico entre em uma espécie de crise, que podemos quantificar através do número de ocorrências disponíveis nos periódicos analisados. No final da década de 1920, o esporte acadêmico ficaria cada vez mais ausente nas pautas esportivas. Toda expectativa construída em torno dos treinos, das reuniões das associações, dentre outros temas que envolviam o esporte acadêmico, ficariam cada vez mais ausentes nas páginas dos jornais.

---

[245] FEDERAÇÂO Acadêmica do Rio de Janeiro. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1927, p. 8.
[246] ATLHETISMO. O Paiz, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1927, p. 12.

Neste sentido, o ano de 1928 já se inicia com a notícia da realização do campeonato acadêmico de atletismo, no mês de setembro[247]. Não foram observadas discussões em torno da realização do campeonato acadêmico, algo que tradicionalmente ocorria desde o início da estruturação das disputas estudantis. Isto não significa que os certames não estavam ocorrendo, mas demonstra que a atenção dada pela mídia impressa havia reduzido significativamente. Além disso, ao que tudo indica, havia se estabelecido uma cisão no interior da classe estudantil, visto que o tradicional campeonato de atletismo não foi organizado pela Federação Acadêmica: "a mocidade acadêmica, sob o patrocínio da Faculdade de Medicina, realizou anteontem, no stadium do Fluminense F. C., o seu campeonato de atletismo. o certamen dos rapazes das nossas escolas superiores, foi brilhante"[248]. A Escola Militar obteve o primeiro lugar, seguida pela Escola Naval, que ocupou a segunda posição no podium. Um ponto importante é que o certame "foi dirigido por uma comissão de alunos de diversas escolas"[249]. Neste sentido, os entraves ocorridos nos dois últimos anos, no interior da Federação Acadêmica, podem ter contribuído para que esta instituição perdesse parte da sua credibilidade na classe acadêmica do Rio de Janeiro.

O segundo torneio realizado foi o campeonato acadêmico de futebol, que não se sabe ao certo quais instituições foram responsáveis pela sua organização. De acordo com as impressões do cronista, o certame foi realizado com diminuta assistência, mas com grande entusiasmo por parte dos estudantes. Participaram do torneio os times da Medicina; Guerra; Direito; Naval; Politécnica; Academia de Commercio; Escola Militar; Faculdade de Direito; Escola de Agricultura e Bellas Artes. Abaixo apresentamos uma tabela com o resultado de cada partida:

Tabela 8: Resultado dos jogos do Campeonato Acadêmico de Futebol de 1928

Partida	Equipe 1	Equipe 2	Resultado
1º	Faculdade de Medicina	Escola de Guerra	1 *corner* X 2 *goals* e 1 *corner*
2º	Faculdade de Direito	Escola Naval	Venceu a Escola de Direito por *Walk Over*.

[247] ATHETISMO. O Paiz, Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1928, p. 31.
[248] CAMPEONATO Academico de Athletismo. O Paiz, Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1928, p. 11.
[249] *Ibidem.*

3º	Escola Politécnica	Academia de Commercio	2 *corners* X 0
4º	Escola Militar	Faculdade de Direito	3 *goals* X 0
5º	Escola de Agricultura	Escola de Belas Artes	2 *corner e* 2 *goals* X 0
6º	Escola Politécnica	Escola de Agricultura	2 *corners e 1 goal* X 1 *corner*
7º	Escola Militar	Escola Politécnica	1 *corners e 2 goals* X 0

Fonte: O CAMPEONATO Academico foi levado pela Escola Militar. O Paiz, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1928, p. 25.

Nota-se que nesta edição do campeonato acadêmico de futebol, só participaram escolas superiores do Rio de Janeiro, algo que pode indicar um enfraquecimento no intercâmbio entre os acadêmicos de outros estados, fato que pode ter sido gerado a partir das crises no interior da Federação Acadêmica. De acordo com o cronista, a disputa final do campeonato acadêmico foi um dos melhores encontros do dia:

> A Escola Militar iniciou atacando e circunscrevendo a defesa adversária, conseguindo obter um goal e um corner. Na segunda fase, a partida tornou-se animada [...]. Mas a Escola Militar conseguiu ainda marcar, por intermédio de Petroni, mais um tento que lhe garantiu a vitória. Até o último minuto a partida transcorreu bem disputada, derrotando, assim, a Escola Politécnica por dois gols e um corner a zero, os militares tornaram-se Campeões Acadêmicos de 1928. Do team vencedor não se poderá destacar nomes pela (sic.) todos quer pessoalmente, quer em conjunto, brilharam. Devemos frisar a boa ordem que reinou durante toda a competição[250].

A observação de que a partida transcorreu sem nenhuma interrupção, por parte dos acadêmicos, é sintomática para analisarmos o "clima" que estava circulando nos meios esportivos sobre o comportamento dos estudantes. Se levarmos em conta que nos anos anteriores, os encontros estudantis eram utilizados como exemplo para a juventude do país, esta nova configuração cria uma ruptura na retórica construída em torno do *ethos* dos acadêmicos, defendido, paulatinamente, desde o início do século XX, pelos cronistas esportivos.

[250] O CAMPEONATO Academico foi levado pela Escola Militar. O Paiz, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1928, p. 25.

Outros dois campeonatos acadêmicos ocorreram no ano de 1928, logo após a realização do torneio de futebol. Porém, desta vez, ambos foram organizados pela Federação Acadêmica do Rio de Janeiro. O primeiro deles foi o campeonato de natação: “As provas, que foram disputadas com regularidade digna de registro, tiveram a presenciá-las uma assistência entusiástica, e, não obstante a diferença de pontos da equipe, vencedora, foram muito bem disputadas”[251]. A equipe campeã foi o time da Escola Naval, seguido pela Faculdade de Medicina. Tudo indica que a participação das escolas superiores da capital foi bastante reduzida.

No início do mês de novembro foi disputado o campeonato acadêmico de polo aquático, que foi o segundo certame organizado pela Federação Acadêmica naquele ano. De acordo com os registros no jornal: “reunindo como disputantes de water-polo players de real mérito, o Interessante torneio, que foi disputado em sistema eliminatório, fez atrair numerosa assistência, dentro a qual realçavam-na inúmeros aspirantes de nossas escolas militarizadas”[252]. O certame contou com a participação da Escola de Bellas Artes, Academia de Commercio, Escola Naval e Faculdade de Direito. A vencedora do torneio foi a Escola de Bellas Artes, em uma disputa considerada “emocionante” pelos relatos apresentados no jornal *O Paiz*.

Com o fim do calendário esportivo de 1928, o que podemos perceber é que os dois últimos anos da década de 1920 não modificariam drasticamente o cenário estabelecido no esporte acadêmico nacional. Neste sentido, a Federação Acadêmica perderia o monopólio da organização das disputas estudantis no Rio de Janeiro, assim como já havia ocorrido no ano de 1928. Além disso, os acadêmicos paulistas, em busca de desenvolver o seu campo esportivo, abrem a temporada esportiva de 1929 com um campeonato acadêmico de atletismo de grandes proporções, convidando os acadêmicos de todo o país para celebrar um festival esportivo, que eles imaginavam ser sem precedentes.

Este campeonato de atletismo em São Paulo foi um espaço privilegiado para o desenvolvimento de um intercâmbio cultural entre os acadêmicos da capital do país e os estudantes paulistas. Os relatos apresentados nas páginas do Jornal *O Paiz* são interessantíssimos, visto que foram descritos por Nelson G. Lourenço, representante da Associação de Cronistas Desportivos do Rio de Janeiro, que

[251] CAMPEONATO Academico de Natação. O Paiz, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1928, p. 11.
[252] CAMPEONATO Academico de Water Polo, O Paiz, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1928, p. 11.

acompanhou a delegação do Club Athletico Academico de Medicina (C. A. A. M.) rumo ao torneio em São Paulo. A partida dos acadêmicos é digna de nota:

> Partimos no horário sob hurrahs e vivas e a estação repleta de pessoas que vieram trazer à C. A. A. M. seus votos de boa viagem e felicidade no campeonato. A delegação composta de 26 membros denotando a maior esperança apesar da falta de treinos de alguns dos seus atletas, divertiu-se até as 22 horas com um choro maravilhoso de cavaquinho e violão. A essa hora o chefe da embaixada, Sr. Lourenço Pereira da Cunha, deu por findo divertimento para que os atletas se repousassem. De manhã, apesar dos solavancos do trem, todos os homens se encontravam bem-dispostos[253].

Nota-se que a relação entre a festividade e o esporte acadêmico tem seus laços estabelecidos desde o início do século XX, assim como observamos a partir dos primeiros certames realizados em 1905. Dessa forma, quando nos referirmos aos festivais esportivos, não podemos deixar de levar em conta esta dimensão, que constituída parte fundamental da sociabilidade entre os acadêmicos. Após passar pelos “solavancos do trem”, os estudantes cariocas chegaram à cidade vizinha às 08:15, de acordo com o relato de Nelson Lourenço, aguardavam a delegação “os acadêmicos paulistas e o redator sportivo do "Diário de S. Paulo". Fomos cercados das maiores provas de carinho e conduzidos ao Palácio Hotel, onde ficamos hospedados”[254]. Após se acomodarem, os estudantes foram visitar pontos turísticos da cidade e alguns diários que fomentavam o fenômeno esportivo em São Paulo. Existia uma grande expectativa em torno do certame, de acordo com o cronista:

> Em todos os círculos reina entusiástica expectativa sobre o campeonato a efetuar-se amanhã; o que nos impressionou sobremodo, acostumados que estamos as competições do Rio, nos postes, nos logradouros públicos vêm-se cartazes anunciando-o. Ao que soubemos dos nossos colegas desta cidade o football tem decaído muito a vista dos demais sports. A imprensa paulista, aliás, muito tem concorrido para o incremento do atletismo com publicações e comentários. Para que se calcule o grau do adiantamento desse desporto aqui, basta dizer-se que as reuniões atléticas são pagas e os campos ficam repletos de assistentes. Espera-se que o field do Paulistano seja pequeno para conter todos os que desejam assistir ao belo espetáculo. Os atletas cariocas encontram-se bastante esperançados de corresponderem com bela figura e gentileza dos seus colegas paulistas. A embaixada carioca e a Academia de Direito são na opinião geral as que reúnem maiores probabilidades de vitória[255].

---

[253] LOURENÇO, NELSON G. Campeonato Academico de Athetismo. O Paiz, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1929, p. 7.
[254] *Ibidem.*
[255] LOURENÇO, NELSON G. Campeonato Academico de Athetismo. O Paiz, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1929, p. 7.

Existem dois fatores importantes neste relato sobre a história do esporte acadêmico no país. O primeiro deles é que havia uma campanha de divulgação voltada ao campeonato de atletismo que extrapolava as páginas dos jornais. Precisamos destacar que está é a primeira evidência empírica deste tipo de propaganda relacionada aos eventos acadêmicos, principalmente se tratando dos cartazes espalhados pela cidade. Outra questão que merece um aprofundamento é a noção de que em São Paulo, o atletismo ocupava um lugar de destaque no cenário esportivo. Outras fontes apresentadas nos capítulos anteriores já indicavam a tentativa dos paulistas de buscar a hegemonia do atletismo nacional, todavia, a comparação feita com o futebol, apesar de exagerada, nos aponta para um contexto de efervescência do esporte base na Paulicéia, sendo os estudantes os protagonistas deste processo.

Nelson G. Lourenço fez uma análise sobre a disputa do campeonato acadêmico, que traz elementos importantes a respeito do cenário esportivo paulista e da relação estabelecida entre o atletismo e o futebol. Neste sentido, o cronista faz uma comparação entre o público que acompanhava um *match* de futebol ao mesmo tempo em que se desenrolava o campeonato acadêmico de atletismo:

> Em automóveis fomos todos conduzidos ao campo do Paulistano. O field do club de Friendereich é dividido em duas partes distintas, separadas por alto muro; numa, realizam-se os jogos de football, noutra as provas atléticas. A pista é admirável, obedecendo os mais exagerados requisitos. Logo após terem chegado os cariocas e as representações das demais escolas superiores, começou a encher todas as dependências do estádio, ficando dentro em pouco repletas. Um contraste flagrante apresentava os dois grupos de assistentes. De um lado, gente fina e polida que acompanhava o desenrolar do campeonato de atletismo; do outro grupo barulhento, a cada momento proferindo exclamações pejorativas, que de olhar aceso, assistia o match Paulistano x Internacional. Dizer-se em síntese o que foi a grandiosidade do campeonato é temeridade, pois, dificilmente, os leitores cariocas, que não conhecem ainda o entusiasmo que o atletismo desperta em S. Paulo, acreditarão. No entanto, nessa competição foram registradas "performances" acima da nossa expectativa e que não corresponderam ao que esperavam os adeptos do atletismo na vizinha cidade[256].

O relato do cronista sobre a forma como o público do esporte bretão se comportava, comparado aos entusiastas do atletismo acadêmico, é sintomática para analisarmos um o discurso latente no campo esportivo a respeito do *ethos* cavalheiresco da classe estudantil. Apesar deste discurso ter sido posto à prova na capital do país, a partir dos acontecimentos nos anos anteriores, esta noção de que

[256] LOURENÇO, NELSON G. Campeonato Academico de Athetismo. O Paiz, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1929, p. 7.

os acadêmicos representavam um modelo para a juventude brasileira será emulada, ainda mais, a partir de 1930 e persistirá ao menos até a década de 1940 (PESSOA, 2022). Nelson Lourenço termina seu relato apontando a performance dos estudantes cariocas, de acordo com suas percepções, observou-se nos acadêmicos "um entusiasmo incandescente que os levava a se empenhar com todos os seus esforços, se não para a conquista do triunfo, pelo menos para responder ao amável convite e à fraterna recepção dos acadêmicos paulistas"[257]. O campeonato foi vencido pela Faculdade de Direito de São Paulo, seguida pelo Mackenzie College. Apesar da representação carioca não ter subido ao pódio, os acadêmicos do Rio de Janeiro, aparentemente, surpreenderam a mídia esportiva da cidade vizinha.

Após o certame organizado pelos estudantes paulistas em maio, o calendário esportivo carioca abriria as portas dos estádios a partir do mês de setembro, período tradicional das disputas acadêmicas na capital do país. Algo que precisamos observar é que o processo de descentralização dos certames acadêmicos, motivado pelos entraves ocorridos em 1927 e 1928, se intensificaria paulatinamente, e a partir disso, campeonatos paralelos começariam a ser organizados. Neste sentido, em 1929 são realizados dois campeonatos acadêmicos de futebol no Rio de Janeiro, algo que não havia ocorrido desde o início das disputas acadêmicas no início do século XX.

A primeira disputa realizada na capital do país, em 1929, foi o campeonato acadêmico de atletismo. O certame foi disputado no estádio do Fluminense F. C., que de acordo com o cronista teve "regular assistência". A escola campeã foi a Faculdade de Medicina, a mesma que havia enviado uma delegação para o campeonato paulista no primeiro semestre do mesmo ano. O selecionado da Escola Politécnica ficou em segundo lugar, seguido pela Faculdade de Direito. Apesar da atuação das escolas, o cronista decidiu dar ênfase a uma outra dimensão do conclave: "Contudo, o maior brilhantismo da reunião esteve na cordialidade, lealdade e camaradagem em que ela decorreu, tendo se verificado não poucos casos de atletas que procuravam encorajar seus adversários"[258]. É neste contexto em que o discurso da "pureza do esporte acadêmico" é retomado. Uma observação importante é que a retórica sobre o *ethos* cavalheiresco dos estudantes, passa de

[257] *Idem.*
[258] HOUVE Muito Enthusiasmo no campeonato acadêmico de atletismo. O Paiz, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1929, p. 9.

uma regra geral, observada em todas as manifestações esportivas, inclusive no futebol, para um discurso que privilegiaria o atletismo enquanto expoente desta cultura esportiva.

Neste mesmo sentido, pela primeira vez, o termo “amadorismo” apareceria nas pautas acadêmicas. Em um convite realizado para o campeonato acadêmico de basquetebol, a direção do certame publicizou através do Jornal *Correio da Manhã* a seguinte convocação: “Devendo iniciar-se no próximo dia 30 do corrente, o campeonato acadêmico de basketball, a direção de basketball convida os amadores, abaixo mencionados para um rigoroso treino”[259]. Mesmo não sendo citado, formalmente, ao longo da década de 1920, compreendemos que o ideal amador esteve presente na prática dos acadêmicos desde as primeiras disputas realizadas no país, além disso, sabemos que o amadorismo foi fundamental para o desenvolvimento do esporte universitário no país nas décadas seguintes:

> A emergência histórica do esporte universitário no Brasil esteve intimamente ligada ao ideal do amadorismo. O esporte acadêmico se configurou como uma espécie de paradigma que deveria ser seguido pela juventude brasileira, representando o que havia de mais puro no âmbito esportivo. O Estado adotaria o esporte universitário como uma das bases necessárias para a criação de uma juventude saudável e leal aos desígnios do Regime (PESSOA, 2022, p. 12).

A Federação Acadêmica do Rio de Janeiro, apesar de perder espaço no cenário esportivo carioca, continuaria a protagonizar algumas modalidades esportivas, como foi o caso da esgrima, no certame planejado para o dia 12 de outubro. Para além da disputa do campeonato acadêmico, um aspecto importante deste encontro foi a organização de uma série de exibições planejadas pelo “Club Athletico Acadêmicos de Medicina”. Tomaram parte no certame “alguns dos melhores atiradores nacionais e estrangeiros, residentes no Rio”, “espadistas” que haviam participado das olimpíadas, campeões nacionais e internacionais de sabre e outras modalidades. De acordo com a observação do cronista: “havendo ainda um assalto de florete entre a senhorita Mariah Mendes de Almeida, a mais perfeita atiradora carioca, e a sra. Margarida Dana, campeã feminina de São Paulo”[260]. Este último encontro nos chama à atenção porque é a única ocasião, nas fontes pesquisadas, em que duas mulheres se encontram na condição de atletas da modalidade. Não podemos afirmar que as esportistas eram integrantes de alguma

[259] BASKETBALL. Correio da Manhã, Rio de Janeiro. 27 de setembro de 1929, p. 11.
[260] ESGRIMA. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1929, p. 11.

escola de nível superior, todavia, este fato não apaga a importância deste certame para a história social e cultural do esporte. Além disso, Mariah Mendes de Almeida foi retratada por um dos artistas mais importantes do Brasil, Candido Portinari:

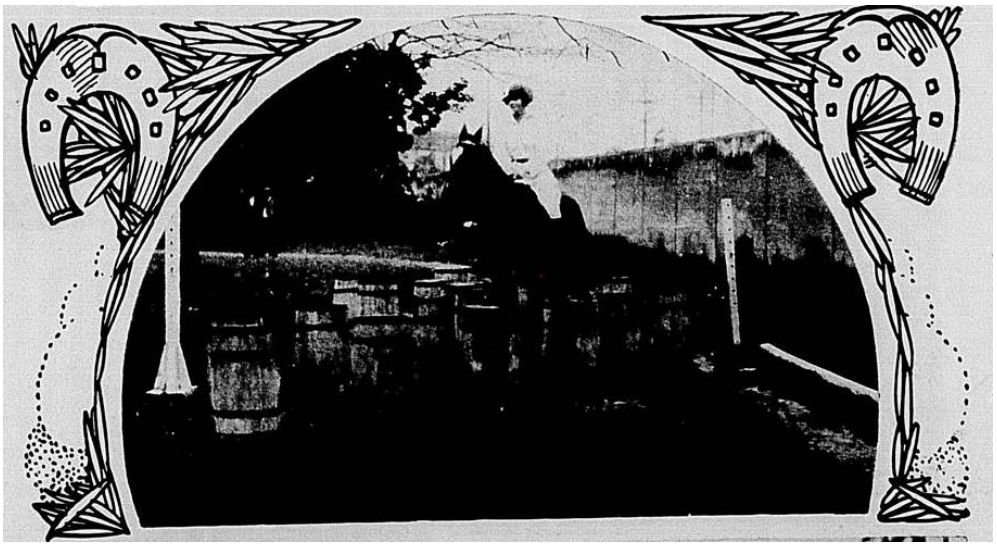
Figura 9: Retrato de Mariah Mendes de Almeida

Fonte: Candido Portinari. Pintura a óleo / tela 178 X 70 cm. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 1928. Coleção Particular[261].

Assim como discutimos anteriormente, apesar das mulheres não aparecerem com frequência nas crônicas sobre o esporte acadêmico, isto não significa que elas não cumpriram um papel fundamental na história deste fenômeno cultural. Ao que tudo indica, Mariah Mendes de Almeida, era o que podemos chamar de uma "*sportswoman*"[262]. Um segundo registro sobre a sua participação no mundo esportivo foi feito em uma prova de hipismo realizada em 1929, no Clube Esportivo de Equitação, na Quinta da Boa Vista:

[261] PROJETO Portinari. Retrato de Mariah Mendes de Almeida. Disponível em: < http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2910/detalhes> Acesso em: 30 de maio de 2022.
[262] Fazendo uma alusão ao termo utilizado pela mídia impressa ao longo da primeira metade do século XX para designar os homens que praticavam esportes.

Figura 10: O Salto de Mariah Mendes de Almeida



Fonte: HIPPISMO. Revista da Semana, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1929, p. 24.

Apesar de não haver nenhum indício empírico que evidencie a participação da atleta em associações acadêmicas, estas fontes podem contribuir para outras pesquisas que pautem o protagonismo das mulheres nestas modalidades esportivas. Assim como foi discutido ao longo da Tese, a fronteira que "separava" o esporte acadêmico dos clubes esportivos era ténue, levando em conta que em determinadas ocasiões ela era praticamente inexistente. Portanto, a participação das mulheres nos circuitos e clubes esportivos, provavelmente tinha um impacto importante no cenário do esporte acadêmico.

Retomando nossa cronologia sobre os certames organizados no ano de 1929, pela primeira vez, foram concorridos dois campeonatos acadêmicos distintos de futebol no Rio de Janeiro. O primeiro deles, organizado pelo Centro Acadêmico Fernando Mendes de Almeida, no dia 26 de outubro, no campo do São Cristóvão Athletico Club. Participaram do certame os times das escolas: Politécnica, Direito, Academia de Commercio, Bellas Artes e Medicina. Os resultados das partidas não foram apresentados nas páginas dos jornais[263]. O segundo campeonato teve a sua frente a Federação Atlética do Rio de Janeiro. O certame foi realizado no dia 27 de outubro, também no campo do São Cristóvão. De acordo com as impressões do cronista: "Prejudicado pela ausência de alguns concorrentes, o jogo foi fraco, dele

[263] CAMPEONATO Academico de Football. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1929, p. 9.

participando apenas três escolas”[264]. Os resultados dos encontros não foram apresentados, visto que a tarde esportiva planejada pela FARJ não ocorreu de acordo com as expectativas da instituição.

Desde 1916, com o primeiro campeonato acadêmico de futebol organizado pela Alliança Acadêmica, a participação das escolas superiores da capital do país não havia sido tão insignificante, a ponto de praticamente inviabilizar a realização do certame, que possuía uma história importante no seio da classe estudantil. As intercorrências nos anos anteriores parecem ter minado a capacidade de representatividade da Federação Acadêmica, fazendo com que a tradicional Festa da Primavera deixasse de significar, para os estudantes da capital da República, um dos maiores eventos esportivos do país. Neste sentido, o aspecto político da instituição, em especial sua capacidade de coesão entre as associações que compõem a Federação Acadêmica, tornou-se um componente fundamental que merece ser colocado em perspectiva. Neste sentido, este foi o último campeonato acadêmico de futebol, de que se tem notícia, realizado na década de 1920, encerrando uma tradição que teve um papel fundamental para a história do esporte acadêmico no Brasil, sendo que o esporte bretão foi o precursor da cultura esportiva no interior das escolas superiores do país, no início do século XX. Assim como veremos a seguir, o ano de 1930, que marca o recorte final desta pesquisa, foi protagonizado pelas disputas de atletismo, criando uma espécie de ruptura histórica com a origem do esporte estudantil no país.

Com o enfraquecimento da Federação Acadêmica do Rio de Janeiro, outras associações estudantis começaram a se destacar no cenário esportivo carioca, como foi o caso do “Club Athletico Academicos de Medicina”, fundado em 1925. De acordo com um relado produzido pelo Professor Abreu Fialho, diretor da instituição:

> Tive o prazer de acoroçoar este movimento dos dignos moços que constituíram a embaixada do Club Athletico Academico de Medicina, sob a chefia de um dos mais finos e cavalheiresco estudante da moderna geração, Lourenço Pereira da Cunha, presidente, tão entusiasta promotor dos desportos entre os novos acadêmicos, e ao qual a causa do atletismo entre eles deve grandes serviços[265].

Durante o ano de 1930, o campeonato de atletismo foi o único certame acadêmico divulgado nos periódicos esportivos da capital do país. A ausência de

[264] O CAMPEONATO Academico. Correio Paulistano, São Paulo, 27 de outubro de 1929, p. 13.
[265] FIALHO Abreu. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1930, p. 7.

outros esportes criou um contraste com o movimento de ampliação das modalidades nestes certames, que vinha se constituindo no campo esportivo acadêmico desde meados da década de 1910. De acordo o que foi publicado no jornal *Correio da Manhã*, a disputa do campeonato ocorreria no dia 28 de setembro, contando com a participação das escolas de Bellas Artes, Agricultura, Medicina, Direito e Politécnica, todas estas do Rio de Janeiro. Do estado de São Paulo, o campeonato contaria com a participação da Faculdade de Direito e a Escola de Farmácia. Outro aspecto importante foi o apoio da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos para a realização do evento esportivo[266].

A vencedora do torneio de atletismo foi a Faculdade de Medicina, segundo as impressões apresentadas no jornal *A Noite*: “Para se aquilatar do êxito do certame, basta dizer que foram batidos nada menos de 5 "records” acadêmicos e que Domingos Puglisi, o formidável corredor paulista, fez um tempo notável na prova de 800 metros”[267]. Além disso, aparentemente, a disputa angariou um público considerável interessado em acompanhar as pelejas acadêmicas: “a competição reuniu uma numerosa assistência, constituída, de estudantes, em sua maioria, que emprestaram a disputa um aspecto de entusiasmo e vivacidade, acompanhando as provas calorosamente”[268]. A equipe da Faculdade de Medicina recebeu a “Taça U.A.C.” doada pela “Acção Universitaria Catholica” à diretoria da Federação Acadêmica do Rio de Janeiro[269].

Após a realização do campeonato acadêmico de atletismo em 1930, o esporte estudantil passaria por um importante processo de ruptura histórica. O tradicional campeonato acadêmico de futebol só voltaria a ser realizado no ano de 1932[270], às vésperas da criação da Federação Atlética de Estudantes (FAE), no Rio de Janeiro, e da Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE), fundada pelos estudantes paulistas em 1934 (PESSOA, 2018). Estas instituições foram as precursoras do esporte universitário brasileiro. Cabe ressaltar, que é exatamente

[266] ATHETISMO. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1930, p.10.
[267] ATHLETISMO. A Noite, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1930, p. 4.
[268] ATHLETISMO. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1930, p. 9.
[269] CAMPEONATO Academico de Athletismo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1930, p. 11.
[270] Para saber mais: PARA o Campeonato Academico de Football. Jornal dos Sports, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1932, p. 5.; O INITIUM do Campeonato Academico de Football. O Jornal, Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1932, p. 9. CAMPEONATO Academico de Football. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1932, p. 15.

neste contexto, que o termo utilizado nos periódicos para designar as disputas estudantis, tem sua transição de “esporte/campeonato acadêmico” para “esporte universitário”, refletindo uma transformação social, cultural e política induzida pela Revolução de 1930, assim como, pelo desencadeamento de uma série de reformas no sistema educacional brasileiro (DURHAM, 2003; SCHWARTZMAN, 2006; FÁVERO, 2006).

Uma das representações históricas[271] que queremos apresentar nesta Tese, é que o esporte no interior das instituições de ensino superior no Brasil, na primeira metade do século XX, passou por dois grandes momentos distintos. O primeiro deles, se deu a partir de 1905 ao ano de 1930, que compreende o início das disputas acadêmicas organizadas pelos estudantes sem a formalização de associações e campeonatos exclusivamente acadêmicos, ao período final, que foi marcado pela formalização destas instituições associativas e a estruturação de campeonatos propriamente acadêmicos. Nestas três décadas, a partir do *corpus* documental reunido para pesquisa, não foi encontrada nenhuma menção aos empreendimentos esportivos acadêmicos utilizando o termo “esporte universitário”. Este é um dos fatores que categorizam o segundo momento deste fenômeno, a partir da década de 1930. Dessa forma, fizemos uma escolha de permitir com que as fontes nos apresentassem o significado destes conceitos (BLOCH, 2001).

Este segundo momento também é definido por outro fator: a criação de federações esportivas acadêmicas. Com o surgimento da Federação Atlética de Estudantes em 1933, o fenômeno esportivo acadêmico tem sua primeira instituição, exclusivamente esportiva, que representaria o estado do Rio de Janeiro nas disputas nacionais e internacionais (PESSOA, 2018). É importante destacar que a Alliança Acadêmica e a Federação Acadêmica do Rio de Janeiro, mesmo tento cumprido um papel fundamental para o desenvolvimento do esporte no ensino superior brasileiro, não foram instituições pensadas com o único propósito de fomentar o esporte acadêmico, seja em âmbito local, estadual ou nacional.

Isto não significa que esporte acadêmico e o esporte universitário sejam fenômenos culturais absolutamente distintos. Na verdade, são partes de um mesmo todo, situados em períodos históricos limítrofes, mas que carregam sentidos e significados próprios. Dessa forma, os últimos anos da década de 1920, que

[271] Utilizando a noção de Catroga (2010).

correspondem ao recorte final desta pesquisa, se configuraram como uma espécie de prelúdio para o desenvolvimento do esporte universitário brasileiro. Quando as federações atléticas começaram a sistematizar o esporte universitário no país, a partir de 1930, já havia uma cultura esportiva estabelecida no interior dos grêmios e centros acadêmicos, que foi engendrada desde as primeiras disputas estudantis ocorridas na capital da República. Portanto, podemos dizer, que o esporte universitário brasileiro é um desdobramento do movimento associativo iniciado pelos estudantes das escolas superiores do país no início do século XX.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos a Tese com alguns questionamentos que serviram para nos guiar ao longo da análise do *corpus* documental que constituiu esta pesquisa. Apesar destas perguntas não darem conta da totalidade das nuances que envolvem a história deste fenômeno cultural, acreditamos que seja necessário retomá-las. Ao todo elencamos quatro questões sobre a história do esporte acadêmico nas três primeiras décadas do século XX. A primeira delas foi: qual foi o papel do associativismo no desenvolvimento do esporte nas instituições de ensino superior no Brasil?

A história do esporte universitário, a partir da década de 1930, aponta que o associativismo foi o principal fator que contribuiu para o desenvolvimento do esporte nas universidades brasileiras (PESSOA, 2018; PESSOA; DIAS, 2019; PESSOA; DIAS, 2020). Este ponto de partida nos possibilitou criar hipóteses sobre o movimento que precedeu o desenvolvimento dos esportes nas universidades e recuar para o início do século XX. Dessa forma, buscamos, nos vestígios do passado, indícios que pudessem nos dizer se o associativismo teria sido um aspecto fundamental para o surgimento desta “pré-história” do esporte universitário brasileiro. A análise das fontes nos possibilitou perceber que o surgimento dos esportes no interior das escolas superiores, que se deu a partir de 1905, na capital da República, foi produto de movimentos associativos espontâneos por parte dos acadêmicos do Rio de Janeiro. Este aspecto associativo foi o principal fator que contribuiu para a sistematização do fenômeno esportivo nas escolas de ensino superior, nas três primeiras décadas do século XX. O que observamos ao longo destes trinta anos, foi o movimento que chamamos de “burocratização” e “institucionalização” destas associações estudantis. Dessa forma, o caráter associativo passou de níveis menos elaborados ou “informais”, para níveis mais elaborados e “formais”. Este processo de “formalização” foi fundamental para que o esporte acadêmico ganhasse espaço no cenário esportivo nacional, algo que possibilitou a criação de circuitos interestaduais de disputas acadêmicas. Em suma, poderíamos dizer, que a emergência história do esporte acadêmico brasileiro se deve ao movimento associativo empreendido pelos acadêmicos de diversas escolas superiores de diferentes espaços geográficos no início do século XX. Somado a

isso, o processo de “burocratização” destas associações foi um fator crucial para a sistematização deste fenômeno cultural no país.

A partir disso poderíamos nos perguntar se o associativismo teria sido o único responsável pelo desenvolvimento do esporte acadêmico brasileiro, o que nos leva a segunda pergunta: as variáveis mais comumente utilizadas como a urbanização, a industrialização e a comercialização das práticas culturais tiveram influência neste processo?

Não poderíamos em nenhuma hipótese afirmar que os processos desencadeados pela modernidade[272] não impactaram o desenvolvimento do esporte acadêmico no país. Em primeiro lugar, a criação das faculdades autônomas e o desenvolvimento do ensino superior é intimamente ligado ao crescimento do setor produtivo e da urbanização no país (DURHAM, 2003). Além disso, a própria noção de associativismo é um componente da modernidade (SZYMANSKI, 2008). A comercialização das práticas esportivas é um fator fundamental para o desenvolvimento do fenômeno esportivo na história, assim como aponta Riess (2008). Todavia, ao se tratar do esporte acadêmico, precisamos “dilatar” esta noção de comercialização, para compreender como este fenômeno pode ter impactado o esporte estudantil. Havia no contexto nacional, principalmente a partir de 1915, a cobrança de ingressos para assistir aos certames acadêmicos, além do patrocínio de lojas de varejo, joalherias, depósitos, dentre outros setores. Porém, não há indícios de nenhum repasse feito aos atletas ou para os centros e grêmios estudantis. O que podemos afirmar é que o esporte estudantil serviu como uma estratégia para gerar capital político e econômico para associações como a Alliança Academica, Associação de Cronistas Desportivos e para a Federação Acadêmica do Rio de Janeiro. Mas este processo não se configurou como um aspecto que poderia levar a profissionalização do esporte nas escolas superiores do país. Dessa forma, o esporte acadêmico se estabeleceu no Brasil, desde a sua origem no início do século XX, a partir de uma perspectiva amadora. Portanto, podemos afirmar que a esfera econômica estava presente nas disputas dos campeonatos acadêmicos, mas não se configurou como uma de suas principais dimensões.

---

[272] Aqui nos referimos ao conceito de modernidade ancorados nas discussões levantadas por Dias (2009). Para mais detalhes ver: DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 12, n. 3, 2009.

Em terceiro lugar, nos questionamos sobre o impacto do esporte acadêmico no cenário esportivo mais amplo: em que medida, o associativismo estudantil em torno da prática esportiva foi um dos responsáveis pelo desenvolvimento do fenômeno esportivo no Brasil?

Podemos dizer que seria um exercício demasiadamente ambicioso, e talvez até mesmo improfícuo, fazer uma análise quantitativa deste processo. Todavia, o associativismo estudantil, que engendrou as práticas esportivas no âmbito das escolas de nível superior, cumpriu um papel importante na diversificação das práticas esportivas no país. Se levarmos em conta que em um determinado momento da história cultural do Brasil, o esporte acadêmico e o esporte clubístico dividiram as mesmas linhas do campo esportivo, podemos argumentar que o universo acadêmico tinha o potencial de impactar o cenário esportivo mais amplo, da mesma forma que também era impactado por ele. Dessa forma, os campeonatos acadêmicos cumpriram um papel importante na difusão de práticas como o futebol, o voleibol, o atletismo, o xadrez, o polo aquático, a esgrima e o basquetebol. Não podemos afirmar em que medida este processo se deu, mas a realização destes certames, a divulgação nos meios de comunicação e a relação institucional com os clubes esportivos impactou a agenda cultural do país naquele contexto. Além disso, a inserção destas práticas no meio acadêmico é, na maioria dos casos, coetânea ao surgimento destas modalidades esportivas no país. Portanto, o que se pretende aqui, não é unicamente dizer quem é o “dono da bola”, mas apresentar possibilidades de interpretações históricas que concebam o movimento associativo dos acadêmicos como um dos responsáveis pela ampliação das práticas esportivas no país.

A última pergunta que estabelecemos no início do texto foi: a emergência histórica do esporte acadêmico nacional foi independente do Estado? Este questionamento tem sua justificativa ancorada no que sabemos sobre o desenvolvimento do esporte universitário na década de 1930. Naquele contexto, por se tratar de um momento histórico onde havia se estabelecido no país um regime político autoritário, o esporte universitário foi, em larga medida, aparelhado pelo Regime Provisório e posteriormente pelo Estado Novo. Inclusive, está é uma das justificativas para o processo de não profissionalização do esporte universitário brasileiro (PESSOA, 2022). Diferente do que ocorreu a partir da década de 1930, o esporte acadêmico observado nas três primeiras décadas do século XX, não sofreu

uma interferência direta do Estado, seja do poder executivo ou das instâncias legislativas. As autoridades, em larga medida, apoiavam a difusão dos esportes nas academias do país, mas não houve nenhuma espécie de teleologia do Estado, observadas nas fontes disponíveis, que buscasse o aparelhamento deste fenômeno cultural. Dessa forma, podemos dizer, que no Brasil, o esporte acadêmico foi primordialmente um fenômeno cultural que emergiu do movimento associativo civil e se manteve dessa forma até o início da década de 1930, quando um regime autoritário se institui no país.

Trazer a noção do associativismo como um dos principais argumentos da Tese, não teve como objetivo adequar um quadro teórico à realidade empírica. Nossa tentativa foi ampliar o debate epistemológico acerca das variáveis que influenciaram na emergência história das práticas culturais, mais precisamente, dos fenômenos esportivos. O esporte acadêmico se configurou como um espaço privilegiado para analisarmos a importância das relações associativas no desenvolvimento de novas culturas esportivas. Nossa expectativa é que esta seja uma chave interpretativa capaz de potencializar a análise de diferentes contextos culturais, abrindo caminhos para novas perspectivas que permitam observar elementos da história cultural a partir de outros pontos de vista.

Partindo deste esforço de tentar contribuir com noções mais gerais de caráter epistemológico, podemos dizer que a análise destas fontes, a partir da noção do associativismo, nos permitiu observar elementos fundamentais para elencar alguns fatores que podem ser cruciais para a emergência histórica das práticas esportivas. Em primeiro lugar, existe um elemento essencial, que independe da ação das instituições, que é a “cultura associativa”. Neste sentido, a ocorrência histórica de práticas esportivas, ou a falta delas, poderia ser explicada, em certa medida, por uma espécie de “capital associativo”. Provavelmente, a presença deste aspecto pode ter determinado o desenvolvimento de diversas práticas culturais no país. Isto explicaria, o motivo da emergência histórica do esporte em lugares onde os produtos da modernidade como a urbanização, a industrialização, as tecnologias e o desenvolvimento econômico ainda não estavam totalmente presentes[273]. Além

[273] Alguns estudos na historiografia do esporte nacional têm investigado o surgimento da cultura esportiva em diferentes espaços geográficos no Brasil, privilegiando a observação das zonas rurais a partir do final do século XIX. Para mais informações ver: Dias (2017); Xavier, Amaral e Dias (2019); Dias e Souza (2020); Nunes (2021).

disso, um segundo componente se torna fundamental, que é o processo de “formalização” destes movimentos associativos. Portanto, é a partir do momento em que são criadas instituições “burocráticas”, que o esporte tende a se desenvolver com a criação de circuitos de disputas mais amplos, assim como pudemos observar na história do esporte acadêmico brasileiro.

Se tivéssemos a ambição de propor um modelo teórico, para explicar as variáveis fundamentais para a emergência e o desenvolvimento histórico dos esportes, poderíamos dizer que o ponto de partida seria esta “cultura associativa” ou “capital associativo” dos sujeitos que compõem dada realidade histórica. Em um segundo momento, este associativismo informal passaria por um processo de “formalização” e “burocratização”, que levaria estas instituições a constituir circuitos de disputas mais amplos e representativos. O terceiro momento, inspirado nas concepções de Riess (2008), seria o processo de comercialização destas práticas esportivas. Inclusive, a ausência desta dimensão econômica, explicaria, em certa medida, o fato de o esporte acadêmico brasileiro nunca ter se profissionalizado (PESSOA, 2022), diferente do que ocorreu em outros países, principalmente nos Estados Unidos, onde o processo de comercialização do esporte acadêmico teve início já nos últimos anos do século XIX (CHUDACOFF, 2015). A partir destes três fatores, que fazem parte de um mesmo processo, seríamos capazes de explicar parte da dinâmica de como as práticas esportivas se estabeleceram em diferentes tempos e espaços no país. Obviamente, estas não são as únicas variáveis que contribuem para a emergência história dos esportes. Dessa forma, gostaríamos de reafirmar que não foi nossa intenção formular uma teoria, tão pouco uma que reduza possiblidades interpretativas de outros indicadores sociais. Todavia, acreditamos que esta perspectiva pode contribuir, de forma significativa, na análise dos pesquisadores e pesquisadoras que se propõe a estudar a história do esporte no Brasil.

Esperamos que esta Tese possa contribuir com o acúmulo acadêmico acerca da historiografia do esporte no país. Além disso, apesar de diversas fragilidades por se tratar de um recorte geográfico nacional, nosso objetivo foi instaurar um debate inédito em torno de um tema tão importante para a história cultural brasileira. Acreditamos que os elementos apresentados aqui possam subsidiar outras perguntas, hipóteses e críticas, que são fundamentais e necessárias para o desenvolvimento de um campo acadêmico. Dessa forma, não foi nossa intenção dar

conta de todas as nuances que envolvem a história do esporte acadêmico brasileiro no início do século XX. O esforço empreendido nesta Tese é um ponto de partida, para que o esporte acadêmico possa ser, algum dia, um dos elementos fundamentais na historiografia do esporte nacional.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Pg. 159.

BOOTH, Douglas. HISTÓRIA DO ESPORTE: ABORDAGENS EM MUTAÇÃO. **Recorde: revista de História do Esporte**, v. 4, n. 1, p. 1-40, 2011.

BORGES, Vera Lúcia Bogéa. A Primavera de Sangue: a cidade do Rio de Janeiro na batalha eleitoral de 1910. **Dimensões**, n. 27, 2011.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiratzen**. 2016.

BRITO, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 4, p. 11-30, 1997.

BURKE, Peter. A Nova História, Seu Passado e Seu Futuro in: **A escrita da História: novas perspectivas**. Burke, P. (org.); trad. de Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP. 1992, pg. 354.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, pg. 275.

CATROGA, Fernando. **O valor epistemológico da História da História**. Outros combates pela história. Presented at the 2010. Coimbra, 2010. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/31570

CENTRO Sismológico Nacional da **Universidade de Chile**, Disponível em: <https://www.csn.uchile.cl/efemerides-sismicas-terremoto-de-valparaiso-1906/> Acesso em: 05/11/2020.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-28.

CHUDACOFF, Howard. **Changing the playbook**: How power, profit, and politics transformed college sports. University of Illinois Press, 2015.

COLLINS, Tony. Work, rest and play: Recent trends in the history of sport and leisure. **Journal of Contemporary History**, v. 42, n. 2, p. 397-410, 2007.

CORBIN, Alain (org.). **História dos tempos livres**. Lisboa: Teorema, 1995.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 12, n. 3, 2009.

DIAS, Cleber et al. HISTÓRIA DO FUTEBOL EM MINAS GERAIS. **Revista Tempos Gerais**, v. 3, n. 2, 2017.

DIAS, Cleber. **Esportes nos confins da civilização**: Mato Grosso, 1920-1930. Topoi (Rio de Janeiro), v. 18, p. 66-90, 2017.

DIAS, Cleber. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. **Materiales para la Historia del Deporte**, v. x, p. 24-36, 2012.

DIAS, Cleber; DE SOUZA, Eliza Salgado. Ciclismo e comércio em Manaus, 1898-1907. **Revista de História Regional**, v. 25, n. 2, 2020.

DURHAM, E. R. **O Ensino Superior no Brasil: Público e Privado**. NUPES-USP, São Paulo, 2003, 45 p.

EDWARDS, Michael. **Civil Society**. 2nd ed. Cambridge: Polity Press, 2009.

EFEMÉRIDES Sísmicas: **TERREMOTO DE VALPARAÍSO 1906**. Disponível em: <https://www.csn.uchile.cl/efemerides-sismicas-terremoto-de-valparaiso-1906/> Acesso em: 05/11/2020.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006.

FAY, Claudia Musa; FONTES, Rejane de Souza. O papel do Aeroclube do Brasil na construção de uma política nacional de aviação brasileira (1911-1972). **História (São Paulo)**, v. 36, 2017.

FORTES, Rafael; MALAIA, João. Entrevista com João Malaia. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 14, n. 2, 2021.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos deuses**. 2007.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 95 p.

FRANZINI, Fábio. Futebol é" coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, p. 315-328, 2005.

GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916)**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Companhia das Letras, 1986.

GIULIANOTTI, Richard; BRANT, Wanda Nogueira Caldeira; DE OLIVEIRA NUNES, Marcelo. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Nova Alexandria, 2010.

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo. Ginástica, higiene e eugenia no projeto de nação brasileira: Rio de Janeiro, século XIX e início do século XX. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 19, n. 1, p. 139-159, 2013.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo; LOVISOLO, Hugo R. A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 5, n. 3, p. 322-328, 2005.

HABERMAS, Jurgen. **The structural transformation of the public sphere**, Polity Press, 1989.

HUGGINS, Mike. Associativity, Gambling, and the Rise of Protomodern British Sport, 1660–1800. **Journal of Sport History**, v. 47, n. 1, p. 1-17, 2020.

KANITZ, Roberto. **VILLA NOVA ATHLETIC CLUB: FUTEBOL OPERÁRIO E EDUCAÇÃO DOS CORPOS (1908 - 1952)**, Tese. Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LIMA, Luiz Roberto de (2004). Design de embalagem flexíveis para impressão em rotogravura. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Dissertação de Mestrado.

LINHALES, M. A. **A trajetória política do esporte no Brasil**: interesses envolvidos, setores excluídos. 1996. 242 f. Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

LINHALES, Meily Assbu (2006). **A escola, o esporte e a "energização do caráter"**: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, Tese de Doutorado.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes históricas**. PINSKY, C. B. (org.). São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p. 111-153.

MACHADO, Felipe Morelli. **"Morram" os cariocas! o regionalismo paulista nas páginas esportivas (1901-1938)**. 2016. 196 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MACLEAN, Malcolm. A Gap but Not an Absence: Clubs and Sports Historiography. **The International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 14, p. 1687-1698, 2013.

MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia na imprensa diária paulistana nas primeiras décadas do século XX: O Estado de S. Paulo. **História (São Paulo)**, v. 26, p. 61-91, 2007.

MALAIA, João Manuel Casquinha. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política**, Campinas, v. 13, p. 125-155, jan./jul. 2008.

MALAIA, João Manuel Casquinha. Brazil: An Emerging Power Establishing Itself in the World of International Sports Mega-Events. **The International Journal of the History of Sport**, p. 1-16, abr. 2014.

MANHÃES, Eduardo Dias. **Política de esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, 136 p.

MELO, Victor Andrade de. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 127-152, 2007.

MELO, Victor Andrade. **Cidadesportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2000.

MELO, Victor Andrade. Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes athleticos do Rio de Janeiro (1873-1883). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 25, p. 25098, 2019.

MELO, Victor. **Sobre o conceito de lazer**. Sinais Sociais, v. 8, n. 23, 2013.

MEMBROS. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/membros> Acesso em: 24/04/2022.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. O Brazil-Medico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 209-219, 2008.

MEZZAROBA, Cristiano; PIRES, Giovani De Lorenzi. Breve panorama histórico do voleibol: do seu surgimento à espetacularização esportiva. **Atividade Física, Lazer & Qualidade de Vida**: Revista de Educação Física, 2011.

NUNES, Fábio Santana. “A los toros!”: as touradas em Feira de Santana (1893-1905):“A los toros!”: bullfighting in Feira de Santana (1893-1905). **Revista Caminhos da Historia**, v. 26, n. 1, p. 54-79, 2021.

PANDOLFI, Dulce Chaves; GRYNSZPAN, Mario. Da revolução de 30 ao golpe de 37: a depuração das elites. **REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA**, n° 9, p. 7-23, 1997.

PECHMAN, Robert (2009). Newton de Andrade Cavalcanti. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Consultado em 13 de janeiro de 2022, disponível em: < http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/newton-de-andrade-cavalcanti>

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Campinas, São Paulo; [s.n.], 1998, p.380.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria. **"Moços de Hoje, Dirigentes da Nação Amanhã"**: A História do Esporte Universitário no Brasil de 1930 a 1941, Dissertação. Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria. Esporte Universitário na Década de 1930: "Uma Expressão do Amadorismo". **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 1-16, jan./jun. 2022.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria; DIAS, Cleber. História do esporte universitário no Brasil (1933-1941). **Movimento** (Porto Alegre), p. e25016-e25016, 2019.

PESSOA, Vitor Lucas de Faria; DIAS, Cleber. POLÍTICA, ASSOCIATIVISMO E ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA DÉCADA DE 1930. **Movimento**, v. 26, 2020.

PETERS, Christina. Formação de relações regionais em um contexto global: a rivalidade futebolística entre Rio de Janeiro e São Paulo durante a Primeira República. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 21, p. 151-168, 2014.

PROJETO Portinari. **Retrato de Mariah Mendes de Almeida**. Disponível em: < http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2910/detalhes> Acesso em: 30 de maio de 2022.

QUINTANEIRO, Tânia. **Um toque de clássicos - Marx, Durkheim e Weber**. Tânia Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira -2 Edição, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002, 159 p.

RECENSEAMENTO do Brazil realizado em 1 de setembro de 1920. V. IV, 4ª parte. População do Brazil por Estados, Municipios e Districtos, segundo o gráo de instrucção, por idade, sexo e nacionalidade. **Rio de Janeiro: Typographia da Estatistic**a, 1929.

RECENSEAMENTO Geral do Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. Série Nacional, Volume II. Censo Demográfico, População e Habitação. **Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, 1950, 209 p.

RIESS, Steven. Associativity and the evolution of modern sport. **Journal of Sport History**, v. 35, n. 1, p. 33-38, 2008.

SCHWARTZMAN, S. A universidade primeira do Brasil: entre intelligentsia, padrão internacional e inclusão social. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 56, São Paulo, p.159-188, Jan./ Apr. 2006.

SOLBERG, Winton U. **Creating the Big Ten: Courage, Corruption, and Commercialization**. University of Illinois Press, 2018.

STAREPRAVO, Fernando Augusto. **O esporte universitário paranaense e sua relação com o poder público**. 2006, p. 167. Dissertação. Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SZYMANSKI, Stefan et al. A theory of the evolution of modern sport. **Journal of Sport History**, v. 35, n. 1, p. 1-32, 2008.

SZYMANSKI, Stefan. A Theory of the Evolution of Modern Sport: Responses to Comments. **Journal of Sport History**, v. 35, n. 1, p. 57-64, 2008b.

TERAMATSU, Gustavo. A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO TERRITÓRIO BRASILEIRO: APROXIMAÇÕES A PARTIR DOS DADOS DOS CENSOS DEMOGRÁFICOS (1872–2010). Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, Espirito Santo, 2014, p. 13.

VAGO, Tarcísio Mauro. Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 30-51, 1999.

VAMPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. **Tempo**, v. 17, n. 34, 2013.

VAMPLEW, Wray. Theories and typologies: A historical exploration of the sports club in Britain. **The International Journal of the History of Sport**, v. 30, n. 14, p. 1569-1585, 2013b.

VENÂNCIO, Daniel; FREITAS, Euclides. O futebol no Oeste de Minas: os encontros intermunicipais e os sentidos das práticas esportivas em Oliveira (1916-1925). **Revista Maracanan**, [S.l.], n. 21, p. 105-124, jul. 2019. ISSN 2359-0092.

VILLELA, Annibal Villanova.; SUZIGAN, Wilson. **Política do governo e crescimento da economia brasileira**, 1889-1945. Rio de Janeiro: Ipea/Inpes, 1975.

XAVIER, Rosana Daniele; DE OLIVEIRA AMARAL, Daniel Venâncio; DIAS, Cleber. Cultura, ferrovias e desenvolvimento econômico: circos em Minas Gerais no final do século 19. **Revista de História Regional**, v. 24, n. 1, 2019.

YAMANDU, Walter; JUNIOR, Edivaldo Góis. Profissionalismo “marrom" do futebol e a imprensa paulista (1920-1930). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 2, 2012.

FONTES PRIMÁRIAS

A FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1926, p. 7.

A FEDERAÇÃO Academica e o campeonato de Volleyball. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1926, p. 7.

A FESTA da Primavera. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919, p. 7.

A FESTA da Primavera. **O Paiz**, 5 de novembro de 1922, p. 6.

A FESTA da Primavera. **O Paiz**, 6 de novembro de 1922, p. 5.

A FESTA da Primavera. **O Paiz**, Rio de janeiro, 19 de setembro de 1920, p.8.

A RECEPÇÃO. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1915, pg.8.

A UNIÃO Athetica da Escola Militar e suas Festas**. O Paiz**, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1921, p. 8.

ACADEMIAS & Escolas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1926, p. 12.

AERO-CLUB Brazileiro. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1912, pg. 3

AS PROVAS de Foot-ball do Campeonato Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1924, p. 7.

ASSOCIAÇÃO dos Chronistas Desportivos. **Theatro & Sport**, Rio de Janeiro, 26 de maior de 1917, p. 11.

ATÉ EM TORNO da aviação se faz politicagem! **A Noite**, Rio de Janeiro, 26 jul. 1912, Anno II, n. 322, p. 1. apud FAY; FONTES, 2017, pg. 5.

ATHETISMO. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1930, p.10.

ATHETISMO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1920, p. 12.

ATHETISMO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1921, p. 8.

ATHETISMO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1921, p. 10.

ATHETISMO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1921, p. 7.

ATHETISMO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1921, p.7.

ATHETISMO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1928, p. 31.

ATHLETISMO. **A Noite**, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1930, p. 4.

ATHLETISMO. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1930, p. 9.

ATLHETISMO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1927, p. 12.

AVIAÇÃO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1912, pg. 12.

BASKETBALL. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro. 27 de setembro de 1929, p. 11.

BASKET-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1924, p. 7.

BASKET-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro,31 de outubro de 1924, p. 9.

CAMPENATO Acadêmico Paulista. **O Paiz**, 23 de maio de 1923, p. 8.

CAMPEOANTO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1920, p.7.

CAMPEONATO Academico de Athetismo. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1929, p. 7.

CAMPEONATO Academico de Athletismo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1930, p. 11.

CAMPEONATO Academico de Athletismo. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1928, p. 11.

CAMPEONATO Academico de Basket-Ball. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1924, p. 8.

CAMPEONATO Academico de Football Promovido Pela A. C. D. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1924, p. 9.

CAMPEONATO Academico de Football. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1929, p. 9.

CAMPEONATO Academico de Football. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1932, p. 15.

CAMPEONATO Academico de Foot-Ball. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1917, pg. 6.

CAMPEONATO Academico de Football. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1923, p. 8.

CAMPEONATO Academico de Foot-Ball. **O Paiz**, Rio de janeiro, 23 de setembro de 1916, pg. 6.

CAMPEONATO Academico de Football. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1925, p, 9.

CAMPEONATO Academico de Football. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1924, p. 7.

CAMPEONATO Academico de Natação. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1928, p. 11.

CAMPEONATO Academico de Water Polo, **O Paiz**, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1928, p. 11.

CAMPEONATO Academico. **Correio da Manha**, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1918, p. 5.

CAMPEONATO Academico. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1918, p. 6.

CAMPEONATO Acadêmico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1917, p. 8

CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1923, p. 11.

CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1923, p.8.

CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1917, pg. 6.

CAMPEONATO ACADEMICO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1919, pg. 8.

CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1917, pg. 6.

CAMPEONATO Acadêmico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1917, pg. 6.

CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1924, p. 8.

CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1918, pg. 8.

CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1916, pg. 4.

CAMPEONATO Academido de Football. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1925, p. 8.

CAMPEONATOS Academicos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1927, p. 9.

CLUBS da Metropolitana. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1919, pg. 10.

ECHOS E FACTOS. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1916, pg. 1.

ESGRIMA. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1929, p. 11.

ESCOLA de Guerra Versus Faculdade de Direito. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1912, pg. 13.

ESCOLA Naval. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 9 de outubro de 1906, pg. 3.

FEDERAÇÂO Acadêmica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 5 de outubro de 1927, p. 8.

FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1926, p. 5.

FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1926, p. 6.

FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1925, p. 6.

FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1925, p. 2.

FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1925, p. 6.

FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1925, p. 6.

FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1926, p. 6.

FEDERAÇÃO Academica do Rio de Janeiro. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1926, p. 8.

FESTAS da Primavera. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1920, p.6.

FESTAS da Primavera. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1920, p.7

FIALHO Abreu. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1930, p. 7.

FOOT Ball. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1905, pg.4.

FOOT-BALL. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1919, p. 6.

FOOT-Ball. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1918, p. 6.

FOOTBALL. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1926, p. 8.

FOOT-BALL. **Correio Paulistano**, São Paulo, 03 de julho de 1914, pg. 3.

FOOT-BALL. **Correio Paulistano**, São Paulo, 05 de setembro de 1914, pg. 4.

FOOT-BALL. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 de junho de 1914, pg. 2.

FOOTBALL. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 de setembro de 1919, p. 3.

FOOTBALL. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1918, p. 7.

FOOT-BALL. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 de março de 1912, pg.4

FOOT-BALL. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1910, p. 7.

FOOTBALL. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919, p. 10

FOOT-BALL. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, p. 7.

FOOT-Ball. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1905, pg. 4.

FOOTBALL. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919.

FOOT-BALL. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1914, pg. 12.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1923, p. 9.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1918, pg. 9.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1918, pg. 9.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1918, pg. 17.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1919, pg. 6.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1918, pg. 18.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1921, p. 6.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 21 de maio de 1914, pg. 12

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1921, p. 3.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de janeiro, 21 de setembro de 1920, p. 6.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1921, p. 6

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1917, pg. 6.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1921, p. 8.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, pg.7.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1918, pg.8.

FOOT-BALL. O Paiz, Rio de janeiro, 23 de setembro de 1921, p. 7.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1917, pg. 6.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1918, pg. 8.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1923, p. 7.

FOOT-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1923, p. 9.

FOOT-BALL. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1910, pg. 7.

FOOT-BALL. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1912, pg. 11.

H.V.L. Campeonatos Academicos, **Diário Nacional**, São Paulo, 28 de setembro de 1927.

HIPPISMO. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1929, p. 24.

HOUVE Muito Enthusiasmo no campeonato acadêmico de atletismo. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1929, p. 9.

LIGA Academica de Foot-Ball. **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, 5 de abril de 1912, pg.5.

LIGA Metropolitana de Sports Athleticos. **O Imparcial**: **Diario Illustrado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 22 de março de 1916, p. 9.

LOURENÇO, NELSON G. Campeonato Academico de Athetismo. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1929, p. 7.

MERCADOS Diversos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1912, pg. 8.

NÃO SERÁ Corrido o Campeonato Acadêmico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1926, p. 8.

NOTAS do Dia. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1923, p.7.

NOTAS do dia. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1919, pg. 8.

NOTAS do Dia. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1925, p. 8.

O CAMPEONATO Academico de Atletismo. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1924, p. 7.

O CAMPEONATO Academico de Foot-ball. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1923, p. 9.

O CAMPEONATO Academico deste anno. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1925, p. 8.

O CAMPEONATO Academico foi levado pela Escola Militar. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1928, p. 25.

O CAMPEONATO Academico. **Correio Paulistano**, 27 de outubro de 1929, p. 13.

O CAMPEONATO Academico. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1923, p. 9.

O FESTIVAL de hontem do Centro Academico. **Correio Paulistano**, São Paulo, 12 de agosto de 1926, p. 9.

O INITIUM do Campeonato Academico de Football. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1932, p. 9.

O INTERESTADUAL Acadêmico. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1926, p. 8.

O MOVIMENTO Sportivo. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1912, pg. 13.

O SEXTO aniversario da Alliança Academica. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1921, p. 6.

O SPORT Nas Academias. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1926, p. 8.

OLAVO Bilac Regressa a Esta Capital. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1915, pg.3.

OS CAMPEONATOS Academicos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1926, p. 8.

OS CAMPEONATOS Academicos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1926, p. 10.

OS SPORTS. **Commercio de São Paulo**, São Paulo, 4 de agosto de 1908, pg. 3.

PARA o Campeonato Academico de Football. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1932, p. 5.

PASSAM por Santos Várias Delegações Argentinas. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1922, p. 1.

PELAS Escolas. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1915, pg. 5.

PELAS Escolas. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 23 de junho de 1917, pg. 4.

PRO-CHILE. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1906, pg. 5

PROCURANDO Estreitar Mais a União da Classe Acadêmica. **Correio da Manhã**, Rio de janeiro, 30 de junho de 1925, p. 2.

ROWING. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1924, p. 8.

SPORT. **Correio Paulistano**, São Paulo, 15 de agosto de 1905. Pg. 4

SPORT. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 de novembro de 1907, p. 5.

SPORT. **Diario de Pernambuco**, Pernambuco, 10 de setembro de 1917, p. 4

SPORT. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1925, p. 10.

SPORT. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1922, p. 5.

SPORT. **O Seculo**, Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1906, pg. 3.

TORNEIO Academico. **A Epoca**, Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1913, pg. 4.

TORNEIO Academico. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1912, pg. 9.

TORNEIO Academico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1912, pg. 11.

TORNEIO Academico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1912, pg. 12.

TORNEIO Academico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1912, pg. 10.

TORNEIO Academico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1912, pg. 17.

TORNEIO Academico. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1912, pg. 17.

TORNEIOS Academicos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1926, p. 12.

UMA VISITA à Escola Militar. **O Imparcial**, 8 de novembro de 1926, p. 7.

VIAJANTES. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1916, pg. 3.

VIDA Acadêmica. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 6 de junho de 1915, pg. 6.

VIDA Social. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1909, pg. 2.

VIDA Sportiva. **O Imparcial**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1919, pg. 8.

VOLLEY-BALL. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1926, p. 10.

VOLLEY-BALL. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1925, p. 8.

ANEXOS

ANEXO I

Regulamento do Campeonato Acadêmico de Atletismo - 1921

Art. 1º. Sob o patrocínio de uma diretoria composta de um presidente, um vice-presidente, um 1° secretário, um 2° secretário, um tesoureiro e um procurador, fica instituído o Campeonato Acadêmico de Atletismo, que obedecerá ao seguinte regulamento:

Art. 2º. Esta competição terá o caráter permanente, só podendo a ela concorrer escolas superiores do país.

Art. 3º. O C. A. de A. será realizado una vez por ano, em data previamente marcada, com antecedência de trinta dias.

Art. 4º. As provas serão as do Decatlo Olímpico a saber: grupo de corridas corrida rasa de 100, 400 e 1.500 metros e 110 metros sobre barreiras; grupo de saltos em altura com corrida de impulso; em extensão, com corrida de impulso e salto em altura com vara; grupo de arremessos — do peso do 1.257 gramas, do disco estilo livre o do dardo estilo clássico.

Art. 5º. Cada escola poderá inscrever três concorrentes em cada prova.

Art. 6º. As inscrições deverão ser enviadas a diretoria do C. A. de A. fazendo as escolas declarações do nome, idade, nacionalidade, residência o as provas em que deseja tomar parte.

Art. 7º. A taxa de inscrição será de 20$ por escola e de 2$ por concorrente, em cada prova que se inscreva.

Art. 8º. Será vencedora a escola que obtiver maior número dos primeiros lugares. Dos empates vencerá o que obtiver o maior número de segundos lugares. Havendo - ainda empates, serão contados os terceiros lugares.

Parágrafo único. Em caso do empate ainda, proceder-se-á, então, ao sorteio de três provas, uma de cada grupo de corridas, saltos e arremessos o será considerada vencedora a que obtiver dois primeiros lugares. O sorteio deverá se realizar logo após à realização do campeonato, e as provas serão efetuadas dentro de quinze dias, só podendo representar a escola os concorrentes inscritos para a primeira disputa.

Art. 9º. A escola vencedora do campeonato terá o título de campeã do ano e receberá uma taça transitória, que se tornará definitiva, se a conquistar três anos consecutivos ou quatro alternados. A segunda escola colocada receberá uma taça. que obedecerá a mesma regulamentação.

Art. 10º. Na taça gera gravado o nome de cada escola que tenha detido o título de campeã do ano e a data em que a conquistou. A taça do segundo, obedecerá ao mesmo critério.

Art. 11º. Quinze dias antes da disputa do C.A. de A. as taças deverão ser entregues a diretoria do campeonato.
Art. 12º. Os concorrentes classificados em primeiro segundo lugares receberão, respectivamente, medalhas de prata e de bronze.

Art. 13. Os casos omissos do presente regulamento, e a interpretação de elas disposições, serão da alçada da diretoria do Campeonato Acadêmico de Atletismo.

Fonte: ATHETISMO. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1921, p.7

ANEXO II

Regulamento do Campeonato Acadêmico de Atletismo - 1923

Pela diretoria do campeonato acadêmico foi realizado o seguinte projeto, em estudo, para a disputa do campeonato deste ano:

Art. 1o. Sob o patrocínio de uma diretoria, composta de um presidente, um vice-presidente, um 1° secretário, um 2° secretário, um tesoureiro e um procurador, fica instituído o C. A. A., que obedecerá ao Seguinte regulamento.

Art. 2o. Essa competição ter o caráter permanente, só podendo a ela concorrer as escolas superiores do país.

$.1. São consideradas escolas superiores do país aquelas em que hajam cursos completos, Científicos, isto é, desde que haja, para exercício da profissão correspondente, esses mesmos cursos completos.

$ 3o. Não podem tomar parte nesse torneio alunos das escolas primárias, secundárias e de preparatórios, que não estejam nas condições da primeira parte deste artigo.

$ 3o. A diretoria reserva-se o direito de julgar a qualidade da mesma, escola, sob este ponto de vista.

Art. 3o. Este campeonato será disputado uma vez por anno, devendo a data ser marcada com 30 dias de antecedência, pelo menos.

Art. 4o. As provas serão as do Decatlo Olímpico, a saber: grupo de corridas; corrida rasa de 100, 400, 1.500 e 110 metros, sobre barreiras; grupo de saltos: salto em altura com corrida de impulso; em extensão, com corrida de impulso, e salto em altura, com vara: grupo de arremesso: do peso, 7.357 gramas, arremesso do disco, estilo livre, e arremesso de dardo, estilo clássico.

Art. 5. Cada escola poderá inscrever três concorrentes em cada prova.

Fonte: CAMPENATO Acadêmico Paulista. **O Paiz**, 23 de maio de 1923, p. 8.

ANEXO III

Regulamento do Campeonato Acadêmico de Futebol de 1924

1º campeonato Acadêmico de Foot ball será disputado pelos temas representativos das escolas superiores da República.

2º -. Cada meio tempo durará 10 minutos, sem descanso intermediário, limitando-se os teams a mudarem de campo,

3º - Se dentro dos 20 minutos do jogo nenhum dos teams marcar goal, será considerado vencedor aquele que tiver feito menor número de corners.

4° -- Caso haja empate, a partida será prorrogada por mais 10 minutos, sem descanso intermediário.

5º - Neste caso, o team que obtiver o primeiro goal ou corner será considerado vencedor, terminando a partida imediatamente.

6º - A disposição do art. 4° prevalecerá para a vitória, quando a prorrogação não terminar de acordo com o art. 5

7º – Caso ainda não se decida a vitória, a partida será prorrogada por frações do cinco minutos, nas condições dos artigos 4º, 5º e 6º.

8º - O torneio será dirigido pela Associação dos Chronistas Desportivos que resolverá no momento os casos urgentes.

9º - A primeira série de partidas, isto é, as preliminares, será estabelecida previamente pela dos representantes das escolas, mediante sorteio.

10º - As horas das preliminares serão designadas pela diretoria da Associação de Chronistas Desportivos, sendo que o team que não comparecer a hora marcada será considerado vencido.

11º. Entre as semi-finais a final haverá um intervalo de 10 minutos para descanso do team quo haver vencido a partida anterior.

13º - Os Juízes para as partidas preliminares serão designados pela assembleia dos representantes das escolas, por ocasião do sorteio o para as demais provas pela comissão diretoria do torneio.

14º - Os juízes serão auxiliados por quatro auxiliares de corner e linha que permanecerão em cada ângulo do campo, assignando natureza da saída da bola, na metade da linha e a touch correspondente.

15º -- Ao vencedor do torneio será conferida a "Taça Associação de Chronistas Desportivos" e onze medalhas de prata, com posse definitiva.

16º - As inscrições serão solicitadas a diretoria da associação, terminando o prazo para a mesma em 29 de outubro, às 20 horas, sendo a taxa de Inscrição de vinte mil reis

17º - Só poderão fazer parte dos teams concorrentes os alunos das escolas superiores.

18º - Cada escola deve apresentar uma relação, trazendo o nome de todos os jogadores e reservas (dois) visada pelo secretário da mesma.

19º - Os teams deverão comparecer a hora marcada, já devidamente uniformizados.

Fonte: CAMPEONATO Academico de Football Promovido Pela A. C. D. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1924, p. 9.

ANEXO IV

Regulamento do Campeonato Acadêmico de Basquetebol de 1924

1. Fica instituído o campeonato acadêmico de basket-ball destinado aos quadros das escolas superiores desta capital e dos Estados.

2. As horas de todas as partidas designadas pela comissão, sendo que o quadro que não comparecer a hora marcada será considerado vencido.

3. Cada escola poderá comparecer com oito jogadores no máximo, isto é, com três reservas.

4. Os juízes serão convidados pela comissão, com a designação dos jogos em que terão de atuar, não cabendo aos quadros disputantes o direito de recusar os juízes escalados.

5. Para o efeito da contagem das faltas pessoais estipuladas nas regras, consideram-se as partidas Independentes entre si.

6. A regras oficiais do jogo serão as da A. M. E. A.

Fonte: CAMPEONATO Academico de Basket-Ball. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1924, p. 8.